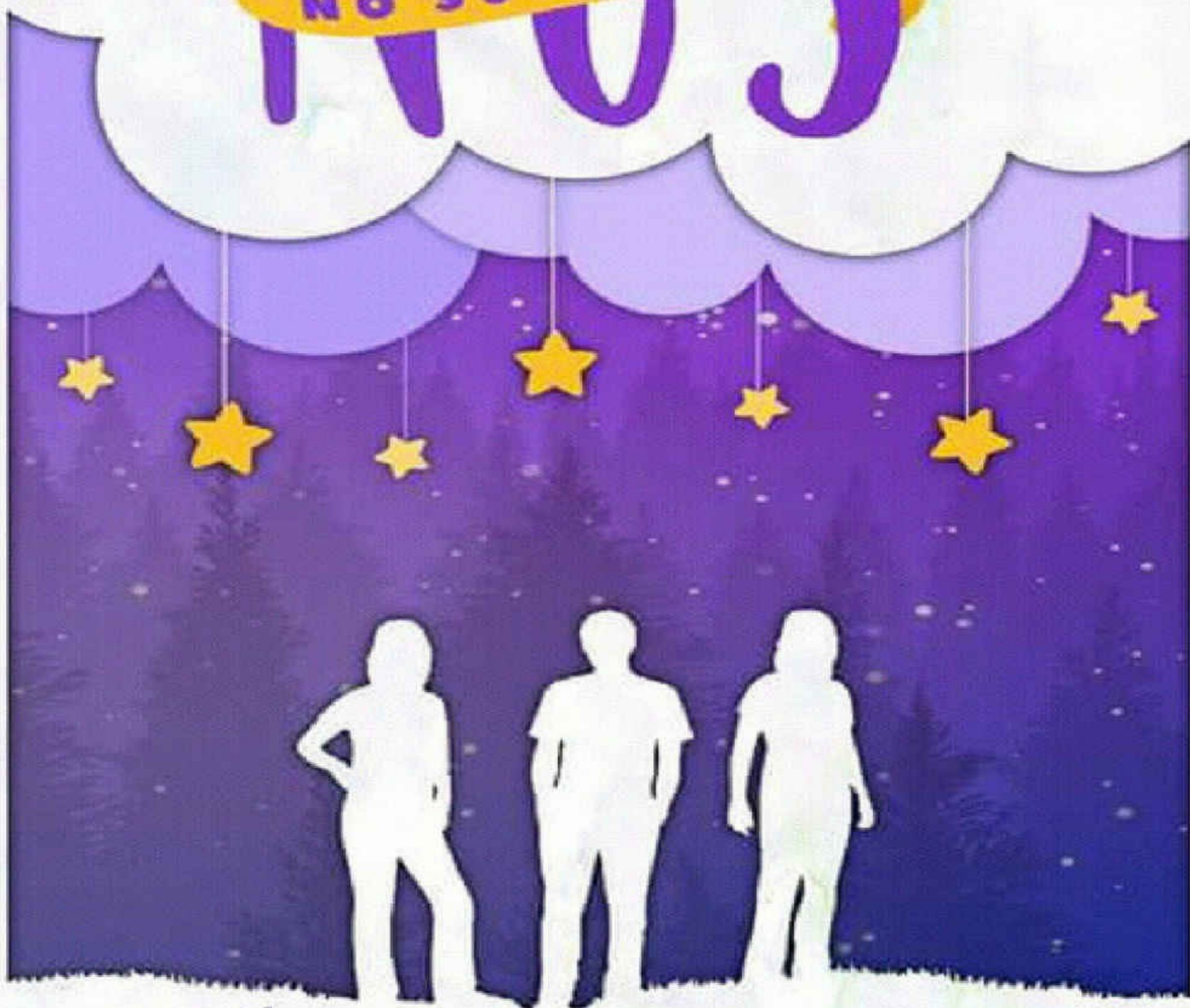


NÓS

NO SUBJETIVO



um romance de

HELLEN CRISTINA





Nós no Subjetivo

Hellen Cristina

COPYRIGHT © 2018 – Hellen Cristina

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação, ou quaisquer outros, sem autorização prévia, por escrito, da editora. Esta é uma obra de ficção.

Produção Editorial: Fernando Luiz

Capa: Henrique Moraes

Revisão: Fernando Luiz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Ficha catalográfica feita pela Editora.)

CRISTINA, HELLEN

NÓS NO SUBJETIVO | 1ª Ed

São Paulo – SP, 2018

ISBN: 978-85-53037-27-8

1- Literatura Brasileira. Romance

Sobre o texto: Trata-se de uma obra intimista que se passa em Lençóis, uma cidade brasileira fictícia, cujos personagens principais são Ana, Luiz e Diana, são adolescentes de 13 e 14 anos, ambos com seus interesses particulares Ana e Luiz a pintura, e Diana à escrita, os três são a certa forma tremendamente banais e um pouquinho especiais.

O objetivo do texto é a simplicidade, em síntese a monotonia do cotidiano, então não há grandes reviravoltas, aventuras e nem mesmo um arco definido, é como acompanhar esses personagens e suas famílias por um período de tempo. Aí está a explicação para o título do livro.

Ao longo do qual acrescentei um segundo texto chamado “A Respeito do Nós”, que pode ser lido tanto na ordem apresentada quanto separadamente.

Quanto a inspiração para a escrita, digo que me baseie em três pontos distintos primeiro a teoria das crianças índigo e cristal, que foi o que, depois de muita pesquisa, utilizei de base para a construção das personalidades dos três protagonistas, o segundo ponto foi o desejo de criar uma estória focada no humano, no íntimo, por isso ao longo da leitura você há de perceber o zoom nos personagens, eles são o foco principal, o terceiro ponto foi o desejo de debater, apresentar da forma clara e simplista algumas observações a respeito do que classifico como subjetivo, nada mais que questões sobre o humano e Corpo, ou seja, a sociedade.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo I

Lençóis era uma cidade localizada no interior do Brasil que contava com quantidade ínfima de habitantes, algo em torno de dez a onze mil pessoas. Possuía ruazinhas estreitas e casas em sua grande maioria antigas, clima quente na maior parte do ano. A economia girava em torno do turismo, as belas construções da época do império e as trilhas que levavam a lagos, cachoeiras e a paisagens tidas pelos turistas como deslumbrantes, chegando a atrair até mesmo gente do exterior.

Conforme a própria Ana constatou o inabitual, por alguma razão fascina, por isso um dia haveria de conhecer outras realidades de forma outra que não por documentários, livros ou reportagens. Um dia, porque agora tinha coisas mais importantes para pensar.

Estava deitada no chão de seu quarto com a janela fechada, porta trancada, os três ventiladores ligados e a luz acesa, uma luz roxa, depois haveria de comprar luz verde, talvez azul, o diferente lhe agradava, seu quarto era o único cômodo com luz colorida, fato que a deixava orgulhosa.

Na semana anterior foi até a biblioteca pública e apanhou um livro interessante. Chamava-se “A República”, texto bastante interessante, pensamento aguçado e... poxa, que não entrasse ao longo da vida em uma discussão com alguém que utilizasse dialética, seria covardia.

Ana tinha treze anos, então não é que compreendesse verdadeiramente o contexto e conteúdo de suas distrações, apenas entrava na biblioteca percorrendo seus corredores e apanhava o título que lhe crescesse aos olhos, simples e sem preconceito.

Nas semanas anteriores leu um livro chamado “Contrato Social” e

considerou igualmente fascinante, antes disso gastou semanas, melhor dizendo, meses na leitura de um livro chamado “Os Miseráveis” porque assistiu ao filme que era bom, tanto que o viu por duas vezes seguidas, daí descobriu que existia um livro que possuía um cunho histórico, não o bastante, era verdade.

De qualquer maneira nada disso importava agora, interrompeu a leitura, marcou a página com uma dobra na parte superior e se levantou deixando o livro no chão, desligou a luz e se sentou na escrivaninha.

O relógio marcava exatas quatorze horas e quatro minutos, precisava estar na biblioteca às quinze horas para copiar o trabalho de matemática que tinha por obrigação entregar à professora na manhã seguinte, no primeiro horário, poxa vida, vinte e duas equações, isso não é de Deus, sorte que Luiz conseguiu incluir seu nome no grupo de estudos, então Ana poderia simplesmente copiar, tudo isso porque Diana, a irmã de Luiz, como sempre, recusou-se a dividir as respostas, ah, às vezes, Ana se estressava com Diana.

Tudo bem, de sua casa até a biblioteca se gastava em média vinte minutos, então ainda restava um tempinho, subiu a página da internet na tela do computador que usava, foi até o sítio de notícias, política, “hoje teve início o julgamento de impeachment da presidente”, notícias banais do Brasil e do mundo, “logo vai começar as olimpíadas”, leu sobre entretenimentos populares, e por fim sobre sua distração do momento, explicações escritas e faladas, materiais relacionados, então à República.

É mesmo um texto antigo, nem parece — constatou.

Que tristeza o aprimoramento social.

Leu sobre astrologia, ufologia e religião, ideia interessante essa que teve há alguns dias, estudar as religiões, todas elas, ainda estava na primeira; o budismo, depois seria o espiritismo, o islamismo e o paganismo, devia ainda estudar sobre mitologias, esoterismo e depois sobre filosofia. Nossa,

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Ana tinha muito o que ler, precisava se preocupar com a história e com a realidade atual, nada disso, uma garota não deve se perder em devaneios e tão pouco se deixar levar pela realidade. Abaixo as definições e abaixo a sujeira.

Melhor ligar o som, a compreensão e a disposição sempre chegavam com maior facilidade quando devidamente embaladas, assim o ligou no volume máximo, estímulo e proteção de mãos dadas, separa-se o mundo particular do externo.

De maneira estranha, por vezes lhe parecia que o mundo e as pessoas possuíam o dom de tocar, isso de forma desagradável, o que será que esse pensamento significa? Besteira com certeza, o que não precisa é mergulhar em negativismos ou distorções, pois na verdade é uma senhora, gozando de sua devida liberdade, nada de pisar fora ou sair da linha, ela decide o que entra e como sai, pode apostar.

Foi quando ouviu as batidas, sendo imediatamente tomada pela sensação de ser despertada de um sonho agradável com safanões ou um balde de água fria.

— Ana, desligue a música — era a voz de sua mãe.

A menina se assustou, estava sozinha em casa, a mãe só devia voltar às seis horas da tarde, só se... ah não, de novo não, perdeu a hora, estava ali na parte de baixo do computador, dezoito horas e treze minutos. Sempre igual, Ana nunca aprendia, caramba a nota em matemática no primeiro bimestre foi lastimável, e o trabalho valia três pontos, já estava de recuperação. Droga.

Apanhou o celular e claro, lá estavam as quatro chamadas de Luiz e seis mensagens no aplicativo de mensagens, será que devia responder, dizer que não foi por querer, só se distraiu? Melhor não, se foi então já foi.

A bateria do computador estava quase descarregada, Ana abaixou a tela, desligou o som e saiu do quarto.

No dia seguinte levantou mais cedo que o convencional, se chegasse com antecedência na escola, talvez fosse possível copiar o trabalho antes que a professora entrasse, passou pela mãe e seguiu a passos ligeiros até o colégio Virgínia Woolf.

Chegou quinze minutos antes do sinal, os portões se abriam pontualmente às seis horas e cinquenta minutos.

É sério, pontualidade, nem parecia Brasil.

Nunca chegava tão cedo, tanto é que era a primeira vez no ano que testemunhava semelhante cena, igualzinho na saída, via todo mundo reunido em grupinhos conversando com os horríveis uniformes, calça azul e camisa vermelha com amarelo. Procurou por Luiz e não encontrou.

Finalmente os portões se abriram e os jovens entraram.

Seguiu a passos rápidos até a sala de aula, cursava o primeiro ano no ensino médio, isso porque pulou a pré-escola, acontecimento que a permitiu compartilhar das presenças de Luiz e Diana, seus únicos amigos.

Sentava-se na penúltima carteira no lado oposto às janelas, o fim da fila era ocupado por Luiz. Ela entrou, os demais colegas foram acomodando-se, momentos depois Diana chegou e se sentou na primeira carteira da fila ao lado, aquela egoísta. E nada de Luiz entrar, só faltava não vir, justo naquele dia, que coisa. Ela não poderia pedir para os outros alunos, pois na verdade não era a mais popular das estudantes, bem pelo contrário, carecia de tato para os relacionamentos ou talvez lhe faltasse carisma, não sabia ao certo.

Será que jeito e carisma andam juntos?

Bem diferente de Luiz, pessoa por quem seus familiares, o pessoal do culto e até os professores do cursinho de pintura que fizeram nas férias se simpatizavam, pois ele sabia escolher as palavras certas, possuía olhos de

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

cachorro e um sorriso que dificilmente abandonava a face, podia falar sobre qualquer assunto e não importava o tipo do interlocutor ou se era ou não conhecido que para o garoto se resumia apenas a mais um próximo.

Ah, como ela falsamente detestava esse traço e verdadeiramente invejava.

Ana o conhecia desde a infância, graças à amizade de suas mães, Laila e Sabrina, e principalmente porque possuíam pontos em comum, ah, podia falar do que quisesse que o garoto ouvia e debatia, tirando ele a única pessoa com quem conversava de verdade era a avó Beatriz, mas a avó nem vivia em Lençóis, também tinha a Diana, só que essa era diferente, essa em verdade se caracterizava como um alguém praticamente impossível de se aproximar verdadeiramente.

Finalmente ele entrou, veio sozinho, o que não era comum, passou por Ana e não a cumprimentou, sentou-se e permaneceu com os fones, ela não podia acreditar no que via, qual é, que desrespeito o amigo ali com sua distração ignorando-a.

Pois ela se levantou, arrancou um dos fones e com os modos de sempre e a voz alguns tons acima do conveniente, exclamou:

— Não tem nada para mim?

Ele não se surpreendeu com o gesto, apenas abriu a mochila retirou o caderno de onde destacou duas folhas, eram as equações, só faltava assinar.

— Eu te liguei, você deveria no mínimo ter atendido.

Antes que ela tivesse a oportunidade de responder a professora entrou, só teve tempo de apanhar as folhas e voltar para seu lugar, escreveu na parte superior da folha seu nome e a data.

Saíram mais cedo, no quinto período, já que a professora de artes faltou e felizmente era ela quem lecionava no último horário, na opinião dos dois quanto menos tempo de aula era melhor. Diana pensava diferente.

A questão era que havia certa peculiaridade sobre Lençóis, o clima, nos dizeres de Ana, era a cidade mais quente do país, uma calamidade, quarenta graus por trezentos e sessenta dias por ano, não importava se era noite ou inverno, o que prevalecia era o calor, de maneira que caminhar pelas ruas em determinadas horas, quando o sol por incrível que pudesse parecer se fortalecia, comparava-se a um desafio, um que os locais enfrentavam diariamente, talvez por isso tivessem a pele do rosto e braços queimada, melhor dizendo, altamente bronzeada.

Era assim com os três e não, não havia protetor solar forte o bastante para proteger do sol impiedoso de Lençóis. Do trio, Diana era a que talvez fosse a mais esperta, visto que sempre que saía levava sua sombrinha, uma grande, preta com bolinhas rosas de cano comprido, já os outros dois se consideravam descolados além da conta para desfilar por ruas povoadas com proteção. Ana pelo menos quando não se esquecia saía com seu boné, diferentemente de Luiz.

Luiz e Diana eram gêmeos, embora não idênticos tinham bastante em comum, os cabelos escuros, nariz fino e um pouco mais de altura que Ana, o que não chegava a ser grande coisa porque nesse quesito todos a venciam, de qualquer maneira a principal diferença entre os gêmeos se encontrava nos olhos, enquanto os de Luiz eram vividos os da irmã apresentavam intensidade opaca.

— Não sei, ainda estou em dúvida se é justo ou injusto, mas de qualquer maneira penso mesmo que o mundo seja um lugar justo, embora a sociedade provavelmente não o seja, o fato é que quando nasce uma criança é

como se ela tivesse o destino marcado e o mundo, a sociedade e a própria natureza, conspirassem para que ela alcançasse esse destino, percebe a condição pária em que nos encontramos, só não concebo que seja correto, sei lá — Ana argumentava, pois todos precisavam conversar, debater era bem favorável. — Quer dizer, olhem em volta, eu vejo pessoas conscientes, absolutamente conscientes de suas ações, pensamentos, opiniões e escolhas, não me diga que estou errada, porque eu não estou, elas podem sentir, podem ouvir, podem escolher e agir eu sei, eu percebo. Não são inocentes, agora se me perguntar que diferença isso faz eu não saberia responder.

— É, mas talvez o ponto seja você ter nascido onde nasceu, digo na sua família, existem milhares de famílias por aí, milhares nascem no mesmo dia e hora, mas cada qual em um lugar específico. Por quê? — Luiz pontuou com um leve mau humor disfarçado. — E sobre o ambiente, já discutimos seu peso, bem como a atmosfera.

— Não importa! — Ana bufou em resposta. — Pode justificar de forma conceitual, quer dizer, social, mas não moral.

— Importa sim, quando olho em volta não vejo ninguém pisando fora ou agindo além dos padrões, você é o que pensa que é, age conforme o que é esperado, chega, entende e sente o que é apropriado para o lugar que ocupa, o tempo e as vozes, claro, que, às vezes se percebe certas exceções, mas essas provocadas pela própria essência e por um ambiente apropriado, então eu me pergunto por que nós nascemos onde nascemos?

— Não sei, porque precisamos ou talvez porque faça parte, provavelmente um misto desses dois motivos e alguns outros, só que esse é outro assunto. Estive pensando ontem à noite e pode ser que seja necessário um pouco mais de autonomia, quer dizer, eu não sou uma boneca, sabe, não estou aqui para seguir um roteiro que nem sei quem escreveu, ou sei — Ana reconsiderou. — De qualquer forma não gosto realmente, Luiz, eu desgosto

profundamente do que circula por aí.

— E se consegue autonomia como? Com acesso, vitória, conquistas? Não estou certo quanto a existência de algo externo e efetivo que possa ser feito para alterar esse quadro, começo a considerar que além de reconhecer o produto preciso aceitá-lo.

— Não pense assim — Diana disse de forma contida. — Educação, gente que pensa, cobra, participa e não se contenta com palavras bonitas e cafuné, sabe do que eu estou falando? Esse nosso modelo é fracassado, ultrapassado e não há sentido em manter algo que não funciona, quer dizer, até vejo a razão, mas não me agrada. — Ela parou, pensou por um momento. — Só que... talvez... não seja bem assim...

— Política, economia, direito, artes, filosofia, participação, interesse e objetivo, ninguém pode obrigar outro alguém a se interessar ou a ampliar seu círculo de conhecimentos, enfim, a deixar seu mundinho e enxergar o mundo de verdade, as situações como realmente são — Luiz pontuou. — Mas é possível trabalhar o meio.

— Isso é posicionamento — Ana foi firme. — A questão é que não se pode alterar realmente o meio sem tocar nas estruturas, quero dizer, nas sutilezas, entende? Nós somos livres.

— Trabalhar com o meio é fundamental e não significa que se atingira somente e tão somente a forma, porque essa é a maneira de se colaborar para um posicionamento social adequado — Luiz discordou.

— É claro que o trabalho com o meio se limita a forma. Pense, você se relaciona por interesse, produz visando algo, cria por alguma razão, nem sempre solidária, é sempre o interesse e óbvio não se trata meramente de dinheiro, nosso momento histórico como os anteriores são constituídos... Compostos por uma série de conceitos tortos, equivocados ou meramente risíveis e nossos pensamentos, desejos, sentimentos, campo de visão e

consequentemente posicionamento e interesses claramente se baseiam nesses conceitos, isso é o meio, só que o meio é como é porque o produto é como é.

— Sei o que quer dizer, que erros acrescidos de erros têm por consequência resultado desastroso e acertos somados a erros não se diferenciam, mas se tudo é uma questão de conceitos volto ao ponto inicial que basta trabalhar o meio.

— Fraternidade? — Ana sugeriu com um risinho debochado. — Ah, que tolice, se tem o que se cria, e além do mais supor que o simples fato de alguém, quem quer que seja se filiar a um pensamento consumado, porém para ele até então inconcebível possa ser benéfico para essa pessoa ou para o conjunto é um absurdo, que tem por resultado não outra coisa senão o afastamento do real conceito, isso por ser incompatível com o produto.

— Fraternidade já é, ou alfa mais ou ípsilon. É capaz de dizer que discorda? Do mundo literalmente nas mãos do povo, da liberdade e responsabilidade mesclada ao conhecimento disponível. Então abaixo os conceitos de propriedade, família sagrada, de certo e errado, abaixo a inocência, que de fato não existe é uma ilusão — Luiz verbalizou ignorando a fala da amiga. — Quer dizer, por que espaços diferentes, exploração, alienação, autodestruição? Sabe Ana, é um horror que a alienação seja disseminada e valorizada, você não tem ideia do mal que resulta, claro que agora estou referindo-me ao meio e sua ligação com mente, espírito e corpo.

— Hum, espaço, o céu é o limite, nós podemos qualquer coisa, tipo essa cidade ela é como é porque a gente quer que ela seja assim, o nosso país, o mundo é como é porque nós queremos, somos os autores e não as vítimas. Ontem eu vi no jornal a reportagem de um homem, era um vigia que agonizou na porta de um hospital particular e morreu pois não foi atendido, parece triste, não é? Eu discordo, é uma consequência e não vi muitas pessoas pensando a respeito ou agindo, a mamãe fez careta quando assistiu e proferiu

um comentário vulgar que não me recordo, mas logo depois a questão do momento eram os problemas de relacionamento de uma colega do trabalho. Percebe, somos autores e não vítimas. Outro dia assistindo um outro programa vi um caso curioso; um repórter fez reserva em um restaurante caro, no dia marcado apareceu vestido de mendigo com algumas notas de cem reais em mãos, provavelmente mais que o suficiente para pagar a conta, porém o segurança barrou sua entrada, percebe se ele não tivesse vestido de mendigo entrava. Isso é selva. E fomos nós pessoas que escolhemos, melhor dizendo, a realidade e o aprimoramento são compatíveis com nossa condição, e me atrevo a dizer que enquanto a condição não se modificar, o aprimoramento continuará a superar a evolução. Entendo seu ponto, só que não é, olha em volta. Eu não sou, eu não quero ser parecida ou igual, eu quero ser mais, melhor, sobressair-me e conseguir prestígio e prestígio equivale a conceito social. E quais são os conceitos que predominam na nossa cidade? Pois então, essa é uma discussão ridícula e você ainda me desviou do ponto e agora o perdi, ai Luiz, você é um atraso que não consegue entender que pessoas são o que são. Esqueça a infantilidade.

— Não é bem assim, Ana, são situações nem sempre semelhantes, somos diferentes, quero dizer, nos encontramos em estados diferentes, nós devemos aprender sobre a nossa responsabilidade, você diz que nós já sabemos, mas é mentira. Bem, acredito que já esteja disseminado e só seja preciso sintetizar, para que então sim, possamos assumir nossos papéis de senhores, é sutil, ao menos parece sutil, e nós no nosso dia a dia, os nossos, como você mesma disse, conceitos não são ligados a sutilezas — Luiz mais uma vez discordou. — E além do mais recentemente me ative de que essa espécie de concepção varia dependendo do modo que se olha, se de perto possibilita perceber as sutilezas e a verdadeira essência de cada um, do tipo todos somos na essência bons só que conforme nos desenvolvemos nos

revestimos naquilo que penso ser tipos, personagens, mas que você chama de lama, casca, talvez nos sujemos e só, não sei direito, e o olhar a distância que se limita a vestimenta, ao tipo, a própria lama. Sei que ambos os olhares são doloridos, porém o olhar a distância é limitado frente ao olhar de perto. Provavelmente o mais cômodo fosse manter os olhos fechados, só que não existe essa possibilidade.

— Esse também não é o ponto — Ana matutou. — Que importância tem no presente momento a nossa conjectura, isso não nos diz respeito, a questão são as ações e consequências e essa maldita hipocrisia, distorção, fraqueza, comodismo e sinceramente penso que posso usar até mesmo o termo maldade, é o humano eu penso no humano e só, poxa, temos a chance de fazer escolhas, as fazemos a todo o momento, o certo é certo o errado é errado, a fraqueza não é justificável quando se tem acesso às armas, exemplos e impulso, sempre tive para mim que é um percurso solitário, não tem como um alguém nutrir um outro alguém, é preciso interesse, iniciativa e abertura, já falamos em lidar com correntes, forças e sobre nossas discussões sobre a ligação da mente, espírito, realidade e soberania, sim, porque para caracterizar alguém quem quer que seja como um senhor é preciso soberania, e para se alcançar a soberania é preciso conquistar, vencer e domar, saber zerar, ir até o fundo e de certa forma o ambiente seja ele cômodo ou não faz parte, mas eu também acredito no meio e me sinto mal por isso, não devia ser assim, o meio não devia mais ter tanta força. Aliás, como funciona a relação do interior com o exterior, você já pensou sobre isso?

— Por vezes — Luiz murmurou tentando desconsiderar as palavras da outra, para não ser obrigado a dizer o que tinha em mente e sabia que magoaria a amiga, pois Ana, era muito extrema, pesava demais em suas opiniões, dessa forma ele prosseguiu com seu próprio raciocínio. — Talvez no sentido de que você não é criança sabe o que faz e é diretamente

responsável, mas eu não sei muito bem como funciona esse lance de pesos em comunidades como a nossa, eu não a conheço bem — Luiz argumentou quase que de imediato, o que fez com que Ana se sentisse contente, era por isso que eram amigos, pela agilidade e pela limpeza interior do garoto. — Então que infelizmente somos obrigados a considerar o meio, já que ele tem seu peso. Como se livrar das convenções, do clima, dos horizontes, das influências diretas do “correto”, já escreveram livros sobre isso, eu acho. Um dia pretendo analisar com calma, sabe, as correntes, forças, ambiente, sei lá que nome dar, mas de qualquer maneira, isso é só uma análise, não é uma justificativa, embora não pense que o certo seja totalmente certo e o errado cem por cento errado, é preciso considerar o “eu” de cada um, razão pela qual sou um cinza.

— Se já existem livros não é preciso mais análises, e se você mesmo pensa que é capaz de zerar qualquer outra pessoa também o seria. E nesse sentido o certo é certo e o errado apenas errado.

— Como você pode diferenciar o certo do errado?

— Eu sei, posso enxergar.

— E pode provar?

— Não tenho argumentos.

— Então...

— Não é porque sou incapaz de responder a uma questão que a resposta inexistia.

Então guardaram silêncio seguindo o exemplo de Diana, caminhavam a passos lentos e mentes agitadas, até que Ana a fim de dar fim ao marasmo exclamou:

— Um dia vamos construir os Centros.



— A Harpia — Luiz se lembrou com empolgação contida. — Artes, política, sociologia, filosofia, espiritualidade, economia e o mais importante interação, ou melhor dizendo paridade e espaço visando o mérito.

— A Harpia — Mais uma vez o silêncio se fez ouvir.

Agora as mentes se ocupavam com os Centros, que haveriam de ser grandes, gratuitos e compostos exclusivamente por pessoas interessadas e capazes, muito embora em uma disputa entre interesse e capacidade o primeiro se superasse sem dificuldades, mas claro não passava de um pensamento.

O poder do tratamento, chama-se adestramento, mas adestramento é uma palavra que pode soar ofensiva, todavia é a que melhor se encaixa, adestramento, ele não é a curto ou longo prazo benéfico, ao menos em nenhuma hipótese que se possa visualizar.

— Triste pensar que o ser humano não consegue se manter por conta própria, somos livres afinal ou poderíamos ser.

— Oh, sim sou uma donzela indefesa venha e me tome, bravo senhor — Luiz brincou e os dois gargalharam por minutos, antes de retomar o diálogo.

— Ainda não chegamos ao ponto — Ana matutou em voz alta.

— E qual seria ele?

— Não sei, não consegui alcançar, talvez o... eu não sei.

— Provavelmente nada do que discutimos até agora.

— Provavelmente nada disso tenha importância na medida que pensamentos, análises e tudo que nós consideramos em nossa visão platônica se encontrar acima ou por detrás da lama não passe de alguma espécie de distúrbio psicológico, talvez sejamos insanos, ultrapassados ou adiantados, porque o que nós clareamos só vale para nós mesmos ou para pessoas que

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

compartilhem do mesmo ponto de vista, condição, quero dizer, quem já tenha clareado, sabe vai ver é por isso que tudo que a gente sente, pensa, descobre um outro alguém já pensou, descobriu e sentiu há milhares de anos no passado ou no futuro — Ana disse em tom ameno.

— Exatamente, até alcançar a todos ou ao maior número possível — Luiz completou.

— Como alcançar se faz parte.

— Abertura então.

E por minutos os dois se calaram.

— Abrangência, eu acho — Ana terminou.

— Pode ser, mas esse ainda não é o ponto, ou é?

— Claro que não.

Os dois discutiam e Diana ouvia, pois todos diziam que ela não era amante de debates, que era excessivamente quieta, diziam até que não tinha o que dizer, o que não era verdade, a verdade era que os outros não deixavam que ela se expressasse, como poderia participar das discussões entre seu irmão e Ana se eles sequer respiravam entre uma frase e outra, o pessoal do colégio não se interessava por ela e suas colocações sempre tons abaixo do convencional, em casa era da mesma forma.

Agora a verdade, a verdade verdadeira era que Diana possuía muitos pensamentos, milhões deles o tempo todo, coisas que nem seu irmão e muito menos Ana sequer abrangiam, mas era dela, tudo dela e só dela, bem havia sua arte é claro, a escrita, valorada como mais que um simples passatempo e sim seu mundo secreto e infinito.

— Não vai falar nada, você não precisa ficar sempre calada — Ana num repente se voltou para a menina de forma brusca.

Imediatamente ambos em silêncio fixaram os olhos em Diana, ela não

gostava disso, pessoas olhando e esperando que ela dissesse algo, não é assim que funciona, ora é meio apavorante.

— Não, eu não tenho nada para falar — Diana murmurou com sua voz baixa.

Ana continuou a fitá-la por mais alguns segundos até que com um sorrisinho sacana se desviou.

E fez bem em não insistir, afinal não havia mesmo como Diana se comunicar, ora, os dois não percebiam o mundo como ela, eles possuíam olhares diversos, não que a diferença por si só fosse um problema, a questão estava na indisposição do casal em ouvi-la, isso é, a aceitar outro ponto de vista com imparcialidade, respeito e consideração, assim o simples fato de entrar na conversa ensinaria em discussão, e que ela realmente não apreciava, tendo vista sua disfunção entre pensamento e fala, a boca e as expressões, por alguma razão se recusavam a acompanhar sua mente ágil.

Os três seguiram até a casa dos gêmeos, que viviam em uma das poucas residências modestamente modernas de Lençóis.

— Espera que eu vou pegar meu caderno — Luiz disse ao alcançarem sua casa, ele entrou, Diana fechou a sombrinha e fez companhia para a amiga.

— Sabe, quando quiser falar, qualquer coisa, pode dizer, não precisa pensar antes ou se preocupar com a nossa reação — Ana exclamou com os olhos fixos na outra.

— Eu sei, só não tinha o que dizer — Diana respondeu devolvendo o olhar da amiga.

— Melhor se calar a dizer besteiras, não é? Ana questionou com seriedade, o que fez com que Diana desviasse os olhos, pois esse era um de seus pensamentos, um daqueles que não dividia com ninguém.

Ana também desviou a visão, encostou-se no muro, limitando a reparar no modo como parecia que o asfalto se mexia ante o calor e que a qualquer

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

momento derreteria e a encobriria em uma onda sufocante de piche. Suspirou sentindo-se entediada, tudo tão igual, sem graça e sem emoção.

Luiz voltou sem a mochila e com um caderno em uma das mãos.

Combinaram durante a aula do dia anterior trocar seus trabalhos, o que faziam de tempos em tempos para comparar, analisar e renovar as discussões.

— O meu ficou em casa, posso te entregar amanhã?

— Pode ser que eu passe na sua casa hoje à tarde, mas não é certeza — ele informou e ela apenas se virou.

Estava ansiosa para ver, analisar a arte do outro, eles não trocavam os cadernos desde a época do cursinho, dizia-se que Luiz era muito talentoso, de fato seu trabalho possuía algo a mais, dizia-se que o dela era mediano. Vamos ver, porque ela melhorou desde o cursinho, ah melhorou bastante, praticava todos os dias, como não haveria de progredir.

Assim que entrou em casa, a primeira coisa que Ana fez foi abandonar a mochila vermelha sobre o sofá de onde retirou o caderno de Luiz e também o seu próprio, claro que é sensato comparar antes da troca, questão de tranquilidade mental.

Ela desenhava pensamentos e sentimentos de forma que não se limitava a precisão, nada que fizesse sentido aos olhos da razão, representações harmoniosas ou desarmoniosas, extremamente realistas ou momentos de otimismo repentinos, não é preciso compreensão apenas interpretação, se você entende ótimo, se não, talvez não integre a espécie de público desejável.

Luiz por sua vez se limitava a retratar em seus momentos de distração a realidade, apenas o cotidiano de forma fidedigna, o problema para Ana, ainda

incompreensível, era a sensação estranha que os desenhos do amigo provocavam, algo a mais, um ingrediente inexplicável que tocava, será que era dom? Com toda certeza, provavelmente explicava a afeição dos outros pelo garoto ou o interesse do menino pelos próximos.

Que injusto, capaz, que sequer praticava tanto quanto ela. Tanto faz, que sensação estranha, não é que precisasse da afeição ou amizade de qualquer pessoa, não precisava sequer que sua arte atingisse terceiros, então nada de inveja ou descontentamento, era uma senhora, e senhoras não cedem lugar a sensações baixas.

Ou se sentem, sabem perfeitamente como conviver, primeiro reconhecer e nada de delegar a segundo plano ou tentar suprimir, se gosta, vai a fundo, cada centímetro do desagradável ao agradável até aprender a conviver, isso é ser humano.

Fechou o caderno do amigo na última página, que continha um auto retrato, um tanto quanto distorcido e disforme se comparado aos demais desenhos, o que por alguma razão a deixou triste, mas a verdade mesmo é que se deter nas pequenas grandes coisas é besteira, perda de tempo, a vida não carece de profundidade, inexistem verdadeiramente diferenciações, tudo apenas é ou não é, e se é deve ser valorado com equidade, não precisa se apegar, chorar ou sorrir.

Por que será que têm algumas pessoas tão intensas? Possivelmente esses pobrezinhos não sabem viver. Primários.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo II

Existiam vários detalhes sobre si mesma que a irritava, contudo no momento seu desconforto podia ser reduzido a duas questões: primeiro a capacidade de se desconectar, verdadeiramente manter os pés nas nuvens, afinal como pôde permanecer tanto tempo sentada com um caderno fechado em mãos e mente sabe-se lá onde, sequer ligou a televisão ou o som, sequer se alimentou ou adiantou suas leituras, tinha tanto a fazer.

O segundo detalhe desfavorável a seu respeito era a incapacidade, tantos pensamentos e conseguia a proeza de não se apegar a nenhum, tão pouco visualizá-los verdadeiramente e, o mais importante, os conceber como se devia.

O triste é que é justamente o que fazia na vida ou deveria fazer: conceber pensamentos e os representar através dos desenhos para porcos e corcéis. Praticar, ainda precisava treinar seus traços, era preciso manter constância, devia ser feito diariamente.

Eram quase duas horas e o estômago roncava.

A mãe só chegava às seis horas e o pai aproximadamente oito horas, levantou-se, pretendia ir à cozinha, contudo bateram na porta.

Ana chegou a se irritar, mas um segundo depois se acalmou, sabia quem era, só podia ser, ao abrir encontrou um Luiz sorridente com seus olhos intensos e feições de cachorro, agora altamente avermelhadas pelo clima de Lençóis.

— Disse que vinha — soltou. — Tenho vários pensamentos para discutirmos.

Ana abriu espaço, Luiz entrou e depois de se alimentarem; pão com queijo e picolés, aliás, alimento esse que dificilmente faltava nas residências

de Lençóis, o picolé, já que era uma cidade quente e se tratava de um refresco barato, assim minutos depois estavam os dois no que chamavam de quartinho.

Nada mais que o quarto vago da casa, no qual continha uma cama de casal, reservada às visitas, a estante com livros, as telas de Ana da época do cursinho e uma série de bugigangas como cadernos de desenho, recortes de jornal, folhas de papel solta com anotações de Ana ou mesmo desenhos aleatórios, além claro, a caminha da Margarida, a cachorrinha que Ana ganhou no último natal. Laila, sua mãe, não gostou, mas fazer o quê? Presente é presente, Margarida era uma cadela sem raça definida, cor caramelo, porte pequeno e temperamento pacífico.

Ana não entendia o motivo, mas a pequena passava a maior parte do tempo dormindo e no restante comia, fazia as necessidades impreterivelmente sobre o jornal e depois voltava a dormir, durante os dias no topo da escada e a noite na caminha. Margarida era uma cachorrinha um pouco distante, ou talvez ela fosse uma humana distante.

— Fale a verdade, o amadorismo é um ponto marcante, não concorda?
— Luiz perguntou, referindo-se aos seus próprios desenhos, enquanto folheava o caderno da outra.

— Eu discordo, somos só crianças ainda, podemos progredir — Ana devolveu. — Ouvi dizer que se a gente faz tudo direitinho não tem erro, mas fale, o que acha?

— São bons, de verdade, só que você pesa um pouco a mão e é um tanto descuidada com a limpeza.

Em resposta, Ana apenas ignorou Luiz, ora, quem ele pensava ser para se referir ao trabalho dela dessa forma? Tinha em mãos o livro que Luiz trouxe, chamava-se “A Coluna Prestes”, nos últimos tempos o menino vinha lendo tudo que encontrava a respeito do que quer que fosse que fizesse

referência à história brasileira, podia ser inabilidade, mas a única forma que conheciam para estudar era adentrar nos assuntos; interesse-se por tudo que encontrar, absorva, jogue as distorções fora, ajeite e então basta analisar o resultado.

— Acesso, o que você acha? — reiniciou perante o silêncio da menina.

— Ao quê?

— A tudo, estive pensando, e sim, concordo que vivemos em tempo de colheita, mas será que não seria necessário sintetizar e então simplesmente lançar, verdadeiramente como é, sem medo ou receio de possíveis reações.

— Lançar o já lançado, francamente sua positividade e desrespeito me espantam, tem tudo por aí, no concreto, revelado e acessível, deixe que os outros peguem ou não, uma pessoa faz aquilo que bem entende e então convive com as consequências, eu não me importo, se quer saber não perco o sono ou me irrita verdadeiramente com o que quer que seja, porque é justo

Luiz abandonou o caderno de Ana e voltou sua atenção na direção da janela, sentado na cama mirava a rua e o pouco movimento de Lençóis. Cidadezinha pacata.

— Se é assim então por que pensamos, conversamos e insistimos em manter nossas pretensões?

— Assim é a vida, dentro de uma sociedade uma pessoa precisa fazer a sua parte, só isso, nada mais. Aprenda de uma vez que tudo que importa é o que é, ou no nosso caso o que se está.

— E quem nós somos? Ana, o que nós somos tem tanta, se não mais relevância do que estamos.

Nessa parte guardaram silêncio, não conseguiam responder, verdadeiramente não sabiam quem de fato eram, ou o que realmente pretendiam e o mais importante, a razão.

— Somos quem somos e só — Ana se arriscou.

— Isso não responde, você não se sente frustrada como se estivéssemos presos ou participando de algo importante, só que em um campo desconhecido com os olhos vendados e apesar do esforço fôssemos incapazes de avançar verdadeiramente, como se houvesse uma pequena zona supérflua que é onde nos mantemos andando em círculos, e eu me pergunto o motivo e não consigo responder.

— Se refere ao aprimoramento?

— De certa forma.

— Como assim?

— É como se não conseguisse entender o óbvio.

— O que é o óbvio?

— Essa é a questão.

— São apenas sensações, não precisa se preocupar, é só viver, sempre digo para mim mesma: Ana viva e só.

— Você acredita?

— É claro, eu não sou fraca, ora que conversinha pessimista, vê se melhora esse humor garoto.

— Mas é sério, o que é isso, refiro-me a medida, tudo que nós somos o que foi acrescentado nos giros, como é definido? Em quais proporções? Por quem? É aleatório ou trabalho de Deus? O que é Deus?

— O que é Deus? Eu consigo imaginar uma grande luz, como o pulsar, mas esse meu pensamento é limitado, o que significa que é momentâneo, o que por sua vez me leva a divisão como uma escada, você ressaltou agora a pouco o aprimoramento e nele permanecemos no mesmo degrau, com a evolução subimos um degrau e como eu tenho a divisão chego à conclusão de que nossas conclusões e visão do agora, independente de nossos esforços está limitada.

— Sim, coloque a mão no coração e sinta a conexão consigo mesma, com os outros e com o todo.

— E esse todo é limitado ou ilimitado?

— Ilimitado.

— O que isso significa?

— Que tudo isso que tem por aí, nas estruturas, nas relações e em nós é lama, é sujeira derivante da condição e não importa a aparente cegueira ou limitação, nós somos fortes, livres e temos em nós tudo que precisamos.

— Lembre-me quando eu esquecer. Sim?

— Sim.

— Convença-me...

Nisso iniciaram com os treinos, melhor dizendo com os desenhos, era muito simples, benéfico até, bastava ter uma ideia e então traduzi-la, ou melhor dizendo, bastava escolher um pensamento, porque eles existiam aos montes.

Era tanto e ao mesmo tempo tão reduzido, que chegava a soar complicado; estruturas talvez possam definir dessa maneira. Deve-se afastar a visão ou aproximar? Com certeza afastar, como um formigueiro ou um desenho desses grandiosos que só se observa do alto, qual é o nome disso? Ah não importa, precisa ampliar a visão, retirar a sujeira, todo esse sentimentalismo exacerbado e a malfadada fantasia que nos corrompe como soda, aliás, soda corrompe? É isso, precisa buscar e enxergar o que realmente se passa, o preto no branco, esqueça o rosa, esqueça o cinza e principalmente as preferências, nada de predisposições, abandone os contornos e toda a magia.

O principal problema é que a magia é doce, entenda que é condição, verdadeiramente ilusório e não desconsidere nada, absolutamente nada, desde a existência do pé grande ao mais absurdo dos pensamentos. Velhas
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

concepções cerebrais, sabe qual o nome disso? É embromação e responda, responda Ana o que é embromação?

O que é embromação? O que é? Droga, ela não sabia, não podia responder e se não tinha a resposta a um pensamento como continuar com o treino, aliás, por que deve treinar diariamente? Quanto si mesma, seus objetivos e pensamentos eram assim tão insignificantes diante do mundo? Ah que tolice, olha a fantasia aí. Dói, será que dói realmente aceitar. Não sabia.

Mas o que é afinal? O que é?

Ergueu os olhos e alcançou Luiz, o garoto se mantinha concentrado com seu caderninho, preferiu não o interromper com suas questões, até porque certamente ele não saberia, ah, Ana, você precisa parar de atribuir pouco valor aos outros, que vício limitador.

Será que posso equiparar embromação à fantasia?

Não sabia, ora por que tem de ser tão burra? Se estivesse sozinha já teria se levantado ou, pelo menos, dado voz aos pensamentos, mas era preciso comportar-se civilizadamente na presença de terceiros.

Pouco mais de uma hora depois, ainda deitada no chão de barriga para baixo, Ana examinava sua criação, apenas camadas coloridas e sobrepostas, só cores, nada expressivo, também nem poderia ser, já que se demonstrou incapaz de concluir o raciocínio e interligar as pequenas artérias tingidas de preto, embora tivesse ciência de que deveria ter utilizado a cor branca, enfim os riscos se uniam resultando em imagem que lembrava a raízes de uma árvore, que se prolongavam na vertical.

E eis o sentido do desenho, ela precisava compreender as estruturas sociais, qual o padrão? Qual o ritmo? Quais as verdadeiras regras? Já tinha treze anos e desconhecia o básico, quanta inutilidade, cabecinha, cabecinha se acalme.

Voltou novamente sua atenção para Luiz e percebeu que ele continuava

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

concentrado, assim virou a página do caderno e se aventurou em outro pensamento, esse concebido, é um tédio representar ideias formadas, perde-se totalmente a graça do desafio e da descoberta, de qualquer forma a precisão agradece, a mente se alegra pelo não esforço e a própria Ana pelo controle, oh Deus o que não daria por autocontrole.

Que seja, antes discutiram sobre a colheita e é mesmo interessante o pensamento da maçã, tão velho que ela sequer conseguia imaginar. Pense em uma formosa fruta, agora a morda de forma modesta, mastigue e lance as partes aos quatro ventos.

Pois então, isso significa que tudo é relevante, conexo e se completa, por mais contraditório que possa parecer em visão inicial, daí que infelizmente para se morder novamente a maçã é preciso juntar as peças, é preciso que se forme verdadeiramente o que no momento ela apelidava de Corpo.



Assim desenhou um vale suspenso, embora tal detalhe passasse quase por despercebido, no vale árvores com suas frutas de várias qualidades, todas maduras e ao alcance das mãos, em determinada parte do jardim uma garotinha com seu vestidinho rodado e seus cabelos longos, a menina mirava as árvores, nenhuma em especial, desejava alcançar os frutos, o que se tornava evidente diante da expressão. É, Ana acreditava que ao desenhar imagens, as expressões e principalmente os olhos se caracterizariam como o ápice da obra. Só que, apesar do desejo, a garotinha mantinha as mãos abaixadas.

É claro que a garotinha, era ela mesma, e obviamente que não se esforçava o bastante. Ana parou, lançou o caderno sobre o chão e concentrou os pensamentos exclusivamente no movimento, posição que manteve por cerca de cinco minutos, e sim, realmente não dava o seu melhor, todavia, ocorreu-lhe que a garotinha não era ela, era sim o restante, seus próximos.

Escreveu abaixo do desenho a palavra “Aprimoramento”.

Precisava pesquisar, informar-se e produzir. Alcançar pontos e ser útil. Conseguir pensamentos relevantes para poder finalmente pintar um novo quadro, e que não fosse uma ideia tão infantil como as outras. Triste, é triste andar por aí com o repete, repete.

Ao erguer novamente os olhos encontrou Luiz sentado na cama com a atenção depositada sobre ela. Ana se sentou.

— Terminou faz tempo?

— Sim, era um desenho, você fez dois.

— E daí? Passe o seu, quero ver.

Então trocaram novamente os desenhos, e claro, que graça, o mesmo de sempre, ele retratou a rua vista de dentro do quartinho, a calçada, as pedrinhas do asfalto, as casas da frente, as árvores e ainda o céu e nenhuma

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

inscrição, ele não identificava, não escrevia nada nem nas telas que pintaram no cursinho e muito menos nos treinos.

Acabou que as horas passaram e Luiz ficou, Laila chegou e depois Guilherme, o pai de Ana. Luiz continuou, agora se encontravam os quatro sentados à mesa da cozinha, que era onde faziam as refeições, depois Laila levaria o garoto até sua casa, não que fosse perigoso andar à noite sozinho em Lençóis, mas precaução nunca é demais, de sobre modo quando o assunto é o filho dos outros, principalmente quando se leva em consideração o temperamento de Pedro, o pai dos gêmeos.

Laila assim como Sabrina, a mãe de Luiz e Diana, considerava Pedro uma pessoa complicada, Guilherme por sua vez não se manifestava a respeito, embora intimamente não encontrasse problemas no comportamento do outro, ora, somente porque cada pessoa é como é e o importante é aceitar e conviver, não cabia a ele ou a quem quer que fosse ter a pretensão de tocar ou mudar um próximo, mesmo porque seria improvável.

— Hoje no trabalho, a Selma foi falar comigo, parece que a Luci está tendo problemas com o Tadeu, nem podia imaginar, parecia ser um casal tão feliz, mas quem vê cara não vê coração, isso é um fato.

— Mamãe, você não devia comentar essas coisas com a gente.

— Ana, você é que não pode me interromper a todo momento, deixe de ser chata! — Laila a corrigiu, ela não entendia a razão, mas a menina era demasiadamente impertinente, tinha mania de falar demais e corrigir os outros.

— Só digo que o seu trabalho é ouvir as pessoas, e se eu fosse falar com alguém, não gostaria que esse alguém espalhasse minha situação — Ana

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

argumentou.

— Você não pode responder a sua mãe — Guilherme interferiu, e Ana se calou.

O pai era um homem tão peculiar, Ana de fato não o compreendia, às vezes imaginava que começava a decifrar, mas então ele tomava atitudes incompatíveis, por exemplo: ela era o que era, a mãe era o mais previsível dos seres, seu amigo Luiz absolutamente confiável, mas Guilherme, primeiro que não era emocional, segundo parecia não ser todavia era, e terceiro que fazia justamente o oposto do que pregava e seus impulsos indicavam. Talvez fosse um alguém por natureza contraditório.

— Eu sabia — Luiz interferiu e Ana colocou seus fones, ai que garoto chato com sua mania inconveniente de agradar — A Melissa comentou na semana passada, a gente até incluiu o nome deles nas orações.

— Muito bom, e como está indo seus ensaios com o André? Ouvi dizer que você toca muito bem.

— Imagina tia Laila, agora que estou começando a aprender, mas daqui a algumas semanas vou começar a me apresentar na igreja com o violão e o André com a voz, claro que aprenderia mais rápido se tivesse um violão, mas não é problema.

— Vai dar tudo certo, é só ter calma.

— Tenho vontade de nadar, você podia nos levar no rio, né mãe ou você pai.

— Só quando melhorar as notas na escola.

— Então me matricule numa escola decente, essa é inútil, só serve para *zumbificar*.

— Não diga, quer sempre ser diferente, se não estuda o suficiente a culpa é da escola — Laila responde em tom levemente brincalhão e então sorri, Luiz a acompanha e Guilherme como sempre se mantém sereno, gesto
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

que desagrada a menina.

— É, a escola não é tão ruim assim, o problema é que ela tem poucos amigos, também é meio difícil porque Ana fica sempre de cara fechada e quando não está com fones está com livros, o pessoal se intimida — Luiz mais uma vez interrompe, sempre assim o “eu” no interior e a maquiagem no exterior.

É um ator sem tirar nem pôr — Ana pensava.

De qualquer forma, antes que mais alguém tivesse a chance de se manifestar, o celular de Laila toca, era Sabrina perguntando por Luiz, não queria que o filho desse trabalho e também não considera apropriado que ele permanecesse até tão tarde na casa dos outros, uma vez que podia incomodar.

— Olha tia, a senhora não precisa me levar, eu posso ir sozinho — são as primeiras palavras de Luiz depois do telefonema.

— É claro que vou levar, não custa nada, *uai*, mas termine de comer com calma.

Laila preparou uma refeição simples: arroz, feijão, legumes, salada e carne, esse último item só para ela, já que o marido e os meninos abandonaram o consumo de carne, Guilherme exclamava aos quatro ventos que não apreciava, o que era mentira, a verdade é que por alguma razão, ainda na juventude chegou à conclusão de que o alimento prejudicava tanto sua mente quanto percepções e corpo, contudo ainda se tratava de um pensamento inconsciente, daí a mentira, e os meninos apenas porque não conseguiam, simplesmente não podiam conceber de forma racional e emocional o sacrifício diário de milhares de animais para o consumo humano, ora, é ilógico e monstruoso, animais têm alma, sentimentos como qualquer pessoa, imagine no futuro a população se referindo a eles como os bárbaros do século vinte e um, não podiam mudar os hábitos populares, mas era preferível não ter parte.

— Eu consegui baixar um filme bem legal, quer que te envie? — Ana perguntou, enquanto o menino com a mochila nas costas aguardava Laila, já do lado de fora da casa.

— “Túmulo de Vaga-lumes”?

— Sim, uma das histórias mais humanas que já assisti, mas se prepare com uma jarra de água e lenços, pois terá com sorte uma ou duas semanas de depressão e absoluta devastação interna.

— Não duvido.

Laila o deixou na porta de casa como o combinado, ao entrar a primeira cena com que Luiz se deparou foi seu pai sentado no sofá com o controle da televisão em mãos, vestido com sua bermuda azul e chinelos.

Pedro fisicamente era um homem alto e forte, com cabelos parcialmente grisalhos e barba por fazer, que ao perceber a presença do filho simplesmente levantou os olhos e o encarou com sua regular feição de zanga.

— Agora é isso, deu para ficar o dia todo na rua vadiando, já se imagina o que te espera, mas para mim não é surpresa — Pedro soltou, ele que tinha uma forma especial de pronunciar as palavras, parecia que depositava suas vísceras em cada letra, tornando as frases vívidas, quase tocáveis, o mal era o negativismo, Pedro possuía o dom de transferir sua condição desagradável.

— Eu avisei e a mãe deixou — Luiz se limita a dizer, agora utilizando de tom um tanto quanto contido.

E ao dizer deixou a presença de Pedro, que apenas retornou à atenção ao programa televisivo, Pedro, um homenzinho de mente tumultuada e

sentimentos conflitantes, de certa forma bastante semelhante à Ana ou mesmo a Luiz, a única diferença se encontrava no foco.

Agora a verdade era que ele levava uma vidinha complicada, era o mais velho de cinco irmãos, todos nascidos nas redondezas de Lençóis, isso é na zona rural, filho de Mário e Irene. Mário foi um sujeito simplório, de certa forma bondoso, todavia extremamente severo, no que tangesse responsabilidades e deveres, simplesmente porque tais características lhe eram caras. Não foi o melhor amigo de Pedro ou de seus irmãos, Mário entendia que uma coisa é amizade e outra paternidade.

De qualquer forma depois que conheceu Marlene, sua primeira esposa, Pedro se mudou para a cidade.

E se existe um detalhe a respeito dele que não se pode negar é a responsabilidade, a disciplina e o apego aos bens... está certo, ao menos assim ou era até certo tempo. Ainda assim em sua família foi o único a concluir um curso superior e coincidentemente ou não, era também o que em dizeres parcos se deu bem na vida.

Depois de anos se separou de Marlene, os dois se transformaram e a relação se desgastou até que um dia finalmente e para o bem de ambos, Marlene arrumou suas coisas e partiu, não sem antes se orientar adequadamente e levar consigo cada centavo do que lhe pertencia, de acordo com a lei.

Meses depois Pedro conheceu Sabrina no culto que começou a frequentar na mesma igreja que antes acolhia Marlene, Sabrina era jovem, bonita, vivida, diga-se que demasiadamente vivida na opinião dele.

Tempos depois de encontros ocasionais ela descobriu que estava grávida, a princípio não comentou com ninguém, nem com Laila, que era sua melhor amiga, mas a barriga começou a crescer e em dado momento se tornou inviável esconder a condição dos pais, eles que receberam a situação

da pior forma possível, o resultado foi que Pedro aceitou receber Sabrina. A família de Sabrina, incluindo pais, irmãos, avós e tios se afastaram, na verdade foi recíproco e com o distanciamento, o dia a dia e o tempo a ruptura se consolidou, o que é fato notório em Lençóis.

E ainda mais óbvio diante da perspectiva de Pedro em seu apego pelos bens, pela disciplina e pelo domínio, o que era absolutamente certo, como não haveria de ser, ele trabalhava, ele sustentava a família toda mantendo padrão de vida razoável, ora, a vida que ele proporcionava era consideravelmente melhor que a que o próprio teve.

Foi ele quem aceitou receber Sabrina, mesmo sem saber se era realmente o pai das crianças, mas enfim, isso não se comentava, porque foi uma escolha sua e um homem responde por seus atos, então tudo que esperava em troca era reconhecimento, não gratidão, apenas reconhecimento, pois se não fosse por ele, vá saber onde ela e as crianças teriam parado.

O problema era que Sabrina não se continha sempre com suas vestes decotadas, suas amizades e a insistência em trabalhar, responder e o enfrentar, e dos filhos só Diana se salvava, já que era obediente, educada, amorosa e submissa, Luiz por sua vez, parecia ter puxado todos os defeitos de Sabrina, garoto respondão, que na maior parte do tempo se comportava de forma não condizente.

A começar pelos trejeitos afeminados, a falta de aptidão para a vida social decente, as ideias estranhas que expressava vez e outra e a estranha mania de vadiar, passava dias fora de casa e até mesmo noites, pelo que ele descobriu depois conversando com amigos, nas noites que passava fora o menino caminhava pela cidade, acomodando-se ora em frente a alguma igreja, ora nas praças.

Olha só, não tinha paz em momento algum, mesmo sem querer, Pedro teve de se levantar e seguir na direção do banheiro, isso porque o menino a

minutos mantinha o chuveiro ligado, era preciso economizar, será que desconhecia o preço das coisas, será que não sabia que dinheiro não cai do céu, pessoas decentes trabalham para conseguir.

Bateu com força, uma, duas e três vezes na porta do banheiro, com os dizeres:

— Desliga esse chuveiro, está escutando? Desliga esse chuveiro agora seu pivete!

Passados alguns segundos, Luiz desligou e respondeu em tom semelhante ao utilizado por Pedro. — Você não precisa gritar, eu não fiquei muito tempo — foi o que disse antes de se enrolar na toalha e deixar o banheiro, do lado de fora para sua alegria, não encontrou o pai.

Pedro retornou à sala e se sentou, permitindo que a atenção voltasse à televisão e a mente para os “tumultos” constantes.

Ele tinha fome e Sabrina sequer estava em casa, porque fazia academia pela noite, e não havia nada que ele pudesse fazer a respeito, já era mais de nove horas da noite, ela costumava chegar às oito e meia, a demora significava que provavelmente havia encontrado algum conhecido, um amigo ou algo mais, Sabrina não era confiável.

Houve uma vez quando as crianças ainda eram pequenas que ele descobriu o caso que ela mantinha com um conhecido, foi tortuoso, sentiu-se ofendido, traído, machucado e imensamente enraivado, pensou em várias formas de se vingar, incluindo morte, agressão, pagar traição com traição e mesmo a justiça, imaginou que poderia conseguir a guarda das crianças e abandonar Lençóis, só que parecia que não era tão fácil assim, mesmo em caso de depravação.

De qualquer maneira o problema mesmo era o amor, ele a amava em demasia, por isso depois do susto inicial, Pedro movido por sentimento que muito se parecia com medo mesclado a um outro impulso que ele era incapaz

de descrever começou a se sentir frágil, mudou o comportamento tornando-se doce e paciente, passou a comprar presentes semanais para a mulher e os filhos, levá-los em viagens e dizer quase que diariamente à Sabrina que a amava, coisas que não fazia antes.

Isso até o tempo passar e a sensação de segurança retornar.

Finalmente ouviu o som do carro de Sabrina e o portão se abrindo, ela entrou, e logo passou pela porta, com suas vestes de academia coladas ao corpo, o celular em uma mão e a garrafinha na outra, ela parecia contente, relaxada e absolutamente despreocupada, aliás essa era uma das características da mulher que mais o irritava, ela não se importava, não o amava, ele sabia que ela só permanecia na relação por ser cômodo.

— Divertiu-se? — foi a primeira coisa que ele indagou.

— Não comesse, eu encontrei a Meire, a gente conversou um pouco, amanhã vou na casa dela mostrar as sapatilhas, ela quer comprar — Sabrina respondeu, aparentemente ignorando a intenção do marido.

Sempre igual, ela já não suportava mais o quanto era irritante e conseqüentemente estressante, mas tudo na vida tem limite, e com toda certeza não estava disposta a ser ainda mais relapsa, por assim dizer com as questões que lhe diziam respeito, já abriu mão de tanto e por nada além de feijão e arroz.

Só que acabou, chega de medir os passos e as palavras, chega de pensar primeiro em Pedro e só depois em si mesma, nada mais de receio, as crianças estão todas grandes, ela ganha o suficiente com o trabalho, conhece seus direitos e não pretende abrir mão de mínima parte.

E o mais importante, aprendeu a conviver, se Pedro ruscava bastava
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

manter silêncio, se ele demonstrasse irritação, descontrole ou entrasse em algum de seus muitos momentos de crise, tudo que precisava fazer era ignorar, fazer de conta que não percebia ou que nada se passava.

Como naquele momento que havia chegado tarde em casa, comportamento que claramente o chateou, mas ela não abriria espaço para falácias. Pedro era como uma criança ou um cachorro de temperamento delicado, precisava-se de pulso, por isso o abandonou com seu descontentamento e sem demasiada troca de palavras foi para o quarto.

Lavou-se, penteou os cabelos, passou seus cremes e depois de alguns instantes em frente ao espelho, voltou até a presença do marido que não para sua surpresa continuava estendido sobre o sofá. Visão indecorosa.

— Já jantou? — perguntou ao se sentar no sofá ao lado com seu celular em mãos.

— Você sabe que não, não sei porque pergunta — Pedro respondeu e tinha razão, mas não custava perguntar, nada demais em apresentar a mesma face.

— Hum, então espere só um pouquinho, eu já vou preparar — disse com a atenção no telefone, checando as mensagens e respondendo as que considerava relevantes, atividade que se estendeu por minutos, quando terminou em silêncio e ciente dos olhares e emanções de negatividade do marido, foi para a cozinha.

Preparou arroz, feijão, verduras para os meninos e peixe para os dois, só isso, pois sentia cansaço, naquele dia havia faxinado a casa, teve de ir em quatro casas diferentes em pontos distintos da cidade para receber e a Serena e a Núbia não pagaram, e ainda se não bastasse desde início do dia que era incomodada por um leve mal-estar.

— Está pronto — dirigiu-se ao marido ao passar pela sala, o destino era o quarto dos filhos.

Encontrou Diana sentada em frente ao computador, luzes apagadas e música baixa. Era sem sombra de dúvida uma boa menina, talvez comportada até demais, esse era o problema, Diana a preocupava, nunca respondia, nunca se alterava, recusava-se em fazer amizades, pelo menos ela desconhecia qualquer amigo além de Ana, passava os dias em casa, de preferência no quarto com livros ou eletrônicos.

Até já havia conversado com Laila a respeito do comportamento retraído da filha, ao que a amiga aconselhou que poderia ser bom para a garota um acompanhamento psicológico, que seria realizado pela própria Laila ou por outro profissional.

Ela concordou, Pedro considerou desnecessário e Diana se recusou, mas enfim cada um com suas particularidades.

— Você já jantou?

— Já sim — foi a resposta imediata da menina.

Então se dirigiu ao quarto de Luiz, somente para conversar, dizer um oi e o perguntar como foi o dia, esse tipo de comportamento para Diana era irrelevante, mas que para o filho vinha apresentando êxitos e a verdade era que Sabrina gostava dos pequenos gestos, que a mesma classificava como atenção.

Girou a maçaneta e a porta estava trancada.

— Ei, abre aqui, eu quero conversar — disse amistosamente.

— Agora não, mãe, estou dormindo — Luiz respondeu, e era mentira ela sabia, ainda era cedo, o menino raramente se deitava tão cedo.

— Ah, mas você passou o dia todo fora, eu quero conversar.

— Hoje não, amanhã, estou cansado.

— Tudo bem, você que sabe.

Importante estar presente de forma ativa na vida do filho, até mais que

na de Diana, a menina, apesar do auto isolamento, parecia firme, sabia de alguma forma se manter, o outro não, Luiz quando pequeno foi muito apegado a Pedro, tudo era o papai, papai isso e papai aquilo, eu vou com o papai, não fico sem ele.

Só que o tempo passa e junto dele os deslizes do marido aumentam, talvez ele tivesse algum distúrbio mental, mas não fazia diferença, porque Pedro jamais assumiria, enfim a verdade era que para o marido, o filho nunca teve lá tanta relevância.

O tempo passa e junto dele a indiferença se transmuta em leve implicância, sentimento esse que acabava por se intensificar, então por mais que o menino respondesse com enfrentamentos e aparente despreocupação, ele se importava sim, e ela sabia, mas não adiantava repreender ou explicar a situação para o marido, ele não entendia, era um caso perdido.

Voltou para a cozinha, precisava comer, embora não estivesse com fome, talvez só um pedacinho de peixe.

Fritou quatro pedaços de peixe, Pedro comeu todos, qual era o problema dele? Devia haver algo de errado, só podia, ah claro, tudo seria diferente se ele aceitasse fazer o tratamento com um profissional, seus gestos careceriam de racionalidade, ele era louco, só podia.

— Não entendo o que passa pela sua cabeça, tudo que tem que fazer é seu trabalho nessa casa e mesmo assim se demonstra incapaz — Pedro disparou quando a viu entrar.

— Claro que para você o problema sou eu, é muito fácil se desvencilhar das responsabilidades — Foi obrigada a responder, não pôde se controlar, e instantaneamente se arrependeu pelo gesto, não que considerasse de alguma maneira estar errada, a questão era a consequência.

— Estava demorando, não é? Hoje vim para o almoço, era meio-dia e não fosse a Diana teria de comer na rua, Ah, Sabrina às vezes tenho vontade

de perder a cabeça e dar um jeito nesse inferno de uma vez, você faz tudo errado, tudo e ainda anda por aí falando mal de mim, acha que eu não sei.

— Fale o que quiser, você é doente, se estou nessa casa é por pena — devolveu em tom aparentemente pacífico e dizendo deixou a presença do marido, não estava mesmo com fome.

Foi então que Pedro se zangou definitivamente, ela não devia o deixar falando sozinho e virar as costas, era muita falta de consideração de respeito mesmo, como se ele fosse um fardo, o que não era verdade, pois era o seu trabalho que sustentava a casa.

— Ainda não terminei de falar, volte aqui agora, quem você pensa que é para me tratar dessa maneira? Deve estar se encontrando com outro, não é? Você mudou, Sabrina, estou percebendo, tem um monte de comentário por aí sobre seu comportamento e as roupas que usa, o modo como de uns meses pra cá voltou a se preocupar com essas coisas de cabelo, unhas, tá fazendo até bronzeamento, mas fique sabendo que se me desrespeitar igual aconteceu da última vez, não vai ficar barato, eu não sou palhaço, você vai se arrepender.

— Tudo vai voltar ao normal quando você aceitar se tratar — agora medindo as palavras seu tom de voz era submisso e amigável como quem se dirige a uma criança ou a um especial.

Transparecendo a impressão de que ele era menos, de que era o problemático da relação, o que não era verdade, ou ao menos Pedro assim pensava, e foi com indignação que se levantou e a passos rápidos alcançou Sabrina, com mãos firmes segurou seus dois braços a obrigando a se virar em sua direção.

A mulher o irritava demais, não conseguia controlar seu comportamento, a falta de comprometimento e a maldita beleza, elementos que juntos lhe causavam sensações conflituosas, certa inquietude que só se satisfazia com o contato físico, verdadeiramente posse, só que não em termos

sexuais e sim de soberania, como se estivesse perante um animalzinho que lhe pertencesse e fosse seu direito fazer com o mesmo o que bem quisesse.

O instinto agora, bem como, na maior parte do tempo era amassar, apertar e sangrar, porque isso o satisfaria, deixando claro quem controlava a relação, óbvio que Pedro estava igualmente ciente que se cedesse aos desejos mais tarde se arrependeria, era sempre assim e o arrependimento tinha gosto amargo.

— Você me irrita — Ele foi forte o bastante para se conter e ao dizer soltou a mulher de mal jeito, apanhou a camisa, a carteira e saiu de casa para esfriar a cabeça.

Ao que Sabrina observou em silêncio, tudo igual, sempre igual, agora iria beber e no dia seguinte sequer compareceria no trabalho, se fosse empregado já teria sido demitido, mas não, apenas largava tudo nas mãos dos funcionários e escolhia dar *shows* pela cidade, e depois ela que teria que aguentar o mal humor da peste. Por Deus devia ser carma, só podia.

Pronto, o mal-estar que a incomodava se intensificou, pensou em tomar algum analgésico, contudo reconsiderou, seria inútil, tudo que precisava era de paz, foi para o quarto e trancou a porta.

Capítulo III

Deitada de barriga para cima com os olhos no teto, foi assim que passou a maior parte da noite, não conseguiu pregar os olhos, Ana detestava quando isso acontecia, não era que escolhesse tirar um momento para refletir era apenas que não controlava seus pensamentos e a imaginação, tinha tanta imaginação e às vezes quando estava sozinha conseguia se superar.

Isso não é certo, quanta loucura, tinha para si que se visitasse um psiquiatra e revelasse um terço de seu interior a prenderiam em um quarto branco até a morte, o pior era que alguns de seus pensamentos a assustava, justamente por não se encaixarem na espécie de assuntos que as pessoas normalmente se interessam, e também por não fazerem, de qualquer forma, sentido.

Hoje era dia de semana, de manhã teria aula, queria dormir, mas Lençóis era tão quente e passar os dias sem fazer absolutamente nada não era bom, quer dizer, além de desperdiçar os dias perdia também as noites.

Maldita insônia, não é de Deus, não mesmo. Mas afinal de contas por que tudo parece ao mesmo tempo tão frágil e tão complexo? Isso é contraditório, ou será que não? E por que tudo é igual, nada que fuja a regra, mas como pode mencionar uma regra desconhecida? Qual é a regra? Seria a instabilidade? Quem sabe a condição? Não, isso é insuficiente, precisa ser mais sensível, um tanto mais atenta.

Qual é a regra? A regra é o padrão. Que padrão? O observável, mutável, modificável, os valores em si e seu resultado. Misturado ou separado? Embolado.

Que coisa, precisava pensar em algum detalhe que estivesse ao seu alcance, porque no dia seguinte teria aula, e era tão ruim estudar no Virgínia

Woolf, poderia ser diferente, mas também ela é que por nenhuma razão imaginável compartilharia tal pensamento.

E esse é claramente um erro, não a parte da não divisão, somente que estava errada, amargamente errada em se apegar tanto ao que se é, nem gostava de verdade disso, mas o que aconteceria se saísse, assim por mágica de sua bolha? Não podia imaginar, bolhas, bolhas e mais bolhas.

Veja, está andando em círculos — disse a si mesma, nos pensamentos, sentimentos, ações, Ana detestava as voltas, mas não tinha nada que pudesse fazer a respeito, uma pessoa é só uma pessoa, e continuam os giros prosseguem, isso é complexo. Imagina se usasse drogas? Tinha até vontade de experimentar, só para testar, experimentar sempre é bom, ou quase sempre.

Lance aqui e ali, joga-se você nesse buraco gigantesco chamado Terra, será que são assim as camadas verticais, será que elas existem em simultâneo? Ou será que é preciso deixar uma para alcançar outra? Mas a segunda hipótese não desqualifica a primeira.

Caramba, Ana, você não tem relevância. E quanto a você que talvez pense que sabe de algo, que possui algo, que compreende, pode esquecer, pois não passa de um fragmento em uma grande, viva e operante perniciosa do Norte.

Estamos aqui e precisamos subir a superfície, sair fora desse giro maldito, o que é bem difícil quando a maioria puxa para baixo e ao puxar lança arpão. Até que pensamentos não são tão ruins assim, se pudesse ela passaria os dias só consigo mesma, igual as noites, sua companhia não era ruim, pode-se perder nas ideias.

A procura da clareza inatingível, será? Claro que não, era uma humana, uma pessoa e como tal um ser divino, não precisa, não precisa ser assim, não precisa ser fraca, não precisa pensar, só tem que viver.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Quero ver todo mundo vencer a grande floresta vermelha do Além.

Cada floresta vencida equivale a um degrau a mais, a conquista, derrote a si mesmo, derrote os Aleives e siga em frente, só um degrau na evolução. Conquiste as florestas e estará progredindo nas camadas verticais. Grande coisa, talvez fosse bom para o mundo utilizar o subjetivo como uma matéria, tipo, matemática ou geografia.

Não adianta a ideia se repetia seguidas vezes, teria de anotar e caso valesse a pena tentar desenvolver, Ana se levantou, acendeu as luzes e apanhou sua agenda diário, o livrinho onde às vezes registrava pensamentos, mas apenas aqueles que não conseguia expressar através de desenhos, foi quando escreveu as palavras “Ordem = Engrenagem? Fôlego? Respirar? Esqueleto?” pensou por um momento e, não havia outra forma de expressão assim, desenhou abaixo das palavras um círculo pequenino um verdadeiro pontinho, na frente deste um círculo médio e um grande, repetiu de maneira que riscou ao todo cinco círculos sendo o que o pequenino se encontrava no meio.

Por fim fechou o caderno com o pensamento de que provavelmente desenvolveria tal ideia, mas seria com o tempo, porque não conseguia apanhar pontos quando bem quisesse, passividade, passividade se usa o que tem de forma tremendamente inerte, ora, não ia atrás não pesquisava o bastante, sequer trocava informações com outro alguém que não fosse Luiz. Estúpida, garotinha incompetente.

Ana voltou para cama, pois o sol ainda não nascera. O que esperavam dela afinal? São tantas questões, certa vez quando estava na casa da tia Nair, enquanto discutiam a respeito da posição de um jovem responsável.

Diana lhe disse e teimou e teimou um pouco mais afirmando o que Ana já estava cansada de ouvir, que é impossível alterar o que quer que seja sem antes alterar cada um dos envolvidos, ou, pelo menos, a maior parte, ou uma

parte específica.

E ela até que tinha razão, mas a questão é que é impossível alcançar quem quer que seja com linguagem inacessível, como se o que ela encontrava a sua volta fosse de alguma forma complicada. Era estupidamente simples, simples demais, quase humilhante se deixar levar.

Daí que não se deve perder tempo traduzindo o traduzido. Acesso foi o que sugeriu Luiz, acesso pode ser que sim, mas basta ter um mínimo de interesse, pois uma verdade é a condição igualitária da população, e se duvida que comprove o desvio.

Mas e o conhecimento, ainda faltava algo, um pontinho, que bem que poderia ser classificado como espiritual, ou era a mente, mas o que tem a mente e o espírito em comum? Talvez fossem diferentes a mente e o espírito, ah, também as emoções, devia estudar sobre mente, espírito e emoção, que mais ainda não sabia o suficiente? Hum, o comportamento, não seria ele, reflexo? Pronto estudaria a respeito dos reflexos. Ops, talvez tudo que viu até então fosse reflexo. Ou ao menos a maior parte. Interessante, interessante.

Ela era um reflexo? Quando lia livros de história pensava algo parecido. O presente era história, mas qual história se desenvolvia no presente? Ela devia saber, uma garota que se preze deve ser capaz de ler passado, localizar-se no presente e antever sabiamente o futuro, no mínimo.

Certa vez ouviu, pensou quem sabe ou talvez lera que o comportamento, ah, não, não era o comportamento, que a consciência, não, não era consciência e sim social, que o social era na verdade uma ciência precisa.

Organização social.

Quem dera deixasse de lado um pouco seus pensamentos políticos, porque sim em sua mente Ana seria uma política a lá JK, ao menos pensava possuir boas ideias e um caráter chato. É verdade que o social tem seu valor.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Possui até ligações com o acesso de Luiz, acesso para porcos, corcéis e grilos. É, é isso. Simples e contagioso, simples e contagioso, acessível e agradável, deve ser estimulante, às vezes alguns pensamentos e concepções vêm como ondas de fora, mas o que vale é o contrário, embora ondas tenham seu peso, deve-se considerar.

De onde vêm as ondas? Como são formadas e por que se apresentam em tempos com similaridade? É natural? Nada é por nada, vive-se em comunidade a bendita vida em bando, equilíbrio, ação, reação. É delicado, deve ser porque equilíbrios são assim.

Ana virou de lado, abraçada ao seu ursinho ainda pensava, mas o sono vinha, sentia os olhos pesarem e o corpo relaxar, algumas horinhas de descanso a fariam bem.

Pronto, alcançou, não o ponto em si, mas um pedacinho dele, deveria medir, colocar na balança, ora se referia a seus atos, sua colaboração para a manutenção da sociedade submersa e então modificar seu posicionamento.

E as repetições, talvez os valores já estivessem embutidos desde o início, então talvez nem fosse de fato repetição e sim conquista. Como se embutiram os valores nos giros? História, só isso, Ana, história.

Finalmente adormeceu.

Às seis e vinte o telefone despertou, hora de acordar em uma agradável manhã, Ana abriu os olhos sonolenta, como sempre dormiu tarde. Tivera um sonho que não se recordava, mas gostaria de lembrar, se fechasse os olhos naquele momento voltaria para o sonho, mas não podia, seu dever era estar às sete horas em ponto na escola.

Levantou-se, não devia mais dormir com seus três ventiladores ligados,
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

eles a faziam sentir frio depois de sair do banho e ainda irritavam a garganta. Só lhe faltava ser vítima de uma crise de tosse.

Chegou à escola atrasada, mas não o suficiente para impedirem sua entrada, e tudo para marcar presença em uma estimulante aula de educação física, que na sua realidade se traduzia em horário vago; “vão para a quadra ou simplesmente matem tempo nos corredores, enquanto eu, a professora me sento em algum lugar e espero o sinal tocar”.

Foi na companhia de tal sentimento que Ana e Luiz se sentaram próximos à quadra com seus rostos sonolentos, cabeças pesadas e expressões de desagrado, Luiz ao menos normalmente não era um desses carinhos mal-encarados, contudo, nesta manhã sua presença possibilitava que se encontrasse traços de simpatia em Ana.

— Não vejo nenhuma ação que esteja ao meu ou seu alcance quanto a isso — opinou Luiz com desinteresse depois que Ana lhe contou sobre suas colocações a respeito do posicionamento social.

— É, eu sei, mas não me refiro diretamente ao resultado, compreende? Esses dias estive pensando e cheguei à conclusão que se continuar analisando apenas o aparente, as chances de me equivocar são grandes, pois já parto de uma premissa... Contaminada.

— Se refere aos erros? Como um passo errado, começo ou andamento.

— Não, não é isso.

— O que é então?

— Ainda não sei precisar, mas é como a história, quando a gente estuda encontra uma soma de fatores que culminam em um resultado imprescindível, mas não inevitável, é possível até dividir a história, o agora é história e é aparente, o que pensei é que o não aparente pode ter importância.

— Ana explicou.

— Que tipo de importância?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Não sei, só não gosto de me sentir uma boneca — Ana disse e não conseguiu conter o riso, porque lhe subiu empolgação. — E esse é só um pontinho, acredito que dentro de um todo irrelevante, talvez daqui a alguns anos seja banal, mas se a gente conseguir entrar, apanhar, quero dizer, desmembrar esse pontinho mais pontinhos se apresentam, imagina chegar eu nem sei onde, estamos bem, mas bem longe do céu, somos primitivos demais e podemos dar um passo, não é incrível?

— É sim — Luiz concordou num murmúrio e com os olhos baixos, ele que enfrentava um mau momento, com tanto dentro de si que parecia que a qualquer minuto explodiria, precisava se segurar para conter o choro, é que nos últimos dias andava chorando mais que o convencional, situação que não o agradava.

— Está triste — Ana constatou demonstrando preocupação.

— Não é tristeza — foi a resposta, já que não queria ferir a outra e sabia exatamente onde a conversa terminaria, por fim Ana diria algo como:

“Não deixe que o atinja. Supere. Frescura me irrita. Toma um banho de rio. Desenhe ou escreva. Leia um livro. Lamento, mas você é fresco demais para ter um futuro.”

Ele não se zangava por saber que o que ela falava para ele era o que falava para si mesma, pura defesa, porque não é assim, ao menos não sempre, na maioria das vezes não basta ignorar ou passar por cima.

De qualquer maneira quando Ana lançava suas verdades defensivas sobre ele o que Luiz tinha vontade de dizer era algo como “Cale a boca, você mesma não ignoraria”. Só que ela não estava na pele dele, logo não passava pelo que ele passava, ora seus problemas são seus problemas e de ninguém mais, alegrias podem ser divididas, mas tristezas não, é maldade dividir o que é ruim;

— É outra coisa.

— Pode me contar.

— Não tenho nada — ele desconversou. — Já pensou em conseguir um emprego?

— Deve fazer parte da vida ter alguma ocupação social, mas por agora não quero não, acho que não me agradaria gastar todos os dias, horas em uma atividade inútil virando as costas para minhas conquistas pessoais, quer dizer, onde alguém pode chegar com o dia a dia insano, acho até que o objetivo do dia a dia seja nos estagnar, embora sejamos por natureza estagnados, quero dizer, seria mais útil em outras espécies de trabalho, se é que me entende, Deus me livre de um dia a dia como o dos que nos cercam, não suportaria — Ana respondeu sem se dar conta da futilidade de suas palavras, mas era só uma menininha de qualquer forma. — E você também não devia pensar a respeito, Luiz, limite-se a gastar sua energia com assuntos relevantes como nossos pensamentos e a nossa arte.

Perto de onde o casal estava se encontravam dois grupinhos, um composto por garotas que sentadas perto dos dois dialogavam em alto tom sobre a rica vida adolescente e a cerca de dois ou três metros à frente deles um segundo grupinho, esse misto que jogava queimada.

Ana os mirou e lhe passou pela mente em um pensamento relâmpago que seria melhor se as crianças brincassem na quadra, mas aconteceu, a bolinha foi arremessada, uma garota se desviou e a bolinha prosseguiu, vinha em sua direção, por reflexo Ana chegou a se desviar o que foi inútil, a bola não a atingiria, o destino era Luiz.

— Eu... — ele ia dizendo quando foi acertado entre um olho e outro e, pelo impacto junto com o susto o garoto perdeu o equilíbrio e caiu de costas, sorte que estava sentado.

Ana se levantou em um pulo e o ajudou a se pôr de pé.

— Caramba! Ficou bem vermelho.

Então em questão de segundos os colegas dos dois grupinhos estavam amontoados em volta de Luiz, fazendo perguntas bobas, como:

“Você se machucou? Nossa, deve ter doído. Não conseguiu se desviar? Nossa, Luiz!”

Ela assistia em silêncio de braços cruzados enquanto Luiz respondia no sentido de que não foi nada, atitude que Ana não compreendia, se a acertassem com uma bolada, ou o que quer que fosse, dizer que ficaria zangada seria pouco.

Acontece que os colegas se aproximaram a exceção daquela que lançou a bola, uma garota chamada Ludmila por quem Ana nutria moderado dissabor, porque essa Ludmila era uma menina excessivamente fútil e que uma vez na oitava série respondeu a Ana na frente de toda a turma e que por ser uma atitude inesperada, Ana ficou sem saber o que dizer de volta, por isso se calou, foi vergonhoso, foi bem vergonhoso, além do que foi Ludmila quem inventou o apelido de Diana, chamava-a de especial só porque a garota era tímida, um tanto retraída e meio esquisita, no dizer dos colegas.

Não, nem era o comportamento de Ludmila o problema, o X da questão se encontrava na personalidade, melhor dizendo, na pessoa da outra, da qual emanava sensações ruins que deixavam Ana inquieta.

Ela não aprovava o comportamento de Ludmila, tão pouco a maneira com que a menina a olhava, demonstrando provocação, deboche e certa indiferença, como se ela, Diana, Luiz e alguns outros colegas fossem pouca coisa, fossem pequenos perante Ludmila.

— Ei você, venha aqui e se desculpe — Ana gritou sua voz superando a dos demais e uma das mãos apontadas para Ludmila, que assistia à distância. — A pirralha é surda, é? — continuou vez que a menina permaneceu onde estava sem se mover, apenas deu um passinho para trás procurando com os olhos os amigos em busca de apoio.

— Foi um acidente — um garoto se apressou em dizer, Ana, contudo não desviou seus olhos enraivados de seu alvo, alguma coisa em Ana ou a Ana em si deve ter a assustado porque a garota se virou e bem rapidamente deixou a presença dos colegas, foi em direção às escadas, queria ir para a sala.

Ludmila é sem sombra de dúvidas uma garota prudente, só que ingênua porque Ana interpretou sua retirada como uma afronta e sem receio a seguiu.

Ela que sentava na primeira carteira da fila que se encontrava próxima à parede, só que do lado oposto ao lugar de Ana.

Foi sentada em sua cadeira de cabeça baixa que ela a encontrou, e não perdeu tempo com um tapa na mesinha foi logo exclamando:

— Fico imaginando o que lhe passa pela cabeça para me provocar dessa maneira, vamos, assumo que foi proposital, não foi? Queria me acertar, eu te conheço garota, você é invejosa e nem sabe do que sente inveja e tão pouco do motivo, mas eu sei. Ande, olhe para mim enquanto falo!

Para a raiva de Ana, Ludmila não levantou a cabeça, outra atitude prudente apesar de insensata.

Com fúria empurrou a mesinha que a separava da colega, apanhou a mesma pela manga da camisa fazendo com que ela se levantasse, em tamanho Ludmila era consideravelmente maior, mas quem liga para estatura.

— Vai aprender que eu não aturo desrespeito! — avisou antes de empurrar a colega que caiu, mas mesmo assim não reagiu, Ana então estreitou os olhos em espanto, fúria e incompreensão. — Levante-se e me encare, qual o seu problema?

— Qual é o seu problema? — uma segunda voz se fez ouvir, chamando a atenção das duas garotas, foi quando Ludmila rapidamente se afastou, o interveniente foi Luiz, ele como os demais colegas estavam na sala em volta das meninas observando em silêncio ou quem sabe nem estivessem em
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

silêncio, pois Ana, em seu descontrole não reparou em nada mais além de si mesma e a colega desrespeitosa. — Ela não responde pois tem medo.

Ana se voltou para Luiz, esquecendo Ludmila, agora devidamente acolhida pelos amigos, queria se certificar se seus ouvidos não a enganavam, mas não, era ele mesmo com seu rosto vermelho no lugar onde a bola o acertou e sua convencional cara de banana.

— Estava defendendo você!

— Não, você está se expressando — ele devolveu e ela guardou silêncio, respirou para se acalmar, encarou os colegas e sentiu vergonha, eles fitavam Ludmila como se essa fosse uma vítima, de qualquer forma o pior era Luiz, que traíra, eles eram amigos, ela o defendeu e ele se posicionou contra ela.

— Garotinho estúpido — disse para Luiz em voz baixa quando passou por ele ao deixar a sala.

Passou também por Diana que não saiu para a aula de educação física, preferiu passar o tempo adiantando a matéria que seria apresentada no próximo horário, e assim que Ana colocou um dos pés para fora da sala, uma fala se ergueu entre os burburinhos que se espalhavam pela classe.

Foi um garoto chamado Tiago que falava com seu amigo, um menino cujo nome era Estevam.

— Viu a Ludmila não fez nada e por pouco não da briga.

— É cara, é louca essa mina, doidinha — esse foi o comentário de Estevam.

Ao ouvir, Ana parou, Diana se levantou, pensou em falar com a amiga antes que essa fizesse o que não devia, porém teve receio, estava perante toda a turma e não tinha certeza da reação da outra, tudo que sabia era que Estevam deveria ter ficado de boca fechada e que sua amiga não deveria ser tão escandalosa e facilmente abalável.

Com sentimento que podia ser descrito como vergonha alheia, Diana assistiu quando Ana se virou na direção de Estevam e no segundo seguinte estava atracada ao garoto que não reagiu e, que mais tarde atribuiria sua inércia ao detalhe de Ana ser uma mulher, mas a verdade era que não conseguiu, a garota sabia ser agressiva quando tinha motivo, ou imagina o ter.

E ofensas, falta de respeito a deixavam nervosa, caramba estava sempre com mil e um pensamentos, preocupações sobre assuntos que diretamente nem lhe diziam respeito, ora, não precisava passar por tudo que passava, mas não nutria seus planos ambiciosos para permitir que um garotinho a atacasse gratuitamente, quem respeita merece respeito, ora, ela não criticava ninguém, não falava mal, não apontava os defeitos, não feria mesmo sabendo exatamente como colocar qualquer um daquela sala no chão sem ter de se valer de violência. Agora só porque era nervosa, tinha pensamentos estranhos e carecia de molejo social não significava que podiam feri-la.

Só soltou Estevam quando o professor da sala ao lado interferiu, como resultado dez minutos depois estavam os dois, ela e Estevam na sala da diretora, sentados lado a lado, o garoto com sua grande boca aberta narrando o modo como ela o atacou sem que ele nada fizesse, e Ana de boca cerrada e cara fechada, não se machucou fisicamente ao menos nada grave, por outro lado tinha os cabelos desarrumados e o rosto vermelho pelo esforço e estresse, o que também fazia com que seu coração acelerasse, Estevam por sua vez se machucou e, devia ter se machucado mais, pensava a garota com o sangue quente.

No fim suas falácias não surtiram o efeito esperado e ele foi suspenso junto de Ana, três dias sem ir à aula, bem legal, ela chegou a pensar em responder a diretora, assim poderia conseguir, se tivesse sorte até cinco dias de suspensão, mas melhor não, explicar o comportamento para os pais seria

complicado.

Se seu trajeto de casa para a escola levava em média trinta minutos, Ana o percorreu no tempo recorde do recorde em menos de dez minutos, estava nervosa, sabia que caminhar pelas ruas com passos tão ligeiros que lembrava uma corrida não era algo que beneficiasse sua imagem, mas que se danem os outros e seu interesse inexplicável pela vida alheia, ora, nada de mal na curiosidade, mas se não sabiam nem se si mesmos, como tentar xeretar, julgar, balancear o que diz respeito ao próximo? E essa era ela afugentando a própria responsabilidade.

Essa nem era a questão, quando chegou em casa, Ana teve de passar minutos estendida sobre o sofá para a respiração voltar ao normal e seus batimentos desacelerarem, agora sim o sangue começava a esfriar trazendo-lhe a bordo o incômodo pensamento de que:

Eu fiz novamente, perdi o controle mais uma vez.

Esse seu sangue quente, seu sentimentalismo e a condenável incompetência em ter a si própria embaixo dos braços, brigar, magoar, entrar na pele de uma desequilibrada a fazia mal, causando vergonha e uma dor no coração, essa doida barraqueira não era quem ela era de verdade, mas era assim que a interpretavam, melhor dizendo era como se fazia ser vista.

Não queria que Ludmila tivesse medo, Ludmila devia ter a enfrentado, a encarado, ora, é claro que ela se sentiria irritada, mas não se deve abaixar a cabeça, apesar de parecer, apesar de a selva ter prevalecido, não é preciso agir sempre como animais. Como se seu comportamento fosse sinônimo de civilidade. Brigas se dão em realidades civilizadas?

E ainda foi rude com Luiz, aquele gay sensível e sem personalidade que
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

era o único com quem conseguia conversar de verdade, se ele se zangasse o que seria dela? Por que os relacionamentos são construídos a base de interesses?

Deveria contar para os pais que foi suspensa, e por brigar com um garoto, a mãe falaria e gritaria por horas, o pai então com todos seus conceitos de controle pessoal, convivência harmoniosa, a hora do silêncio a hora de se manifestar, se zangaria, Ana não gostava quando seu pai se zangava porque diferentemente da mãe que extrapolava, mas logo voltava ao normal ele ficava quieto, dizia pouco, porém guardava.

Hum, era sua segunda suspensão e pelo mesmo motivo, na quinta série quebrou um dente de uma colega, foi suspensa e Ana se lembrava de sua mãe e os pais da garota batendo boca por horas, mas daquela vez foi diferente, ela tinha um motivo, segundo sua avó Beatriz nobre, defendeu uma coleguinha com ditos leves problemas psicológicos das brincadeiras de mal gosto de outros.

Finalmente seu coração desacelerou e quase que imediatamente a respiração voltou ao normal, subiu as escadas para se lavar, depois de uns minutos estava no seu quarto deitada no carpete mirando o teto com as luzes apagadas, janelas fechadas e os ventiladores ligados.

Pensando em como podia ser ignorante, melhor dizendo tinha a mente no que ignorava e a maioria das pessoas que a cercavam lhe eram um mistério, mas um mistério que provavelmente repetiriam as histórias de suas mães e pais, tudo por aceitar, porque é assim, é assim que é, essa é a vida, não, não é assim, quem foi que disse que é, ou como é e o que deve ser.

Gente tola esses que a cercavam, tinham em mãos oportunidades que não se encontra sempre, melhor dizendo, nem todos têm tanto quanto seus próximos, isso é, eles possuíam mundos no que diz respeito a espaço, em algumas ocasiões conforme Ana acompanhava pela internet e telejornais os

problemas adquirem outra roupagem, mas também é só isso, apenas a pintura.

Está bem se o primeiro passo é o conhecimento, tinha de se decidir de uma vez de que forma o daria, melhor dizendo com que roupagem, precisava entender e mergulhar para no futuro não alcançar destino semelhante ao de seus pais ou próximos, falhar seria vergonhoso e francamente inimaginável.

Quando pensava no seu amanhã tudo que lhe vinha a mente era apanhar e distribuir, apanhar, traduzir, simplificar de alguma maneira e passar adiante, o ponto falho de tal pensamento se encontrava no fato de que existiam muitas dessas traduções soltas pelo mundo e pelo que ela percebia eram poucos os que as abrangiam de verdade, por outro lado é difícil, praticamente impossível observar quem não as possuía.

Algumas espécies de pensamentos são difíceis de compartilhar, porque mesmo utilizando a linguagem mais humilde, se o interlocutor não abranger o mínimo do tema não o compreenderá. Ficava agitada ao imaginar a quantidade de tópicos com que se deparava todos os dias e que pela sua ignorância passava por cima, indesculpável, um vexame, isso sim.

Por exemplo agora enquanto pensava, gente nascia, morria, sofria, sorria, amava, odiava, era humilhado e humilhava, exaltava e era exaltado, mas as escuras, inconscientes do que eram de fato feitos, do que os cercavam, do que os movia, do que resultava de cada suspiro de cada ação, ou o que era mais provável, parcialmente inconscientes.

Não adianta fechar os olhos, fingir que não entende, que não é real, porque é verdade, é real e não pode ser mais visível, mas tudo bem, podia sim, ela nem encontrava tais assuntos de forma compacta no Google então poderia costurar.

Costuraria o invisível, as correntes, as ondas, a responsabilidade, as ligações, a falta de inocência e as identidades, a palavra é costurar mesmo

porque as partes para quem de fato se interessa são facilmente localizáveis.

Será que seria capaz de reproduzir a canção e lançá-la nas mãos dos benditos pseudo inocentes? Será que se conseguisse diminuir o peso que carregava? E de onde vem isso? Será que é verdadeiro e próprio? É possível conciliar?

Chega, basta, não é preciso agir como fantoches, se está dentro mande sair, lance-o fora, exorcize se preciso for ou absorva se preciso for, que coisa, para que servem braços, pernas, mentes, bocas, olhos e ouvidos se não são utilizados?

O segredo é ver além, esquecer convenções, aparências e estereótipos, para Ana um dos piores males eram os estereótipos, as preconceções, é pós, tem que ser posterior, carece de análise, e, porque não confiança e força.

Sirva-se ou sente-se e pereça, ora, pobre criança, é mais que hora de ter parte no peso.

Ana sorriu, era isso? Hum, estava acertado, ao menos por hora seu foco era a sociedade, bem, não a sociedade em si, e sim o homem em suas relações, não, não era o homem em suas relações em si, mas o que resultava no homem e suas relações e o que derivava do homem e suas relações.

Belo tema, Ana sentia orgulho de si mesma, escolher o tema é um grande passo, vez que tema é o mesmo que foco, e em dada parte da vida diante de encruzilhadas todos têm de se decidir, e que seja a decisão correta e calculada.

Caramba um novo pensamento retirou o sorriso da face da menina abrindo espaço para expressão de assombro. É que ao optar por um assunto, automaticamente, quase como fosse uma espécie de contrapartida se fecha os olhos, se desliga dos demais temas, e eles são tantos que só de pensar assim por alto sua cabeça girava.

Ana se assustava com a imagem dela como uma pessoa cascuda, um
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

alguém definível, definido, melhor dizendo como uma sujeita palpável da espécie que se distingue à distância e cabe geralmente na palma da mão.

Só que não faria tudo, ou era forte o bastante para se decidir corretamente ou podia ser que se perdesse, sentou-se com o desagrado da concepção.

Foi quando abriu os olhos para o cenário a sua volta e o devaneio se foi, ainda era uma criança no interior de seu quarto desorganizado e só para variar recentemente perdeu o controle.

Sem problemas, quanto a isso lhe restava um tema. O ponto final e os meios ficam por conta do improviso. Passo a passo e por fim a assinatura.

Ficou sentada em silêncio com a mente vazia por horas, sem permitir que as falhas em seu pensamento se erguessem, até que retornou para a sala, ligou a televisão e se sentou no chão bem perto do aparelho.

Trocou de canal persistentemente até alcançar o de desenhos, nesse horário passava um anime do qual era fã, não queria continuar a divagar, sentia que caso prosseguisse sua mente seria tomada por concepções que francamente a cansavam.

Deixa a porta fechada, por hora deixe a porta fechada e pare de insistir.

Ana pensava quando bateram à porta literal, provocando alívio, leve distração e um sorriso, pois foi irônico.

Dois segundos depois abria a porta só para se deparar com a figura de Luiz com sua mochila preta nas costas, o patético uniforme do Virginia Woolf e em uma das mãos o caderno escolar dela.

Com a presença do amigo algo estranho se passou com Ana.

Dezenas de sentimentos explodiram dentro de si como murmurinhos maldosos, lembrou-se do cursinho de pintura no qual eles participaram nas férias e no modo como por mais que ela se esforçava, independentemente do talento que pensava possuir os elogios sempre iam para Luiz, para seu talento, sua sensibilidade, sua estrela e futuro promissor. Você deve se orgulhar do filho que tem. Com ela era diferente, faltava pouco a chamarem de banal ou problemática.

E não que se importasse, longe disso, mas a imagem de Luiz era bem vista, enquanto teciam comentários deselegantes ao seu respeito, o combustível era a insegurança, despeito, ele era tido como um garoto respeitável, querido com o dom para amizades, quase uma espécie de atração pessoal, ela não possuía tal molejo, resumia-se simplesmente em um desastre no que tange relações.

Daí que ela o defende e em resposta ele se volta contra ela, na sequência é suspensão e o garoto ainda tem a falta de senso de aparecer na sua porta com um sorriso bobo.

— O que é?

— Vim visitar e te devolver, você esqueceu embaixo da mesinha — disse, estendendo o caderno, Ana o apanhou. — Posso entrar?

— Primeiro se desculpe.

— Tudo bem Ana, perdoe-me se te desapontei — ele disse e ela se virou, ele a seguiu fechando a porta.

Ana se sentou em um sofá e Luiz no outro.

— Você foi o assunto do dia, mas posso apostar que de agora em diante vão pensar duas vezes antes de fazer menção a você em conversas — Luiz foi dizendo, como se fosse algo legal, hum, se não falam na cara falam pelas costas.

— É, pode ser, eu não me importo de qualquer forma, achei bom ter
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

três dias de paz, devia ser mais, agora pelo menos, posso respirar tranquilamente longe da ferrugem que se instalou naquele lugar — Ana de mau humor cuspiu.

Luiz refletiu por um momento, ele gostava da escola, ela era visivelmente falha, carecia de planejamento, talvez um pouco mais de interesse, se fosse o céu seria de fato só o início.

— Quer copiar a matéria? — perguntou, e Ana respondeu que não com um aceno impreciso. — Se passarem alguma coisa importante como trabalhos ou atividades avaliativas coloco seu nome, sorte que não estamos em semana de prova.

A menina não deu prosseguimento à conversa, nem desarmou a pose de desinteresse enraivado, o que desagradou a Luiz, deixando-o triste, ele não lidava bem com desentendimentos, chateava-se de forma que a última coisa que queria no momento era discutir.

— Está pensando no quê? — ele perguntou.

— Coisa minha — Ana devolveu, na verdade no momento não lhe passava nada pela mente, estava concentrada em esnobar o outro, para que aprendesse de uma vez a não se erguer contra ela, principalmente em público.

Luiz se inquietou e quando se irritava abria e fechava a mão seguidas vezes, Ana reparou e se sentiu bem, até fitou o garoto com olhos malvados, ora, se ele a magoou é válido que recebesse uma paga justa. Agora pronto, estava quase no ponto, logo poderia reassumir o fio da conversa de cabeça erguida.

— Ontem à noite pensei no rumo que pretendo dar para minha vida, quero conseguir transmitir, de alguma forma, mesmo que para um pequeno número de pessoas um pouco de conforto, sei lá alguma coisa nesse sentido — Luiz disse como se estivesse tudo bem.

E estava tudo bem? Ana se perguntou levando em conta o tom de voz

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

do outro. Não, não estava bem. Ela se respondeu. Eram parecidos, eram sim por dentro, ela pensou em contar que decidiu por hora o tema que pretendia dedicar a vida. Não é coincidência que tenham se encontrado quase que ao mesmo tempo? Claro que não.

— Tipo, um palhaço. — Ana sorriu. — É bem mais que paz ou inferno interior, o que tem dentro serve para fortalecer, eu não sou escrava dos sentimentos, sei lidar com eles, você deveria ser igual, questão de reconhecer e manusear, Luiz, pensa que não sei que é um garotinho fraco, facilmente atingível, qualquer um percebe, remói constantemente questões que estão abaixo de você, esqueça ou então vai perecer, o mundo se divide entre os fortes e vitoriosos, os fracos e perdedores e os animais irracionais — disse, sem desviar os olhos dos olhos do garoto.

E teve de se segurar para não gargalhar tamanha a estupidez de suas palavras, o outro era simplesmente uma das pessoas mais legais e belas que ela já conhecera, e depois pessoas são todas iguais, não existe essa besteira de diferenciação, quem discorde que aponte a exceção, ora, claro que se vive em selva e pela lei da natureza se sobressai os mais fortes, mas será que esses são realmente os melhores?

Só que agora estava repreendendo o amigo e, também devia ser óbvio para ele, a concepção de que ele podia lidar com o que havia a sua volta, pois certamente que o seu contexto não provinha de um acaso, é certo que colaboraria para a pessoa que se tornaria.

Terminada a fala, Luiz continuou a mirar a amiga por segundos, até se convencer de que seus ouvidos não o enganavam, abaixou as vistas ao mesmo tempo aquietou as mãos as estendendo sobre as pernas.

— Acredita mesmo nisso? — ele perguntou ela se armou com uma resposta, só que Luiz foi mais rápido. — Não importa, amanhã depois da aula eu volto. — Levantou-se e saiu.

A menina se sentiu triste, mas não tinha como dever passar a mão na cabeça de quem quer que fosse, ora, eles se conheciam há anos, se ele não sabia diferenciar uma verdade de uma não verdade, então talvez não servisse para compartilhar pensamentos.

Antes não, agora sim, só agora alcançou um certo pontinho, bem, nem chegava a ser um ponto, pensou na areia movediça quanto mais se mexe mais rápido afunda, quando está ruim a tendência é piorar, a menos que encontre um meio de superar. Se deu conta da estranheza de seu comportamento, agiu mal, não deveria ter sido ruim com o outro.

Com os outros.

Nesse momento teve vontade de brigar consigo mesma, como pôde, se já estudara a respeito, carecia de atenção, agora podia ser comparada a um remo que se esforça na direção programada. E no caso a direção era... Bem, lá estava ela pensando sandices novamente.

Luiz tinha um problema, que agora se agravou um pouco mais e em meio a suas questões, acabou por esquecer momentaneamente de sua pequenez, da insignificância de seus males e da essência do que o cercava, seu costureiro e bem-amado “olhar de perto”.

Dessa forma foi com desânimo que seguiu para casa, somente por ser incapaz de pensar em outro lugar para estar, se pudesse, se Ana não estivesse se comportando de maneira estranha, na verdade se a menina não fosse tão descontrolada, ele poderia passar o dia em sua casa, seria bom, conversariam, desenhariam e ele teria um pouco de paz.

O que era inimaginável dentro de sua própria residência, e só Deus sabe o quanto se sentia ruim por isso, eram sua família, sua mãe, seu pai e sua

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

irmã, deveria amá-los, desejar suas presenças e convivência, mas por que não podiam simplesmente agir como a maioria, sem brigas, agressões ou rancores?

E por que essas coisas o afetavam tanto? Desejava ser como Diana, ela não se importava, se bem que parecia que a irmã não se deixava atingir por nada, quanta frieza. Era isso, os amava e não podia simplesmente aceitar a realidade com seus traços depressivos.

Por outro lado, vinha se demonstrando incapaz de fazer algo a respeito, brigava com o pai, até se arrepiava ao lembrar de seus gritos, da escolha de palavras e da reação de Pedro, contava os minutos que passava em casa, não conseguia conversar com a mãe e nem com Diana, a senhorita frieza passiva. E agora brigou com Ana, o sinônimo de descontrole.

Talvez não tivesse ninguém.

Entrou em casa, não precisou destrancar a porta devido a tranquilidade de Lençóis, hoje Pedro não foi trabalhar pela manhã, já que só chegou em casa de manhã, quase no horário em que ele e a irmã saiam para a escola.

E como de costume pronunciou algumas palavras em tom excessivamente elevado, esmurrou a porta do quarto, vez que Sabrina sabiamente não o permitiu entrar, passados longos minutos se calou, quando Luiz saiu para a escola encontrou o pai deitado no sofá, dormindo. Homenzinho que exalava odor deprimente.

Agora ao entrar em casa, das duas uma ou o pai ainda estaria dormindo no sofá, ou já teria levantado soltado tudo que tinha a dizer, sempre as mesmas palavras sem nexos, talvez quebrasse o celular da mãe, ele sempre fazia isso e ela sempre comprava um novo, às vezes ele quebrava outros objetos como televisão, som, a mesa ou portas ao que nos dias seguintes fazia a reposição, outras vezes depois de beber ele somente se levantava no dia seguinte, lavava-se e seguia com seus afazeres como se nada tivesse

acontecido.

O que Luiz considerava sensato, já que o pai bebia praticamente toda semana. Todo mundo na cidade sabia, não que considerasse relevante o fato de a vizinhança conhecer seus problemas domésticos, já teve vezes que veio até à polícia na casa, em razão dos gritos excessivos, isso o envergonhava um pouco e também o irritava, o segundo sentimento sobrepondo ao primeiro.

Apesar de saber, não se tratava de um assunto tido por verdadeiramente relevante, era apenas que a condição da sua família gerava comentários esporádicos, e quando era criança olhares de consternação por parte dos vizinhos próximos e familiares, agora nem isso.

Pedro não estava mais no sofá quando Luiz entrou, ele olhou em volta, caminhou pela casa procurando pelo pai e os possíveis estragos, por fim não se deparou com nada de anormal.

Encontrou a mãe na cozinha tranquilamente preparando o almoço.

— Voltou cedo, achei que fosse passar o dia na casa da Laila — Sabrina comentou assim que o viu.

— Hoje não — ele respondeu em tom suave.

Sabrina sorriu, como se estivesse tudo bem — Vai querer suco ou não preciso fazer?

— A senhora que sabe.

Era isso que mais doía: a banalidade. Será que ninguém além dele reparava na insanidade daquela casa? Olhe para a mãe, ela não se importava mais, de outra forma não agiria naturalmente em meio ao caos.

Não, não poderia continuar em silêncio, tinha um dever, nada mais que responsabilidade dentro de casa, por essa razão se levantou, voltou a cozinha e sem demais pensamentos exclamou:

— Como você é capaz?

— Do quê?

— De se condenar a essa vidinha infeliz, mãe a gente não precisa disso.

— Não sei quanto a você, mas eu preciso me alimentar.

— Sabe do que estou falando.

— Não tem nada de errado com a nossa vida.

— Tem sim, podemos nos mudar dessa casa e viver diferente, a gente pode até mesmo sair de Lençóis, eu não gosto de viver assim, não gosto da banalidade aqui dentro e lá fora, parece que estamos todos mortos, isso é errado!

Não era sua intenção, mas ao dizer elevou o tom pronunciando as palavras de forma um tanto quanto agressiva.

Sabrina então abandonou o que estava fazendo e se voltou para o filho com irritação contida, não queria ser grossa, ela o compreendia, porém sentia cansaço.

— Você não é mais criança, entende muito bem como as coisas são, sabe que tudo que eu faço é para que vocês tenham um futuro decente e diferente do meu.

— Eu não preciso disso, quem precisa é você, mãe.

— Então quer discutir, quer tornar o clima nessa casa ainda mais pesado, tudo bem se acha que eu mereço isso, que seja, continue.

Luiz recuou, Sabrina quando se zangava ou se chateava tinha uma forma nostálgica e densa de pronunciar as palavras que o causavam tristeza, ele se comovia, então respirou e deu de costas, não tinha o direito de ser grosso ou ruim com a mãe, ela fazia o que podia, fazia o que achava ser o certo.

Voltou para a sala, onde se sentou no mesmo lugar que o pai passou a manhã, televisão desligada, mãos fechadas e respiração controlada, isso era

importante, saber se conter.

Permaneceu na mesma posição por minutos até se assegurar que tinha a si mesmo novamente sob controle.

Voltou a cozinha se desculpou com a mãe pelo mal comportamento e pediu que ela o chamasse quando o almoço estivesse pronto, Sabrina concordou, não prolongou a conversa, não demonstrou rancor, Sabrina era assim, Luiz a conhecia.

E foi justamente por isso que quando chegou ao quarto precisou se sentar e respirar novamente, recordou-se do olhar de perto e do quanto o mesmo pode ser doloroso, profundo e intenso, caramba o fato de entender leva a consequência do agir, o que não é sinônimo de conflito direto, revoltas infantis ou jogar o mesmo jogo, por assim dizer, é simplesmente ação.

Pronto, agora sim nada de sentimentos exacerbados, abriu a janela, é bom quando o sol entra e concede a proporção do real, faz bem, como uma espécie de contentamento e força interna, que sinceramente não era capaz de racionalizar, mesmo porque nem tudo carece de explicação.

Ele tinha um pensamento que se repetia há anos o qual até então não conseguiu pôr em prática adequadamente, mas agora com calma a ideia voltava, sempre assim, com persistência se vence, o pensamento que tinha se traduzia em respeito.

E ao verdadeiro conceito de tão preciosa palavra, já tinha pensado a respeito e mesmo discutido com Ana por vezes e vezes, ela sempre conseguia, independentemente de seus argumentos, chegar à conclusão de que respeito equivale apenas a permitir que o outro viva da maneira que o mesmo entende por correto, sem tentar tocar, sem interferir e o mais importante sem se tocar pela consequência, Diana concordava com Ana, mas ele não, a ideia que tinha por respeito era, a certa forma, o exato oposto, sentia que esse conceito se relacionava a comprometimento.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Nada mais que a forma correta de se relacionar com cada um, isso é compreensão, ser capaz de perceber e responder as diferenças, não devia mais enfrentar o pai, se deixar afetar e devolver com a mesma face, o certo era respirar e assumir o controle, o que embora fosse um pensamento simplório, na prática consegue se revelar complexo.

Tudo bem.

Estava sentado na mesinha, diga-se por dizer devidamente organizada, não que se importasse com tal detalhe, mas a mãe era neurótica, sobre a escrivaninha tinha um potinho com canetas e seus lápis para desenho, as folhas de papel *chamex* que utilizava para a produção do que classificava como produções avulsas, nada mais que os desenhos que não provinham de qualquer inspiração, nem chegavam a ser pensamentos como os de Ana, por isso os mantinha em separado.

O desenho que fazia frente era a representação em grafite do que entendia como quatro pessoas com traços indefinidos parados sobre as nuvens enquanto observavam a Terra, mais precisamente o Brasil, cada um com uma visão própria em tempos e momentos diferentes, o que foi bem difícil de retratar tamanha a limitação de sua arte, precisou se utilizar de conceitos como pequenos símbolos nos olhos dos personagens e a projeção do país.

Embaixo estava um desenho que retratava o arco-íris, que por sua vez não levava a nenhum pote de ouro, apenas a um prédio todo branco ordenado pelo verde, o que ele entendia como base.

Abaixo desse desenho havia um outro, nada mais que uma tenda amarela em meio a uma cidade que muito lembrava a borra de café ou uma fotografia antiga.

O quarto desenho retratava essa mesma tenda, só que posta na parte superior da página, pois da mesma saiam dez “raios” como ondas, mais

precisamente como partes de um mesmo raio fracionado que vinham em direção à Terra como um todo.

Quando estava para passar para o quinto desenho avulso, Sabrina o chamou, o almoço estava pronto.

Outra noite mal dormida, Ana considerava a ideia de relatar aos pais que sofria do que provavelmente poderia evoluir para um quadro de insônia, mas hoje possuía um motivo.

A discussão que tivera com os pais na noite anterior quando teve de contar sobre a suspensão e a briga. Laila por pouco não a agrediu fisicamente, principalmente porque a menina se recusou a olhá-la nos olhos ou responder suas perguntas.

A noite, Guilherme foi até o Virginia Woolf para assinar a suspensão, se não o fosse suficiente o informaram sobre o costumeiro péssimo comportamento da garota, o modo com que insistia em não prestar atenção nas aulas e a forma com que respondia aos professores nos raros momentos que a chamavam à atenção, por fim ficou decidido que Ana ficaria de castigo, uma semana sem eletrônicos, pelo menos não proibiram a televisão, sem informações surtaria.

Laila ligou para a mãe Beatriz e essa se dispôs a antecipar a visita que faria dali a duas semanas para falar com a neta, resumindo Ana protagonizou um verdadeiro *show*, que foi bem pago com três dias sem aula e a visita da avó, um preço justo, ela concluiu.

Só que algo mais lhe afligia e por mais que tentasse não conseguia precisar o que era e de onde vinha, foi quando lhe ocorreu que ficar em casa sozinha em dia de semana enquanto todos estavam nas escolas, no trabalho

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

ou produzindo não era bom.

Carecia de contato e informação, já considerou a ideia de que seu mal era possuir demasiada energia, já eram oito horas da manhã e ainda não havia pregado os olhos, se bem que dormir até altas horas é um pecado, na verdade a necessidade do sono por si é um pecado e ao mesmo tempo uma bênção, sonhar é bom, mas se conseguisse passar todas as noites produzindo, pensando, estudando, decifrando também seria benéfico, ao invés de perseguir o sono poderia aproveitar a noite.

Levantou-se a tempo de assistir o finalzinho do jornal da manhã.

Um bueiro explodiu no centro de São Paulo, uma ponte caiu, e os passageiros reclamavam dos aeroportos, principalmente do preço da comida, diziam que era alto, de sobre modo tendo em vista a recente democracia nos aeroportos, e quase não havia mais notícias sobre o vírus *Ebola*, uma doença terrível, e sim havia acabado o cessar-fogo na faixa de gaza, parecia que a economia nacional iria crescer menos que o esperado.

Ana desligou a televisão com raiva, o jornal esqueceu de mencionar uma série de assuntos relevantes, justo agora que estava sem acesso à *internet*. Que tédio.

Levou pouco mais de uma hora para organizar a casa de maneira bem desorganizada, só então com seus cadernos e lápis em mãos foi para o quartinho.

Por um momento observou as três telas produzidas no cursinho de pintura e uma posterior, todas em cores restritas: verde, azul, cinza, preto, vermelho e laranja, ora, não tinha como não admitir que eram infantis, tanto os traços quanto os pensamentos.

Em um desenho pintou a tela toda de cinza riscando na parte inferior um círculo branco, em outra dividiu a tela em um mosaico com pequenos quadradinhos tingindo cada qual com uma cor, todavia vez e outra as cores se

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

encontravam, no terceiro quadro retratou uma sociedade com casinhas iguais e cinzas, asfalto cinza, nuvens brancas e homenzinhos com suas vestimentas igualitárias e escuras. A última tela que pintara posteriormente ao curso continha o fundo negro, onde de um ponto específico derivava dezenas de linhas que seguiam tal qual um caracol somente para se reencontrarem em outro ponto específico, eram linhas de cor cinza.

Abriu a janela que dava para a rua e se permitiu acompanhar o movimento, nos termos artísticos é bom sentir o mundo para representá-lo, e, é claro, agora que se decidiu por estudar o homem em suas relações e engrenagens, precisaria se dedicar com um pouco mais de afinco ao estudo. Pensou com os olhos na quarta tela e um sorrisinho maroto.

De qualquer forma a verdade é que seria insano, caso mergulhasse para valer poderia facilmente acabar como uma naufraga na praia da loucura, furam-se os copos e escorre parte do líquido, de qualquer maneira fracassando ou não resultaria em crescimento pessoal.

Pois pise fora, ouse sair da linha que já era. É sério, vigilância vinte e quatro horas por dia todos os dias. Sentada na cama com a atenção no movimento Ana pensava na justiça ou talvez na lógica do que a cercava, porque sim havia uma lógica, um ritmo, ou padrão e era justo, deveria ser.

Agora mesmo com todos os acontecimentos simultâneos, o aglomerado de almas pulsantes que constituem e mantêm a realidade, choro e riso, dor, queda, conquista e claro os clamores que a levavam até os grandes nomes, porque se não são eles os principais meios de transporte para seguir em frente de uma forma ou de outra.

Uma lástima na opinião da menina, como se pode esperar progredir respirando a expiração de outros? E como clamar por justiça vivendo em um sistema teoricamente reto? No natal passado sua avó lhe presenteou com dois livros novinhos, eram bibliografias e, bem, aprende-se muito com elas, tanto

quanto se aprende com os livros de história e se misturar então o resultado é interessante.

Ana quando olhava para trás através da leitura enxergava com clareza os elementos que culminaram no presente, que está longe de ser o resultado final, daí que era fácil, só precisava analisar com calma, o problema era que não possuía calma, o que era um mal.

Um ponto que reparou vendo o passado, foi o que apelidou por ondas que se apresentam de tempos em tempos de forma natural ou não e que envolve, normalmente essas ondas possuem um objetivo que nem sempre se realiza, havia vezes que o fim era justamente o contrário do que se pretendia, isso sem contar os lampejos anteriores e, às vezes, posteriores, mas o fato é que o mundo se modifica, o que por sua vez resulta de outra modificação e ainda outra, bastante racional a história.

Que costuma ter como protagonistas os que chamava de grandes nomes, normalmente pessoas absorvidas pela onda do momento, isso é, pelo pensamento, ideologia, desejos, vontades nada mais que programação. Ora, “não tem tu, vai tu mesmo”, como peças, malditos bonequinhos.

Talvez não devesse ser assim; o tudo bem e a espera, o que é complicado, bem complicado basta olhar em volta para perceber o quanto é complexo, importante era que possuía bagagem, conteúdo, aquelas pastinhas que esperavam para serem acessadas.

O ponto era que Ana, como seus próximos não acessava a gama de informações que estava a sua disposição, clamando por atenção, interpretação e integridade.

Garota terrível você, Ana, que perde tempo com teorias aéreas, no lugar de realmente mergulhar como é preciso, mas como é que se mergulha de verdade sem se fechar para o resto? Também não pode se sustentar em uma discussão literária quando só leu a sinopse.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Chega de delírios, Ana abriu o caderno e deu início a prática, seguindo o senso, como vinha praticando todos os dias, era improvável que sua arte não evoluísse até um nível aceitável e o resultado fosse outro que não o êxito... Bem, necessitava que assim o fosse.

Dessa vez demorou, foram quase três horas para concluir o desenho e não apreciou a imagem, vez que sequer conseguia compreender, ora, deveria parar com isso de desenho livre, afinal qual a razão de seguir um impulso ou um sentimento quando a alternativa é a concepção.

Desenhou a visão de o interior de uma cela, as grades, as mãos e o olhar.

Desenho esse, no mínimo, indecoroso, e o tédio, maldito tédio, não podia utilizar os eletrônicos, não estava com vontade de ler, porque sim, a leitura é um exercício que não se deve impor.

Que raiva do castigo, o que será que se passa pela cabeça de uma pessoa para achar que pode educar ou ensinar uma lição para outra com chantagem ou tirando seus objetos básicos de sobrevivência, comportamento irracional, isso sim, ao menos era o que Ana pensava.

É isso, não precisava obedecer, estava em casa mesmo e sozinha, não tinha ninguém por perto, a conclusão acertada foi ir até ao quarto dos pais e apanhar seus objetos de volta: telefone, computador, *tablet*, mas não havia de imaginar que a mãe, danada que era guardou os eletrônicos justo na gaveta com chave, e tudo só por causa da briga com a Ludmila e seu descontrole próprio.

Ah, ninguém merece — pensou Ana.

Por outro lado, ninguém disse que precisava ficar em casa o dia todo,
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

assim apanhou sua mochila vermelha, seus caderninhos; o de desenho e o de anotações, canetas e lápis. Saiu em direção à biblioteca, comeria churros e depois talvez visitasse a tia Nair.

A biblioteca municipal de Lençóis não fugia à regra, isso é, não escapava aos padrões simplórios da cidadezinha, era apenas um pequeno prédio tingido de azul com meia dúzia de estantes entupidas por livros velhos, bem diferente da biblioteca do Virgínia Woolf, é sério, por alguma razão a cada seis meses chegavam livros novos na escola.

De qualquer forma era na biblioteca municipal que ela encontrava seus pequenos tesouros, como os clássicos da literatura que a permitiam estar em outros tempos e ambientes e, os tão preciosos livros de sociologia, história, religião, filosofia e política.

Daí que depois quando terminasse o colégio e iniciasse seu curso de sociologia, talvez filosofia ou quem sabe arquitetura, já teria alguma bagagem, além disso tudo, era apenas insuportável passar o tempo sem distrações.

A bibliotecária se chamava Amanda, mulher de meia-idade, um pouco acima do peso e extremamente agradável, lembrava a chá de cidreira, Ana não compreendia como era possível existir uma pessoa daquele jeito, sempre sorridente, educada, atenciosa, mesmo quando só por brincadeira Ana a provocava pedindo para encontrar determinado livro propositalmente escondido, isso para testar até onde prevalecia o temperamento de Amanda. De fato, ela nunca havia sido desagradável com nossa amiga pentelha.

— Boa tarde, Ana — disparou a bibliotecária assim que a menina entrou.

— Dentro do possível, acredita que mamãe tomou todas as minhas janelas, todas elas e trancou na gaveta com chave, não tenho telefone, nem computador, nada — respondeu Ana com sua indignação, colocando o livro

“A república” sobre a mesa.

— Você deve ter feito alguma coisa.

— É sempre assim, a Ana fez isso ou aquilo, como se eu fosse uma garota ruim, eu não sou assim.

— O que sei é que você é muito da arteira.

— Posso ser, mas é que Lençóis é uma cidade muito pequena em vários aspectos.

— Gostou do livro?

— Adorei, é sensível e astuto, foi escrito há muito tempo, mas continua sensível. Como pode algo tão antigo ainda se aplicar a nossa condição enquanto viventes? Amanda, eu falo muita besteira?

Amanda sorriu ao deixar o livro sobre a pilha de livros devolvidos nos últimos dias, ela com seu jeito delicado de se mover e sua voz acolhedora, disse:

— Não sei, diga-me você.

Ana pensou por um tempinho, mas a resposta era óbvia:

— É o que eu sinto e penso, acho que é assim com todo mundo.

— Então, isso é bobo?

A menina não respondeu, apenas deu de costas, deixando Amanda com sua leitura do momento, chamava-se “50 Tons mais escuros”, o silêncio se explicava pelo fato de que não estava totalmente certa, ora, eram tantas camadas, tanta sujeira que ficava difícil separar tudo e colocar, ou melhor, ter a pretensão de colocar tudo em seu devido lugar, todas as tonalidades, tendências, cores e frequências, como conciliá-los em um pensamento ou sentença? Não sabia, sequer imaginava.

E agora precisava de um outro passatempo, algo diferente, talvez literatura, embora verdade fosse que tirando um ou outro estilo literário, Ana

não era especificamente amante dessa forma de arte.

De qualquer maneira o fato era que precisava de distração, encontrou um livro interessante, ao menos parecia, não era muito extenso, chamava-se “Cartas a Théo”, uma não ficção, isso era bom, o que talvez não fosse assim tão bom era esse seu apego pela vida alheia. E ainda criticava os colegas de escola, os familiares e vizinhos pelo alto interesse no dia a dia do próximo, ela era igual, só que sem falácias.

Ai, ai, Ana quando é que vai começar a assumir sua própria contradição — pensou, enquanto se sentava em uma das mesinhas de madeira da biblioteca com o pequeno livrinho em mãos.

E não é verdade que é os menores frascos que trazem os melhores perfumes, isso ou algo do tipo, texto interessante, incrível o costume de antigamente de trocar cartas, em uma palavra, poético, além do que a construção das palavras a fascinava, diferente dos textos produzidos atualmente, não melhor ou pior, apenas diferente, também o que podia esperar são outros tempos.

De qualquer forma o fato permanece: não dá para classificar nem ontem, nem hoje e muito menos amanhã esse artista por louco, a não ser que se inverta completamente a noção de sanidade e insanidade. Quanta dedicação a arte. Admirável.

Aliás, a inversão dos valores e o próprio bem-estar é um fato digno de atenção, porque existe a regra que se equivale ao concebido, apenas o que se observa ao andar por aí, e um dos pilares para o real é a valoração, a regra verdadeiramente invertida de ponta cabeça, também não pode julgar, vez que pensamentos são complexos, a mente é um labirinto, ou não é o que dizem? Agora vá você contextualizar esse pensamento sem receber em troca enxurradas de críticas e pedras.

E outra, como é possível atacar o que se é? Sim, pois não se comenta a

pura insanidade são. Tão lastimável, ou não, ora pensa-se eu quero isso e aquilo, luto em seu nome enquanto te estrangulo e o mutilo parte por parte, vá lá agora me conceda uma estrelinha. E eis a questão, será que é mesmo assim ou será que é literalmente consciente?

A formação dos padrões e valores e a sua manutenção ao longo dos tempos em transformações primárias não acontece ao acaso, muito pelo contrário, percebe que é justamente a isso que se dá o nome de fragmentação, como uma grande e aberta perniciososa. Ana queria saber a razão deste conceito lhe vir sempre à mente, é só uma palavra. Perniciososa. Perniciososa...

Ainda não havia terminado a leitura e era quase cinco horas, que era o horário em que Amanda fechava a biblioteca, a mulher era pontual, às vezes até pontual demais, se é que entendem.

Poderia terminar sua leitura durante a noite em casa ou no dia seguinte, teria um longo final de semana pela frente, já tinha cumprido dois dias de suspensão, então logo retornaria ao castigo diário.

Estavam discutindo a reforma do ensino médio, três matérias obrigatórias, português, matemática e inglês. Seria bom, poderia preencher o restante com artes, história, filosofia, geografia, espanhol, literatura e nada de educação física, valha Deus, que matéria desagradável, imagina ela em uma aula verdadeira de esporte, seria seu fim, era boa na natação, jogo de dama, xadrez, uno e só.

— Vou levar esse — disse, lançando o livrinho sobre a mesa.

E não é que Amanda continuava com a leitura, devia ser um texto interessante que teve de abandonar momentaneamente para anotar na ficha com caneta preta o mais novo empréstimo da menina.

— Amanda, qual seu conceito de sanidade e insanidade?

A mulher parou, pensou por um momento, nada demais com a pergunta, o que pesava era ouvir assim do nada, então que não soube o que

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

dizer, já deveria ter se acostumado.

— Ah, não sei, é relativo, mas acho que um seja senhor de si enquanto o outro não.

— Precisão, Amanda, fale-me algo que não saiba, seja exata, qual o ponto específico? Vamos, diga-me o que não sei, não é difícil. Diga o ponto específico que separa uma pessoa considerada lúcida de uma não lúcida. Seria encaixar-se nos padrões estabelecidos? Então seriam os doidos os que conseguem verdadeiramente fugir à regra? E outra, você não concorda que existem *N* formas de loucura?

— Você deveria falar com um profissional, converse com sua mãe.

— Já falei e ela não sabe, fica dizendo coisas técnicas, o mesmo tipo de coisa que leio na internet, só que eu preciso de precisão.

Depois disso abandonou a biblioteca, um dia ainda iria até a prefeitura danar com o prefeito por sua escassa atenção para com o essencial, o lugar não passava de uma casa velha e malcuidada, devia e podia ser muito mais que isso, ora, que desrespeito.

Imaginava um prédio com dois ou três andares no mínimo, livros variados sobre variados assuntos, grupos de discussão, debates, intercâmbios e claro, essa sua biblioteca idealizada haveria de funcionar vinte e quatro horas por dia sete dias por semana.

O legal era que em frente à biblioteca existia uma praça, verdade seja dita uma das muitas de Lençóis, contornando-a além de seu refúgio maltrapilha, estava a igreja dos tempos antigos com a escadaria, portas de madeira e janelas enfeitadas, os turistas visitavam, havia um hotel de aparência tão antiga quanto a igreja, alguns restaurantes, sorveterias e as muitas lojinhas de bugigangas locais, artesanato, conserva ou roupas, nada de relevante.

Tudo que saltava aos seus olhos era a barraquinha de churros do seu
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

José, pediu um de doce de leite e um de chocolate, ambos deliciosos e devidamente cobertos por açúcar e canela.

Ana gostava do seu José, era um sujeito interessante, todos os dias até mesmo nos finais de semana ele estava ali com os seus cabelinhos escassos, as vestes simplórias, barba por fazer, os dentinhos faltando e lábia de dar inveja, claro que só discutia temas superficiais, parecia um alguém quase caricato, tanto que a pequena até suspeitava que o homem interpretava, só que não.

— E aí menina, você conseguiu copiar o trabalho.

— Como?

— Os meninos passaram aqui esses dias, comentaram sobre seu bolo, ficaram aí na biblioteca a tarde toda.

— Eu esqueci completamente. Quero outro de chocolate.

— E eu que esse mês esqueci de pagar a conta de luz de novo, aí cortaram, cheguei em casa estava tudo escuro e a casa dos vizinhos acesa, só no dia seguinte pra resolver.

— Você tem que se organizar, faça como eu, mantenha uma agenda.

— E a sua mãe já se decidiu que dia que vai me ensinar a receita do rocambole?

— Sei lá de rocambole.

A displicência no raciocínio e na forma de se portar talvez fosse a maior característica de José, um ponto positivo ela pensava, contudo os outros não viam dessa forma, tanto é que o pessoal da cidade comentava um monte de maledicências a respeito do homem, sandices de fato, vez que estava perante um alguém espontâneo, verdadeiro e simples.

— Aqui o dinheiro, acho que agora vou visitar a tia Nair. Tem visto ela?

Foram três, então lhe custaram exatos nove reais, oh, um lembrete mental, um dia iria comprar uma máquina de churros, melhor dizendo, uma forma.

— Não esses dias, mas manda um oi para ela.

Tia Nair foi quem lecionou para Ana e os gêmeos na primeira e segunda série, depois que ela pulou a pré-escola por recomendação da tia Fabiana e, de fato poucas vezes se sentiu tão entusiasmada quanto.

Só que não foi como imaginou a princípio, longe disso, recordava-se da primeira série em tons assustadores, os ditados, as crianças maiores e desconhecidas, suas estúpidas crises de choro quando não conseguia resolver as atividades adequadamente, que se não fosse pela paciência e delicadeza da tia Nair e a proximidade com os filhos da tia Sabrina, ela não sabia o que teria acontecido.

E além disso a tia era muito foda, toda semana em dia específico que Ana não recordava qual, ela apanhava um livrinho e lia para toda turma, ela levava a turma para a biblioteca e Ana sempre escolhia livros com muitos desenhos e páginas grossas, foi por isso que começou a ler, pela tia Nair e também pela vovó Beatriz, e o mais incrível era que quando não conseguia resolver seus complexos exercícios de primeira série sozinha, a tia se sentava ao lado e explicava quantas vezes fosse preciso até que ela com sua lerteza entendesse.

Sendo quase vizinhas, tudo que separava suas casas eram três quadras, então não iria de fato, apenas passaria.

É bom andar à tarde, o sol começa a se recolher, um prelúdio da trégua, mas então resta o suor e o ardor nos ombros; nossa, tinha a pele muito

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

sensível. Pronto lá estava a casa da tia que era bastante parecida com sua própria residência.

Nair jogava xadrez muito bem, e na última visita lhe mostrou algumas fotos suas da época da juventude, talvez hoje a revelasse um pouco mais de seu passado, a tia vivia sozinha, pois não teve filhos, tão pouco se casou.

Deu uma única batida na porta da casa da tia, pois, segundo pensava, não era educado chegar sem ser convidada ou sem se anunciar, mas não era culpa dela se a mãe havia confiscado suas janelas.

Como esperava, a tia a atendeu prontamente, com seu vestido largo e colorido, cabelinhos curtos e expressão e olhos severos que enganavam aos desavisados, bem o oposto de Ana, ou era o que ela pensava, pois sim eu pergunto a você que me acompanha, será que esses detalhes mínimos de fisionomia de um alguém são realmente detalhes, ou será que se trata de fato de expressão?

— Oi tia, pensei em você e não tinha nada para fazer — disse ao passar por Nair e entrar sem ser convidada, dirigiu-se para cozinha, pois tinha sede, Nair a acompanhou.

— E só por isso veio — a tia murmurou. — Também pensei em você, mocinha, soube do seu comportamento na escola.

Ana estava para reclamar em um de seus comentários pouco produtivos sobre a velocidade que as notícias se espalhavam na cidade, contudo se conteve ao chegar na cozinha e encontrar Diana sentada à mesa com sua grande sombrinha pendurada de um lado da cadeira e a mochila do outro.

Essa não apreciou a chegada da amiga, o que Ana percebeu pela expressão facial e a leve onda de descontentamento que se espalhou pelo ambiente. E que seja, se Diana era louca, problema dela, ora, elas eram amigas e como tal pela lógica sua presença devia ser sinônimo de satisfação.

Abriu a geladeira apanhou uma garrafa de água.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Por isso e para conversar com a senhora, e também a gente bem que podia jogar dama ou xadrez, ninguém tem paciência de jogar comigo, e ela está fazendo o que aqui?

— Diana veio me mostrar o texto dela, para que eu leia e comente — Nair respondeu com naturalidade.

O que fez as bochechas de Diana avermelharem, porque Ana não sabia sobre o texto, então que provavelmente comentaria com a tia Laila e essa provavelmente passaria a notícia para Sabrina.

— Ela escreve o quê?

— Não entendi muito bem, quando você chegou ela estava explicando o pensamento, mas não é uma ideia ruim, você só tem que saber passar de forma clara, já pelo contrário não funciona.

— Eu uso liberdade poética, então, tia, quando ler não precisa se preocupar em excesso com enredo, a ordem de construção ou mesmo o sentido literal, não sou do tipo que lê palavras, eu leio o sentido e é assim que escrevo. Só liberdade poética e distorções moderadas — Diana finalmente se manifestou, não aprovava a atitude das outras, ela estava presente e ela tinha nome, sabia falar por si mesma ao contrário do que provavelmente pensavam.

— Que interessante, Diana, às vezes eu acho que meus desenhos são a coisa mais importante que eu tenho, porque são, dentro do possível, verdadeiros comigo mesma, é bom que você tenha sua válvula de escape.

— A escrita não é assim, não é fuga, bem pelo contrário e também não é algo prazeroso, é difícil e não oferece satisfação nem na preparação e pelo que imagino tão pouco no passar adiante. Se alguém considera interessante eu realmente não sei o que dizer sobre essa pessoa.

— Então você não sabe o que é arte e tão pouco o que é viver — Ana soltou, e por pouco não levou uma das mãos a boca em arrependimento, percebeu que foi rude e não era a intenção, por outro lado tudo que Diana fez

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

foi altear as sobrancelhas e desviar a atenção.

— Ela quis dizer que para ela a arte não é passatempo, é algo importante que deve ser produzido de forma consciente, não é Diana?

— É sim — disse Diana exibindo expressão séria, mantendo os olhos baixos, deixando claro que a presença da amiga não a agradava.

E Ana se inquietou, não conseguia entender a amiga, quando criança Diana era leve e próxima, só que conforme os anos foram passando a menina se transformou em uma pessoa fechada, distante e pouco verdadeira, como um personagem constante, o qual ela não conseguia se aproximar, por mais que tentasse.

Podia ser pela timidez da outra, embora no fundo pensasse que não fosse de fato tímida, já que quando queria Diana sabia se expressar muito bem, além do mais junto dos modos contidos da outra, Ana percebia certo amargor direcionado contra tudo e todos, só não sabia se esse sentimento era verdadeiro ou se entregava a roupa social da amiga, seja como fosse a densidade permanecia.

— Tanto faz, quero falar sobre assuntos leves, divertidos, vamos jogar xadrez? E enquanto isso a tia podia me contar mais sobre sua juventude. — Ana sorriu.

— Já falei que você não pode andar por aí com esse tipo de pergunta, é evasivo de forma desagradável, conversamos sobre assuntos do dia a dia, sobre assuntos pessoais e não interrogando as pessoas diretamente — foi Diana quem disse em seu tom apressado, moderado e ainda assim repressivo, como se Ana tivesse feito algo errado, melhor dizendo, como se em si ela fosse um incômodo.

Ao ouvir, Ana apenas respirou, terminou seu copo de água e se levantou, não queria se estressar e de fato não precisava permanecer onde não era bem-vinda.

— Não precisa ir, nós podemos brincar e conversar — foi a reação da tia, mas ela não era a única presente.

— Tudo bem, não quero chegar em casa depois da mamãe.

Sempre considerou engraçado a previsibilidade humana, nada de erros, nenhuma vez, desde que se mantenha os sentidos apurados e mapeie, é estranho utilizar essa palavra, mas era isso mesmo, o que não a agradasse, também teria de ser insano, altamente insensato para gostar, mas se trata de um fato, ao qual não resta o que possa ser feito.

O “não erro” era seu pequeno segredo, nada mais que observação aplicada, consistia em analisar os próximos, pelo menos aqueles que se revelassem minimamente interessantes, quesitos como padrão, raciocínio, reação, tempo e então se comportar adequadamente a fim a reação esperada, ou só por brincadeira, tinha tudo anotado em um de seus cadernos, claro que poderia guardar na cabeça, mas não conseguia se controlar, senso estranho de organizar, esquematizar e racionalizar ao seu modo nada racional ou organizado.

Diana agora voltava para casa, e tia Nair ficou de ler sua pequena produção, somente um texto infantil e inacabado chamado “Ping Bing Bam”, o qual muito a envergonhava, sentia que precisava se aprofundar e aprender um pouco mais sobre conceitos.

De que adianta saber que estão por aí e que pertencem se não visualiza adequadamente, esse pensamento a irritava profundamente, sistema deprimente, se tivesse os livros certos a sua disposição e pessoas adequadas com certeza facilitaria, mas que seja, passo a passo chega-se a algum lugar, da forma que for possível, quando for e se for.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

É verdade, reclamar da insanidade e do cenário equivale a própria insanidade, não era quem era ou estava onde estava por acaso, era verdade, tudo funciona por padrões, desde a mais simples concepção a mais complexa, isso chama-se ordem, e como tal nada de coincidência, claro que desconhecia o funcionamento, um dia haveria de o alcançar, só precisava se manter e utilizar adequadamente o pouco que possuía, por mais que, por vezes, como agora se sentisse estúpida.

Como se estivesse muito distante e não fosse legítimo ou alcançável, ou como se não pertencesse a mais ninguém. O que não era verdade, ao menos, não era o que o mundo lhe assoprava através de seu respirar, ah, esse era outro ponto, precisava parar de raciocinar e o mais importante, parar de se comunicar dessa maneira figurada, carecia de objetividade.

Nossa, como era contraditória, vá entender.

Pronto, acaba de entrar em casa.

E compreendia perfeitamente bem o desejo de Pedro em se ausentar em bares, o apreço de Sabrina pela rua e a rebeldia covarde de Luiz, deve-se ao peso do ambiente, consequência da colaboração de cada um de seus moradores em proporção equivalente, fato ruim de se ouvir, contudo um fato.

Pessoas em essência, independente de quem sejam ou onde estejam têm poder, verdadeiro poder.

O que Diana não sabia era se tinham, no geral, noção da força própria, mas não fazia diferença a consequência estava ali, e se pensa na maioria, porque a força própria não é mistério nem agora e nem antes, nem isso e tão pouco os consideráveis pontos que a precediam.

Tudo igual, como sempre e, vai mudar? É perfeitamente possível, porém improvável, não apresenta sinais, indícios ou nada do tipo, pode bater, contorcer e explodir os malditos portões que permanecerá o prisma do aprimoramento.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Não que não os amasse e os considerassem, bem pelo contrário, mas eram o que eram e ponto, no momento nada mais, pelo menos, perante à conclusão que tinha aceito, pois alguém acaso possui ideias próprias nesse bendito mundo?

Os outros criam tanto caso por conta de convenções, Diana sinceramente não entendia, melhor dizendo até compreendia, só não concordava, é preciso que pense de tal maneira e se molde de outra tal, sem esquecer do convencional, tudo isso devidamente virado de ponta cabeça, ora, é insano, o mundo em si com suas organizações, conceitos e regras, e ela própria uma adolescente apresentando as características da época, revolta, sensação de pertencimento e recusa para com o mesmo, desejo pelo novo e apego ao estabelecido, Deus, por que ninguém foge à regra?

Como Sabrina, agora sentada em frente à televisão na companhia de Isabela e Natalina, duas vizinhas, antes elas costumavam passar o tempo na porta de casa, mas então a prefeitura, por alguma razão, considerou interessante podar as árvores, talvez quisesse que a temperatura subisse um pouco mais, ora, cada coisa.

— Então como estava a dona Nair? — Sabrina interrompeu a conversa assim que ela entrou.

— Está bem e mandou lembranças.

— Então menina, sua mãe me disse que está indo muito bem na escola, coisa boa de ouvir, parabéns. — Isabela era uma senhorinha igual a tia Nair, só que não tão amigável e confiável quanto, todo mundo sabia, Sabrina não cansava de comentar sobre a fraqueza da vizinha ante a maledicência, mas não fazia diferença, conversar é bom, a mulher era simpática e conseguia se fazer próxima com facilidade invejável.

— É preciso quando se quer uma boa nota no ENEM — foi obrigada a dizer, conversas são tão engraçadas, quase tanto quanto as feições forçadas de

Isabela e o desinteresse de Natalina, provavelmente a primeira responderia com tons de descrédito ou afirmações com aparência positiva e intenção velada, o que dava no mesmo.

— Não disse, ela quer ser médica, para se especializar em qual área mesmo?

— Psiquiatria.

— É, uma coisa é querer outra é conseguir, medicina é muito difícil, as coisas na vida não são tão fáceis quanto a gente deseja — olha o que a mulher teve coragem de dizer isso dentro da sua própria casa, Diana quase não acreditou no que ouviu, era muita petulância, já estava para responder quando sua mãe tomou frente.

— Isso é, sempre falo que não se pode ir com muita expectativa, se não conseguir de primeira vai no que der e depois tenta de novo, além do mais agora que ela está no primeiro ano, ainda tem tempo.

— Por isso espero contar com a sorte, além de fazer minha parte.

Isabela então sorriu e ela devolveu, ora, se não era uma adolescente no sentido exato da palavra, Sabrina desconsiderou e a conversa prosseguiu, Diana acompanhou.

Como não poderia, se muito a agradava estar presente, quase como uma espécie de vício, analisar, observar e ouvir, há quem desconheça o motivo de possuímos dois ouvidos e só uma boca e, mesmo se assim não fosse se ganha muito mais recebendo que despejando.

Quando a conversa murchou e as amigas resolveram regressar as suas residências já era noite, Pedro deveria estar quase voltando, o que significava que chegava o momento de Sabrina se preparar para a academia, vinha querendo ganhar um pouco de massa, principalmente nas pernas e também definir o abdômen, o que era difícil, vez que Sabrina era por natureza muito magra.

— Então, olha só, eu comprei queijo, também tem tomate, alface tudo fresquinho, se eu demorar a chegar faz alguma coisa para você e para o seu irmão, mas nada pesado, vou preparar a janta quando voltar — foram as palavras pronunciadas por Sabrina antes de sair de casa, ela que dizia praticamente a mesma coisa todos os dias, tanto é que Diana já havia decorado até mesmo os espaçamentos entre uma palavra e outra. — E faz ele sair daquele quarto um pouco, não sei como consegue, hoje passou o dia todo trancado.

— Se é o que ele quer o que eu posso fazer?

— Ah, Diana, vá lá e converse. Agora já vou, até daqui a pouco e não esqueça que vou fazer a janta.

Finalmente, apanhou a sombrinha e a mochila e foi para o quarto, lavou-se porque era complicado viver em Lençóis, cidadezinha tremendamente quente, nem tinham ventiladores ou ar condicionado em casa, poderiam ter, mas Pedro considerava desnecessário, uma futilidade que aumentaria consideravelmente o preço da conta de luz.

Maravilhoso o silêncio da mesma forma que a solidão, que era de fato ilusória, vez que se vive em comunidade, cama de gato, à tal modo que imaginar o isolamento na mais remota das hipóteses não se traduz em concepção verídica.

De qualquer forma se levantou, não custava nada ficar em paz consigo mesma e atender ao pedido de Sabrina, foi estar com Luiz, não pensou em bater à porta, seria muito estranho se assim o fosse, chatice esse tipinho que anda por aí com seus modos formais, nada a ver, nem em casa e muito menos fora, pois vá lá você tentar apresentar o desconhecido. Ora, ela era tão

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

contraditória, pois no dia a dia se apresentava como o mais formal dos seres.

Outro detalhe interessante a respeito de si mesma e não totalmente próprio, que não sabia como classificar-se como natural, inerente ao que se é, em outras palavras, ao humano, ou um mísero defeito, era a pequenez, visualize vários círculos de diferentes proporções convivendo em simultâneo no interior de um outro círculo, é claro que se colidem, o seu como todos os outros era pequenino, reduzido à tal modo que mal conseguia se mover, a pequena casa na cidadezinha desconhecida localizada num país dormente em tempo morno, há de se classificar o presente momento como nenhum pouco nostálgico, antes disso se observa o vazio frio e operante, como se houvesse uma regra que a obrigasse a fatiar os momentos igual a uma *pizza*, grande tolice cujo culpado não era outro senão sua própria visão limitada.

Nada demais, das duas, uma; ou resolveria seu pequeno probleminha ou morreria tentando.

Começava o anoitecer, por isso acendeu a luz ao entrar, nada contra o escuro, pelo contrário, só era estranho conversar sem o conforto oferecido pelo contorno e também a luz e as formas que si impõem a qualquer espécie de relação à camuflagem do real, impositiva e incontestável, isso porque as verdadeiras conversas e encontros independem de troca de palavras, proximidade física ou mesmo consciência, por outro lado querendo ou não o real pesa.

Encontrou o irmão deitado na cama de barriga para cima e seus fones, vai saber de onde essa geração tirou essa mania desagradável do apreço à poluição sonora, de vez em quando tudo bem, mas se é sempre cansa a mente, ou talvez não, porque...

— O que está fazendo aqui? — Ele alteou a cabeça, contudo não se moveu, assim Diana pediu com um gesto de mãos para que cedesse espaço, pedido atendido, ela se sentou.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Vim conversar, uai, não parece óbvio? A tia perguntou por você e a Ana também foi lá, então eu disse para a tia que qualquer dia você irá visitá-la, e ela também concorda que eu faça o ENEM esse ano, como um teste, então o ano que vem se eu conseguir uma boa nota nem preciso concluir o colégio, vai tentar também né?

— Já disse que não, tenho é que conseguir um trabalho, têm muitas pessoas com a minha idade que já trabalham, estava pensando de sair por aí na semana que vem e procurar alguma coisa de meio período, qualquer coisa que possibilite um pouco de liberdade, às vezes acho que o pai se irrita por ser o único a contribuir com as despesas da casa.

— Não é pessoal, Luiz, é só o jeito dele, sabe a mente, ele continuaria sendo o que é mesmo se o contorno fosse outro, ele, a Sabrina e nós, tudo igual, só que com outra pintura.

— Ele se sente frustrado, chateado porque a gente não age como ele acha que é correto, agora mesmo a mãe já deve ter saído, não é? Mas custava ela ir um pouco mais cedo, tipo, para estar em casa antes de ele chegar?

— E por que ele não pode ceder, aprender a conviver com as diferenças? Nem sempre temos nossos desejos atendidos, os dois se equivalem, uma vez sua avó me disse que o relacionamento deles sempre foi conturbado.

— Tanto faz, isso não importa muito, tem todo o resto.

— Que resto?

— Tudo que pode parecer besteira mas é muito, claro que é fácil dizer que não interessa, que não me diz respeito, o que seria uma mentira, por outro lado não convém atribuir tanto valor próprio e nem fazer pouco caso dos demais, repara, isso parece pequeno, insignificante e habitual quando na verdade é o que se é, repara na desproporção e na confusão entre o grandioso e o medíocre? Essa é uma questão e das sérias, todas as pequenas coisas, as

pequenas escolhas e a direção, fico triste por não ter nada que possamos fazer a respeito.

— Liberdade, todo mundo é igualmente senhor de si, e então entra o respeito que é saber conviver, aceitar e entender, não interessa os outros, cada um faz o que quer e convive com o resultado, é que não consigo desassociar a liberdade da justiça, está aí um tema considerável para um texto, nossa, seria bom se tivesse ânimo para dar forma a todas as ideias soltas.

— Por que não me deixa ler o que você escreve?

— Ainda não está pronto — ia dizendo quando ouviu o som do carro e logo depois a porta se abrindo, era Pedro que chegava e mais cedo que de costume, Diana o desconsiderou ao continuar com a conversa. — Quando estiver pronto eu mostro.

— Pareceu a você que a Ana está com raiva de mim? Estou sem jeito de voltar a conversar, da última vez ela me tratou mal.

— Parece que não, mas se tiver também não deve durar muito, vocês já brigaram muitas vezes. Agora... Não sei o que passou pela sua cabeça para defender a Ludmila, não vale a pena, acredite em mim, ela não faria o mesmo por você.

— Ludmila tem muitos pontos legais, aquela pose toda é só infantilidade e o comportamento de autodefesa.

Diana então respirou e se calou, não queria discutir, nunca apreciou discussões, pois eram desnecessárias, bastava apenas dizer o que convinha ou o que o outro desejava ouvir, mesmo porque não podia classificar suas verdades como mais ou menos certas que as outras verdades, e o mais importante, pessoas não são convencidas verdadeiramente, elas se convencem.

— Não sei, não converso com ela, mas deve ser — comentou por fim com um riso discreto.

Ao chegar não teve coragem de entrar, não por alguma razão específica, era apenas que a velha casa azul com portas e janelas brancas continuava trancada, igual ela deixou horas antes, o que significava que os pais ainda não haviam chegado

Visualizava sua tiara vermelha sobre o sofá, a jarra d'água na mesa, tudo igual, cansativo, vazio e nostálgico, a casa a irritava às vezes, não por razões que conseguisse explicar de forma racional ou irracional, só chateava.

Poderia esperar a mãe ali na rua, valendo-se do ventinho fresco do fim de tarde, devidamente ressaltado pela mangueira que cresceu bem em frente à sua casa, ao lado de um pequeno e velho banquinho de madeira. Ana retirou a mochila e deitou no banco com as pernas apoiadas na árvore e a cabeça sobre mochila, como se fosse um travesseiro.

Por entre os galhos se desenhavam as nuvens branquinhas em meio ao azul, pode-se dizer que formavam imagens, que no caso escapavam à percepção da menina, vez aqui e ali passavam carros pela rua na maioria das vezes em velocidade reduzida ou com o som ligado alto, o motivo de tal prática era para Ana um mistério, também compunha o cenário pessoas caminhando pela calçada ou mesmo pela rua com suas falas altas e assuntos batidos.

Veio o vento e agitou a árvore, então algumas folhas caíram, uma delas em sua palma esquerda, concentrou-se na folha amarelada da mangueira por tempo suficiente para rasgá-la em míseros pedacinhos.

Enquanto se esforçava para não iniciar as viagens mentais, talvez devesse procurar ajuda profissional, vai saber se era normal tanto devaneio.

Até que perdeu a concentração e instantaneamente rompeu, o resultado
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

foram milhares de pensamentos múltiplos, contraditórios e alguns francamente insanos, devia estar acostumada, sempre que tentava os represar perdia e sofria as consequências.

Parecia que sua mente explodiria, isso é, figurativamente, porque bastava se segurar em algum ou em alguns que os demais abriam espaço.

Podia ser, pensava, que fosse possível escolher e talvez até se aproveitar de suas ideias descontroladas, mas não sabia como.

Também, vá lá, era o peso, o peso que no caso se assemelhava a caminhões devidamente carregados por toneladas de pedras, todos suspensos sobre sua cabeça, claro que figurativamente, igual a um rio poluído.

Não sabia como sair ou tirar de dentro ou chamar para dentro, não, não o correto é sair fora, o que significa se limpar e se limpa é por estar suja, mas quando foi que se sujou? Antes de nascer ou no primeiro choro? Aliás o que fazia antes da vida? Porque com toda certeza estava no mundo por um motivo, como cada um, tira um, comete um erro aqui e repercute, se o presente é resultado do passado e se encontra erros no passado, o agora não poderia de qualquer forma se desenvolver de outra maneira que não com pedras e caminhões suspensos sobre cada um. Isso é verdade? Ou só pessimismo? Não dá para responder, não mesmo.

E como se responde ao erro com mais erros o futuro parecia perigoso, principalmente porque segundo entendia era impossível acelerar o ritmo, é que a palavra ritmo não podia necessariamente ser utilizada como sinônimo de essência, mas no contexto em específico, até que se aplicava, podia-se estimular a essência de maneira sadia, inteligente e trabalhosa, tem de ser inteligente por depender exclusivamente da própria essência o que leva à paciência, que por seu turno tem a ver com o trabalho, que é longo, demorado e absolutamente árduo e sadio uma vez que não se pode passar do ponto, da mesma forma que fugir do mesmo traz resultado adverso.

Essências crescadinhas com tudo que implica, verdadeiros senhores que se escolhem a forma de bonecos é por responsabilidade própria, só pode ser, ora, era o que Ana via ao olhar em volta, mães com seus filhos passando pela rua, mulheres, homens, adolescentes, crianças, idosos e o som que repercutia de cada lar.

Você apanha um manto, um qualquer e se reveste por livre e espontânea vontade, no máximo das benevolências se considera omissão por desinteresse, porém ainda assim é culpado, sendo o dever seguir ou perecer.

Erros, preces, medos, recusas não salvam quem quer que seja do que quer que seja. Se não funciona é por ser ineficaz, se é ineficaz deve conter algum erro, se é errado é só testar algo diferente. Tecle, tecle, continue batendo na mesma tecla, mas não tem direito de reclamar, clamar, chorar ou rezar, ora, sabe por acaso o que de fato é chamado de reza?

Então entra, alguma coisa entra e toma conta, alguma coisa vinda de fora, aquele fora que precisa se confirmar no dentro, talvez não tenha nascido suja ou é mais provável que seja o mais sujo dos sujos por seu comportamento irregular e impossível de ser mais previsível e acomodado.

Todos que conhecia eram sujos como ela, vez aqui vez ali, nos livros e *internet* se deparava com não sujos e o que esses lhe revelavam pelo simples fato de existir era um pouco duro, ou não, provavelmente só fosse imunda demais para entender. Um dia iluminaria, ah, entenderia só para espalhar aos quatro ventos e corromper o maior número de sujos que fosse capaz. O que é benéfico. E quanto aos não poluídos? Que batesse na boca três vezes, usasse água e sabão para se purificar da pequena inverdade.

Ao bando de adolescentes com pose de crianças à espera da canção de ninar, adeus a lendas, acalantos e ao berço que balance, só lançar a moeda e vê-la cair, pagar e esperar o troco, vender e receber o que é merecido, sabendo que o é.

Oh, ela a boneca de trapo que como dez e dez são vinte desconhece a história, não chegava abranger um milésimo que fosse, maldição, poderia viver cem anos e não alcançar na escala o número um, ao menos passara do negativo. Será?

Como conseguem atribuir forma ao inanimado? As nuvens para Ana não passavam de borrões e, continuava a bater na tecla tão gasta. É que essas coisas não tinham importância.

Como um é como é, exatamente como é e só.

É o humano, mas não precisamos de qualquer forma discorrer a respeito, seria plágio se assim fizéssemos.

Então pergunto se seria pretensão indagar o que afinal de contas entra ou sai. Seria?

De longe se ouvia o zunir do motor espalhafatoso da Brasília verde de Beatriz, impossível Ana não reconhecer, imediatamente os pensamentos se dispersaram, só porque mudara o foco para o carro que se aproximava, não se levantou, apenas atçou os sentidos.

Dois segundos depois a Brasília parara bem perto de onde estava, se valendo da mesma sombra, Ana com pressa se sentou e então se levantou com mais rapidez, era sim ela, sua vovó Beatriz.

— Oi vovó — disse depois de abraçar Beatriz. — Achei que só viesse final de semana.

— Ah, um dia a mais ou um a menos não importa — Beatriz brincou ao lado de um riso semelhante ao de Ana, ela trancou o carro, a menina apanhou seus pertences e a passos largos entraram na casa.

Ao entrar, Ana lançou o par de tênis no chão e a mochila no sofá, Beatriz arrancou as sandálias, que por serem novas lhe incomodavam e se deitou no sofá, dirigir a cansava.

— Acho que mamãe deve estar quase chegando, mas se quiser posso ligar para ela — Ana se ofereceu.

— Não é preciso, deixe sua mãe com as coisas dela, que quando chegar aposto que perceberá minha presença.

Laila possuía cabelos de tom castanho-escuro, os de Ana eram uma ou duas tonalidades mais claros, igual a avó antes desta pintar os fios de vermelho acaju.

Verdade que Beatriz e o vô Miguel, pai de Guilherme, eram seus únicos avós vivos, já que Sandra morrera anos antes, e Fábio, pai de sua mãe, Ana sequer chegou a conhecer, nem mesmo Laila se lembrava dele, o motivo é que era ainda nova quando ele faleceu.

Miguel se caracterizava como um senhorzinho que falava difícil e se importava além da conta com coisas supérfluas como trabalho, postura, assuntos cristalizados, em resumo não se enquadrava na espécie de pessoas com que se podia conversar, bastava dizer qualquer coisinha errado ou se portar de forma habitual que vô Miguel repreendia, o que fazia com que Ana se sentisse intimidada.

Comportamento bem diferente do da vovó, que era sem sombra de dúvidas sua predileta.

É que Beatriz era inteligente, inteligentíssima na verdade, capaz de proezas como realizar cálculos que Ana sequer concebia só com a mente, sem calculadora, papel nem nada, e muito dificilmente a avó deixava de opinar em uma conversa, a menos claro, que o tema fosse por deveras vulgar, Ana reparava que os outros, por motivos subjetivos consideravam sua avó, a respeitavam como pessoa e como profissional, ora, Beatriz era uma advogada

espalhafatosa com sessenta e poucos anos, vestes largas, estampadas, coloridas e seu quase inseparável cigarro. Talvez, provavelmente, pode ser que a mulher nem fosse assim tão sensacional, contudo era como a via.

— Sabe porque eu vim, não é?

— A mamãe é exagerada, nem foi nada demais, são só três dias sem aula, não entendo porque a senhora veio aqui só por isso.

— Suas brigas não me interessam, vim porque queria — Beatriz iniciou, enquanto a neta mantinha os olhos fixos sobre si, provavelmente quisesse falar mais a respeito, Laila tinha a inconveniente mania de não ouvir, e o genro de não falar, então que mesmo sem ser sua vontade decidiu continuar com a conversa. — Por qual razão brigou com seu colega, o que ele te fez?

— Aquele parvo me chamou de louca, e eu nem tinha feito nada com ele, o considerava até um garoto interessante, você acredita? Aí fico nervosa, todo mundo tem que tomar as dores da Ludmila, como se eu fosse a errada, eu não sou, ela é que não gosta de mim.

Que erro, não devia ter perguntado, já havia tempos que Beatriz perdera o interesse por essas questões infantis, teve de cuidar dos seis filhos sozinha, com todas as falácias, confusões e dissabores típicos da idade, que agora ansiava pelos benefícios da vida, como se dedicar ao trabalho da forma que lhe fosse mais conveniente e, não seguindo a necessidade, suas muitas viagens e a tranquilidade que cabe às avós, que segundo seu entendimento se limitava a conversas e bons momentos, criação é responsabilidade dos pais.

— Então que o contrapeso a uma ofensa é a agressão? Não me parece justo, você enxerga diferente? — Ana não respondeu. — E ele quis te ofender com as palavras ou foi só um comentário? Essa menina, a Ludmila, acaso já experimentou se colocar no lugar dela, talvez ela pense o mesmo de você.

Ouviu a avó em silêncio, é que ela disse praticamente a mesma coisa

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

que Luiz, só que com melhores palavras, ela não tinha raiva de Ludmila, mas mesmo assim a direcionava sentimentos negativos, talvez a colega percebesse e apenas retribuísse, ou podia ser que devolvesse sem se dar conta de que somente oferecia a mesma face, tipo um bate e volta, assim a identidade daquele que toma a iniciativa se revela quase que irrelevante.

Irrelevante não era o que fez com Estevam, agressão física, poxa vida, a mera lembrança a deprimia, quanta selvageria e descontrole.

— Responda, Ana, é compatível?

— Acho que não, mas agora já foi, não tinha má intenção, também não sei como ser amiga deles, talvez devesse me desculpar quando voltar para a escola. Você acha que eu devo?

— Quem tem que decidir é você, a vida é sua.

Nisso Beatriz se levantou, recolocou sua sandália, contudo a tirou instantes depois, voltou para a neta e pediu que a mesma a conseguisse um par de chinelos, teve fome, assim foram as duas caminhando até a padaria mais próxima, Beatriz comeu um farto pedaço de torta de frango, refrigerante e sorvete, Ana se limitou ao sorvete com muita cobertura.

Ao que comeu com empolgação, no caminho da padaria, a avó a confessou que havia trazido um presente, nos dizeres de Beatriz para a acalmar, mantendo longe de confusões, já que não aguentava mais os estouros de Laila a respeito, o que não era verdade, ora, as caixas estavam no carro fazia dias, entupindo espaço e fazendo com que no fim de cada dia se lembrasse e se maldissesse por, mais uma vez ter se esquecido de doá-los ou vendê-los.

Se bem que agora observando o brilho nos olhos da neta e os gestos afobados da mesma, pensava na beneficia de seu lapso, ora, Ana devia agradecer ao destino, esse ser tão peculiar e caprichoso com suas vontades inegociáveis, hum, doce ilusão.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Beatriz tinha razão, o motivo do caminhar apressado de Ana se explicava pela inquietude de categoria bastante afobada e angustiante, ora, momentos como este valem por uma vida, esses de entusiasmo, que em sua opinião constituíam o que mais se podia comparar à felicidade, só por se tratar de planos, imaginar é bom, principalmente por se traduzir em uma maneira eficaz de desconsiderar o restante, que em ocasiões habituais já é, se não, desconsiderado, negligenciado.

Quando finalmente chegou em casa a primeira reação da menina foi verificar se a mãe já estava presente e estranhamente não, esse era um daqueles dias nos quais Laila se atrasava, dessa forma destrancou a porta, guardou a barra de chocolate comprada pela avó sobre a mesa e voltou para a rua, mais precisamente para a Brasília verde.

Se valendo da sombra, Beatriz a esperava com seu cigarro e leve impaciência, característica essa que adquiriu com a idade.

— A mãe ainda não chegou, e você é idosa, não se preocupe, eu mesma levo tudo para dentro — disse com um sorrisinho exibicionista, sabia que de uma forma ou de outra levaria as caixas para casa.

Beatriz fez careta com a escolha de palavras da menina, mas relevou, era uma criança ainda.

— São caixas pesadas, mas se acredita que consegue, vá em frente, só não vale contar para seus pais.

Dessa forma passados vinte minutos estavam as duas na casa, Beatriz sentada com o celular em uma mão e o cigarro na outra, Ana no chão de frente para três grandes caixas abarrotadas por livros.

Agora sim, a menina estava suada com as bochechas avermelhadas e indubitavelmente cansada, mas fato foi que conseguiu, só precisava tomar fôlego antes de analisar com calma o teor de seu presente, porém mesmo às escuras seus olhos reluziam, era tudo dela, só dela, no fundo no fundo sua

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

felicidade não passava de gula, mas e daí?

A primeira caixa que desvendou continha exclusivamente biografias, Ana não contou, mas tinha em seu poder trinta e duas vidas compactas, uma graça o modo como esses pequenos tesouros podem ser levianos, imprecisos e distantes e ao mesmo tempo consideráveis, um legítimo instante clamando a ser invadido.

— Um grande homem com certeza, pena que precipitado. A maioria o trata como um vilão, eu penso diferente, quer dizer, a responsabilidade não recai sobre um homem em particular, foi um momento em forma de exorcismo eu digo, necessário, então você se pergunta como eu sei, é simples analisando a história, não os fatos em si, mas a condição de então e as perspectivas do amanhã.

— Hum, interessante. Já li, se quer saber, mais de uma vez. Hum minha escola tem o nome dela, sabia? — Ia comentando a cada livro que pegava nas mãos. — Incrível, verdadeiramente incrível. Indecente. Deprimente. Revoltante. Caramba, lerei todos com certeza, hum, nunca ouvi falar, nem esse, nem ela, nossa que nome esquisito, como será que se pronuncia? Já ouvi falar, conheço a obra, dele também... hum, vovó quem foi Nietzsche?

— Um filósofo alemão que viveu cerca de um ou dois séculos atrás — Beatriz respondeu, com o seu cigarro à boca.

— Políticos, eu aprecio a política, sabia que ela é uma forma eficaz de se analisar uma sociedade? Quero dizer, o comportamento do povo e dos políticos, refiro-me obviamente a nível de consciência, desenvolvimento intelectual e corrente predominante, é capaz de me dizer vovó, o que o presente quadro político diz a respeito da nossa nação? — perguntou a garota devolvendo as biografias para a caixa. — Ah sim, claro, você deve estar pensando no quanto sou leviana em apontar a política como um ponto particular, quando ela se trata apenas de um dos fatores, melhor dizendo, uma

perspectiva, então tudo bem se quiser limitar a resposta.

— Complicado, complicado, mas dá para reformar.

Ana fez careta quando abriu a segunda caixa, era literatura, somente literatura, foi retirando livro atrás de livro e, não, nada de útil. Apenas vômito alheio, ah, nesse ponto o autocontrole falou alto, mas que mal havia se a avó desconhecia seu perfil literário? Ela doaria os vômitos, é, é sim, nem havia livros históricos, a maioria contemporâneo, já não bastava viver na sociedade ainda queriam que ela se encharcasse um pouco mais com a mesma, não permitiria que isso acontecesse.

— Deixe de ignorância menina — Beatriz se intrometeu.

— O quê?

— Você é transparente — ao dizer ela terminou o cigarro e lançou o toco no chão, sobre o tapete da filha. — E não pense que é esperteza ignorar o que quer que seja, tudo tem seu significado.

— Pode ser, mas uma vez li sobre um filósofo que classificava isso à arte como mentira, e é verdade se não mentira, lixo distorcido, é poluição, perda de tempo, a menos que diga algo e quase nunca diz, além claro de futilidades o que francamente minha paciência não suporta.

— Ninguém é completo — Beatriz comentou com olhos vidrados na tela do telefone e dedos em ação. — É uma pena que desconheça tão enriquecedora arte.

— E por quê?

— São mundos, é história, reflexo, verdadeiros momentos, pode ser classificado como expressão, mas expressão do quê? De nós mesmos com certeza, mas o que somos nós no contexto?

— O quê?

— Reflexo — Beatriz respondeu.

Ana sorriu pensando nas palavras da avó. Contudo foi a terceira caixa que mais a agradou, mais até que a primeira, pois guardava livros de filosofia, sociologia, astrologia, história, livros religiosos, alguns sobre religiões que ela ainda desconhecia, ah, e psicologia também, só a nata dos interesses de qualquer garota de treze anos, dessa vez se ateve a contar, eram trinta e quatro textos.

Escolheu um livro, apanhou a mochila e a barra de chocolate e foi para o quarto, passados alguns instantes Beatriz deixou o celular e também subiu, poderia ter se aconchegado no quartinho, se a cama da filha não fosse um tanto quanto mais, digamos acolhedora, ela se deitou, por um momento imaginou que tanto Laila quanto o genro poderiam chegar a qualquer instante, mas tanto fazia se o colchão era bom, ora, ela era uma visita e ao mesmo tempo uma senhora de idade, podia se deitar onde bem entendesse.

Capítulo IV

Precisava resolver isso o quanto antes, necessitava dar um tempo no instinto de sair à noite e se divertir, pensava que podia se controlar, mas sabia que não, acabava deixando-se levar pela mesma sensação de conforto, tentação, um pouquinho mais, só um pouco, ora, que mal podia fazer? Não é nada, você merece, precisa se descontraír, dar um tempo. Então no fim das contas, ao raiar do dia se apercebia de seu deslize.

Bem quando estava sentado no bar, ou na maior parte das vezes dentro do carro ou na sarjeta na beira da rua se sentindo sujo, zozzo e dolorido, então precisava voltar para casa e encarar a vergonha própria, momento em que desabava no sofá, porque a mulher se trancava no quarto, sua mãe reclamava e o aconselhava, Sabrina o ignorava ou então ora murmurava, ora gritava o quanto ele era imprestável e o quanto a envergonhava com seu comportamento, todos comentavam, todos falavam e a aconselhavam, como se ele desconhecesse o olhar de desaprovacão dos filhos e dos funcionários, aqueles merdas hipócritas, qualquer dia demitiria todo mundo, qualquer dia colocaria um fim naquela situação.

Percebe-se quando um homem chega ao fundo do poço quando ele começa a sair as noites não com o intuito de se divertir, mas sim de se ausentar.

Por outro lado, quando acordava cansado e acuado, algo dentro de si gritava a plenos pulmões que tinha que parar, se falhasse poderia estragar sua vida, estragar de verdade, a questão é que pensamentos são inanimados, é difícil os materializar.

Agora mesmo entrava em casa e era tomado pelo desagrado de sempre, também, pensando melhor por que ele tinha que ser o único a ceder? Não, de forma alguma permitiria que sua família amada e imprestável o pisasse, não

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

mesmo, a mulher na rua, os filhos nos respectivos quartos, nem para recebê-lo adequadamente.

Tomou água, pois tinha sede, na verdade havia tempos que vinha sentindo mais sede que o convencional, não era certo, retirou os sapatos e a camisa e se deitou no sofá, apanhou o controle e ligou a televisão.

Fim de tarde a escuridão se espalhava pela casa, bem compatível com o modo com que se sentia, ninguém em volta para cumprimentá-lo, perguntar como estava, como havia sido seu dia, só sabiam sugar e sugar, sanguessugas malditos.

Hum, o que é isso? Ah sim, sequer tinha reparado, sorriu ao constatar o celular da mulher displicentemente abandonado sobre o sofá menor, com sua capinha dourada.

Não queria, mas não se diz não ao destino, levantou-se e apanhou o aparelho.

A mulher usava senha, o que já foi motivo de consideráveis desentendimentos, afinal se não havia nada a ser escondido por que disso? Por que ela não podia simplesmente compartilhar com ele? Não fazia sentido.

Isso tudo durou até que ele conseguiu apanhar o telefone dela e levar para um conhecido que sinceramente não imaginava como conseguiu descobrir a senha, depois o ensinou a usar esses aparelhos modernos, bem como navegar pelas redes sociais, ora, nem era tão difícil quanto parecia no início.

Desbloqueou, verificou o histórico de chamadas conhecidos e desconhecidos, homens e mulheres, Sabrina falava bastante, “Ah, é meu trabalho” era o que dizia, até parece, não precisava trabalhar, ou se quisesse poderia conseguir um emprego decente com hora de entrar e hora de sair, carteira assinada, a não ser, claro, o fato de Sabrina ter aversão às responsabilidades, hora marcada e compromisso, convenhamos que andar de

casa em casa de carro vendendo bugigangas não chegava a ser um trabalho. Ele mesmo já havia oferecido várias vezes um cargo em sua loja, o que ela recusava.

Foi nas redes sociais; *fecebook*, *twitter*, *whatsApp*, e se a mulher participava de outras, ele desconhecia, olha quantos contatos ela tinha, eram centenas, é gente demais, ele só se relacionava com alguns poucos conhecidos, também vá saber por qual razão inventaram essas coisas, a vida era bem melhor antes.

Ou talvez não, por quanto não fosse pela modernidade, não poderia se informar tão facilmente a respeito dos encontros da mulher, sua mulher, olha que danada, falava com tantos homens.

Então que passou de contato em contato lendo as conversas e se irritando, por fim extrapolou. Não... não, ninguém se controlaria, havia um sujeito chamado Carlos, com quem Sabrina vinha conversando fazia dias, nada de assuntos profissionais, a bem, também não chegava a ser explícito, mas por qual razão ela falava tanto com ele, todos os dias há meses? E por que nunca o mencionou? Por que a mulher tinha tanto empenho em manter o corpo, cabelos arrumados e tudo mais? Para ele é que não era.

Ah vadia, não vai ficar assim. Quem esse Carlos pensa que é para mexer com mulher dos outros? Vai se arrepender, ah vai!

Não pensou duas vezes antes de ligar para o amante, é bom saber com quem se está lidando. No segundo toque o imprestável atendeu, mal sinal, Pedro permaneceu em silêncio para testar como o outro haveria de se portar.

Assim ouviu a reação descontraída e informal do tal, que disse “Fala aí Sabrina, qual é a boa?” só isso, melhor dizendo, tudo isso que demonstrava intimidade, o quê, aliás as próprias mensagens no *whatsApp* deixavam claro.

O sangue ferveu, não tinha nada que pudesse fazer, nem era sua culpa, ou assim se dizia quando a cabeça voltava ao lugar, agora tudo que importava

verdadeiramente era despejar o turbilhão de dentro no fora.

— Aqui quem fala é o Pedro, o marido da Sabrina, você sabe que ela tem marido né? E sabe que eu não aturo tipinhos como o seu, tá achando que tá falando com quem? Hum? Pensa que eu tenho medo, pensa que vocês têm alguma relevância para mim? Olha, agora estou segurando-me para não sair de casa e ir aí acertar as contas, pessoalmente com você, pela vergonha que vocês me fizeram passar.

— Olha cara, desculpe-me, mas...

— Mas nada, deve tá pensando que ela é grande coisa, mas tá enganado, Sabrina não vale nada, é respondona, preguiçosa, já me traiu uma vez e nem me surpreende que tenha um caso com você, mas se engana se imagina que vai durar, ela precisa de mim, do meu dinheiro bancando a sua vidinha inútil...

— Você está enganado, eu não tenho nada com a Sabrina, eu...

— Pode esperar que eu vou descobrir onde você mora, e então... — Pedro ainda tinha o que dizer, contudo Carlos desligou, nem aguentou ouvir, tudo bem, ligou novamente, uma, duas, três vezes e o safado não atendeu.

Nisso se irritou e a única forma de se conter foi arremessando o aparelho no chão com força suficiente para o mesmo se partir, então já não podia mais esperar sentado, nem mesmo tentava. Naquele dia haveria de conversar seriamente com a mulher, ela teria de prestar contas e o mais importante, podia não ser naquela hora, mas ele descobriria o endereço de Carlos, para conversarem. E não, nesse momento não lhe passava pela mente que houvesse algo de errado com sua atitude.

As palavras de Pedro seguido pelo som do celular arremessado ao chão
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

roubaram a atenção dos garotos, interrompendo a prosa e fazendo com que Diana se dirigisse discretamente para a sala e de igual maneira voltasse para o quarto, seu próprio quarto, o pai era maior de idade, um homem feito e além do mais não havia nada que ela pudesse fazer a respeito, ele que se comporte da maneira que quiser e conviva com as consequências.

Pedro merecia ser analisado, estudado friamente e bem à distância, por ser um exemplar interessante, igual a tantos outros, de fato inexistia razão para depositar emoção na observação, o que interessava era a simplicidade somada à objetividade, depois sim, caso conseguisse e não houvesse motivos plausíveis para o fracasso, poderia colocar a observação em prática, isso era transmutar o real, depois quando fosse uma profissional com conhecimentos legítimos e aplicáveis, conhecedora de fórmulas e padrões já desvendados e aceitos, ora, imaginava, sem falsa modéstia que haveria de ser uma psiquiatra minimamente competente.

Existia tanto a ser observado e devidamente apresentado nessa área, Diana estava certa de que tanto quanto em qualquer outra, mas uma pessoa é só uma pessoa, ah, o futuro era lindíssimo ou podia ser que fosse simplesmente deplorável, o humano é um bicho tão poderoso, como é possível?

E quanto a todas as verdades, todos os detalhes que ainda desconhecia, oh, fabuloso, apenas surpreendente, será que seria capaz de alcançar e depois assimilar ou mesmo suportar? Esperava que sim, porque é uma grande sacanagem a cegueira, Deus poderia permitir que um dia, quem sabe, ela voltasse a enxergar.

Que chato o fato de até agora, pleno século vinte e um ninguém, nem um mísero mortal tenha ainda desvendado o segredo da vida. O que é viver? O que de fato significa, implica e motiva? Ora, respostas objetivas era do que precisava para aplacar em parte sua doença, maldita doença que torna tudo

tão complicado.

No tempo que Diana em seu egoísmo indulgente se ocupava com suas próprias questões genéricas, Luiz se delimitava ao seu mundinho particular, comportamento arcaico que eu, como boa narradora que sou me torno incapaz de apontar, nem mesmo com o dedinho mindinho.

Mais um dia como qualquer outro, e como tal não deve provocar estranheza, bem como pensamentos contraditórios não deveriam ser assim tão facilmente aderidos e validados, mas, paciência.

Luiz apenas recolocou seu fone, trancou a porta e se sentou na escrivaninha, a princípio em silêncio mantendo os olhos abertos e a cabeça distante, momentos que o agradava.

Contudo, ele possuía um segredo, algo que, pode-se dizer de forma legítima que ninguém conhecia, nem sua irmã, nem Ana, e muito menos seus pais, era a voz interna, a qual não podia explicar racionalmente e muito menos de forma irracional, a qual desconhecia a face e as intenções, podia ser amiga ou inimiga, talvez sinônimo de insanidade, vá saber, a parte clara é que sempre esteve presente, isso é, sempre desde quando se entendia por gente e ele era ainda tão novo, só um garoto com seus quatorze anos, podia muito bem ser parte da própria mente, uma parte desconexa, não descartava essa possibilidade, bem como nenhuma outra, ora, só os tolos se prendem.

Existe algo que circula e é conhecido por habitual, como se, se tratasse de uma linha reta e fazendo frente à mesma um regente, que pode ser visto com a face de qualquer um, mas que na verdade não passa do próprio eu, particular e intrínseco, como deve ser, mas, que outra forma, pode ser visualizado como correntes e coleiras, o mestre mandou sentar, agora ele quer que se levante e se sacuda, o mestre mandou deitar, o mestre disse que A é melhor em detrimento de B, e ele disse que D tem cara de E e corpo de F e lá vamos nós.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

O mestre equivale ao habitual, e Luiz aprendeu que não precisava se curvar diante do estabelecido, e que este pequeno detalhe não o torna menos igual e que tudo bem quanto a isso, tudo bem em ser igual, extremamente e sagradamente semelhante, em outras palavras sai do círculo e ao mesmo tempo circule por ele, como um pastor, ou melhor dizendo uma sábia ovelha.

Isso equivale a noção de que pensamentos não são estáticos, de que o cinza supera tanto ao preto quanto ao branco, a concepção da amplitude dos reais, nada mais que questão de fluxo e contra fluxo, ora, não precisava se limitar, não precisava se permitir afundar, embora na maior parte do tempo se demonstrasse simplesmente incapaz de subir a margem.

Agora, pergunte-se e responda, como diferenciar o correto do incorreto? Como estar certo de que de fato se mantém fiel quando vive imerso aos caprichos de consciências múltiplas e, algumas presas à escuridão? Como se não fosse em qualquer instância um ser livre e como tal um senhor, isso vale ouro.

E o mais interessante, como, diga-me como diferenciar iguais? Quando tudo que resta são pesos e medidas páreas, é assim no que diz respeito ao inanimado, pois de outra forma seria injusto, uma legítima arbitrariedade, e é bom que assim o seja. Outra questão, e agora tudo bem pensar antes de responder, por que defender algo vivamente ao mesmo tempo em que o apunhala? Hum? O que é? Quer que eu seja mais específica? Se for isso, respondo apenas que não é preciso, ora, basta ler minhas imposições como narradora no início desse falso texto.

É lindo, verdadeiramente encantador ter o privilégio de viver nesse respectivo tempo, no qual assim como nos anteriores, dispõem de mananciais ao alcance das mãos, tudo maduro e com gosto doce, isso é bom, isso é maravilhoso, chega a ser divino.

E um conselho gratuito a você, corcel, porco e abutre: tire a roupa.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Ele tentava e tentava, esforçava-se tanto que haveria de morrer na batalha, e agora a parte que para os mais atentos ou para os mais desatentos pode parecer contraditória. Como não reconhecer e valorar o esforço próprio dentro de seu respectivo peso e medida? Ora, pense apenas que no inanimado ele é reconhecido.

Então que Luiz não se envergonhava em falar com desconhecidos invisíveis ou de se ausentar por curtos ou longos intervalos de tempo. E agora o segundo conselho: não se limite, invés disso por que não peneirar? Apenas pois se está dentro pertence e como tal é, como em uma perniciosa do Norte, nada de preto e branco e tão somente partes fraturadas em milhões de pedacinhos. Por fim o desafio a ampliar esse pensamento se for capaz, de qualquer forma não antes de se despir.

Ao voltar de seus devaneios o primeiro sentimento que pulsou em Luiz foi a descrença, e ele aceitou, então quase de imediato cobrindo o primeiro conceito veio a sensação de valência, foi quando se sentou.

Agora já de noite olhando pela janela além do parco movimento de Lençóis, ao erguer os olhos alcançava pontuadas estrelas pequeninas e distantes, culpa da iluminação artificial, Luiz sorriu ao chegar à conclusão de que não interessavam os momentos, concepções e movimentos, a verdade era uma só.

Acendeu a luz e se sentou à escrivaninha, naquele que era o ambiente mais agradável de sua casa.

Ai, é triste pensar que se mata, morre, acende-se fogueiras e se apagam chamas em detrimento de algo tão banal, banal no sentido pejorativo ao som do habitual, como o que se imagina próximo, igual uma ciência a ser despojada, não descoberta somente apresentada. Dispa-se.

Deve haver algo de errado com esse mundo, só pode, para justificar tanta confusão e inanição por parte de seres livres, será que nessa altura da

partida já não deveríamos nos encontrar um pouco mais à frente? Ora, por que esse campo tão precioso perante o domínio da forma é relegado a segundo plano, desacreditado, distanciado e confundido com caricaturas de mal gosto? Inexiste razão para exteriorizar o que é interno, e para procurar o diferente no igual. Assim qual o motivo de não exercitar verdadeiramente o que o interno tem a oferecer?

Luiz apanhou uma folha de papel e iniciou seus traços, nada que desejasse dividir ou discutir, tinha sim o intuito de compreender, ora, é interessante esse pensamento não concorda? O de que não poderia falar sobre assuntos dos quais não se possui conhecimento, por outro lado parece tão ilógico tanto formalismo e distanciamento. Onde os níveis se fundamentam? Primeiro que eles inexistem de fato e segundo que de forma geral, ainda não se abandonou verdadeiramente as notas iniciais.

Essa ideia se refere por certo a “espiritualidade”.

Desenhou com cores uma paisagem, não sabia do que se tratava e possivelmente não descobriria, somente um lago com águas cristalinas e cintilantes, rodeado por selva densa que o profanava na forma de camuflagem, escondendo por completo monumentos antigos em celebração e homenagem à grandiosidade de? Do ambiente em si? Da natureza? Bem, não sabia.

Seguia seu instinto com rapidez, sempre que assim se expressava superava a si mesmo, detalhe que representava um mistério que o fascinava, provocando emoção, misto de nostalgia e tristeza com contentamento.

Em silêncio observando o desenho misterioso, não o nomeou, agora caso o tivesse feito havia uma palavra que se repetia em sua mente, “Ofertaria”, desconhecia o motivo da escolha, apenas pensava em união, encontro e essência, assim no singular e não no plural, essência.

Então aconteceu, o mundo se fez ouvir, Sabrina chegou da academia e

os fones se comprovaram novamente ineficientes perante a força de Pedro depositada na fala. Ora, que irritante, cair de um devaneio é o mesmo que ser despertado bruscamente em meio a um sonho agradável, o choque rouba momentaneamente o controle sobre si mesmo no que diz respeito a comportamento e emoção.

Luiz se zangou com o peso e as más vibrações do pai, a personalidade sempre submissa e covarde da mãe e principalmente com si mesmo, por no íntimo estar ciente de que vinha se comprovando incapaz de manter o controle, isso é, de não emergir, sensação nada racional, apenas irritante, frustrante e altamente amarga.

Conta-se até dez, respira com profundidade e o externo não passa, como se fosse um mal invencível, caramba, será que era o único a perceber que tudo isso era doído e desnecessário? Será que era o único a se importar? Não fazia sentido, queria o bem tanto de um quanto do outro, não eram pessoas ruins, não existem pessoas verdadeiramente más, embora exista o desagradável, o que ele e Ana depois de algumas discussões elevaram ao conceito de mal, ou melhor dizendo, daquilo que vulgarmente era de tal forma conhecido.

Tantos, tantos conceitos equivocados e prejudiciais nesse mundo, Deus, por onde começar? E como proceder em meio à tamanha bagunça? Não conseguia responder, pensava em acesso, mas o que é de fato acesso? Ora, isso não importava, não agora enquanto seus pais se agrediam verbalmente e energeticamente na sala.

Retirou os fones, lançou seu último desenho “misterioso” sobre a mesa, o que fez com demasiada força, de forma que a folha rodou e acabou por cair no chão atrás da escrivaninha, Luiz saiu do quarto, precisava fazer algo, não se pode viver sem assumir responsabilidades, alguma coisa dentro de si o impulsionava a agir.

No caminho para sala seguiu acompanhado pelos gritos de Pedro, perguntando-se como era possível passar tanta sandice pela mente de uma pessoa, da mesma forma que Sabrina com suas respostas debochadas e provocativas, será que ela não percebia o quanto afetava o outro? Será que não se dava conta de que o homem era doente e sofria realmente? Possivelmente não, tendo em vista que ela mesma não podia ser classificada como um alguém são.

Precisava respirar, livrar-se de seus pensamentos ruins, não deveria se sentir no direito ou muito menos se permitir enxergar os próximos dessa maneira depreciativa, a intenção era intervir, contudo uma vez na sala a imagem dos pais de pé um de frente ao outro encarando e agredindo-se como dois inimigos, como dois estranhos. Desnorteou-o, não gostava disto, da situação, do significado dos gestos, da sua incapacidade, assim mantendo silêncio apenas passou por ambos em direção à porta, como estava saiu com os pés descalços, seus shorts e camisa sujos, ouviu, quem sabe pensou ter ouvido a voz da mãe o questionando e o chamando em contrapeso às críticas do pai, acontece que não permitiu que as vozes alcançassem seus ouvidos com nitidez.

Uma vez na rua se deixou caminhar sem direção por tempos, a fim de se acalmar, outro dentre tantos os problemas de Lençóis é a pequenez, é pequena e pobre em vários aspectos, economicamente, culturalmente no que diz respeito aos hábitos populares, pobre em infraestrutura, em desenvolvimento e o que mais o incomodava no momento, pobre em lazer.

Nada de igrejas que permanecem abertas durante a noite, nada de bares, lanchonetes ou cafés decentes para entrar e simplesmente respirar, mesmo a tão bem falada natureza da cidadezinha se encontrava distante, dessa maneira seguiu até uma praça afastada do ponto em que vivia.

Tudo como de costume, canteiro de flores malcuidado, bancos de

concreto e charmosos postes de luz.

Ainda era cedo e Luiz não era o único, sentados no lado oposto que se encontrava reparou na presença de um jovem casal, ele conhecia a menina do colégio o garoto não, por um instante os observou sentados lado a lado conversando de mãos dadas, risinhos e brincadeirinhas bobas, vez e outra passavam famílias, casais e jovens pela rua ou cortando caminho pela pracinha, caminhando com suas conversas e inspirações pela trilha bem em frente ao banquinho que ele ocupava.

Em dado momento o jovem casal que o roubava a atenção se levantou e de mãos dadas partiu, ele ficou sozinho, ninguém mais cortava caminho pela praça ou mesmo caminhava pelas ruas próximas, raramente passavam carros.

Nesse momento Luiz se deitou no banco, foi somente então que começou a voltar a si, inspira e expira... inspira e expira... inspira e... pronto, o ardor da discussão dos pais e seus sentimentos acalorados diminuíram.

Ele fez novamente, fazia sempre, sorriu assistindo as poucas estrelas, inspira e expira... inspira e expira... inspira e expira... Quando começou com o que classificava como momentos de estresse, sua ausência surtia bem mais efeito nos outros que agora, a mãe se desesperava e o procurava pela cidade, demonstrava preocupação dizendo que o levaria para conversar com Laila no consultório, perguntava como estava, olhava em seus olhos, até o abraçava.

Reação que covardemente o fazia bem, devia ser um garoto muito baixo mesmo, porque agora não se sentia mais mal, nada de estranho em sair de casa e possivelmente causar preocupação quando o silêncio da cidade, as estrelas distantes e o isolamento o deixavam leve, estranhamente vazio e preenchido ao mesmo tempo.

Vazio pela distância do seu eu para com o “eu” dos próximos e preenchido pela efêmera proximidade, fato é que palavras e pensamentos, o

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

próprio dia a dia se demonstram altamente ineficientes para representar concepções.

Quadrado mínimo esse que se encontrava, pessoinha má, tanto que sem perceber as lágrimas desceram, não por tristeza ou raiva, somente comoção, Lençóis era um lugarzinho tão pequenino, seus pais, ele e essa realidade desanimadora, igualmente pequeninos como um quadrado mísero, havia tanto, coisas interessantes e grandiosas por vir. Se ao menos soubéssemos “abstrair” e atribuir a verdadeira proporção aos fatos.

Medida igual à proporção.

Pronto, as lágrimas passaram, agora Luiz apenas sorria, o motivo? Nada mais que a intensidade e a poesia embutidas no dia a dia, tanto nos belos, louvados ou recriminados acontecimentos, quanto nos considerados habituais.

É preciso que se esqueça, ou, pelo menos se atribua menos peso à diferenciação e reconheça e aceite de uma vez que é tudo igual, nada mais que um pouquinho do mesmo. Esse não é um pensamento glorioso? Não significa muito de muito e também pouco de pouco? Por exemplo, por que se diz tão insistentemente que somos pequeninos? O que de fato isso significa e no que implica?

Nossa, Luiz achava que deveria construir uma casa com teto de vidro, também, grande tolice, tanto o apreço por coisas externas quanto por internas, só um pouquinho de tudo, nem tinha sono, o que era peculiar, pois que por vezes sentia demasiado cansaço e por longos períodos de tempo apagava durante as noites e precisava se refugiar nos dias, pelo contrário não conseguiria se manter, em compensação em outros momentos perdia completamente a capacidade de descanso.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Felizmente agora enfrentava um desses momentos, assim pôde ver a transformação da noite em dia, com o nascimento sempre impressionante do sol, ouvindo o som dos pássaros nas árvores próximas dando voz ao fluxo urbano matinal, luzes sendo acesas nas casas, homens e mulheres deixando suas residências ou regressando, a coleta de lixo que passava, os garis com seus uniformes alaranjados e suas conversas animadas, os primeiros estabelecimento a abrirem; a padaria, a lanchonete e a pequena farmácia, mesmo a vendinha localizada no fim da rua.

E perdidos em meio aos movimentos que se intensificavam, entre pessoas com suas rotinas e afazeres estavam os animais, mais precisamente cães circulando pelas calçadas em frente às vendas, em Lençóis existiam muitos animais de rua, cães, gatos, ratos e pássaros.

Será que era o único a reparar na preciosidade do que se desenvolvia a sua volta? As relações sociais, as ligações, o próprio ritmo, ora, pode-se dizer que existam problemas, e sim, é verdade eles existem, mas são irrisórios perante o que se é, a maneira como a vida persiste e se escreve. Ah, isso merecia ser representado, a essência em si, por isso existia, tinha um propósito na vida, que era sua arte, mas também não devia ser egoísta e pensar só em si mesmo, sua satisfação, seu bem-estar ou mesmo realização, mesmo porque a verdadeira realização equivale a vivência e ao singelo.

Isso significa que não era certo manter só para si mesmo, apenas por ser belo e agradável, o “olhar de perto” merece ser compartilhado e talvez existisse uma forma mais eficiente que a mera representação para alcançar seu objetivo, desde sempre que determinadas pessoas se sentem impulsionadas a dividir com os demais, o que na última instância não deixa de ser um ponto de vista, então que quem enxerga da mesma forma compreende, se não ignora ou corrompe, a vida é egoísta, da mesma forma

que a arte.

Por essas e por outras se sentia altamente tentado a deixar Lençóis e apenas tentar a vida em outro lugar, só que ainda não, para tanto precisava de um pouco mais de idade, trabalho e quantia mínima de dinheiro.

É que longe dessa cidade pequenina se escondia todo um mundo e, seria um crime consigo mesmo e com o restante desperdiçar toda uma vida com a mesmice.

Estava para voltar para casa, quando algo fez com que mudasse de ideia, atravessando a praça em sua direção vinha aquele que na cidade chamavam de Leonardo, embora não se soubesse ao certo se esse era realmente o nome, ele era o “doido” que meses atrás vindo sabe-se lá de onde apareceu nas ruas de Lençóis, no princípio provocando medo, depois estranheza e agora apenas desinteresse.

Leonardo vagava por aqui e ali, puxava conversa, vivia nas ruas, era o único em Lençóis a viver assim, por vezes demonstrava simpatia, noutras violências da espécie que arremessava pedras e pronunciava palavras consideradas baixas.

Para Luiz não passava de um pontinho de interrogação, do qual emanava energia forte e chamativa, o homem era livre, de certa forma não racional se encontrava passos à frente dos demais e ao mesmo tempo passos atrás, a contradição da não lógica diante da fraqueza enriquecedora do desconhecido.

Leonardo passou por Luiz sem aparentemente o perceber, acontece que o menino estava decidido, de forma tal que respirou comprando coragem antes de se manifestar.

— Leonardo, posso falar com você? — disse calmamente e em timbre moderado.

Não se surpreendeu quando o homem se virou, voltou e em silêncio se

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

sentou ao seu lado, reação que lhe provocou sentimentos benéficos, uma vez que normalmente a conexão não é observada, você pode falar, gritar e se repetir infinitamente que dificilmente alguém se apercebe, ainda mais dificilmente responde, Leonardo reagiu não as suas palavras e sim ao seu ser. Então que se o outro sabia conversar assim, sem rótulos ou padrões; que bom.

— O que faz andando pela cidade dessa forma? — perguntou com a atenção no homem que era jovem, embora não parecesse com sua barba por fazer.

Suas vestes gastas e sujas e cheiro forte de suor, suor, e não sujeira, olhinhos pequeninos, opacos e distantes, Luiz o compreendia e não sabia ao certo se sentia estar consternado ou instigado pela força desconhecida que emanava do sujeito. Como será que isso acontece, de fato? E por quê? Há de ser extremamente desagradável encontrar-se contido a uma caricatura de si mesmo, ver sem reconhecer e ver sem ser visto, mas por outro lado há de acrescentar algo. Qual haverá de ser o ritmo, o padrão, em resumo a verdade das existências terrenas, a vida em si? Há de haver um raciocínio empregado, um propósito, mas qual? Uma perguntinha tão simples, provavelmente deve ser óbvia, a resposta com certeza deve dançar perante seus olhos constantemente, porém era incapaz de enxergá-la.

— Ando aí, não tenho pra onde ir, fico andando, não posso fazer nada, mas tem um povo legal que é bom comigo.

— Mas têm vezes que você é grosso com as pessoas.

— Claro, elas me irritam, fica tudo olhando de jeito esquisito, eu não mordo, não sou uma ameaça, gente é muito chata, não entendem nada e fazem coisas ruins, principalmente mulher, não gosto de mulher.

— Por quê?

— Porque não.

— Você não me disse por qual razão está aqui agora e assim...

— Você faz muitas perguntas — Leonardo sorriu depois de soltar as palavras de forma brusca, achou graça na ousadia do garoto transformada em espanto por conta do mero tom de voz. — Por que pergunta tanto?

— Por nada — respondeu sem disfarçar o posicionamento defensivo. — Acha que se te oferecessem apoio, não sei, uma casa e tratamento adequado, seria bom? Você não gostaria de se sentir diferente, sei que não gosta de ser assim e agir assim, eu sei. Quero dizer, se quiser pode compartilhar seus sentimentos comigo.

— Tá aqui com pé no chão enchendo a gente de pergunta, pensa o quê, menino? Tá querendo o quê? Hein?

— Nada, só queria conversar com você, como se conversa com qualquer pessoa — disparou sem desviar os olhos dos olhos de Leonardo, pois é assim que se conversa de verdade sem esses padrões mundanos.

— Tá nada, você tá é questionando-me, acha engraçado é? Também não gosto de criança, nem de mulher nem de criança. — Então Leonardo se levantou, e Luiz abaixou os olhos, pensou que o outro fosse agredi-lo, contudo, o homem apenas o observou por instantes antes de se afastar.

Deixou o jovem confuso, afinal não foi durante a conversa mal-educado ou ofensivo, talvez... Bem talvez Leonardo não soubesse conversar de verdade.

Os padrões, será que eles têm mesmo tão alto valor? Não, apenas o que se atribui. Conversou com si mesmo antes de voltar para casa.

Ana continuava impedida de conectar-se com o mundo, já que, nem mesmo os argumentos da avó Beatriz foram suficientes para convencer os pais sobre a insanidade do castigo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Beatriz sustentou que Ana, era uma menina ativa, que não levava desaforo para casa, o que ainda, segundo a avó, não era de todo ruim. E eis uma mulher que a compreendia.

Tanto é que o contentamento pela presença da avó aumentava a cada instante, de mais completou a leitura de sua última distração, e às vezes a vida tem dessas coisas, devia ser o universo, quem sabe sua sorte, como se existisse, ora, dentre os livros que ganhou veio uma biografia de Van Gogh, a qual pretendia iniciar a leitura assim que possível.

Depois falaria com Luiz a respeito e também com a avó, devia ser uma menina de sorte, embora esse fosse um pensamento efêmero, pensa-se sempre nas grandes coisas e nos grandes feitos, ou talvez naquilo que se classifica popularmente por belo, esquecendo-se que o grande é composto por pequenas ações, e que as variações são apenas leves diferenciações, questão de traços e tonalidades. Como eu posso diferenciar o que é relevante daquilo que não é? O que é belo do que é irrelevante? O que interessa do descartável? Seria por valores momentâneos, a luz interna e verdadeiramente modificável? Então que popularmente são conceitos acertados coletivamente e de forma intrínseca. Mas mesmo assim por que mensurar o igual com pesos e medidas diversos? Seriam padrões? Como o fato de uma mangueira produzir mangas e a roseira rosas, então basta conhecer verdadeiramente o produto e se ater às variáveis possíveis e obviamente ao meio, pois que não se trata de um produto estável que estaria perante soma certa. E o que isso significa? Eis uma questão que não conseguia responder.

Hum, quão agradável eram esses momentos matinais, os pais já não estavam mais em casa, só ela e a avó, o último dia de suspensão, logo voltaria a aula.

Logo, logo colocaria os pés no chão, e naquele dia a avó a levaria para nadar, mesmo estando de castigo, Beatriz prometeu na noite anterior bem na

hora do jantar, entretanto haveria de ser na parte da tarde, posto o desejo pela presença de Luiz e Diana.

Então está certo levantar no três, dois... um... e pronto, apanhou a toalha e seguiu para o banheiro correndo, que podia fazer se estava contente, nem iria começar a leitura nova agora pela manhã, iniciaria só depois do passeio.

Olha isso, já fez tudo que tinha a fazer, lavou-se, alimentou-se, e Beatriz ainda dormindo, oh, soninho pesado, pois não se fez de rogada, entrou no quartinho e se deitou ao lado da avó.

Encontrando uma Beatriz desperta e resoluta, simplesmente deitada com os olhos abertos e odor intoxicante de cigarro, detalhe irrelevante para Ana, não fazia muito sentido andar por aí, na vida, detendo-se ao cheiro das pessoas, o problema foi que apesar de sua presença a avó não se moveu e tão pouco proferiu palavra qualquer, poxa, já passava de nove horas.

— O que foi vovó? — perguntou e Beatriz custou a responder, somente quando Ana estava para repetir a pergunta que ela se levantou e simplesmente deixou o quartinho e a menina.

Ana não se importava, a avó era mesmo assim, sempre foi.

E sem os pais e nem ninguém por perto, com o celular da avó convenientemente esquecido na sua estante de livros, poderia, na inocência, apropriar-se e convidar os amigos para o passeio da tarde, Luiz, assim como ela, adorava nadar, então ligou e nada do garoto a atender, hum, até parece, será que havia esquecido o telefone em casa? Pode ser, sendo ele a pessoinha esquecida que era, Assim discou o número de Diana, podia até imaginar a vermelhidão no rosto da menina e o mal jeito pelo inconveniente, nove horas e dezoito minutos, ainda não era tempo do intervalo, enquanto tocava, Ana sorria imaginando a cena, só que no quarto toque, Diana atendeu, o que fez com que se assustasse e interrompesse o riso, não esperava essa atitude da

outra.

— Alô! — Ouviu a voz baixa da amiga pronunciada com impaciência.

— Oi, sou eu, a Ana, minha avó veio e ela vai me levar para nadar, quer ir junto?

— Não.

— Então passa o telefone para o Luiz.

— Ele não veio na aula hoje.

— Por quê?

— Não quis. — Nisso Diana desligou, sem se importar se Ana tinha mais o que dizer e sem se lembrar dos bons modos, ora, essa menina irritante, se naquele dia não estivesse de bom humor com toda certeza não relevaria, gênio ruim esse da outra, ela precisava aprender a se relacionar.

Para não perder tempo enviou uma mensagem para o amigo:

“Hoje a gente vai nadar, a vó veio e vai nos levar. Ela trouxe um presente bem legal, depois te mostro.”

Instantes depois de enviar se apercebeu do equívoco e enviou uma segunda mensagem:

“Sou eu, Ana.”

— Acha justo fazer isso? Acaso não pensa em mim? Acha que mereço esse comportamento? O que te fiz para merecer essa retribuição? Você não pode se comportar assim, eu não te criei para passar noites na rua e além de tudo eu precisar ficar acordada pensando no que pode estar acontecendo com você — foram as palavras pronunciadas por Sabrina, assim que Luiz entrou.

— Sinto muito, desculpe-me mãe, não queria te magoar, só precisava

ficar sozinho.

— A vida não é assim, Luiz, você precisa pensar antes de agir, medir seus atos, colocar-se no lugar dos outros e não apenas seguir seus desejos egoístas.

— Acontece que eu não consigo ficar nessa casa com o clima desagradável provocado por vocês dois — Luiz devolveu, interrompendo Sabrina, ora, todas as vezes que passava a noite fora eles discutiam e ele dizia a mesma coisa com palavras diferentes ou não, recebendo em resposta argumentos repetidos.

Ao ouvir o filho, Sabrina calou, desviou o olhar do garoto voltando para si mesma, deu um passo atrás e em seguida fixou novamente a atenção no jovem, agora com zanga mesclada à tristeza exposta no olhar, resultando em indignação como se as palavras do outro a ofendessem, afetando de forma descomunal.

— Imagino como se sente e eu sinto muito por ser assim, mas era uma discussão entre eu e o seu pai, você sabe como ele fica às vezes, e mesmo assim a reação que tem é pensar só em si mesmo — Sabrina não era grossa ao pronunciar as palavras, no entanto a mulher sabia depositar o tom certo de repreensão em cada letra, fazendo com que ele se sentisse mal com seus gestos, embora não se arrependesse e tão pouco considerasse a hipótese de não os repetir.

— Já me desculpei, mas se quer que seja diferente vamos nos mudar dessa casa e talvez dessa cidade, só nós três, será melhor para todos, isso não nos faz bem, entende? — ele se repetiu novamente e dessa vez suas palavras tocaram a mãe de forma negativa, provavelmente ela pensasse ou sentisse o mesmo, seus olhinhos se estreitaram e seu controle para não dizer o que não devia e para conter as lágrimas foi nítido.

— Nem tudo na vida é tão fácil quanto você pensa que é. — Então se

afastou sem esperar resposta.

Claro, tudo quanto de costume, podia ser só um momento de uma parte, ou assim pensava, acontece que o imediato pode parecer tão grande e devastador que abrange. Sentia-se agora submerso e conseqüentemente distante do acalanto proporcionado pelas estrelas.

Capítulo V

Acabou que não teve outro jeito, para sua desilusão a única companhia no passeio foi a avó, não que fosse uma presença ruim, apenas não era o que esperava, queria alguém da mesma idade e com semelhante disposição, Beatriz sequer usava biquíni e claro que não entraria nas águas, imagine se você se sujeitaria a estragar o cabelo, foi o que Ana ouviu ao questionar a avó.

Tudo bem, não sabia o que estava perdendo, a cachoeira ficava a mais ou menos trinta minutos de carro da cidade, em dia de semana se encontrava praticamente deserta, os únicos presentes além dela e da avó eram três rapazes, parados perto de onde a água circulava com maior força, e ela não ousava se aproximar.

Permanecia próxima à margem cercada por pedras quentes, em ponto que mais se parecia com uma piscina que propriamente um rio, podia mergulhar se quisesse e também nadar, embora por alguma razão que fugia a seu alcance o bom humor da manhã passara, estava num ambiente que a acalmava, inspirava e na maior parte das vezes tranquilizava a mente, mas agora só se sentia inquieta e enraivecida.

Tão lindo e tranquilo, tanto que chegava a irritar; as árvores, a grama, as trilhas, e a própria forma com que locais e forasteiros em dias de descanso se aglomeravam naquelas mesmas águas com seus comportamentos descompromissados, como se estivesse tudo bem em festejar e se descontraír enquanto se desconsidera a realidade trágica.

Melhor mergulhar.

Foi o que fez, e a cada segundo que passava o sol esquentava um pouco mais, sempre que ia no rio ou era cedo ou fim de dia, talvez a volta do dia

não fosse o momento certo para se distrair, como se pudesse.

Saiu da água com seu maiô colorido e se sentou ao lado da avó, que então se valia da conveniente sombra de uma árvore, o vento soprava de forma reconfortante e o sol se demonstrava incapaz de alcançá-las, detalhes que passaram despercebidos para a menina.

O que será que é isso? Por que de vez em quando tinha esses seus ataques de impaciência? Uai, isso não era certo, estava errada, se Guilherme estivesse presente a diria para se controlar, manter o controle, mas ela era humana, ora, humanos são assim imperfeitos, poderosos e descontrolados, controlar a si mesmo, grande sandice, apenas porque não conseguia, diga se isso é algum pecado por acaso? Pensar em intenções, energias, ações, inter-relação, pesos e medidas, o agora e o depois, convenhamos que tamanha disciplina não se aplica a esse mundo, talvez nem seja correto, se fosse daria muito poder ao disciplinado, ou quem sabe devesse apenas pensar na ordem superando o caos.

— O que foi Ana? — Beatriz interrompeu seus pensamentos.

— Ah, não aguento mais isto, eu sou muito burra, como é que pode isso? Fico pensando como é que posso não enxergar um palmo em frente ao meu próprio nariz, e não conseguir colocar as peças no lugar certo e muito menos alcançar o ritmo, isso não é normal, não pode ser, acho que essas coisas são ou deveriam ser óbvias. E depois esse tumulto mental não é certo, precisaria de calma, disciplina e um pouco de luz. E outra, imagina se esses conceitos que a gente tem estiverem errados, equivocados e a verdade for algo completamente diferente, ainda não pensado, bem... Acho que tenho que me concentrar e formular as perguntas certas e então responder com uma outra pergunta como se construísse uma estrada ou cavasse numa pedra, só que com um detalhe, a estrada já existe então só preciso encontrá-la. Ai vovó, o que eu devo fazer?

— Ai, Ana, você tem que relaxar e não pensar nessas coisas. Como pode resolver um problema se o revive constantemente e se esquece de olhar verdadeiramente em volta? Você é só uma criança, tudo bem em agir como tal.

— Que horror vovó, fique sabendo que anos não passam de um conceito vulgar, não é porque sou criança que devo me enquadrar em determinado conceito. Pense se você com todo seu ser se resume a esse corpo cercado por essa realidade limitada e imediata, ou se você é formada por seus pensamentos, desejos, sua consciência, mais que isso, não seria a verdadeira Beatriz esse conjunto abstrato que homens, animais e a natureza possuem e que costumamos chamar de essência? Ou ampliando um pouco mais a visão a verdadeira Beatriz é apenas isso? Sua essência, ou ela é mais, como algo até então não concebido? Claro que esse pensamento implica numa série de considerações como a proporção da vida e desse pretendo eu, reencarnação, proporção, espírito e mundos, implica no que chamamos de espiritualidade como algo inerente, em alguma espécie de processo que eu desconheço ainda, e acrescente na soma, o quesito comunidade, pois vivemos em sociedade, querendo ou não, aceitando ou não, compreendendo ou não, isso é um corpo, composto por todos nós, pessoas equivalentes em muitas realidades.

— Está vendo? Pare de pensar assim, tente relaxar, não precisa formular questões constantemente e tentar responder, o que responde é a vivência, os acontecimentos e contatos.

— Então o que se faz na vida? Para manter o mínimo de sanidade mental é preciso conservar objetivos, metas e tentar alcançá-los, é assim que se vive, do contrário o que restaria? Não consigo imaginar nada além de um vazio desagradável. Eu sei que você concorda comigo e sei também que ainda não alcançou aquilo que a satisfaça. E acredito que não encontrará, pelo menos não por hora, acho até que o mesmo vale para mim, será que isso é

bom ou ruim? Será que existe entre nós, alguém completo? E será que isso significa que no fundo nós entendemos nossa própria fragmentação e posicionamento equivocado? Eu não sei, você sabe? O que sei é que não somos mais crianças inconsequentes, nós percebemos o que se é, o que está solto e acessível. Nós organizamos, posicionamos, criamos padrões e mantemos sistemas, somos poderosos e livres. Esse pensamento é fabuloso. Refiro-me ao poder humano, essa força que todos possuímos, do que se trata? Como funciona? Eu também já reparei que não estou me referindo a algo novo, esse é um detalhe importante. Imagine um jogo com várias fases, embora mais vale utilizar a palavra camadas, enfim é como se cada uma delas delimitasse de alguma forma, restringindo as noções, os parâmetros e mente dos envolvidos, nos encontramos em uma dessas camadas com seus princípios, regras e funcionamento próprios, mas há aberturas e para as alcançar é preciso sair da mesmice, ampliar a visão. Que queime a carga e vença os empecilhos.

— Bravo, continue lendo livros e repetindo teorias.

— Eu tento, só que não preciso copiar, quer saber o porquê?

— Diga.

— Se não sabe trate de descobrir, pois não sou uma babá ou um dicionário.

Depois disso guardaram silêncio, sentindo o vento e observando os adolescentes no lado oposto, pareciam descontraidamente contentes, Ana comeu seu chocolate, uma barra inteirinha, hum, só a avó mesmo para depois de seus últimos gestos a presentear com agrados, Beatriz fumou um cigarro e também comeu uma barra de chocolate. O doce faz bem e não há quem nesse mundo que seja capaz de negar essa afirmação.

O cotidiano, ela o assistia através das telas do computador e da televisão, percebendo o quanto podia ser desafiador para alguns e estimulante para outros.

Ainda a pouco havia assistido a uma reportagem a respeito de um homem, não lembrava o nome, que simplesmente abandonou um alto cargo em uma das instituições mais nefastas já inventadas pelo homem; a bancaria. Simplesmente para descobrir a si mesmo, era lindo, mas ela conhecia razoavelmente a si mesma, ou era o que pensava, pensamentos podem ser enganosos, isso é um fato, como também é a graça diversificada da vida de alguns, seja pela força do meio ou pela força própria.

Sua vida era chata, desestimulante, um aborrecimento que só, agora mesmo depois de um dia aborrecedor foi obrigada pela mãe, apesar das objeções próprias e das interferências da avó a seguir até a igreja evangélica junto da família e sem concessão para o uso dos fones de ouvido.

Nossa, como era possível tamanha insanidade e mediocridade, também não era ninguém para expressar seus pensamentos quando cultura, crenças e comportamentos devem ser respeitados. Quão contraditória é a vida social.

E depois existem características sociais que são intocáveis como os conceitos de sagrado, valoração, organização, em geral o que se caracteriza pelo aprimoramento, o que por sua vez é contrário à evolução, vez que equivale à manutenção, verdadeira defesa, continuidade.

Tantas ideias estranhas que possuía. Grande coisa, abaixo o socialmente correto, hipocrisia, estabelecido e o aprimoramento.

Ora, que há de errado no aborto? Com orientações sexuais diferenciadas e conseqüentes formações familiares não convencionais, a legalização das drogas, pois se não pode combater algo, que o administre, e mesmo igual peso e medida para os iguais no plano tangível como o é
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

verdadeiramente no intangível, nada de errado com suicídio, eutanásia, ora, se está muito difícil e se pensa que não vai conseguir e não encontra apoio em si mesmo ou no externo, tudo bem em retornar e depois tentar novamente, só não dá para fugir, isso é, apagar, esquecer, desconsiderar ou passar por cima, dívidas são sempre pagas.

Não existe nada de polêmico com esses temas, são apenas ultrapassados, deve-se pensar nas verdadeiras questões como o fato de em pleno século vinte e um, ainda não se compreender de forma intrínseca o conceito de vida comunitária, de corpo. E ainda não se ter adquirido de forma majoritária, o respeito básico pela preciosidade do humano, do planeta, dos animais e pela grandiosidade da Lei.

Amplie a visão, adquira noção de tempo e espaço, isso é o mínimo, ou não. Como seres livres, conscientes e parados perante mananciais, consequências são justas e o justo não é e nem pode ser errado, uma pessoa pode ser o que quiser, homens são poderosos e isso é verídico.

Então que pode ser desagradável, e por Deus como o é, mas não é ruim, errado nem nada do tipo, é somente justo, por isso nada de piedade, nada de clemência, compaixão ou carícias, a não ser que seja proveniente da mesma face. Isso é errado? Esse pensamento, Será? É equivocada a legitimidade do que se é? Claro, que se pode argumentar que não é ser e sim estar, e quanto a isso tudo bem, mas não se abandona o estado atual sem transformação, em outras palavras a mudança do ser.

Não é nada, isso não é nada, o pensamento em si se comprovava miseravelmente efêmero. Por isso Ana sorriu, a princípio baixinho, contudo se deixou levar, o que capturou a atenção de alguns próximos e fez com que as bochechas de Diana, que estava sentada ao seu lado adquirissem cor igual a um tomate maduro.

Tudo que é estranho e ruim dura muito e tende a se repetir, oh desilusão, oh poderoso tédio. Qual é. Parece que foi relegada ou talvez simplesmente delegada a um tempo e a uma realidade morna, monótona e tão sem sentido quanto as anteriores.

Um pouco de verdade, vibração, comprometimento e entusiasmo seriam tão bem-vindos quanto o presente em algumas épocas e corações, Deus, como é gélido o século vinte e um, então sim, para quem vive no futuro esse é um tempo monótono e morno com predestinação ao congelante, embora se apresente claramente no horizonte rajadas de labaredas incandescentes.

Ou se não é dessa forma, por que então você se permite navegar pela arte? Se não, para buscar uma parte distante de si mesmo fantasiada do que se pensa ser realidades distintas, ou mesmo, tempos distantes. Esse é o doce engodo do tangível.

Agora estava Diana sentada na cozinha da casa da tia Laila, enquanto sua mãe, a tia e a dona Teresa preparavam o jantar, pela porta enxergava Ana sentada na mesa da sala em frente à Elika, a filha mais velha de Teresa, e ao lado de Luiz, podia ouvir as conversas de seu pai, de Guilherme e da dona Beatriz, eles discutiam a respeito da política.

Tereza que também frequentava a igreja e era amiga de sua mãe, era mãe solteira, e apesar disso ou talvez por isso fosse uma das pessoas mais conservadoras que Diana havia conhecido.

E em meio a tudo isso o filho menor de Tereza, o Vicente, garotinho de três anos e muita energia, que por algum motivo, possivelmente sensato perante a compreensão do mesmo, tinha a mania de correr pela casa, como

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

naquele momento.

— Ei, Diana, você pode preparar a salada? — Tereza pediu. — É só picar o tomate, alface e o pepino.

— Posso sim.

— Ah, tem maçã também, vocês se importam se colocar? — Laila continuou. — Sempre pergunto, tem gente que não gosta.

Ao tempo que o pequeno Vicente veio da sala correndo, pediu um pedaço de carne, que Tereza concedeu, então o garoto voltou para a sala, passou ao lado dos três jovens e se sentou em frente à televisão, perto dos adultos, Pedro e Beatriz que embriagados pela discussão, “Lava Jato, seria ou não seria um golpe, a PEC 241”, sequer se aperceberam da presença do pequeno, apenas Guilherme que se limitava a pontuações periódicas, notou o menino.

— Qualquer pessoa minimamente ciente das próprias razões, percebe que todo esse movimento se originou não por interesse na moral e fiel seguimento das leis, é política clara e simples, então posso afirmar que sim, estamos perante uma tentativa de golpe. Ora, irrita-me o quanto é fácil manusear o povo, então depois dê um afago e uma distração que fica tudo bem, só que essa é uma afirmação inverídica. Não é somente porque sou de esquerda que aprove o governo, bem pelo contrário, mesmo porque não entendo a razão da grande maioria os atribuir esse título, quando de fato e verdade não são. O que quero dizer é que mesmo você deve admitir que esse movimento é tendencioso, a Lava Jato, o Moro, a imprensa e tantas outras cabeças nacionais e internacionais.

O mais insano é a própria população, pelo menos a maioria não se dá

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

conta dos fatos, não se liga em política, também com esse ensino público medíocre, uma mídia corrompida, não por dinheiro e sim em si mesma, cultura zero, direcionamento que me faz querer deixar esse mundo e, vai ficar ainda pior agora, veja, ninguém prioriza o que deve ser exaltado que é a educação, e com isso quero dizer educação de qualidade para que possamos formar de fato e verdade uma sociedade justa e igualitária, não igualitária no sentido de imposição ou ditadura, mas sim justa no sentido exato da palavra, por isso sou vermelha, e não por conta dessas teorias ultrapassadas. Não me olhem com essas caras, quando digo essas coisas no trabalho o pessoal se acende todo, basta um alguém dizer que é vermelho para ouvir críticas abobadas, só que nós queremos a mesma coisa, com visão e ângulos contrários, o problema é que se foca sempre nos erros e falhas dos outros enquanto se esquece de observar a essência dos pensamentos, aquela mesma essência ausente de vícios. Então que o comunismo é a evolução, ao passo que o capitalismo é manutenção, posto que o verdadeiro comunismo, como disse não é representado pela imposição, revoluções ou mortes e sim pela comunhão derivante de condição interna favorável por parte dos integrantes da comunidade, refiro-me a quesitos como respeito ao próximo, empatia, fraternidade, igualdade e amor que ultrapassam o sangue, a pátria, o idioma e a religião — Beatriz finalmente concluiu.

— A senhora tem idade, só por isso não a respondo adequadamente — Pedro soltou assim que Beatriz se calou. — De qualquer forma o ponto é que sempre quem paga a conta é o povo, e nunca que vamos viver em harmonia, pessoas são por essência diferentes, e elas são responsáveis por seus atos, não posso concordar e jamais concordarei com essas “coisas” que defendem liberação de drogas, aborto, casamento gay, isso é contra a natureza, ora, chega a ser contrário à religião. O bom para esse país seria se voltasse o tempo da ditadura para acabar de vez com essa marginalidade maldita, coisas

como feminismo, o comunismo institucional, esses marginais protegidos pela lei, o Estado tem que defender os cidadãos e não as aberrações — deu uma breve pausa para retomar. — A senhora fala também sobre as mudanças do governo, reforma da previdência, escolas e CLT, mas é tudo necessário, se não se fizer mudanças urgentes, a economia desse lugar afunda de vez, olha a quantidade de desempregos e a maldita síndrome do coitadismo...

— O problema é o caminho, o resultado disso tudo, como é feito e o desrespeito esfregado aqui na nossa cara, sendo que o que a gente precisa é justamente o contrário, precisamos de acesso, nada de empregos ou economia, precisamos de crescimento humano, elevar o povo, distribuir conhecimento e dignidade, precisamos do verdadeiro comunismo, só assim uma nação cresce verdadeiramente, não nos padrões norte-americano e sim verdadeiramente.

Então percebendo o interesse de Vicente pelos antigos *CDs* da família, Guilherme escolheu um *DVD* especial com canções infantis, que não para sua surpresa fisionomia a atenção do pequeno, gesto esse que também passou despercebido para Beatriz e Pedro.

Na visão de Guilherme, os humores efervescidos se assemelhavam a uma parede negra.

No que dizia respeito à Ana, tudo que interessava no momento eram as feições, trejeitos e movimentos de Erika, a menina era mais velha, último ano do colegial e Ana desconhecia quem fosse que olhasse torto para a garota, nada de comentários e tão pouco sussurros perdidos, o que era peculiar, vez que não havia em Erika nada que se ressaltasse, menina banal, verdadeiramente medíocre, nada de ambições, pensamentos próprios ou

particularidades que fugissem à regra.

Talvez a regra aprecie a regra.

Impossível sustentar qualquer tipo de conversa interessante com Erika, cabelos longos e escuros trançados de lado, rosto oval, pele escura e gestos lentos, às vezes ela se apresentava na igreja, e, diga-se de passagem, cantava extremamente mal.

Não bastasse tudo isso a garota vinha demonstrando-se incapaz até mesmo de disputar uma simples partida de dama, era a quinta disputa e a outra sequer lhe ofereceu estímulo, quanta mediocridade.

— Ah, para mim já chega, você não leva jeito — simplesmente disparou quando era sua vez de mover.

Erika a encarou por um momento, Ana sustentou o olhar, isso é bom à intimidade em si, por fim acabou sorrindo de forma meiga, foi quando a convidada desviou os olhos o que fez com que Ana, por alguma razão, que então não era capaz de compreender, sente-se tola. Ah, sim era sua infantilidade.

— Hum, que pena para mim, acho que dessa vez a vitória seria minha.

— Claro.

— Ela é assim, quando percebe que está ficando por baixo dá logo um jeito de se esquivar — Luiz interferiu, ele que estava especialmente intrometido, ora, será que alguma vez na vida iria se posicionar a seu favor? Estava tentada a validar resposta negativa.

— Nada a ver, eu ganhei todas as partidas contra os dois, não preciso fugir, isso porque sei o que faço e também sei como funciona o raciocínio de vocês, por isso não perco.

— Está certo, já me cansei há tempos, só não disse nada pelo aparente interesse de vocês, mas nós temos assuntos mais interessantes a discutir como o projeto que vamos iniciar agora, só nós os jovens.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Fala da campanha para arrecadação de alimentos?

— Sim, será anunciado no nosso encontro de domingo e então vamos montar os grupos, vocês ficam comigo, até agora sou só eu e a Maria, a gente pode sair de tarde quando o sol fica mais fresco, pelo menos três vezes na semana, também acho que seria interessante passar de sala em sala nas escolas, e nos comércios, vocês não concordam?

— Sim, eu aceito e a gente pode chamar o Marcelo também, só que tem que discutir direitinho os pontos onde que cada grupo vai passar, e... — Luiz ia dizendo quando os presentes, mesmo o pequeno Vicente teve a atenção roubada por Beatriz que zangada com as palavras de Pedro. Levantou-se e se dirigiu para a cozinha, isso depois de disparar palavras pouco ortodoxas.

Só Deus e o Diabo sabem a força de vontade empregada por Pedro para não responder a velha da forma que ela merecia, mas também ele era visita e a mulher claramente se caracterizava como uma desajustada, como tal um mal exemplo, ela e toda a família, ora, ele devia falar com Sabrina a respeito, essa gente não era coisa boa, a começar pela menina toda respondona, a mãe tão impertinente quanto a filha com suas roupinhas justas e maquiagem, terminando pelo pai, aquele que perdeu o controle e a cada dia apresentava mais e mais trejeitos afeminados.

— Nossa, sua avó é brava — Erika disparou.

— Ela é efervescente em tons de vermelho, assim como eu. Nossa! A vovó é demais.

— Você concorda mesmo com sua avó quanto a isso?

— O que você acha? — Ana devolveu em tom desafiador.

— Eu...

— Claro que não, eu e Ana somos cinzas, embora tenhamos clara afeição pelo vermelho, todavia o propósito é enxergar o que há de bom em cada uma das partes e então somar.

— Há sim, claro, eu não concordo com vocês, na verdade penso bem diferente, mas não vem ao caso. De qualquer forma já descobri de onde você herdou esse temperamento. — Elika continuou com os olhos em Ana Luíza, essa última fazendo jus a mais recente concepção se levantou e saiu sem responder a visita.

Isso para evitar a possível irritação, Elika comparou sua personalidade com a da avó em tons pejorativos, como se o fato de insinuar que se parecia com Beatriz fosse uma ofensa.

Durante o tempo que se afastava pensou que deveria aprender de uma vez a aceitar as diferenças e conviver, só que ainda se magoava facilmente e a melhor atitude frente ao dissabor interno para com um outro era a distância, ao menos quando se quer evitar ou reverter a antipatia, sentou-se no terceiro degrau da escada e logo teve como companhia a presença da cadelinha Margarida.

Onde já se viu, desconsiderar a própria pequenez para a atacar e ainda imaginar que ela se sujeitaria a participar de algo como assistencialismo, ah que atitude horrível, claro que se doía e se chateava com a terrível condição de alguns, apesar desse mero pensamento poder ser traduzido como um deslize de sua parte, não era certo ou sensato encarar o redor com olhos tão negativos, mas mesmo assim não podia fazer nada, exceto oferecer a mesma face, o respeito é o básico e se é um erro, que seja.

Assistencialismo, que pensamento e atitude bárbara, se realmente se preocupa com o próximo e consigo mesmo, vez que se vive em comunidade, o que deve ser feito é trabalhar com as estruturas e então pronto, reverter verdadeiramente a situação, cortando o mal pela raiz, não se tocar e estender a mão com alguns pães velhos, para “essa gente”, e já ir logo pensando como eu sou um bom menino, mereço uma estrelinha, merece sim um bom safanão para deixar de ser covarde e maldoso.

O problema é que cortar o mal pela raiz é difícil e trabalhoso, verdadeiramente trabalhoso.

E a religião em si? Será que Erika era de fato uma cristã? Ana duvidava, ela como todos apenas seguia, nasceu em família cristã em um país predominante, o que é bem diferente de depois de estudar e adentrar em cada seguimento escolher um em específico, ou todos simultaneamente o que seria bastante sensato, ou então nenhum, porque afinal uma pessoa não precisa seguir o que quer que seja, pois se trata de uma verdade mais cedo ou mais tarde será alcançada, ora, quem é que não possui o deus em si mesmo.

E o mais importante, não se deve seguir a religião em si e sim o grandioso princípio que, apesar de tudo, registre bravamente a tamanha distorção ensandecida. Os princípios que se interligam e se revelam em verdades mínimas, mas como apresentar o grande quando não se interioriza coletivamente as migalhas?

É isso, precisava parar de uma vez de frequentar cultos, não fazia sentido, tudo que importa é a espiritualidade em si, o que se pode classificar dessa maneira ou de formas diferentes, basta analisar as religiões, o que Ana ainda precisava fazer de forma adequada com um pouco mais de profundidade que meros textos da internet ou documentários, mas mesmo assim o que existe em comum entre todas? Não o fato de que Deus é um só e todas as religiões buscam a mesma finalidade, e sim os pontos em comum. Nada de sagrado, inalcançável ou digno de veneração, apenas uma verdade próxima e ao mesmo tempo ainda distante, diz-se terra à vista. Mas talvez esse pensamento não seja algo interessante, vez que não se considera.

Mundo invertido.

E pare, por favor, pare com o negativismo, e inicie de uma vez de forma eficiente o bom comportamento social, basta sorrir, concordar e ser um tanto quanto submissa então pronto, já se consegue uma série de amigos,

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

dessa forma não precisaria permanecer sozinha como agora, mas não se pode conceber a falta de sinceridade e tão pouco o perca de si mesmo em face do externo, muito menos por amizades superficiais, ou se reconhece de forma mútua e se observa conexão recíproca e consciente, ou então a proximidade física se revela desnecessária. Mas por quê?

Agora caso não usasse vestido, teria se deitado, ali na escada mesmo, e veja Luiz, nem demonstrou verdadeiro interesse por seus livros novos, e tão pouco pelo fato de não a ter acompanhado no passeio da tarde. Erro seu, não devia ter um só amigo, assim, mesmo sem querer, acabava depositando toda energia e expectativas na mesma pessoa, o que pode ser um peso alto, talvez a pessoa não suporte e se canse.

Quem mais poderia ser seu amigo, talvez a bibliotecária, poderia? Era mais provável que não. A tia Nair? Também não. Haveria de ser alguém mais jovem, mas quem? Carecia de opções.

Desde que chegou o único assunto de Luiz, tirando aqueles do interesse de Erika, foi sobre o encontro que o mesmo teve com o doido da cidade e a forma como precisou de toda a tarde para retratar o mesmo em um desenho, grande coisa, existem tantos doidos no mundo, ela mesma já havia assistido documentários e reportagens a respeito, grande coisa se o homem não se enquadra e provavelmente saiba se comunicar sem a necessidade de palavras faladas, a maioria dos “doidos” tendem a sensibilidade. Grande manancial. Isso quem dizia era Diana.

Bingo, nota mental, estreitar os vínculos com a amiga.

Com esse intuito apenas foi até a presença da menina, onde questionou:

— Vem comigo?

— Não, vou ficar aqui mesmo — Diana, o ratinho respondeu.

— Vai lá menina, você passou a noite com a gente — Sabrina interveio.

Como sempre, Diana não se impôs, apenas se levantou e acompanhou a outra. Deus, talvez não fosse um rato e sim um cão.

Foram para o quartinho, ao mesmo tempo que o pequeno Vicente continuava atento pelas cores do vídeo e a canção infantil, Pedro e Guilherme esperavam e Luiz conversava com Erika.

Que gênio ruim esse seu, francamente, teria de aprender meditação ou então autocontrole, será que dava na mesma?

Ana entrou primeiro no quartinho sendo seguida por uma Diana concisa e cabisbaixa e por fim a cadela Margarida, que apenas se deitou em sua caminha.

— Percebe? Foi isso que a vovó me deu, tudo pra mim, ao início pensei que precisaria de meses para ler, mas agora já me conformei que serão necessários anos, hoje terminei de ler “Cartas a Théo”, o que aliás, deixou-me fascinada com a fidelidade à arte e com a lucidez desse homem, e também por Théo, Deus, ele devia ser um santo, então agora vou começar a ler a biografia de Van Gogh, e depois talvez leia a esse livro aqui, “Breve história de quase tudo” ou então “A Doutrina da Flor de Ouro” ainda não me decidi, e tem também esse aqui “A história Está Errada”, que parece ser interessante.

— Que bom para você — Diana disse, Ana sorriu por ser verdade, contudo não chegou a reparar no amargor camuflado na voz da filha de Sabrina.

— Sim, por isso te chamei, para compartilhar, vá, pode escolher alguns. Não é empréstimo e sim um presente. — Ana sorria de forma expansiva ao dizer, pois no seu entender praticava uma boa ação, nada mais que um agrado que se aceito permitiria que estreitasse os vínculos de amizade com a outra, da mesma forma que era com Luiz, assim quando precisasse conversar teria literalmente duas opções.

— Por quê?

Para o desagrado de Ana, essa foi a reação de Diana, uma simples pergunta desprovida de interesse.

— Ora, porque sim, mas se não quiser não tem problema, mas se quiser é só não mexer nos “Diários de um Banana” eles me fazem rir e nem na minha lista de leituras próximas — completou ao apontar para meia dúzia de textos empilhados sobre o baú, dentro os quais os citados anteriormente.

Estranhamente antes de aceitar, o que era para Ana a única atitude aceitável, Diana permaneceu encarando-a por uns instantes.

— Quantos posso pegar? — perguntou sem se mover.

— Não sei... Uns cinco ou seis, talvez sete, só não passe de dez.

Ao ouvir, Diana se levantou e muito calmamente se dirigiu à pequena estante de onde retirou quatro textos, depois até a caixa dada por Beatriz que guardava literatura, dali depois de poucos minutos nos quais retirou e recolocou alguns textos na caixa, escolheu mais um em especial, com os cinco livros em mãos se voltou para Ana.

— Pode ser esses?

Claro, só podia ser literatura, os dois primeiros textos da série “Harry Potter”, “A Pedra Filosofal” e “A Câmara Secreta”, e também o último; “As Relíquias da Morte”, o livro “Coração de Tinta” e por fim “Demian”, esse último pertencente às doações de Beatriz.

— Se é sua escolha, que seja!

Com a confirmação, Diana se sentou ao lado de Ana e folheou as páginas dos seus presentes, salvo uma ou duas exceções, a antiga dona sequer conhecia o conteúdo, todavia cada um deles, exceto o presente mais recente possuía seu belo nome marcado à caneta na primeira página, bem acima do título, o que Diana considerou um ponto inconveniente.

De outra forma agora estava contente, por duas razões; a primeira era que não possuía renda própria para comprar livros ou pertences em geral que

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

lhe agradassem, e para sua família a leitura e o conhecimento não possuíam lá tanta relevância, então tirando os que pegava nas bibliotecas ou da escola ou a municipal, os que baixava pela internet ou os poucos que conseguia comprar com suas economias e que lhe custavam comentários incompreensíveis por parte da mãe e do pai, ora que coisa, onde já se viu gastar dinheiro com livros? Não tinha acesso.

Bem diferente de Ana que ganhava dos pais, familiares e sequer dava o devido valor, ora, quantas vezes já teve de ouvir a menina reclamando sobre a grandiosa insensibilidade de sua família ao escolher os títulos de seus presentes, ela no lugar da outra agradeceria pela sorte.

— Tem certeza que sua mãe não vai falar nada? — comentou depois da pequena inspeção.

— Não, eu sou livre, ela não manda em mim e nem nas minhas coisas, além disso a mamãe não se preocupa com essas coisas, por ela doaria até os cabelos da cabeça.

— Obrigada — também não era de agora que Ana vinha reparando que em Diana se ressaltava a dificuldade do contato visual, o problema era que para si não era fácil manter a conversa sem o contato, não entendia o comportamento da outra, tão pouco era algo que lhe chamasse verdadeiramente a atenção, timidez é assim mesmo, não é? Deve ser.

— Pare com isso, eu te conheço há muito tempo, não precisa disso comigo. Por que tem receio em falar sobre a história que a tia Nair está lendo? Você nunca comentou a respeito, ela é sobre o quê? Sua vida, essa cidade, nossas vidas? Não vai me dizer que está escrevendo um romance adolescente com casalzinho, e vampiros ou lobo, e anjos ou então, ainda pior, um super-herói escolhido por uma profecia antiga que salva o mundo.

— Não é nada disso, nem teria problema se fosse — disse Diana num disparo, — É coisa minha, a forma com que vejo o mundo e acho que quero

compartilhar, você sabe, é como uma janela ou terapia.

— Hum, sei, qual a vista dessa janela?

— O material que se tem à disposição; pessoas, sociedade, organização, o escuro e o já iluminado. Não é nada demais, sequer chega a ser significativo. Eu queria que fosse efetivo, mas não é.

— Deixe-me ler.

— Não sei.

— Se não quer dividir comigo, que sou sua amiga, como pensa em, não sei, dividir com os outros?

— Acha que eu não tenho autoconfiança? — Diana questionou, e Ana simplesmente deu de ombros, não sabia responder.

Como a menina manteve silêncio, Diana custou a pensar em como continuar com a conversa, não que a agradasse verdadeiramente, mas o fato era que lhe era caro dividir e mesmo controlar seu comportamento, nada consciente apenas não conseguia expressar os pensamentos e opiniões com clareza como qualquer pessoa normal, não conseguia ser espontânea ou dizer coisas convencionais como os outros.

Diana se voltou para Ana que apenas a observava com seus olhos levemente acesos, ela gostava da amiga e da presença da mesma, então talvez não fizesse mal compartilhar, não precisava fazer tudo sozinha, ora, que pensamento insano, pensa-se nas ligações, inter-relações.

— Posso usar seu computador?

Alguns instantes depois já de posse do eletrônico estava sentada na cama com uma sombra chamada Ana bem ao seu lado, foi no *Google Drive*, precisou de moderado intervalo de tempo para separar dois arquivos de texto, os quais baixou, feito isso devolveu o computador para Ana.

— Esse primeiro é o embrião da história que pedi para a tia ler.

O nome era “Ping Bing Bam” apenas três parágrafos.

“A harpa de Sant cultivada a esmero cheira a vinho margarita, Sant a toca todas as manhãs, ele não se importa, Sant vive entre as margaridas como um bom cultivador, todos ouvem a harpa margarita, de manhã ele deixa seu solo e parte a cavalgar até a cidade próxima e mais adiante, vai vender seus potinhos, conservas variadas, não há necessidade que Sant não seja capaz de anteciper, é o senhor dos desejos, Sant Ping. O velho cultivador.

O violão de Bing da época das vacas magras já não é o que foi, falta-lhe a alma, e o magro Bing nem se lembra das canções ecoadas noites adentro, Tim Bing possui uma casinha alta e encurvada no coração da cidade e também à fábrica de violões Bing, todas os dias ele se levanta antes do sol e parte a procura dos interesses de Bam. O magro Bing.

Bam Bam o velho Bam vive no deserto, porque assim preferiu, não gosta de conservas tão pouco de música, habita em uma tenda e se alimenta de insetos e areia, pelas tardes insetos e entre as refeições areia, antes de se decidir Bam viveu no campo à procura de margaridas, depois no mar em busca das ondas até que se mudou para o ar, bela ilusão, preferiu os insetos. O sábio Bam.”

— Não parece com uma sinopse — foi à primeira coisa que Ana pensou ao completar a leitura e consequentemente disse.

— Não é sinopse, é um embrião, tipo a essência do texto, aquela coisa que ao ler a gente percebe, porém não consegue traduzir em palavras com facilidade.

— Interessante, os personagens principais seriam os Ping, Bing e Bam, suponho — Ana comentou relendo, não era ruim. — Maus exemplos, é o que me parece.

— Quando tiver a versão final será uma estória infantil, eles são
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

caricatos e estereotipados, pretendo criar uma estória estereotipada como as estórias infantis geralmente são — Diana continuou. — Imagine uma aldeia distante e fictícia, claramente estereotipada, onde vivem os três personagens cujas histórias de vida se interligam e se confundem com a da história da própria aldeia. É isso.

O segundo arquivo tinha o título “Candelária”, depois de ler o Ping Bing Bam pela segunda vez, Ana clicou.

“O vento canta a princípio com timidez, é com o tique-taque de relógio inexistente que as ondas se intensificam, do topo das árvores, árvores de flores amarelas e árvores de folhas negras, pétalas se soltam e giram livremente como bailarinas enlouquecidas ao alcançarem as águas, flutuarem e se dissolverem.

Em terra distante, mas não tão distante para ser confundida com contos ou letras, em um reino, não, não se tratava de um reino, era antes um aglomerado forçado e fechado de emoções, tons sobre tons, tons sobre cinza, cinzas sobre cinza, vermelho sobre vermelhos, amarelo sobre marrom, verde sobre verde e verde e mais verde, negro totalmente claro, dourado como a lua e açucarado como o fel que se estende em forma de tiras de silicone recobertas por aço, aço de sal.

Por esse mundo corria no antes do agora que é agora uma lenda, A história de Candelária, ninguém sabia dizer o que era Candelária, ninguém tinha conhecimento da existência de tal história-lenda, Candelária era um segredo não guardado a sete chaves.

Pela manhã o sol nasce, ele reina e a noite se recolhe, a Candelária circula.

São cem, setenta para alimentar, vinte e cinco para prestigiar, você diz não, diz-se valente guerreiro inimigo de Candelária, mas a fortalece, quatro para sonhar e um para contemplar.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Porque não é segredo, talvez o seja que Candelária é frágil, mulher, homem, hermafrodita, animal bicho rei delicado como cola de aço de melado amargo, ela chora e sorri: Não se deixe, oh não, nunca pense que é assim, para, pare será que não vê que atira no seu próprio time.

Era dia quando se prometeu a laços de sangue em juramento não solene, uma promessa de vento sob os ventos de Candelária, afastar as sombras galho a galho.

Era dia quando se percebeu que para cevar Candelária era preciso refugiar-se no que de bom ou mal ela tinha a oferecer, era tarde quando o sol se intensificou e noite no momento em que Candelária se apercebeu, era noite quando se sorriu e manhã quando bandeiras brancas ganharam os ares.

Era dia quando Candelária entrou e na tarde vieram às sementes, os ventos e o perfume.

Reverências à Candelária, perante Candelária me posto, em nome de Candelária presto louvores em forma de palavras.

Como o grafite no papel o preto no branco, o branco no preto lá está Candelária, podem contemplar que ela não se esconde, não ela chama, vejam Candelária, a dama cavalheiro hermafrodita, o bicho de terno verde, verde muito verde. Como o grafite que risca fora e perfura o papel, lá está Candelária.

Um e dois, par e par, amigo e amigo, amigo e inimigo, irmão, irmãos de pais bastardos. Um e um, um em todos, todos em um e cem para Candelária.”

— É sobre o quê? Eu não entendi.

— Não sei bem, parece-me que seja o humano, a Candelária é o instinto.

— Eu também não sei o que é essa coisa que distorce — Ana comentou
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

com a voz baixa, todavia se calou ao notar que com a palavra “distorce” queria dizer fere. — Também já pensei no humano, mas sempre que me aprofundo me vem a ideia de erro, o pensamento de que estou deixando-me levar, de que estou desconsiderando um detalhe importante, acho que se conseguisse olhar realmente em volta e enxergar de fato o que me cerca seria capaz de alcançar um consenso, mas eu não consigo, eu acho que sou fraca demais ou sem vontade, não sei atravessar essa neblina, película, sabe eu não...

Então voltaram ao silêncio, e Ana se perguntou porque a mãe não aparecia de uma vez as convidando para jantar, já se preparava para descer e...

— Ei, o que será que tem depois? Eu fecho os olhos e tento imaginar, mas não me vem nada de específico.

— Não sei — Ana respondeu com rapidez. — Deve ser esclarecedor.

— Já me perguntei várias vezes a respeito, eu acredito, acredito de verdade que além dessas crendices existe muito, imensidões que a gente sequer imagina, não sei quanto a você, mas eu não tenho tanta imaginação quanto gostaria.

— Realmente ultrajante sermos incapazes de desvendar o que nos cerca, às vezes me irrita minha própria burrice, eu tenho perguntas, mas não tenho respostas, já pensei que o que importa são as dúvidas, que uma vez que consiga formulá-las corretamente a resposta vem, de alguma forma, seja com acontecimentos, leituras, pessoas, pensamentos, sonhos ou sei lá de que modo, só sei que vêm, então que devo ficar atenta nos sinais, só que é muito ruim a... Bem, a incerteza.

— Ana, se eu te mostrar outro texto meu, você promete ler com atenção e ser sincera em dizer o que achou?

— Claro — respondeu com moderada zanga, a pergunta era ofensiva,

pois acaso era ela um alguém desrespeitoso?

De qualquer forma Diana não reparou no tom desrespeitoso da menina, vez que apenas apanhou novamente o computador e baixou um novo arquivo, esse com o título “A Respeito do Nós”.

Ana abriu e encontrou um texto maior com suas mais de sessenta páginas, não lhe parecia um romance, tão pouco um conto, pensou em perguntar, contudo Erika abriu a porta e acompanhada por um sorriso informou que a refeição estava pronta.

— Não esqueça de ler e dizer o que achou, ele é importante para mim.

É claro, sempre estranha, como agora que descia com os livros ganhados em mãos, quando era mais adequado que os deixasse no quatinho e pegasse só na saída, e além do mais Diana sempre falava muito baixinho, como um ratinho acuado, atitude típica de quem tem medo e se esconde.

Ora, pare, quanto negativismo, não se deve pensar assim das pessoas, de quem quer que seja, que mania ruim essa sua de mirar nos pontos negativos. Contenha-se Ana, por favor se contenha.

— Claro, assim que ler te faço uma visita. É outra “essência de texto”?

— Não.

Nisso tiveram todos um ótimo jantar, embalados pelos mais variados assuntos e humores, Sabrina, quem poderia dizer, sabia preparar excelentes quibes de proteína de soja.

Como se demonstrava agradável ao diferente absolutamente igual reunido na mesma mesa, Ana contradizendo seu próprio veneno se sentiu preenchida com a cena.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo VI

Ana ainda não entendia a razão, mas fato era que acontecimentos como os do dia anterior, mais precisamente aqueles que se concentraram na parte da noite sendo agradáveis ou não a deixavam exausta, como se tivesse caminhado quilômetros de uma só vez abaixo do sol de Lençóis.

Algo nas presenças, personalidades, conversas e principalmente nas energias e trocas. Credo, como ninguém parece se aperceber da trágica condição humana, na desarmonia interna e consequente insatisfação, desordem interna equivale à desordem externa, mas talvez nada disso importe, não deveria ser tão descrente ou impaciente, o olhar de perto permite observar o produto como ele realmente é e o olhar à distância os fatos como são, nessa perspectiva estava completamente equivocada pela descrença, talvez devesse abandonar o olhar imediatista da distância.

Claro que o que é apenas é, e o que será já é, não existe nada que possa ser feito a respeito, e óbvio que não poderia se esquecer da proporção, pelo contrário, talvez enlouquecesse.

Grande círculo, grande círculo, grande e grande círculo, médio círculo, médio, médio, médio círculo, pequeno círculo e ainda menor, pequenino, pequenino, pequenininho, mínimo, gigante, imenso, imenso, o menor é o maior, vez que se completa sem se afastar.

Então que no momento só precisava pensar numa coisa por vez, pois perguntas trazem respostas e respostas geram perguntas, é assim que se liga os pontos e costura a colcha de retalhos.

Por exemplo: bastava ter em mente o fato de que vivia em sociedade, mais ainda uma sociedade composta por pessoas conscientes, nada de

crianças e a questão é, será que esse pensamento já foi explorado? Possivelmente sim. Ai, como se sentia cheia de concepções, fatos, realidades e a maldita direção imposta pelos posicionamentos atuais, não existem erros, existe liberdade.

Na verdade, pode-se comparar a realidade com uma flecha precisa que parte bem do coração simbólico de cada um e alcança o alvo pretendido.

Ela já havia conversado incontáveis vezes com os amigos a respeito, então é como se tivessem chegado a um consenso, e óbvio que poderia e haveria de mudar de opinião ao longo dos anos, pois era ainda muito jovem e inexperiente.

De qualquer maneira é bom partir de um fato: o corpo, a unidade social que é composta pelo produto, lê-se pelos homens independentemente de idade, sexo, nacionalidade, atuação social, coloração, roupas ou ideologias, o que leva a crer que tudo importa é relevante e não deve ser desconsiderado ou menosprezado, o que também significa que inexista verdadeiramente diferença entre aparentes opostos.

Basta ter em mente uma realidade, uma dividida na horizontal em contáveis sub realidades, cada uma dessas aparentemente inconscientes das outras e cada qual com suas características próprias, verdade e função no funcionamento, isso pela predominância do pretenso “eu” ou falso “eu” como dizia Diana, de forma tal que elas aparentemente na linguagem do vulgar se colidem, ora, é complicado enxergar o próprio reflexo, é complicado assumir responsabilidades, compreender verdadeiramente e queimar, pois não sabe que com o fogo se purifica?

Mais que isso, não se constrói uma realidade por uma única consciência. Adaptação! É fácil vencer o real? Vamos, responda, é fácil? Para Ana não chegava a ser grande coisa, tudo é o que é, melhor dizendo, cada um é como está. Como uma criança que já nasce, em palavras simbólicas

corrompida, ou acaso conhece você um alguém que tenha vindo ao mundo de forma virginal, isso é, sem experiências, pesos e ambições, tanto o é, que se torna banal observar um pequenino em seu primeiro choro, quando já é tudo que pode ser e apenas decretar sem medo de errar a pessoa que será, os passos, escolhas e conquistas, claro sem desconsiderar o meio, pois ele pesa frente ao barro.

Então que se debate mordendo o próprio rabo, defendendo a gritos e pedras as próprias ideias, sem reconhecer a pequenez própria, a grandeza alheia e as conexões da vida em sociedade, a real proporção de cada gesto ou não gesto, a responsabilidade por pensamentos e sentimentos emanados e a consequência do posicionamento. Talvez se pergunte, o que compõe o posicionamento? É muito simples, trata-se de visão, valoração, desejo, filosofia, tudo isso devidamente traduzido pela linguagem concreta, então enquanto não se altera verdadeiramente tais fatores, tem-se o aprimoramento, que é contrário à evolução, pinturas, formas de organização, papéis sociais, legislações, riquezas ou pobreza materiais, nascimento e morte, alegria e tristeza, idade, tudo que se equivale ao ilusório.

Hum, de qualquer forma precisava dormir, plena madrugada, uma hora e trinta e oito minutos, e nada de sono, também o que podia fazer se continuava igualmente inútil? Não era que Ana apreciasse, porém parecia ao mesmo tempo triste e justo, então era belo e estava errada por discordar.

O justo pode ser desagradável, porém não é por isso que perde a qualidade de belo.

Ah é, ainda nem havia lido o último texto de Diana, qual era mesmo o título? Nem se lembrava, de qualquer forma ainda era cedo, não eram nem duas horas.

Assim se levantou, apanhou o computador e voltou para a cama, bem ali na área de trabalho, clicou no arquivo, chamado “A Respeito do Nós”,

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

texto que dizia precisamente:

“Antes de iniciar é preciso listar algumas considerações essenciais. Primeiro ponto, que é preciso ter em mente quando se trata do subjetivo e se dispõe a lidar com o mesmo, aquilo que defino como norte. Não é particular. Não é próprio. Não é pessoal. Não é sério. É real. A questão dessas palavras é se segurar com o intuito de analisar, observar e absorver o que for necessário, em outros termos o máximo possível, sem se deixar submergir.

Segundo ponto e talvez o de maior relevância, o presente texto como o título deixa claro, refere-se à soma, ou em outra palavra, ao “nós”, que engloba, o chamo de subjetivo, que por sua vez pode ser apresentado em três partes, sendo a primeira, o “nós”, depois o “eu”, e por fim o ambiente. Limito-me à primeira parte.

E o terceiro ponto, é que as linhas que se seguem se referem ao mesmo tema, o vejo como um grão, o que significa dizer que o leitor não deve se ater à divisões dos tópicos, ou a sequência que os escrevo, posto que correto seria se conseguisse sintetizar todo o pensamento em uma única sentença, porém confesso tratar-se de uma proeza da qual sou incapaz.

Do sutil: *Não é das tarefas mais simples definir algo tão amplo e abstrato e porque não variável quanto o subjetivo, pois o comparo à amplitude, abrangendo tanto que por lógica engloba todas as relações, o próprio globo na forma de engrenagens.*

A princípio o subjetivo seria a relação inata de essência para essência/as conexões, nada mais que o modo como um “eu” se conecta com o “eu” próximo e do próximo formando assim uma corrente que interliga os seres; Humano com Humano/Humano com Animal/Animal com o Meio, (meio aqui adquirindo sua forma básica e harmônica) e o Homem com o Meio.

Alguns o relacionam à harmonia, diz se tratar de um princípio, algo

como ação = reação/ pesos e medidas.

Que em suma se resume ao fato de que cada gesto, seja ele sentimento/ pensamento/ação. Isso é, cada movimento objetivo ou subjetivo resulta em uma consequência, não apenas para o autor como para o meio e em escala maior para o quadro geral. Na medida em que se considera que em comunidades como a nossa, ao menos no presente, inexiste clara e precisa separação entre o “eu” — meio/”eu” — “eu” e “eu” — quadro geral. E mesmo se houvesse não alteraria a realidade.

O que levanta a indagação a respeito da constituição humana. Afinal do que é formada a essência que anima o homem? Aquele algo que queima e erradia do interior de cada um? A religião chama de alma e diz também que a mesma se encontra presa ao corpo. Bem essa é uma questão irrelevante no momento. O ponto é, não seria a essência a energia?

E assim sendo maleável/moldável algo que inconsciente de si mesma e do meio, se deixa ou concorde em ser manuseada pelo mesmo. Nesse sentido o mesmo, ou seja, o meio seria o subjetivo, aquilo que movimenta, em outras palavras impulsos, hábitos, anseios, paixões.

Sinto que não fui suficientemente clara, talvez um exemplo ajude. A vida é composta por fases: infância, adolescência, fase adulta e velhice, e, em regra segundo o convencional cada uma é regida por determinados hábitos, anseios e ações, ditadas pelas convenções e porque não pela concordância do esperado com as necessidades do integrante.

Necessidades essas que se modificam com o tempo se adequando a novos hábitos sociais. Isso é o “eu” difundido, que é aceito pela coletividade resultando em novos costumes.

O homem é propenso a aceitar influências, mudanças por mais que as mesmas inicialmente lhe pareçam desfavoráveis, contanto que sejam transmitidas de forma apropriada, e eis a arte de lidar com o meio e eis

ainda a maior das verdades: é o coletivo, as massas simplesmente por serem a maioria que validam pensamentos/mudanças/ sistemas, a arte de tratar o humano enquanto humano em sua íntima e atual condição.

Sendo mais específica, o que é refletido no meio resultado no mesmo, melhor dizendo na constituição do mesmo/o meio compõe o ambiente no passo que é parte do mesmo como membros nada mais que órgãos em equilíbrio/cooperação. É certo dizer que a existência e manutenção de determinado meio justifica e porque não solidifica a dos demais.

A sintonia do ambiente é também conhecida como sistema, de forma que fechando o círculo, posso dizer que não passe de junção sincronizada dos impulsos, ou será que devo utilizar a expressão condição de cada eu?

O homem visualiza/molda e sustenta a sociedade, embora por motivo outro que não a covardia se veja incapaz de acordo com sua genuína e não poluída pela fraqueza intenção, que não custa repetir, é benéfica, manuseá-la adequadamente.

Então eis o problema de maior relevância: como manusear de forma consciente e saudável o subjetivo em direção da vontade primária ausente de paixões/visões e posicionamentos vulgares? Eu particularmente não consigo visualizar forma outra que não o esforço na direção/tentativa de se reconciliar com algo que sempre foi e agora mais que nunca se encontra inerente a cada homem, e seja através de seus instintos ou da análise racional entender a si mesmo e ao corpo.

Um homem em particular é senhor do seu eu, do seu destino e posicionamento, mas homens no coletivo sustentam o sistema, ou seja, a realidade.

Do Invisível: Bem, classifiquei o sutil como algo que deriva do homem, da essência humana, contudo não posso fazer o mesmo em relação ao invisível.

Antes de qualquer classificação convém entender o que seria o invisível. Penso nele como as forças além da vontade e do controle humano, mas que se fazem presentes, no sentido de definir rumos, espaço e tempo.

Em uma palavra, Lei. Bem, agora me surge uma dúvida, seria a Lei ou as Leis?

Para responder é melhor partir do princípio e desde já listando apenas detalhes que merecem ser considerados ao visualizar tal pensamento:

** Nada do que é, o é por acaso, havendo sempre uma causa, um por que;*

** Existem fatores que justificam, quero dizer validam a causa;*

** Existem limites mesmo para a liberdade, não se pode negar que a liberdade seja inerente a cada ser, no sentido de escolher o melhor caminho, digo eu, de seguir sua própria trilha, decidindo-se entre esquerda e direita, A ou B. O ponto é que a zona de atuação é restrita.*

E tendo em vista a primeira concepção de que existe algo, alguma força válida que delimite. Utilizo a palavra válida, porque caso fosse ilegítima, e se considerando o instinto de cada um em concordância com o pensamento firmado e aceito pelos integrantes que têm por finalidade determinada direção, direção essa que por ser aceita só pode ser compreendida pelos próprios, como benéfica, no sentido genuíno da palavra, vez que me refiro a um acordo firmado na primeira camada da personalidade, sendo assim qualquer dito na falta de melhor palavra desvio por parte do próprio integrante ou de seus próximos é tida instintivamente e provavelmente em nível íntimo, como algo, valendo-me agora de termo vulgar, ruim.

Essa força seria a Lei, nada mais que conceito primário, objetivo que como há de se supor não se alcance em um estalar de dedos, tamanha sua proporção. Um objetivo definido e obtido através de planejamento, ou seja,

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

através de Leis, as quais integrantes se veem submetidos, independentemente do espaço, estado de consciência e formato que se encontrem.

Uma afirmação existe inteligência, como dito anteriormente a inteligência poderia ser definida por essa linha de raciocínio como objetivo, assim por certo existem inteligências operantes que em determinado nível seriam as leis, mas que de forma ampla não deixa de ser cada um dos integrantes desenvolvendo o papel que lhes coube no empreendimento.

Dessa maneira posso definir o invisível como a motivação do intangível.

Do Pensamento/Direção: *Enquanto o sutil pode ser visto como a força de atuação de cada um o pensamento seria a forma, melhor dizendo o sentido de direção.*

Então seriam os pensamentos, agora antes de prosseguir, queira tomar por pensamento a própria consciência, entende-se por consciência o pensamento racional, senhor de si mesmo, quero dizer, livre, de outra forma o inconsciente seria o latente, as possibilidades, aquilo que não é aproveitável, utilizado em sua integridade, simplesmente por não se tratar de possibilidade reconhecida e aceita racionalmente.

De forma que parece sensata a ideia de que o inconsciente infringe no consciente, simplesmente por se tratar de características próprias, latentes sim, mas tão presentes quanto as conscientes, ou seja, as já aceitas pela racionalidade, de forma que por mais que o indivíduo não se dê conta, não digira de fato valendo-se de suas plenas capacidades analíticas e decisivas, ele, querendo ou não, absolve da mesma forma que transpassa.

E como qualquer alimento pode ser absorvido e quando o indivíduo tem conhecimento a respeito, conhecimento não apenas do fato, da ideia, do pensamento, mas da medida em si torna-se fácil peneirar visando os próprios interesses, o que entra e o que sai.

De forma que o inconsciente se integra, atinge o consciente no controle do subjetivo, sendo ambos responsáveis pela condição do indivíduo, pelo posicionamento do mesmo.

E não se esqueça que pensamento/consciência não se resume a mera razão/instintos/vontades ou pretensões. É sim a real condição em que o ser se encontra, portanto, trabalhar com o meio, domar realmente o subjetivo, não deixa de ser um trabalho mental, um trabalho de si mesmo, pois é a mente a direção.

É como se diz: descobrindo a si mesmo descobre-se o meio.

Não se resume a pensamentos fixos, ou meros desejos vulgares e mundanos. O manuseio do sutil atinge as engrenagens, logo os instintos (sentimentos/pensamentos/desejos) de seus autores. Atinge a(s) forças e o posicionamento das mesmas.

Sobre as Correntes/Forças: *Pense nas mesmas como impulsos sociais, nada mais que experiências, energias múltiplas projetadas em determinada direção, e sendo mais específica, algo desprendido de suas fontes, ou fonte, pois de regra não é preciso vários integrantes para em consenso conceber e domar uma força.*

Quero dizer que embora eu as chame de forças, não estou certa se tratar de um termo correto, de qualquer forma meu interesse agora é discutir o modo como elas atuam, porém não antes de uma visão geral, que apesar de simplória me parece um bom exemplo, a título de visualização.

Existe um filme chamado “Matrix”, no qual os humanos vivem em uma ilusão, isso é, os humanos dormem e são dominados, entretanto não utilizo tal exemplo ao pé da letra, ainda no filme existem espécies de programas controladores que tem por missão combater humanos despertos, tanto no mundo real quanto no mundo da ilusão, nesse último os ditos agentes quando preciso, podem se valer de pretensos corpos humanos para realizar seu

trabalho.

O mesmo ocorre com as forças, acredito que mediante instintos, sentimentos como algo que orienta, algo como impulsiona, e que leva a inevitável conclusão de que sem conhecimento e mais que conhecimento domínio dos instintos a liberdade na prática se torna ineficaz, e infelizmente em sua estrondosa maioria a humanidade não se controla, não domina (instintos/pensamentos/situações/ambientes e correntes).

Não é que a humanidade se encontre dormente, semiconsciente ou absolutamente inconsciente, tal qual no sono. Com sua paridade todos se acham perante um belo jardim florido e acessível, isso é o mesmo que dizer que atualmente, pelo que se nota, integrantes caminham absolutamente cientes de seus atos, um porquê, para quê e como claros em mente, o que é um formidável pensamento.

O que quero dizer é que os integrantes abrangem mais que se permitem sustentar. (Validação).

Das Ondas: *Enquanto as correntes se assemelham ao turbilhão que é se encontrar imerso em águas, como algo que rodeia, que cerca, que move e prende, sendo energia que sufoca e suga. As ondas por sua vez lembram ao gosto de um petisco adicionado à ração diária, um perfume adicionado ao vento. Com que propósito? Eu diria elementar, a resposta é óbvia e se traduz no interesse referido.*

Melhor desenvolver. A larva corre contida abaixo da superfície, mas quando encontra uma passagem vem a superfície através de crateras, vulcões, assim são as ondas.

Elas circulam e quando encontram espaço (até encontrar) se espalham para na sequência se recolherem ou não. Por um espaço que se traduz em integrante, ainda penso tratar-se de uma forma natural, genuinamente nem má, nem boa.

Pensem em ondas como um sopro, como sementes que podem ou não ser validadas ou, em melhor palavra, como pretensão.

Da Responsabilidade de Cada Um: *Eis um tópico complicado de elaborar, sem se sujeitar ao risco de parecer fugir ao normal ou ser excessivamente dura.*

Pois é, aqui que se enquadra o velho pensamento sobre pesos e medidas, não tenho pretensões, ciente estou da inutilidade de textos, pensamentos e concepções. É inútil porque alcança apenas uma pequena parte da população, pequena parte dentro da parte pequenina que tem acesso direito, sim, pois há de se convir que a palavra acesso não anda ao lado de interesse, da mesma forma que o interesse infelizmente não caminha ao lado da boa vontade.

E mesmo que andasse é fato que os atuais integrantes possuem uma estranha e lamentável facilidade em distanciar/distorcer, refugiar-se na lama.

Lama essa que integra o subjetivo e é preciso abertura e respeito a si mesmo para estudar e entender as sutilezas do subjetivo, em resumo o que estou dizendo é que distorções resultam em erros e erros solidificam as distorções.

Então que nesse contexto em nossa vida em sociedade todos possuem um papel e conseqüentemente um peso na ordem do mundo, na ordem da realidade, foi esse pensamento que me levou a dizer que “O mundo é justo”, embora a sociedade não seja.

Existe pelo mundo diferenciando-se a cada meio social e gêmeos em essência verdadeiros conceitos padrões a se seguir como pensar/Como se portar/O que almejar/ O tom de voz apropriado/As ideias apropriadas/A própria vestimenta e até mesmo os conceitos vulgares de certo e errado.

Assim o integrante segue o impulso dominante, por ser fácil, habitual,
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

prático, bom ou mau, favorável em não, devo admitir que segue em grande parte pela falta de acesso ao subjetivo, embora momentos atrás, tenha chegado à conclusão de que em nosso tempo todos têm de alguma forma, mais ou menos intensa, acesso às sutilezas que nos cercam, e desse modo responsabilidade direta tanto nas mazelas quanto nas graças, mas assim o seria com ou sem conhecimento.

O que me leva à justiça, atualmente, ao menos no meio em que estou inserida, todos clamam do fundo de suas almas entorpecidas por JUSTIÇA, claro que entendo que justiça visada se dê pelos padrões vulgares do “eu” externo, porém também sei que inconscientemente, melhor dizendo, em sua parcial inconsciência peçam os integrantes por ar puro, purificação de toda lama resultante do mau uso do subjetivo, do poder humano que assola o mundo. O próprio diabo = Ao Homem/O próprio Deus = Ao Homem.

Quero falar sobre a justiça consequente dos pequenos gestos, da ação, da falsa esperteza. Sim, eu sei que se trata de um assunto banal, mas também estou certa ser necessário discorrer a respeito. Além do mais já disse que o mero respirar interfere no sentido de colaborar, sendo soma.

Bom seria marcar de forma inequívoca os resultados de cada ação, atribuindo de igual maneira apropriada e logicamente direta o peso de cada “santo” e a cada “pecador”.

— Eu quero justiça/Nós queremos justiça. E o que dizer além de que se obtenha justiça, em outros termos que se compreenda de uma vez o que é justiça em comunidades.

Da Liberdade Da Fraternidade e Da Paridade: *Sim, palavras conhecidas que resumem sucintamente a vida em comunidade.*

** Liberdade. Significa que a vida, e por certo o sutil que de forma pouco tímida, sim não sou capaz de me valer do termo secretamente, por não se tratar de algo oculto, governa/manuseia o aparente, em outra palavra o*

perceptível/constituição.

Está e sempre esteve nas mãos dos homens, os tão falados deuses do mundo, que o controla mediante suas escolhas conscientes e parcialmente conscientes, refiro-me ao posicionamento que define, em conjunto, o ambiente e conseqüentemente a realidade (constituição palpável) e intimamente a própria existência.

Sendo em resumo a graça de se olhar no espelho e decidir, nada mais que o discernimento de se saber exatamente o peso de cada ação ou não ação, pois não ações não deixam de ser ações.

** A Fraternidade. Nada mais que o equilíbrio de fios invisíveis que ligam ações a reações, um integrante ao passado/presente/futuro.*

O fato é que em comunidades, apesar de o “eu” ser um ponto de acesso, nada mais que uma espécie de instrumento? Quem prevalece é o “nós”. Pois o “nós” governa, e o “nós” molda.

** A Paridade. Nada mais é se não a igualdade de condições que se encontram os indivíduos atuais, quando se analisa o íntimo, sendo que nesse ponto inexistente a necessidade de aprofundamento para perceber similaridade/proximidade à própria paridade dos integrantes.*

Que se compartilham de condição equivalente, conjuntamente análoga e estagnada, concebo sim que a tonalidade varia, entretanto, o relevante é que a essência prevalece, motivo pelo qual revoluções são risíveis, e a evolução aclamada.

Sendo que independentemente de lugar, da condição e meio que o integrante esteja inserido opera a equivalência do interior.

A Não Necessidade da Proximidade: Significa dizer que sentimentos, pensamentos e projeções ultrapassam o próximo, uma vez que se movimentam através do ar, de forma que o mero fato de um ser existir, com todas as conseqüências, melhor dizendo, valendo-se das faculdades inerentes

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

ao humano, afeta à soma, conseqüentemente a realidade, pode ser através das relações? Sim, porém igualmente seria caso trancafiasse o indivíduo em um quarto branco e lançasse a chave ao mar.

Como um grão de areia na praia? Um fio de cabelo? Creio que seja um pouco mais que isso, uma vez que atinge a vida de cada um, pois o ser humano bem ou mal se orienta de acordo, isso é em favor do meio, é como se o externo dirigisse, constituísse e firmasse o destino de cada um.

De qualquer maneira o ponto não deixa de ser que a essência ultrapassa o corpo e de alguma forma, talvez pela paridade que nos encontramos, ou quem sabe pela constituição, ao ultrapassar sem se deter pela distância física atinge o “eu” do outro.

É importante dizer que tal conexão tratando de um conceito é parte, é inerente à vida em sociedade, sendo na verdade compartilhamento, o que não é ruim, bem pelo contrário. Acontece que entre nós tal fato não é perceptível pela consciência, sendo por resultado que na maioria dos casos o “eu” do outro agrega ou se funde ao próprio “eu”, sendo tomado pelo próprio eu.

O importante é que com conhecimento/real harmonia e controle da distância, o conceito de separação (um) cai por terra, revelando a incontestável e inatacável proximidade.

***As Auto impostas Prisões.** Existe o real/palpável/perceptível/conceituado/aceitável, enfim o que se é tido por correto, desejável. Existe o ideal, que entendo variar de sociedade para sociedade, de tempos em tempos, mas se resume ao conceito que a sociedade, melhor dizendo, o grupo social em questão tem por belo.*

Sendo que aqui o belo se traduz no ideal sustentado pela força coletiva como desejável, correto, o que pode ser traduzido de forma infantil por grilhões, as cercas invisíveis que mantêm as massas, sendo que ao me valer

de tal termo, não me limito à diferenças sociais, posto que cada qual se encontra de tal forma inserido/apegado/ preso? Ao meio, que se torna difícil visualizar no que tange a comunidade como um todo e sua constituição divisão entre os homens e seu estado de consciência, a estável consciência coletiva, sob controle, cada ator restrito a seu próprio papel.

Claro que diferentes meios implicam a certa forma em diferentes padrões, valores, tudo devidamente sustentado, cultuado e apresentado pelo próprio, refiro às noções de certo e errado, a limites/horizontes, enfim a visão e espaço de mundo.

Em outras palavras grilhões ou auto impostas prisões em suma equivalem aos valores/conceitos/padrões e principalmente as verdades coletivas.

Se diz auto impostas, porque ao homem em geral cabe à liberdade, também conhecida como livre arbítrio, ou será que é leviano de minha parte comparar os dois? Confesso que se trata de uma pergunta que, no momento, não sou capaz de responder.

Nesse ponto surge outra questão relevante, o coletivo não é formado por seus membros? E bem, a resposta dessa vez é óbvia, sendo assim não estaria o ser em sua consciência a se autolimitar? Não estaria e sempre esteve a sociedade à inteira disposição de seus membros? Isso significa que não existem de fato grilhões, ou estaria eu adiantando-me?

Por mais que soe simplório e excessivamente banal, o entendimento, a noção exata de que não há limites, o conhecimento sobre a fragilidade das auto impostas amplia horizontes e por consequência os limites de atuação.

Isso vale para o particular, um ser senhor de si mesmo não se permite curvar-se perante o ideal vulgar do coletivo, não se permite desenvolver-se da forma tida por ideal e ocupar na sociedade o lugar que lhe foi atribuído, porém a princípio não se aplica ao plural, simplesmente porque o coletivo,

as forças que norteiam o mesmo são sustentadas e formadas pela maioria.

A voz do coletivo tem força, isso é um fato que não se pode refutar, só não é capaz de deter o “eu” determinado e consciente de cada um, uma prova são as exceções, também conhecidas como os grandes nomes da humanidade.

***Energias e como elas agem:** A primeira questão que me ocorre é entender o que venha a ser energias? O que é energia? Em que medida elas se comunicam e interferem no “eu” e no coletivo?*

** A essência humana/animal é energia;*

** A energia é maleável;*

** Energia resulta em energia;*

** A energia não se limita ao próprio corpo;*

** Energia chama por energia? É contagiante? Parecida? Complementar? Existe necessidade?*

** É possível trabalhar com energia se valendo de energia;*

** Se o interior é alma, que pode ser traduzido por energia, então significa que a mesma não se encontra de fato totalmente restrita ao corpo, ou o que é mais provável significa que essências se comunicam, resultando na já percorrida corrente/interligação de integrantes, a unicidade que equivale à conexão.*

Pois bem, eu disse que são necessários uma série de fatores que se interligam para formar o produto final que é o humano em sua forma bruta, não me refiro aqui ao ideal, ao que se pode ser, mas sim ao que se é, fatores tais como o meio, posição pessoal, anseios, posicionamento que resulta no que se é, mas o relevante é até que ponto o “eu” é atingido?

O “eu” absorve, integra o que encontra em volta as influências externas e se molda com base no que acha a sua disposição respeitando

sempre o “eu” interno.

Então seria certo dizer que o que é moldado, construído pelo meio, anseios é a personalidade externa, algo como a forma de se apresentar ao mundo, a forma inconsciente de ser, aquele “eu visto à distância”, sendo a personalidade real, resguardada no interior da “armadura”. Penso isso pela capacidade que os integrantes têm em se adaptar de acordo com as influências, mas independentemente da pintura a essência se conserva.

O mesmo vale para a essência coletiva, que por mais que o mundo gire, revolucione-se a condição/tonalidade a essência permanece a mesma, sendo o mesmo no cada um, logo é o mesmo no coletivo, resultando em transformações meramente aparentes.

Determinada pessoa com suas determinadas qualidades inatas inserida em determinado meio resulta na somatória do ambiente refletido no seu eu, assim o resultado, por certo, que não seria o mesmo caso inserisse ao lado de tal integrante um outro exemplar com qualidades diferentes se não opostas.

Será que estou dizendo que energia equivale ao “eu” interno? Mas que se manifesta através do “eu” externo? Servindo este como uma espécie de filtro? Bem, não estou totalmente certa da divisão real entre o que se é e o que se aparenta ser (olhar de perto).

Ao se analisar com o olhar à distância, parece que por vezes se fundem, porém enquanto o olhar à distância é apropriado para determinados temas, não deve ser considerado ao se tratar da profundidade e complexidade real do humano, para esse é apropriado o olhar de perto, e esse evidencia o abismo entre ambos.

Do “Eu” interno e do “Eu” externo: *Na tentativa de chegar a um consenso a respeito da energia, pensei em discorrer a respeito dos eus.*

No “eu” interno estão contidos todos os reais interesses, reais juízos,
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

direção e objetivos do integrante, sendo em verdade sinônimo de condição.

Como é fato, sim não podemos mais negar o constante contato do integrante com seu eu, com a essência e porque não com sua verdade. O que significa que mesmo nas ações ditadas pelo “eu” externo permanece presente e gritante no integrante o real sentido de seus atos.

Não deixa de ser igualmente verdade que até mesmo, pelo próprio comportamento, ou quem sabe pelo costume/hábitos/aprovação externa, apesar de que não me sinto tentada a validar a última hipótese.

Isso significa que por vezes o “eu” interno não é em seus apelos sequer ouvido pelo integrante que o desconsidera em detrimento da força/persuasão e artimanhas do “eu” externo.

O “Eu” Externo como é comparável à armadura, seria nada menos e nada mais que a forma do sujeito interagir com o mundo, a forma de responder suas expectativas. (Personagem).

Eu posso comparar o “eu” externo à bagagem não digerida, ao peso, o peso do meio, do ambiente, o peso das experiências não superadas, sendo assim o peso externo se mesclando ao particular.

Mas tudo bem, como é formado o “eu” externo?

Desde o nascimento o sujeito é exposto às presenças/hábitos/vícios de seus genitores e dos próximos. A criança assimila e dá início, valendo-se do dom da adaptabilidade, a sua formação (moral/hábitos/desejos) em suma começa a construir o que chamamos de personalidade.

É compreensível que crianças, considerando o veículo que as unem aos seus genitores se esforcem para atender as expectativas dos mesmos, sendo esse, penso, um gesto inconsciente.

Agora cabe fazer uma pontuação, como os adultos são orientados/guiados pelo “eu” externo, respeitando sua condição, essas expectativas podem ser boas ou não, não passando na maioria das vezes de
 ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

anseios meramente mundanos, por assim dizer viciados que para a criança atinge o formato de direção.

O tempo passa e não tardar o indivíduo, tem seu círculo de contatos ampliado, via de regra, essa mudança ocorre com o início da vida acadêmica, que é quando uma série de projeções/interesses mascarados por direções se chocam, em suma contáveis personalidades em construção.

Digo personalidade em construção, por se tratar de um faixa onde o indivíduo ainda conserva, certa ingenuidade, ousa dizer até mesmo comunhão entre os iguais.

Até que a divisão tem início, e se inicia bem quando o que chamo de “papéis” começam a se formar, inicia-se para com o tempo se intensificar.

Papel não é outra coisa se não a personalidade que o integrante veste dentro do meio, ou deveria dizer que se trata da pintura imposta pelo meio ao integrante. Bem é um pensamento interessante que me leva a uma questão: como afinal se dá à formação do papel?

Anteriormente disse que o “eu” interno é a fonte que se manifesta pelo externo, então não posso agora desconsiderá-lo, acontece que nem sempre o papel faz jus à essência. Todavia é preciso que em dado momento, talvez por um breve instante, haja a comunhão entre ambos, mesmo que passado esse momento a comunhão seja suprimida pela prevalência e constante estimulação do “eu” externo.

Não fosse assim seria agora obrigada a desconsiderar um princípio, nada mais que um fato que para mim é tido por sagrado, que é a liberdade, e é óbvio que não haveria liberdade, caso o papel fosse simplesmente imposto pelo meio ao integrante, sem que seja concedido, ao menos, o direito de se manifestar a respeito, podendo ser esse manifesto dado com menor ou maior intensidade.

Muito bem, uma vez definido o papel, o ser por respeito a si mesmo e
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

por respeito à imposição externa, liga-se.

Nesse momento chamo atenção para a primeira infância e os valores paternos/maternos/próximos que o sujeito absorveu e de forma consciente inconsciente definiu por objetivo, sem deixar, de, ao menos, por um momento ouvir seu próprio “eu”. Será que esses valores influenciam na definição do papel? Bem, deixo essa questão em aberto para os leitores.

O fato é que a leveza da infância não é eterna e é na adolescência que a personalidade se firma, se firma no tom, nos desejos, nos auto impostos limites, no modo de relacionar-se e principalmente no posicionamento, pois não me canso de dizer que em comunidades inexistente integrante que não possuía relevância, no sentido de somar.

Seria então a própria energia posicionada equivalente ao processamento de energia? Bem, acredito que de certa forma, entanto o sensato fosse inverter a indagação. Uma vez que consciência equivale a posicionamento, a condição da energia que sustenta e molda a realidade.

Das Tonalidades e suas Formas. *Um tema interessante, do qual acredito que se relacione com a consciência, a consciência interpretando à sua maneira, de acordo com o posicionamento do ser/integrante e através dessa interpretação dê forma as suas projeções, aos anseios e aspirações do sujeito.*

É a certa forma poder criador, e a habilidade de transitar entre as tonalidades equivale a domínio (liberdade).

O problema é que a se ver inserido em uma tonalidade, o ser, pelo que percebo, dificilmente se conscientiza da efemeridade de sua situação.

Vejamos, eu posso comparar tonalidade com ambiente? Já disse que meios têm por constituição o conjunto interligado de essências que o compõem. De outra forma entendo que tonalidades sejam mais específicas e íntimas que o ambiente, onde se leva em conta mais que formações e valores

do “eu” externo, ao analisá-las se tem em foco as reais questões, ou melhor, a real condição da essência, não apenas os eus, pois antes de ser comportamento social é interno, não posso dizer que particular, tão pouco que seja próprio, tendo em vista as linhas, tonalidade é interna e se encontra tons abaixo do “eu” interno.

A condição interna se confunde com presença? A resposta é positiva, desde que se tome por presença a real intenção embutida nos gestos, não o perceptível e tão pouco as intenções vulgares, e sim o conjunto.

O que me leva de volta ao peso da essência na constituição da personalidade.

O que seriam tonalidades? Seriam, eu acredito, frequências. Frequências que se traduzem na condição particular que o integrante se encontra, percebe a diferença? Trata-se da real condição do sujeito e não de um “eu” suprimido por outro.

E como já foi esclarecido o ser equivale a energia, sendo uma forma de criar, o que significa que o “eu” interno manifestado é capaz de criar condições externas, condições até mesmo físicas (que envolve a matéria), que expressem, em outras palavras, que deem forma ao estado que o integrante se encontra. Dizem que não passa de visão, e é uma conclusão sabia.

Embora o “eu” externo mereça ser superado/vencido, o que não é uma tarefa simples, vez que engloba pensamentos, sensações físicas, a forma de encarar a si mesmo, o ambiente próximo e o conjunto resultando assim, inevitavelmente no comportamento.

E na conseqüente busca por apoio/valorização/justificativa, enfim, no nosso caso pessoas que se encontrem em situação semelhante.

Caso que o leque se amplia e por mais peculiar que tal afirmação possa parecer abre espaço para duas possibilidades que caminham em comunhão;

1º A situação se consolida.

2º Inicia-se o processo de esgotamento.

Existem outras questões sobre esse tema que merece atenção: existiriam integrantes com personalidade a se definir? Existiriam então integrantes ausentes de tonalidade?

A resposta para a primeira pergunta chega a ser banal, pois é óbvio que sim, de acordo com meu ponto de vista tonalidades merecem ser superadas, se é assim que sentido haveria em dizer que alguém se encontra definido, por mais que a intensidade da tonalidade varie de integrante para integrante.

Já a resposta para a segunda pergunta, parece-me um pouco mais custosa, não na afirmação que é por certo um sonoro não, e sim na explicação, porém vou tentar, dizer que um integrante seja ele quem for, localize-se ele onde se localizar, um ser animado por energia e controlador da mesma, não se ache em alguma condição, seria um absurdo e indo mais além, não posso deixar de ressaltar que um ser dentro de uma comunidade dificilmente é único em estado.

De igual maneira é insensato supor que um estado não acarrete em consequências ou influa em outros estados. (Equilíbrio).

***A Tonalidade na Constituição do “Eu” Externo:** Se o “eu” externo se resume em linhas amplas a sucumbência da essência para o processamento das essências integrantes expressadas pelo mesmo.*

Por outro lado, apesar de me ser nítida a diferença entre os dois não posso deixar de desconsiderar, apesar da tonalidade ser de forma genuína a supremacia da essência sobre a personalidade, de forma que independentemente dos integrantes próximos, do ambiente, do tempo, da personalidade o “eu” interno em seus anseios momentâneos prevalece, respeitando, obviamente sua atual condição.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Agora gostaria de ressaltar a utilização da palavra “personalidade”, que não deixa de ser uma forma de expressão, sentido no qual pode ser enquadrada no vulgar. Enfim na tonalidade, levando-se em conta o mesmo tempo/meio/próximos/ambiente o “eu” externo se alteram, percebo que o mesmo ocorre quando se trata de circunstâncias diversas.

Ambos casos em que a essência em suas (restritas?) variáveis permanece. Mas daí a dizer que se encontre o integrante em sua totalidade imune ao externo ao “todo visível” seriam outros dez, não digo que se trate de uma hipótese impossível, apenas tendo-se como base a regra do produto, trata sim de uma hipótese improvável.

De forma que mais uma vez sou levada a conclusão de que fatores como clima/próximos/meio e obviamente aquele, que talvez, seja o fator de maior relevância, o tempo, e ao invocar tal fator não me refiro às mudanças temporais palpáveis, como costumes, regras de vestuário, regras comportamentais e morais, refiro-me sim ao espírito, ao subjetivo que move as épocas. Sim, sim, isso mesmo, aquele mesmo formado e sustentado por fatores já listados.

Assim a conclusão é classificar a tonalidade como mais um fator de expressão.

Da Validação: *São variadas as correntes de pensamento, de forma que já há algum tempo, atentando-me para o fato de que ao ouvir/adentrar e tentar elucidar meus pensamentos, acabei por perceber que conforme me aprofundava em minhas questões acabava (sempre?!) por esbarrar em questões alheias, em suma questões já elucidadas, caminhos já percorridos, testados e validados ou não.*

Sendo justamente essa a observação que me levou a visualizar o campo mental como um labirinto com várias direções.

O que guiou ao questionamento: Se alguma é mais ou menos certa que

outra.

A conclusão foi que objetivamente não, já que se adequam a determinados momentos, situações e contextos, mas logicamente que algumas direções se mostram, digamos mais saudáveis que outras.

Considerando o que eu disse, sobre a mente direcionar o integrante, desde que se trate de um ser pensante, racional, livre ou não, por lógica o mesmo se filia a determinado caminho, que escolhe valendo-se ou não de suas faculdades mentais e da liberdade, o que é inevitável.

Talvez por carecer de percepção ampla e da abrangência do caminho e suas ramificações finitas/infinitas, sendo esse o momento de se deter em algumas observações;

** São vários os caminhos/ramificações;*

** Os próximos e o ambiente inevitavelmente pesam na escolha, quando o integrante desconhece a si mesmo e por consequência o subjetivo.*

** Em algum nível, talvez no essencial, existe certa concordância entre a ramificação escolhida e as características do integrante que se filia.*

Ele escolhe ou é escolhido? Digo, ser escolhido, no sentido, melhor dizendo, nos casos em que o integrante é concebido e formado em determinada ramificação, pergunto-me se nessa hipótese tal ramificação abrange o integrante.

Ramificações que equivalem a forma de pensar, por certo que a resposta a essa questão não é tão simples quanto parece a primeiro momento, pois a princípio, sem aprofundar o pensamento, diria não, valendo-me da liberdade inerente a cada um, do peso da essência, diria não sem me ater que assim, estaria na verdade, distorcendo a pergunta, pois tal resposta só seria cabível, caso estivesse perguntando-me se o integrante ao nascer em determinada ramificação e nela ser criado/moldado estaria condenado a integrá-la.

Ponto crucial é que por lógica todos são concebidos e/ao criados sob o jugo de certa ramificação. E o verdadeiro ponto é que com o discernimento o integrante desvenda a ramificação que o orienta e precisa escolher, a sua forma, digo, ele se decide se a segue ou não.

Se segue ou não a mentalidade de seus próximos, enfim, a forma de pensar, de se direcionar que até então o orientou.

Penso em comparar mentalidades a partículas, por serem pequeninas, na medida em que é próprio e sutil.

Justamente por ser sutil destoa, é móvel porque se altera, está sujeita a influências e tendo vista o aprimoramento, pois o mental não é um quadro concebido, é antes um quadro em desenvolvimento, está acima de tudo em movimento.

Perceberam, meus leitores? O erro que cometi nas linhas acima? Só para se ter noção do quanto é fino o subjetivo, e assim sendo se torna fácil a confusão. Meu erro se encontra no fato de tomar mentalidade coletiva por tonalidade e tonalidade por essência.

Quero que fique claro que a princípio tal validação que vem com o discernimento é pessoal por se referir exclusivamente ao integrante.

Se o mental pode ser visto como uma reta com infinitas ramificações e integrantes se firmam racional ou irracionalmente a alguma ramificação, sendo então essa linha tida por sua visão e consequente condição palpável. Nesse ponto é preciso tomar o “eu” por “eu”, em separado do “nós”, porque o “eu” é particular.

Então seria essência? Todas as particularidades, nuances, intensidade, valores, não o comportamento condizente externo, nada de casca. Sim, a resposta a meu ver é positiva, porém a validação não se relaciona apenas a formação do “eu” interno.

Ela também se relaciona com o que diz o “eu” externo e tudo que disso
 ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

acarreta.

Quanto aos próximos, se sua constituição acresce, é óbvio que a resposta continua positiva, principalmente no que tange o externo, mas o interno ainda acredito que seja particular, não intocável, apenas particular no sentido de próprio.

Por isso penso que na real, validar não seja diferente de integrar, vibrar determinada ramificação, seria posicionamento em seus níveis.

Da Importância da Consciência: *Antes uni pensamento, no sentido de direção com consciência, e agora tomei por lógica discorrer a respeito da amplitude da consciência.*

O pensamento como o comandante, ou seja, o mandante das engrenagens (que o leitor consiga separar posicionamento de direção), é o que tentarei apresentar nas próximas linhas, por mais que esteja certa quanto a repetição das seguintes palavras, elas não perdem sua importância.

Antes, define o mental como a via principal com seus desvios, um labirinto, sendo intenção dizer que a ramificação que se toma acaba por inibir, ofuscar, na busca de melhor entendimento, pense na literatura, livros bibliográficos e mesmo exposições de pensamentos, todos contém aura própria, o que chamo de tom, que nada mais é se não a atmosfera na qual a obra se passa.

No que tange literatura essa condição trata-se aparentemente de uma escolha do autor, nos textos que transmitem pensamentos tal característica se intensifica revelando a linha condutora do canalizador, algo como um impulso que o move, o seu tom e de forma ainda mais nítida a linha que o mesmo persegue. No que diz respeito às bibliografias a visão se clareia, permitindo que o observador, sem grande esforço, perceba a forma com que o retratado se manteve durante a existência aprisionado em determinado estado de consciência, e sendo a consciência igual a direção domina seus

atos.

O que é fácil reparar em exemplos registrados, mas não se revela mais difícil de perceber no dia a dia, onde homens e mulheres conscientes de si mesmos se entregam a prisões, pois sim, ramificações condicionam a essência em determinado estado, sendo de tal forma uma prisão.

Todavia, conforme penso, não chega de fato a ser uma prisão ruim, já que leva ao esgotamento, sendo esse o reconhecimento por parte do integrante de sua real condição, e consequente domínio da ramificação vencida.

Importante não deixar de ter em mente que por mais que o real possua seu peso, por mais que as situações pareçam solidificadas, o certo e errado definidos pela visão vulgar do “eu” externo, por mais que os horizontes pareçam limitados (regras do dia a dia), por mais que o “eu” externo se faça ouvir, não deixa de ser uma condição da qual o “eu” interno continua sendo senhor em absoluto, logo condição reversível.

Nesse momento me vem à mente mais uma vez o já tão gasto bolo de meias, visualizo camadas que podem e devem ser transpostas. Como? A única resposta é dominando, superando, compreendendo, sendo esse um trabalho que não pode ser ensinado ou dividido, vez que é particular.

E por certo que ao se dominar determinada ramificação, seja possível nela de forma racional se posicionar e com ainda mais racionalidade subjetiva se movimentar (atuar).

O que a meu ver é uma constatação interessante, trabalhar com o subjetivo, compara-se à arte da palavra ao passo que viver o subjetivo a arte da atuação. Claro que me refiro a tais artes em contextos mais abrangentes.

Da Defesa: *Veja a sentença “Não existe ninguém, salvo pontuadas exceções, que precise de ajuda.”*

O ponto é que existem, inegavelmente, estruturas solidificadas,
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

estruturas que se traduzem no real/normal/convencional, e existe por outro lado apego ao seguro. Deve fazer parte da constituição humana, isso que chamo de defesa.

Claro, é de conhecimento geral que o novo para ser recebido deve antes quebrar/romper com as barreiras do velho, isso tanto no que tange as mudanças aparentes quanto as reais.

Mas o que me interessa não é o quadro pintado e sim as estruturas, a defesa das estruturas dominantes e difundidas que se dá pelas fontes, pelas essências emanadas, isso é no interior de cada integrante.

E me atrevo a afirmar que caso ocorra de forma plenamente consciente pode ser traduzido, em termos banais, na defesa de si próprio, das bases e, se for de forma inconsciente na manutenção da atual colaboração com o ambiente.

Por isso, se determinado ritmo é aceito pela maioria (a importância das massas/massa = a força), é propenso que o que derive de tal ritmo seja preferível, em razão da adequação, da própria facilidade dos integrantes em detrimento da alteração na sintonia, ou seja, do novo que por ser sinônimo de mudança, conseqüentemente altera o habitual, resultando em mudanças sentidas na própria pele, na rotina e nos hábitos, como disse no que se é banal, o que então não é pelo externo e até mesmo pelo interno, a princípio, visto com bons olhos, pelo contrário se assemelha em uma visão imediatista a perigo, a ameaça, isso por ser incerto no mesmo passo que é novo. Meu palpite continua sendo pela inutilidade das mudanças externas, sem que antes se altere o interno.

E se por um lado o novo desagrada, o estabelecido é visto com maus olhos pelos integrantes, o novo, ou seria melhor dizer, o polimento, bem, também posso valer do termo validação do estabelecido, é geralmente aceito com palmas por parte dos integrantes, o que de outro modo pode ser

justificado pela comodidade, mas acima de qualquer coisa se explica pela defesa de si mesmo, do seu papel e pelo sentimento de reconhecimento/integridade pelo sentimento de valência, nada mais que integração.

Mais um ponto que confere aos integrantes a devida responsabilidade pelo quadro geral, devida na sua medida proporção. (Pesos e Medidas).

Do Dispêndio de Energia: *Seria o mal-uso da força, ou em outros termos do poder que nos cabe. E não sei se é sensato dizer que se trate de um equívoco do próprio ser, questão de direcionamento.*

Energia que lida com energia, que se filia, no sentido de direcionar-se em determinado sentido, pois estamos a falar de um eterno (até esse ponto) mais.

Energia direcionada, acredito que seja sensato frisar que se trata de energia em movimento, energia empregada, o mesmo que energia gasta, ou seja, nesse ponto me deparo com um menos em relação ao integrante fonte.

Não sei se é de algum modo possível, mas pela observação, não acredito que seja cabível se direcionar simultaneamente em várias direções. Existindo sempre um foco seja ele claramente determinado ou falsamente aleatório.

De forma que é exigível do integrante o exercício de juízo de valor ao se direcionar, pois o fato é que todos simplesmente por fazer parte somam, como uma seta que não alcança caminho diverso do almejado (Posicionamento).

De igual maneira a única forma de alterar o direcionamento é pela vontade do integrante, vontade essa que é interior e se traduz em colaboração sutil e consequentes gestos.

Da Importância do Posicionamento Acertado: *Por certo que a essência é boa como a Lei, por isso genuinamente se busca o verdadeiro*
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

bem, como uma luz interna, porém, a identifico como uma seta como que envolta por neblina, digo isso referindo-me ao real, e aqui com real menciono apenas consolidado, em suma o que se é experimentado, isso é, o jugo, ou será que posso utilizar a expressão “peso do mundo”, nada mais que acúmulo. (ops, que deslize o peso é o resultado).

Já falei um pouco sobre justiça, e de como é fácil associá-la a conceitos baixos, porém confesso que tenho dificuldades em desassociá-la do conceito clássico de harmonia, que seria um conjunto formado por integrantes cientes de si mesmos, do ambiente e dos próximos, cientes do papel a se desempenhar, agindo de acordo, acima de impulsos vulgares.

Só que existe para a justiça outro conceito, digamos mais próximo/imediato, que é peso e medida, a velha ação e reação.

Se é verdade que os senhores, os deuses do mundo são os integrantes nele situados, a harmonia e, por certo, minha visão sobre justiça se faz, isso é, baseia-se nos valores, padrões e em resposta as iniciativas do quadro geral de integrantes.

Então que como resultado a harmonia sutil da realidade não condiz com a intenção, o desejo suprimido do “eu” verdadeiro, mas é absolutamente condizente com os gestos/pensamentos/sentimentos e desejos do “eu” externo e a condição do “eu” interno, o que resulta em insatisfação.

Desejos como paz/afeito/preenchimento/segurança/amor/desenvolvimento/respeito dentre outros se tornam inalcançáveis, sim, absolutamente fora de possibilidade de serem exteriorizados, digo, vivenciados quando não há prática.

Talvez convenha ao integrante um exame de consciência. Um habitual e necessário olhar periódico no espelho, pois sim, estamos em um conjunto. Olhar no espelho antes de se posicionar como o colaborador que é, nada menos que uma parte.

Um posicionamento correto é simples, basta mirar o que se almeja, claro que é preciso ter discernimento a respeito e então agir de acordo em avanços morosos e constantes.

Da Responsabilidade (Nosso poder refletido em nós mesmos e nos outros): *Vejo um quadro composto por equilíbrio de meios, um meio refletindo em outro para formar o ambiente, então me pergunto se um meio não se veja de tal maneira interligado a outro, que por si só o justifique, digo eu, dê causa.*

Um integrante pode considerar em seu habitual a aplaudida inércia ativa, movido pelo “eu” externo que seus atos pequenos, grandes, subjetivos ou objetivos não ultrapassem sua própria percepção/conjectura, mas está o integrante equivocado, pois estamos falando apenas de soma (Um Corpo).

Não é certo que mais que nós mesmos, respeitando a comunhão e tendo em mente a paridade humana, as expectativas, não sejam fatores consideráveis na formação do papel, isso é ouvir o meio, é ação que resulta em reações, e que por sua vez se traduzem em responsabilidade pelo mais.

Um sujeito pertencente a um meio pode não ser visto pelos integrantes do mesmo com bons olhos, um meio pode não ser considerado por outro como pacífico, um meio pode não ser entendido pela sociedade como benéfico, isso é o que chamo de justificativa.

Caso em que a reação natural do produto humano enquanto humano é rejeitar, condenar, atacar no que penso ser uma tentativa de esconder as próprias falhas e ao mesmo tempo justificá-las através de engodos coletivos.

Às vezes resultando em disputas, nada mais que insatisfação pessoal pela dominância do “eu” externo projetada no alvo que é identificado erroneamente como responsável pela insatisfação. Restando claro os integrantes assumirem suas responsabilidades dentro do real.

Minha conclusão nesse assunto é que é importante conhecer o abismo

entre os “eus”, desvendar as sutilezas do subjetivo e por consequência a constituição do real, o que leva o integrante a se posicionar com plena consciência, ou seja, assumir suas responsabilidades, arcar com seu próprio peso, a própria culpa, o que é fundamental para a alteração do real.

Não existem de fato algozes e vítimas, porém existem papéis.

Posicionar-se adequadamente é assumir responsabilidades, é deixar o cômodo, o já concebido como certo, é seguir pelo caminho árduo, é entender que a inércia equivale à ação, e por fim é ter ciência do não “eu” e sim do “nós”. É trabalhar/modificar a consciência/direção. Sendo esse o meio que o homem, deus do mundo, rei do mundo possui para modificar a pintura do mesmo.

Sobre Distorções: *Os pensamentos, expressões, conceitos, enfim, aquilo que é abstrato para que chegue a clarear passa antes por um processo de assimilação, interpretação, bem como se diz desde tempos antigos, falava-se ainda que o impulso original não é retratado em sua integridade, sendo essa a primeira distorção.*

Uma vez que a ideia exposta, isso é devidamente registrada, e ainda considerando que esse pensamento tenha sido passado adiante, que chegue as mãos de terceiros, nesse ponto ela passa por um segundo processo de distorção, melhor dizendo, o impulso original se vê sujeito, de forma genérica e ampla a três possibilidades;

** Caso o receptor se encontre sintonizado, melhor dizendo, se o tema tratado for claro e mais que isso, caso se trate de um tema cujo domínio se encontre nas mãos do receptor, neste caso o mesmo seria agraciado com uma visão estendida do assunto tratado, talvez o vislumbre de forma mais nítida que o próprio primário, pois verdadeiramente ciente do tema o receptor poderá além de abranger os mecanismos utilizados pelo primário, captar mediante fragmentos a ideia original. Isso porque nesse caso ele*

possui em si a cumplicidade. (É o que chamo de processo de digestão, pois às vezes se dá de forma instantânea, mas por vezes é necessária reflexão, calma enfim, tempo).

** Caso o receptor em questão possua simpatia pelo tema, mas verdadeiramente não o domine, hipótese em que o receptor se vê pela exposição perante uma possível/provável/exasperação/inquietude por encontrar algo que o satisfaça, e só o satisfaz por ser próximo, na medida em que é o que se busca, tentando a tomar registro da exposição como se tratasse do todo, invés de um simples fragmento.*

Isso porque o receptor em questão carece de discernimento, ou melhor dizendo o tato da boa interpretação, sim, não encontro outra palavra, além de tato, bem, talvez seja uma arte. A arte de interpretar além do aparente, visualizar não apenas as “entrelinhas”, bem como a intenção embutida, os mecanismos utilizados que nada mais são que o raciocínio, a própria condição do primário, enxergar o posicionamento da exposição.

De qualquer maneira esse receptor já possui acesa a fagulha do interesse.

** A hipótese de o receptor não possuir a dita fagulha, ou seja, intimidade com o tema, não digo que falte interesse, porque se assim o fosse o mesmo sequer teria contato com a ideia concebida.*

É apenas que nesse caso ele a interpreta da maneira que pode, isso é, tendo como base a experiência que possui, sua visão, seus valores, a sua forma de pensar, o que pode se tratar de conceitos parciais ou mesmo distantes dos presentes na concepção original.

Das Formas de Manuseio: *Um dos conceitos mais interessantes a respeito do subjetivo são as maneiras de manuseá-lo, como moldar? Como proceder de forma inteligente com o que na verdade não passa de ferramentas à disposição de integrantes minimamente cientes de si mesmos e*

do meio.

Acredito que nos parágrafos e tópicos antecedentes tenha mencionado o básico do básico a respeito do funcionamento.

Acontece que existem fórmulas já difundidas de manuseio do subjetivo, tais como a arte no geral; escrita/dança/interpretação/música/escultura. Sendo o que classifico como formas palpáveis de manuseio. Destas não convém comentar.

Ainda sobre o manuseio resta, o que intitulei como formas inerentes de controle do subjetivo.

A princípio pensei nessas formas como mais abstratas em comparação com as anteriores, mas não tardar me ative ao fato de que na verdade são inerentes a cada integrante, no sentido de proximidade, porque não posso ser leviana a ponto de pensar e sugerir que as formas anteriores de igual maneira não o sejam.

Essas formas são; toque/presença/controle de influências e a projeção. Por certo que devem existir inúmeras outras maneiras, quero que o leitor se sinta à vontade em seu senso de percepção. Sim, em tempo se algum se limite às observações simplórias de uma mera partícula.

Presença: *O primeiro ponto a se observar nesse tópico é a identidade subjetiva de cada integrante, nada mais que o conjunto de pensamentos/sensações e impulsos que formam a constância do mesmo, consciência, e por consequente ressoa no mesmo/ao contorno do mesmo em forma da tão falada presença.*

Presença que aqui pode ser tomada, em grossas palavras, pelas sensações transmitidas e recebidas pelos integrantes, aquilo que torna um alguém digno ou não, atraente ou não, merecedor de respeito e confiança ou não, enfim nada mais que um aperto de mãos, isso, claro referindo-me ao superficial, algo como um estalo interno de cada integrante.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Alguém por se encontrar em harmonia, de bem consigo mesmo e com o meio, ou com o que de melhor há no meio, logo integrantes positivos, via de regra, transmitem para os seus próximos a real condição, o mesmo vale para o oposto, refiro-me a desequilíbrio interno, distúrbios, equívocos, pretensões “desagradáveis” para com o invisível. Então não deixa de ser leitura e identidade. Próximos juntos aos próximos e por aí vai.

É certo que integrantes provocam reações, como também é certo que se não totalmente, ao menos o “eu” interno interpreta e reconhece a identidade alheia e a reconhecendo comunica informando ao “eu” externo que pode ou não validar.

A questão é que os integrantes compõem o meio e se relacionam através de pequenas trocas, palavras, estímulos, em resumo o que se chama de convivência.

Embora não seja possível conceber que a troca se limite ao aparente, pelo contrário percebo a agregação, que é algo natural e ao mesmo tempo benéfico, nada mais é que atrair para si, não como cópia/imitação, mas sim atrair fragmentos da composição do outro, fragmentos esses que se somam a sua própria formação.

E é então que se encontra o x da questão, seria essa atração consciente ou inconsciente? Se limitaria a partes benéficas? Ou será que se concentra nas partes consideradas pelos “eus” com especiais interesses? Ou se dá de forma absolutamente aleatória?

Bem, acredito que seria ilógico apontar para a aleatoriedade, uma vez que defendo os padrões e principalmente procuro sem pudor chamar atenção dos integrantes para o senhoril próprio e o conseqüente peso da responsabilidade.

A questão é que cada integrante conta com características, melhor dizendo minúcias/vícios/impulsos, nada mais que traços que os tornam quem

são, as peças que são observadas pelos sentidos vulgares.

Traços que podem ser interpretados pelos “eus” como agradáveis ou desagradáveis, e de uma forma ou de outra são justamente esses traços a agregar, o que me leva a entender se tratar de movimento inconsciente ou em alguns casos simplesmente passivo.

E que não é regra, pois uma vez o integrante ciente de si e do meio, (sutil), é sabido que a soma do próximo se desnuda, e um integrante em qualquer instância possui controle sobre o que entra e o que sai, ao no mínimo consciência.

Toque: Se a troca de energia é um fato, o mínimo de lógica diz que pode ser um fato controlável. Pergunto-me se já ocorreu ao leitor em alguma ocasião de ao tocar um integrante ser tomado por determinadas sensações/inalações provenientes da fonte? Por certo que a resposta deve ser positiva.

Pois bem, seguindo essa linha de raciocínio, pode-se conceber que o toque seja desnecessário, apesar de equivaler à ampliação. O que suponho é que seja possível transmitir impulsos premeditados através do mesmo, sendo assim algo consciente.

Impulsos tais como

confiança/tranquilidade/inquietude/desejo/raiva/medo, enfim impulsos variados. Abalos tais que superem as sensações. (Seriam essas sensações momentâneas? Não acredito que perdurem caso não sejam alimentadas adequadamente), mais que sensações, consigo visualizar perfeitamente a transmissão de ideias, algo como sementinhas, que como as sensações não são eternas e estão sujeitas a modificações de acordo com a constância do integrante.

O que não deve ser encarado com espanto, pois se trata somente de uma forma de manuseio de energia, isso é, do sutil valendo-se por certo da

direção que é a mente.

Controle de Influências: *Agora chegamos a um tema complexo e ao mesmo tempo banal, diria até mesmo tremendamente banal, por mais que a complexidade se encontre na necessidade de abandonar o supérfluo e adentrar.*

Isso porque, a primeiro momento a impressão que se tem é que em ambientes como o nosso, nos quais os integrantes se encontrem presos ao meio, o controle sobre o meio equivale a controle sobre os integrantes, e que fique claro que tomo a palavra controle de modo vulgar, isso é, até esse momento não me refiro por lógica ao sutil, mas tão somente pelos conceitos aceitáveis pelo “eu” externo, aquilo que é palpável. Então manusear o palpável equivale ao controle externo de influências.

E ao contrário da ideia que talvez predomine, por mais que seja sensato pontuar os diferentes níveis de ação, esse controle é exercido por todos, na medida de atuação social, que todos pelo fato de fazerem parte do grupo têm.

Como disse, em sociedades formadas por integrantes presos ou meio, controlar o meio equivale ao controle do “eu” externo, e como é sabido a essência se localiza no “eu” interno, assim sendo, controle externo, é na verdade uma forma de manuseio vulgar, logo enganoso, pois não atinge a essência.

Restando a outra forma de controle, aquela que classifico como genuína, que apesar do nome ao tomá-la em análise simplória chegar-se-ia à conclusão de que por si só exerce pouca ou nenhuma influência palpável. Embora em análise um pouco mais aprofundada se torne impossível não chegar ao entendimento de que a verdade é que o controle genuíno é consideravelmente mais delicado, no sentido de profundidade e eficiência em comparação ao controle externo, razão pela qual seu uso requer igual

responsabilidade.

Diferentemente do controle externo não posso dizer que o genuíno seja exercido em maiores ou menores proporções por todos os integrantes. Por outro lado, como no externo, que nas maiores proporções conta com seus órgãos/movimentos e cabeças, o genuíno também possui suas ditas fontes.

Fontes essas que em nossa sociedade lidam com assuntos inerentes ao interior, contam com seus movimentos que podem ser traduzidos por ideologias/validação.

Aqui sou obrigada a pontuar que já discutimos a importância da validação, como já disse que não é preciso ser um observador minimamente atento para entender como o interno reflete nos movimentos externos.

Da Projeção: *Consigo observar duas formas de projeção que classificarei como inconsciente e consciente, há de se pensar que se não se encaixa em uma, encaixa-se na outra, contudo não estou totalmente certa a respeito.*

O que quero dizer é que existem ocasiões em que os próximos projetam/injetam suas expectativas nas crianças através do estado já tão conhecido de inconsciência, claro que entendo que não o fazem movidos por más intenções, simplesmente é improvável que um alguém consiga dirigir/direcionar para uma terceira pessoa sentimento/forças para si desconhecidas. Seriam pequenos malefícios?

É o que acontece em todos os ambientes, com as devidas exceções provenientes do “eu” de cada um, por exemplo: existe algo chamado conceito social e, encontra-se embutido em cada um a tendência a seguir o grupo, melhor dizendo as aspirações morais concernentes ao meio que se está inserido.

Como se com a convivência, em outras palavras, é como se o dia a dia limitasse, no sentido de definir, nos aspectos de pensamento, comportamento,

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

visão de mundo, ou devo dizer ambiente? Desejos, posicionamento e ponto de encontro no que pode ser definido como estação, isso no que tange o subjetivo.

Isso significa que nós compomos, de forma racional ou não, objetivos, nada mais que um certo limite que naturalmente é superado no momento que abre espaço para outro objetivo e assim sucessivamente.

A questão é que na visão social o objetivo é o próprio dia a dia, a própria adequação e manutenção do meio – espaço.

Classes sociais divididas entre si por suas tonalidades, regidas por suas culturas, submergidos por hábitos.

Na base se encontra as famílias com a atribuição de solidificar, manter cada qual em seu devido lugar fiel ao papel que lhe foi pelo social atribuído. Sendo essa a projeção dita por mim inconsciente.

Agora quanto a projeção consciente, a entendo como sinônimo de objetivo, pois verdade é que uma das razões para um integrante se encontrar preso ao meio e não em sua condição natural de senhor com seus instrumentos é a ausência de projeção adequada (posicionamento), não sendo esse posicionamento confundido com desejos supérfluos, tão pouco esperanças, muito menos por bom ou mau comportamento, sendo sim poder.

O poder de um integrante que se encontra em determinado ponto focar outro ponto, qualquer seja, sendo seu objetivo benéfico ou não, e alcançá-lo, pois, por certo que o segredo não é ter em vista exatamente e tão somente o ponto de chegada, mas sim visualizar a energia, a própria tonalidade e ritmo que compõem o objetivo.

E então se projetar na direção desejada, enquanto atrai para si através de ações, sendo essas tanto materiais, quanto espirituais e mentais a energia regente do objetivo. Trata-se sim de foco, de aproximar o máximo possível, sendo o ideal igualar.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Existe o entendimento que como instrumento, o subjetivo não é desfavorável aos integrantes, uma vez que o mesmo responde, isso é, o subjetivo responde a posição do integrante.

De maneira que ao projetar, isso é, visualizar e se sincronizar adequadamente, o sutil apoia através de demais integrantes/mediante o meio, como portas destravadas ao alcance, ao seria melhor me valer do termo chegada ao ponto predeterminado? Por nada mais do que talvez seja a forma mais direta e pessoal de se manusear o sutil.

Restando uma importante observação a respeito da autodisciplina, em outras palavras, a fundamental não abertura de brechas ao longo do percurso, posto que brechas equivalem a acréscimos e consequentes desvios, significando, nesse caso, que o objetivo primário não se converterá na então linha de chegada. Em suma trata-se de corrupção e por derivação derrota, absoluto fracasso.

Da Atmosfera dos Pensamentos: *Atmosfera mental, circuito (camada) frequência, qual termo utilizar? De que maneira a energia se relaciona? Porque mediante observação percebo que pessoas, verdade que com maior ou menor clareza se comunicam através dos ditos estímulos, aqui referindo-me a linguagem e não a palavra. Mais precisamente ao fato de um alguém próximo fisicamente ou não ter acesso aos impulsos, na forma de pensamentos, sentimentos, intenções, estados de um outro alguém, caso em que se observa troca, pela simples razão do encontro que pode ser tanto consciente — inconsciente/inconsciente — inconsciente/consciente — consciente. O que é uma característica verdadeiramente utilizada no cotidiano.*

Como se Procede o Impulso: *A questão deste tópico a princípio pode parecer complexa, pois se trata de compreender como um integrante comum, através do mental valendo-se de forças, atinge outro integrante.*

Porém o primeiro passo na busca da resposta é diferenciar as formas de influências possíveis, ou melhor dizendo, as formas de impulsos que atualmente consigo observar.

Agora, no que diga respeito a forma de início temos a pele, o próprio emocional, pois há de se convir que é o que guia a maioria dos integrantes, por outro lado se observa impulsos em forma de razões.

E então chega a uma questão interessante: a identificação ou diferenciação do que é próprio e do que não é próprio, com um pouco mais de profundidade, trata-se do entendimento do “eu”, do compartilhado, do exposto e do imposto.

Vejamos a mim o compartilhado se assemelha ao ameno, por não ser de regra, benéfico ou maléfico, tratando-se somente de uma consequência da vida em comunidade. Sendo o que chamo de compartilhamento do imaterial, trate leitor de se imaginar como uma peça de um quebra-cabeças, trate de imaginar sua família, cada membro de sua família, cidade, nação e por certo cada cabeça presente no mundo como uma peça, peças que juntas, combinadas formam uma imagem, sendo esse o quadro geral, quero dizer a atual condição do conjunto, condição essa que é partilhada pelos integrantes de forma equivalente (Divisão).

Já a exposição seria nada mais que influências, nada mais que ofertas/propostas, como se determinado integrante e como tal senhor de si, fosse ambientado em determinado meio, envolto por determinadas ondas, porém nada que de fato atinja seu direito de locomover, por assim dizer, livremente. Exposição essa que pode se dar tanto pelo ar, pelos próximos, pelo ambiente, pela frequência, enfim tudo o que não atinge diretamente o integrante.

Diferentemente da imposição, pois aqui é necessário um integrante que de forma plenamente consciente, parcialmente consciente ou totalmente

inconsciente se dirija e se conecte diretamente com um segundo integrante, e valendo-se do emocional, do mental ou mesmo de ambos se imponha sobre o segundo, ou apenas se conecte. Seja como for vale pontuar que a imposição não é própria, e tão pouco está no ar pairando como uma parte afastada. A imposição é como um intruso, como um alheio tanto em pensamento como em sentimento, o que pode ser positivo ou negativo.

É negativo sempre que não há concordância, consenso entre as partes, de outra forma é benéfico sempre que há permissão, sempre que os integrantes envolvidos estejam cientes e em acordo, embora pense que sequer deveria, para manter o mínimo bom senso, classificar a concordância como uma imposição, mas de qualquer forma não deixa de ser um “eu” alheio conectado ou “eu” próprio. Já a imposição negativa não é, até onde sei, a supremacia do “eu” próprio sobre o alheio, penso assim porque em primeiro lugar se encontra a supremacia do “eu” sobre o próprio “eu”, sendo de outra forma possível que integrantes por razões diversas se vejam incapazes de diferenciar, de se valer da subjetividade, ou compreender a paridade e a liberdade, e assim se sujeitam a imposições inconscientes.

Claro que não posso ser leviana a ponto de esquecer de pontuar o fundamental, que é o próprio, o si mesmo, nada mais que o “eu” em meio ao “nós”, observa-se que caso anulasse compartilhamento, exposição e imposição o que restaria seria o próprio, o “Eu”.

Por certo que nada do que foi dito até então elucida a questão. De que forma um integrante impulsiona outro a fim de obter o resultado pretendido?

O Impulso Consciente: *Nesse caso o primeiro passo é o necessário conhecimento sobre o “nós”, ou seja, conhecimento sobre o subjetivo e domínio da soma, e de igual forma conhecimento e domínio sobre o “eu”, sendo esse “eu” o verdadeiro “eu”, consenso e harmonia entre o interno e o externo, e de igual forma entendimento sobre o ser e a condição do mesmo,*

digo o “eu” do integrante alvo, o que não é nada demais uma vez que se adquire com o esclarecimento do “nós”.

O segundo passo seria a conexão entre os integrantes envolvidos, a distinção do “eu” em meio ao “nós”, sendo essa a perfeita distinção que se adquire com a descoberta do “eu”, interessante não concorda? A noção do “eu” próprio revelando, clareando, delimitando os “eus” alheios, para mim é uma questão digna de atenção.

O terceiro e último passo seria o direcionamento, o próprio manuseio consciente, o que é simples na companhia do “nós” e do “eu”.

O Impulso Inconsciente: *Muito bem, agora já está definido o conceito de impulso, que nada mais é se não a comunicação subjetiva entre integrantes, comunicação essa que pode ser tanto positiva quanto negativa.*

Quanto ao termo inconsciente como é de conhecimento geral se refere ao que se é, porém, não o é reconhecido pela consciência, o que me traz um pensamento, o da descoberta, quer dizer talvez seja um pensamento tolo, mas qual a proporção do consciente em face do inconsciente? Quão vasto é o inconsciente e o que ele engloba? E como de fato o inconsciente se relaciona com o consciente? Será que no inconsciente se encontram as questões que serão um dia elucidadas pelo consciente? Se a resposta for sim, estaria então perante sementes, ou perante uma parte do todo no “eu”? O todo que com toda certeza não deve ser confundido com “nós” ou com o subjetivo, em suma uma parte que espera ser descoberta, mas que desde o princípio esteve à disposição, ora, é bom reafirmar a descoberta.

As palavras acima formam um devaneio, que contudo não foge totalmente ao assunto, uma vez que noto que conscientes ou não os integrantes de ontem e de hoje participam e participando fazem parte e fazendo parte se relacionam e para tal/por meio do qual utilizam de trocas já elucidadas e formas ainda a se esclarecer, em meio aos quais se encontra a

imposição, pois sim, há parte no compartilhamento pelo simples fato de existir, a exposição não é algo que veja como proveniente de integrante enquanto integrante em si, mas sim de estruturas sociais, estruturas essas que apesar de formadas e sustentadas por integrantes se encontram a certa forma separadas dos mesmos, separadas e sob absoluto controle, uma vez que deles procedem e por eles são sustentadas.

Como se Recebe o Impulso: *Se antes pontuei três formas de impulsos, agora o correto é discorrer a respeito de cada uma delas, isso é, de que maneira o integrante procede ao ser exposto a cada uma das situações na forma passiva.*

Compartilhamento, *apesar de ser o mesmo, uma consequência das essências e consciências envolvidas, creio que no momento tanto o compartilhamento ativo quanto passivo, e que se fique claro que todo integrante é em tal relação ativo e passivo.*

O fato é que quando se leva em consideração a maioria em sua indesejável predominância do “eu” externo, seja simplesmente incapaz de reparar na sequência/continuação, digo na complexidade da vida em sociedade como um todo, como um corpo, o que é o mesmo que dizer que as mútuas e constantes trocas não são conscientemente percebidas.

E me diz se estou certa em imaginar que é nesse ponto que você se pergunta: trocas, compartilhamentos de quê? É simples de essências, de constituições, mais precisamente de estados, você é o que está, é sua condição e é essa condição que é lançada como um mais no ambiente, pensa-se no ambiente, meio, atmosfera, claro respeitando a proporção como a somatória da condição de seus membros, estados esses inter-relacionados cada qual contribui e de igual maneira recebe.

E a distância física pesa? Em que medida cada um, em sua singularidade recebe? A distância, o que é além de um conceito objetivo, se a

tangível deriva do intangível, e tenho cada integrante como um mais, então dessa forma cada integrante pode ser reduzido/classificado como um ponto, ao menos é assim ao se levar em conta as particularidades do “eu”.

E é então que surge mais uma dúvida, como e quais parâmetros utilizar para diferenciar o “eu” do falso “eu” predominante? Penso que nesse caso pode ser que generalize como a título de exemplo, todos os integrantes que se encontram em determinada condição, então será que na sociedade atual, sociedades em que não há sequer conceito difundido de nós, e muito menos do “eu”, do verdadeiro “eu” ou do eu interno, não se observa de fato, de forma nítida a separação, a colaboração de cada integrante e seu conceito identificável como um alguém próprio, mas sim como um conjunto de integrantes que compartilhem determinadas características?

A princípio a resposta é positiva, e é então que surge a questão, é mesmo possível desconsiderar as particularidades? Nesse momento se torna necessário tecer algumas pontuações:

1º Essências, particularidades são próprias.

2º Quando se tem em conta, o que creio nesse ponto ser possível chamar de falso “eu”, esse que se relaciona, expõe-se, de início se pode chegar à conclusão que ele nada mais seja, se não o externo em si, em outra palavra um reflexo/encaixe da somatória estabelecida. Porém em análise aprofundada, mesmo se tendo em conta a dita "contaminação" impessoalidade operante, é impossível, simplesmente inacreditável não se reparar nas particularidades, dessa forma cada integrante é sim um ponto identificável.

Sendo assim a distância é uma característica que se aplica ao tangível, o que por sua vez, ao menos, em análise fria, não atinge o intangível, na medida que se leva em conta a equidade dos integrantes, e a abrangência do quadro geral contido em cada integrante.

No que diz respeito à segunda indagação, quero dizer quanto a proporção do compartilhamento que cada um recebe na medida em que dá, bem agora e antes reparo que possivelmente como consequência da fragmentação, os integrantes não costumam abranger áreas de atuação e consequente responsabilidade maiores que um pequeno número de pessoas próximas, e mesmo assim não posso deixar de notar que não se trata de ações ajuizadas da espécie que consegue compreender a complexidade das relações em vida em comunidade, a espécie de complexidade que esclarece que uma ação/um pensamento ou os estados resultam em consequências para si mesmo e para os demais integrantes.

Posso estar sendo um pouco ousada, mas a verdade é que não posso deixar de expressar minha insatisfação com o termo família ou nacionalidade, diga e pense o que quiser, que não muda o fato de tal conceito se integrar aos três males da atualidade, a saber os outros dois são religião e propriedade, ora, males e amores vulgares, há de concordar, e claro, acrescenta-se a eles o conceito atual de moral.

Enfim o foco agora são as proporções, pois bem, o integrante pode se perguntar de que forma ele um sujeito seguidor das leis, temente ao bom senhor, um alguém condizente com os preceitos tidos pela atualidade como bons, pode ter algo em comum, ou devo dizer de parecido com um alguém que não cumpre a lei, não se curva perante o bom senhor e não está de acordo com os preceitos vulgares da sociedade? Ora a resposta é simples, tanto que chega a ser banal, eu mesma, nesse texto já falei sobre as estruturas sociais, a respeito da adequação, a respeito da fragilidade dos integrantes atuais e da força do meio, sobre os papéis, então somente com o intuito de se preservar o mínimo de dignidade deixo a resposta a essa questão a quem me acompanha.

Ainda assim, ao formular a resposta não se esqueça que se atribui

pesos e medidas iguais ao se tratar de iguais.

Outro ponto interessante a ser discutido é o tempo, o antes pesa no agora? Mas eu também já falei a respeito.

***Exposição,** pensar em exposição é o mesmo que pensar em sistema, nada mais que estruturas sociais, trata-se de uma questão delicada abandonar o abstrato e visualizar e definir os valores, preceitos e propósitos, as organização que definem determinado grupo, sociedade ou no nosso século XXI o mundo, porque sim, vivemos em um tempo globalizado no qual não é possível se restringir a determinada nação desconsiderando o papel das demais.*

Já é de conhecimento que um alguém desde o nascimento se encontra inserido em mecanismos já estabelecidos e consolidados pelas gerações anteriores, trata-se de padrões, juízos, formas de organização, ritmo...

Bem disse sim ritmo mental, pode o leitor pensar diferente, considerar-se senhor de si, de seus pensamentos, de suas opiniões, gostos e escolhas, e se assim pensar não deixa de ter a razão ao seu lado, porém é de se perceber que o mesmo segue determinado ritmo já estabelecido e por todos sustentado, ritmo esse que se liga as estruturas mentais, a forma de se direcionar, mover-se em meio à sociedade, creio que o termo seja adequação.

O fato é que não necessariamente o indivíduo se encontra preso ao estabelecido, é possível e perfeitamente provável que o mesmo pise fora usufruindo de forma consciente da liberdade que lhe cabe, e para tanto só é preciso reconhecer a si mesmo e as estruturas, claro que a cada momento a necessidade de análise das estruturas, do sistema se revela mais e mais necessária de forma que chega a se tornar um objetivo.

De qualquer maneira mesmo pisando fora, mesmo enxergando, isso é, ampliando o campo de visão, o indivíduo continua inserido na sociedade em

questão e assim exposto a mesma.

Imposição. *Se na forma ativa é tanto inconsciente quanto consciente, na forma passiva tal característica se mantém, quero dizer, se o integrante entende e domina minimamente o subjetivo, mesmo que não tenha ainda abrangência ou controle do “eu”, e o mesmo se mantenha por assim dizer em estado de atenção, é provável, quase certo que ele perceba, repare nas imposições, tanto as conscientes quanto as inconscientes.*

Agora caso o integrante domine e por lógica abranja tanto o “nós” quanto o “eu” não me resta o que ser dito a não ser que parece ilógico esconder ou ocultar de um alguém algo que o mesmo domina/abrange de forma plenamente consciente, ou será que estou enganada, e não seja bem assim? Ao menos, não quando se leva em conta a amplitude e complexidade da mente, digo que é provável que existam níveis, algo como camadas que se desnudam perante o integrante conforme ele avance/seriam mecanismos? Mecanismos esses que confirmam e ao mesmo tempo desmentem a hipótese exposta acima, porque se existem camadas, então por certo que por falta de melhor termo, exista também meio de burlar, que por lógica não se relaciona às camadas já desvendadas/domadas.

De qualquer maneira, penso que nesse caso a atenção seja importante.

E resta a hipótese do integrante passivo na imposição que não possui qualquer conhecimento, ao menos não de forma consciente do “nós” ou do “eu”, e tão pouco se mantenha em estado de atenção, caso em que segundo meu ver é provável que o mesmo tal como acontece no compartilhamento e exposição, tome o externo por próprio, tanto os sentimentos, intenções, verdades e pensamentos alheios emanados consciente ou inconscientemente.

Por fim vale expor singelos comentários a respeito dos impulsos. Tudo que sei é que não passam de formas de comunicação no sentido de transmissão/circulação do que não deixa de ser informações/códigos da

sociedade em questão.

Exposição de Correntes: *Se há uma verdade a respeito da pele/sensações/forças que mencionei nos tópicos iniciais é a facilidade, isso é, não é preciso para abrangê-las demasiado aprofundamento e excessivo respeito às minúcias, bastando noções básicas de empatia, espaço, disposição e interesse no contorno, em outras palavras basta se permitir contemplar a vista, agora quando o foco é o pensamento, é fácil chegar à conclusão de que é preciso ir um pouco mais fundo.*

A mim se assemelha a planícies repletas de árvores frutíferas de várias qualidades e o mais importante ambas maduras e até mesmo já degustadas, mas que esperam desesperadamente pela disposição da multidão esfomeada que as observam à distância, sem de fato enxergar o banquete natural como uma possibilidade e por essa razão não se aproximam, não se saciam com o que já é de todos.

Isso é, não compartilham conscientemente do inconsciente esclarecido/avistado/alcançado/vislumbrando/por homens de espírito. Sim leitor, não esqueça que vivemos em comunidade, e em vidas em sociedade o que é de um é de todos, o que clareou para um automaticamente se torna alcançável aos demais, ora, o nome é compartilhamento, posso até dizer sem medo de errar, ou me adiantar excessivamente que em comunidades plenamente ou predominantemente esclarecidas inexista segredos vez que a essência é conscientemente compartilhada. Ou você alcança ou não alcança.

Então você pode pensar e argumentar apontando para o quadro atual e a utopia, e a conseqüente impossibilidade, mas o fato, como já demonstrei e como qualquer observador minimamente decente é capaz de entender, em sociedades e pelo que se entende o homem é um ser social, como tal integrando o comunitário como uma célula/uma parte viva. Assim basta dizer que a inconsciência pode e deve ser gradualmente superada, sendo

perfeitamente possível que se abandone o falso “eu” e se encontre o “nós”.

O que não é, e eu sei que não é um processo simples, já que por mais contraditório que possa parecer é particular, não importa que se escrevam livros a respeito, não interessa que o seja, por mais que não seja no momento, um assunto acolhido pelos integrantes, é necessário o entendimento íntimo e verdadeiro por parte das células, porque de outra forma se transforma em engodos, nada mais que uma maneira de restrição, verdadeiro exemplo de distorção.

Pode ser complicado enxergar o meio, o sistema, a prevalência do falso “eu”, bem como o que chamo de forças, porém não é impossível, de igual maneira não é impossível dominar, sair fora e respirar ar seco. De qualquer maneira é necessário lembrar que não se navega no campo do subjetivo de mãos dadas à razão, pois o subjetivo é um campo e o objetivo outro.

Os tópicos que se seguem se destinam a enumerar e analisar, respeitando minhas limitações, aquelas que considero as principais linhas de pensamento que por “N” razões norteiam o corpo social atual, indicando sua condição.

O Império dos Papéis Sociais. *Como já falei a respeito dos papéis sociais, creio que quem lê se recorda do papel e da posição que um integrante ocupa no corpo, seja seu emprego(meio de sobrevivência e sinônimo de dignidade do século XXI), ou a posição pessoal tal qual um entre muitos que o sujeito assume e interpreta no meio em que vive, posição essa que pode variar a depender do sujeito com suas particularidades em concordância com o meio(controlador/obediente/rebelde/impulsivo/dedicado/esforçado e etc.) dentre tantos outros, ou ainda de forma mais abrangente o bom menino e o mau menino, isso claro de acordo com os conceitos vulgares do falso eu.*

A partir de então vale ir por partes, primeiro quanto as profissões, há de se considerar que para que o corpo funcione adequadamente todas as células/peças envolvidas são igualmente fundamentais, o que significa que não existe ocupação, ou melhor dizendo, forma de atuação mais ou menos relevante, todas são igualmente importantes quando se tem em mira o Corpo.

Mas o que vem a ser o Corpo social? Ora, é simples o Corpo nada mais é se não a unidade, unidade que nada mais é se não a somatória dos integrantes que o compõem e como tal se trata de um organismo vivo. Basta pensar em integridade, a verdadeira e a vulgar integridade.

Assim não posso conceber o pensamento de que exista diferenciação, algo como níveis entre células irmãs, por mais que as mesmas desempenhem funções diversas em diferentes partes, compreensão essa que não é propagada ou mesmo compreendida na sociedade atual, ou mesmo nas sociedades passadas. (Condição)

Entre “nós” impera o juízo de valor, ou melhor dizendo, juízo de qualificação segundo o qual determinada função desempenhada por uma célula ou outra, por razões vulgares possui determinado peso, algo como status profissional, mas que não raramente se confunde com status pessoal.

O que também se repete a depender do espaço físico em que a célula se encontre, da sua procedência, dos traços característicos impostos pelo externo à mesma, enfim, não deixa de ser uma condição mental, nada mais que um posicionamento que por consequência valoriza as distinções sociais (fragmentação), os abismos já existentes entre iguais/partes. E como já disse, para que se compreenda o “nós” é preciso minar os abismos conscientes entre essências.

O mesmo vale para o segundo caso, o da soberania da posição pessoal, o que pode soar um pouco ousado, embora faça parte do pensamento. Reflita sobre a questão:

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Eu devo ou não devo tomar um alguém pelo seu “eu” externo operante, o falso “eu”? Outra questão: Ao se analisar um fato devo ter em foco o fato em si isolado ou devo me ater as condições subjetivas e objetivas envolvidas?

O falso “eu”, não sendo nada mais que a submissão do sujeito ao seu meio, por certo que não o representa de forma abrangente, pois não se percebe em indivíduos assim a individualidade e os parâmetros necessários para análises verdadeiras e exclusivas, de forma que o externo prevalece, fato que leva a conclusão de que o externo tem seu peso, devendo ser considerado tanto o meio quanto as circunstâncias, os integrantes próximos, e os papéis ocupados pelos mesmos, isso para entender não a essência do analisado, mas tão somente seus impulsos, então considero um equívoco analisar um sujeito como um particular e suas ações, como se estivesse lidando com uma individualidade verdadeiramente senhora de si, embora a liberdade prevaleça e a verdadeira liberdade, aquela mesma que abrange as vontades do verdadeiro “eu” continue a disposição.

De qualquer forma é pelo exposto que tomo o império dos papéis sociais como uma das direções nocivas ao “nós”.

O Desejo de Acolhida: *Equivale ao desejo de pertencimento, o que pode ser consciente ou não. Sendo consciente quando se refere a questões identificáveis, algo como aceitação em determinado grupo, a adequação a determinados rótulos, de outra forma é inconsciente quando se trata da adequação ao quadro geral, aos conceitos subjetivos que regem o palpável (Corpo e Alma).*

Ora, é sim uma das formas de prevalência, de se consolidar o estabelecido, ou seja, de preservar a condição real, apesar das mudanças externas, ou melhor dizendo, apesar das transmutações externas, isso é, o externo se altera, mas o impulso não, a condição persiste, e é saber que a

única maneira de alterar o tangível é alterando a direção, ou seja, a condição do intangível.

A Supremacia da Superficialidade: *Pense se o sistema cria mecanismos? O sistema se vale de mecanismos que o mesmo cria? Isso é o mesmo que dizer que membros criam mecanismos contra eles mesmos? Ou são os mecanismos favoráveis? Questões que serão elucidadas ao seu tempo, por hora basta que me concentre na superficialidade.*

Caso em que é preciso visualizar as camadas, pensa-se que para alcançar determinado resultado, que então pode ser visto como o final, embora de fato não o seja, uma vez que acontecimentos resultam em acontecimentos, são necessários uma série de fatos que derivam de ações que levarão a fatos futuros, ora, a isso se deu o nome de movimento, que por sua vez é perceptível na análise do antes, e também na percepção/leitura do agora.

Isso porque participar do desenrolar dos fatos sem abranger verdadeiramente a situação como ela de fato é, é o mesmo que se subjugar ao sistema, isso é, renegar o ativo em favor do passivo, só que como já foi dito estamos falando de soma.

Mas porque a superficialidade acompanha os integrantes? Será que é inerente aos mesmos ou uma escolha? Bem, respondo observando dois pontos, que na verdade sequer se diferenciam verdadeiramente que são a condição e o meio.

No momento muito ouço a respeito da força do sistema, da impossibilidade, fragilidade do homem perante as estruturas nas quais está inserido, dizem: O sistema te devora, O sistema corrompe, O sistema é inabalável, mas a verdade é que nós somos o sistema, nós damos vida, nutrimos e como criadores o possuímos, por isso disse que não diferencio condição de meio.

Em outras palavras, não é que trate de algo inerente ao humano, e sim uma escolha, que também pode ser justificada pela comodidade, mas uma escolha consciente ou inconsciente? A resposta é em parte, não pode ser totalmente inconsciente quando se está as claras, tudo que é preciso para ler o mundo é abertura, interesse e disposição, porque no que diz respeito ao básico nada tem a ver com formações acadêmicas, títulos e palavras frias, de forma que falta de acesso não é justificativa quando basta se abrir e acessar, no imaterial o que é de um é de todos(compartilhamento/conexão), de forma que se manter na superfície é uma escolha, justificada pela condição real do integrante e louvada pelo presente meio.

Quem controla seria um senhor os seus instrumentos ou os instrumentos ao senhor?

O Desejo de Compensação: *Não acredito que se trate de uma característica normalmente exclamada aos quatro ventos e mesmo nas exceções sou capaz de apontar que não seria, vez que não é tomada com bons olhos.*

Mesmo assim não é preciso análise aprofundada para perceber que se trata de característica direcional difundida, e quando não exposta em termos específicos é aceita e intimamente aclamada.

Posso relacionar compensação à sensação de alívio, como retirar algo que aflige e lança, sendo que nesse sentido seria quase como divisão.

Explico fazendo menção a um velho argumento: A insatisfação do “eu” interno com as ações do falso “eu” expressadas pelo “eu” externo. O fato é que as consequências da condição por si mesma e da condição refletida na organização desagrada ao verdadeiro “eu”, de forma que esse sem condição de se manifestar, quem se manifesta em seu lugar é o falso “eu”, e o falso “eu” inconsciente de si mesmo e dos próximos acha que projetar falhas próprias em terceiros, alivia.

Pensar na maledicência e na injustiça consequente da somatória, por certo não parece satisfatória, porque de fato não o é, assim caso o integrante em questão se encontre em condições desagradáveis é natural que direcione sua insatisfação para os mais próximos, porque lhe são acessíveis, agora caso o integrante esteja em situação privilegiada, por certo que fazendo parte do corpo ainda que intimamente é capaz de perceber a condição real e assim se sente insatisfeito, e insatisfeito direciona esse sentimento não para si mesmo, mas para aqueles que supostamente quebram a ordem estabelecida, claro, isso a nível amplo, porque de fato se observa a compensação entre integrantes próximos, independentemente da condição social que ocupem ou da relação vulgar existente entre ambos.

Do Apreço ao Estabelecido: *Se a natureza, melhor dizendo, a essência humana é boa, então as tradições, pilares, diretrizes, impulsos, predestinações se encaixam aonde? Seria, tudo isso, condição?*

Eu poderia de alguma forma ligar a condição à essência? Ora, confesso que essa pergunta parece sensata na mente, mas agora elaborada percebo a discrepância, os próprios termos não condizem, pois essência é o que se é, é o íntimo, nada mais que o estado real, já a condição por certo que é o estado atual, como se está, pense, somos bons, mas o mundo não parece bom, há acontecimentos, escolhas, comportamentos, deslizos e vícios que não podem ser classificados como benéficos, mas tudo isso se encaixa na condição e não na essência, é sujeira e não o verdadeiro “eu”, ora, não é possível estar em paz sem estar em acordo consigo mesmo, talvez seja por isso que tanto se fale sobre a superação, zera e passe à frente, faz sentido? A mim sim.

O ponto é que como se repara em certas características, repara-se também em condições sociais, que no caso não deixam de ser direcionamentos, autodefesa que anula a verdade do passar dos anos, as

reais transformações e ressalta a maquiagem, mas também como haveria de ser diferente quando pelo que tudo indica é preciso se superar para seguir em frente.

De outra forma não consigo imaginar porque a condição coletiva do presente se compare, melhor dizendo, reconheça-se na condição do passado? A não ser que tenha me confundido quanto a natureza e que tais características não sejam vícios, mas sim algo intrínseco ao homem, o que significaria dizer que o homem é por essência corrupto, sendo algo inato mesmo a essência seria pecaminosa, e a evolução seria uma ilusão, pois como pode superar, mudar aquilo que se é? Então não concordo que os vícios e a lama estejam atrelados à natureza, mas sim que façam parte da condição humana atual.

Enfim digo isso com o intuito de frisar meus pensamentos a respeito da lenta, quase inexistente evolução, ou será que é rotativo? Os integrantes estão estagnados ou, apesar das idas e vindas, isso é, mortes e renascimentos, existe rotação? Bem, que há rotação nas colocações em vida é um fato.

Da Perseguição da Moral: *De acordo com o que se entende, a moral pode ser classificada como convenções, nada mais que regras sociais e variáveis que norteiam os integrantes, mas que quase sempre se traduz na perseguição do belo. De fato conceitos difundidos e aceitos como definições do justo, ideal, certo, desejável, por outro lado, certamente na forma de consequência, surgem definições do injusto, desprezível, errado, indesejável, isso claro dito em mero efeito ilustrativo, tratando-se de padrões que abrange os integrantes simplesmente por fazerem parte, assim são incluídos em categoria condizente, mesmo que seja imoral, uma vez que a imoralidade decorre do conceito de moral, e além do mais como já expus que não acredito ser possível a um integrante se despir totalmente dos conceitos*

sociais, das definições de certo e errado, seja ele consciente ou não.

Decorre disso que entre nós se observa certas características consideráveis, primeiro: A adaptação às alterações/redefinições do meio, o que é decorrente do império do falso “eu”/curvar-se perante o externo, assim alterando-se as definições de moral o meio se altera, porém, sem desrespeitar a definição do belo e a definição de seu oposto. O que significa dizer que não se trabalha com o meio de forma eficiente desrespeitando os padrões e a condição dos envolvidos. Não se pode constatar que o belo é na verdade feio e ter a pretensão de impor tal descoberta aos demais, porém é perfeitamente possível negociar os conceitos de belo e feio, sem se esquecer por um minuto da condição dos envolvidos, vez que se observa a adequação.

Segundo: A fraqueza, substantivo que não se traduz em maldade, baixaza, vulgaridade ou coisa parecida, é apenas uma característica que se refere à abertura, a vulnerabilidade de um alguém perante o externo, não é a probabilidade de alguém se deixar de uma forma ou de outra penetrar pelo que o cerca, mas sim de se modificar pelo meio. Pois o belo equivale ao desejável, não sendo necessariamente belo, vez que o desejável pode assumir várias formas a depender do círculo restrito, do tempo e da sociedade.

Terceiro: A vulgar maledicência, e eis uma característica que me remete à contradição, mencionei acima a perseguição pelo belo e logicamente que maledicência, não é? Acredito que em praticamente sociedade alguma classificada como desejável, benéfico, dessa forma não parece sensato apontar tal característica, porém meu pensamento tem por base o fundamento. Você leitor é capaz de perceber conexão entre teoria e realidade? Eu sim, a clareza é estupeficante. Outra questão, você é capaz de abranger sanidade na organização populacional? Eu disse sanidade e não lógica, nesse caso a resposta é negativa, se discorda basta sair, ampliar o campo de visualização, observar as ações cotidianas, o mental, as

valorizações, a rotina. E para completar uma terceira pergunta: Se observa paradoxos na insanidade? Isso é conexão entre conceito primários e a prática difundida? É de conhecimento que algumas das características da insanidade sejam a desconexão, distanciamento e a distorção entre o primário e o difundido.

O que me leva a outra questão: O que primeiramente se entende por belo, como posso definir/conceituar o belo não poluído? Questão complexa que na tentativa de solucionar nos obriga a retroceder a procura de si, da origem. Seria purificação? De qualquer maneira há lógica na insanidade, refiro-me ao raciocínio governante, aos padrões, a própria respiração, assim será que se observa deslizos, vícios embutidos na condição, mesmo na dos integrantes, ah, digamos tido por primorosos socialmente?

Claro que esse texto não se refere ao “eu” e sim ao “nós”, então me permita reformular a pergunta: A condição do produto em questão estaria, de acordo com tal tópico e com os anteriores, contaminada por vícios? Bem, isso é o que está sendo discutido.

De qualquer maneira nada do que foi dito até agora se aproxima da minha visão da maledicência. Pois bem, pense em dois conceitos distintos um que se aproxima do real belo e outro que se conecta com o conceito de belo difundido/vulgar, e no seu pensamento não há de forma delimitada qualquer identificação a não ser claro, você mesmo, assim no escuro sem referências e sujeito à pressão exterior, por qual caminho seguiria?

A verdade é que isso é uma tendência, não regra, a tendência à maledicência justificada pela predominância do “eu” externo e possivelmente pela condição do “eu” interno.

Acima falei sobre a maledicência a nível social, mas resta claro, a maledicência a nível particular/intimo, no que se refere a pequenas coisas. (As conhecidas decisões privadas que resultam em padrões, trilhas entre a

grama).

Bem, tais pontos se referem a condição atual dos integrantes, a nível de massa, agora caso a intenção seja focar em um integrante em particular, o correto seria situá-lo no geral, qual posição o indivíduo ocupa em seu meio? Qual corrente/direção o mesmo validou? Como ele está inserido nessa direção? Ele a enxerga através de que ângulo? Ou será que é capaz de abranger a trilha como um todo? Como é a relação do mesmo com a pele? Quais suas predestinações? Qual seu nível? Quais seus pontos altos e baixos?

Agora no quesito de complexidade à análise coletiva e individual se equivalem porque quem é capaz de analisar coletivamente por certo que é capaz de direcionar, de outra forma sendo hábil o bastante para analisar individualmente, sabe expandir a visão e alcançar o resultado da soma des governada.

A Respeito das Trilhas/caminhos mentais manifestos: *Atrás visualizei o mental como um labirinto com várias trilhas, sendo que me recuso a conceber que alguma seja mais ou menos certa ou relevante em detrimento de outra, embora algumas se aproximem mais do invisível. Porém eis a questão como abranger a Lei? Se somos bons e a Lei é o que genuinamente se entende por bem, o que de fato é bom? Quais parâmetros como retroceder? Porque os conceitos de bom e mau são variáveis.*

Bem, falaremos por hora sobre as trilhas manifestas e que por lógica se encontram inseridas em cada um dos integrantes de forma consciente, só que claro, dependem da validação. As trilhas do pensamento não manifestas permanecem no inconsciente, pois não foram ainda acessadas.

E como as trilhas são reveladas a nível social? É simples, pelos trabalhadores do pensamento, aqueles mesmos profissionais que se ocupam da observação, e digo contemplação não apenas do aparente, de maneira

que se dá forma ao que até então pertencia ao capaz sutil.

Essas observações impregnadas formam correntes que se complementam ou será que se excluem? Responda leitor. Correntes essas que se encontram contidas no campo teórico, de forma que são alcançáveis através de estudos, o fato é que são observações, logo tratam de fatos já estabelecidos, tratam de validações, em via de regra, do maduro, além do mais nem é preciso convocar aqui o compartilhamento. O que estou tentando esclarecer é a relação de cada um com as trilhas reveladas.

Uma vez que o que era abstrato adquire forma, através de pensamentos expostos(externos), sendo então possível aos demais integrantes observá-los e analisá-los com maior lucidez, e assim conscientemente se posicionarem no seguimento/tendência que melhor lhe aprouver, embora tal integrante possua em si todas as trilhas reveladas e a se revelarem.

Quanto a minha indagação a respeito das trilhas se completarem ou se excluírem, o pensamento a respeito é claro, se elas não podem ser consideradas mais ou menos certas, já que no momento não somos capazes de abranger a Lei claramente, cada trilha merece ser considerada e peneirada, pois possuem seus pontos, por mais que aparentemente soem opostas.

A soma é o presente ponto.

E então surge a pergunta, como? Eu digo, ligando os pontos e colocando peça por peça em seu devido lugar.

Órgãos/casas, enfim lugares nos quais se encontram reunidos mais de um integrante, seja com mero intuito de convivência ou com propósito específico, percebe-se que tal como pessoas ou ao quadro geral, ambientes possuem presença, que como tal se traduz na condição, no ritmo, na organização e na proposta do mesmo (Assinatura). O que claro não deixa de ser o comprometimento, a aliança dos envolvidos com os órgãos em questão,

frisando que não se trata de aprovar ou desaprovar, vulgarmente, é só comprometimento.

E quanto a formação me vem à mente um círculo que tem por base a adaptação, a superficialidade e o comodismo.

Adaptação, pois a par da direção, tema que será tratado no tópico seguinte, determinado ritmo, determinada forma de organização se estabelece, (é assim/funciona dessa forma/isso pode e isso não pode/isso acontece e aquilo não acontece), trata-se de uma realidade que se relaciona com o “eu” externo, logo está sujeita a alterações a depender do meio, porém é de conhecimento que o meio não se altera do dia para a noite, necessita de processos longos, demorados seguindo-se ritmo não outro se não o dos próprios integrantes, e em direção não outra se não a traçada e visualizada pelos mesmos.

Órgãos se adaptam ou será que são na verdade expressões da realidade? Enfim pessoas vivem dentro de seu tempo, meio, o que não deixa de ser adaptação, órgãos e organizações se adaptam ao meio de acordo com o ritmo, só que com sua própria presença, (presença condizente).

Há superficialidade porque, conforme explicado, integrantes não analisam o ritmo, as pretensões com clareza, ora, não dissolvem sequer o palpável em si. Imperando ainda a restrição em células, segmentos, contenção, isso é fraturas/fragmentos.

E a comodidade se encontra em detrimento da aceitação, do medo, da ausência de horizontes em relação à maioria, que indique caminho diferente, posição diferenciada.

O Pensamento/Direção dos Acontecimentos: *Trata-se de um paralelo entre os pequenos gestos/pequenas atitudes, o ritmo e os acontecimentos marcantes.*

Entende-se que o agora contribui não apenas para o agora, como para
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

o que será depois, o caminhar prossegue, a questão é a velha tecla, como se dá o agora? A resposta claro, é pelo consentimento de seus membros, pela convalidação dos mesmos, assim se solidificam as estruturas, vale dizer porque para alguns parece que a história e o agora simplesmente acontecem, às vezes por iniciativa de células específicas ou em razão de fatos dados, mas nós sabemos sobre as conexões de acontecimentos, nós sabemos a respeito do verde e maduro, sabemos sobre a soma, conhecemos o ritmo, logo estamos a par da complexidade branda do palpável.

E para que o que é, prevaleça é necessário validade/adequação e essa adequação não é posicionar-se vulgarmente contra ou a favor, é simplesmente posicionando-se dentro. Então pergunto: Como se dá o posicionamento inicial? Será que prevalece a adequação? É simples, a resposta remete ao ritmo, ritmo esse que por lógica se encontra subordinado ao estímulo das partes, é como se inexistisse de fato no que interessa revoluções ou abruptas transformações, e sim o refinamento, aprimoramento dos componentes em caminhar leve, sutil e ao que me parece, lento.

Por tal linha de raciocínio seria possível dividir/visualizar no trajeto da humanidade até agora etapas, delimitadas pelo subjetivo humano.

Que não se atravessa de um período para outro sem que a condição dos componentes esteja preparada, isso é, sem dar as boas-vindas, por isso desconsidero as chamadas revoluções, exalto o aprimoramento e não observo mudanças radicais, do tipo água para o vinho, e sim alterações sutis que por essa razão podem escapulir da compreensão imediata dos próprios agentes, escapole a compreensão e ao controle consciente, talvez tenha a ver com a Lei, alguma espécie de percurso que abalaria os conceitos definidos de liberdade, mas os integrantes são parte, portanto concordam, almejam em essência? Ou talvez seja apenas uma característica, uma forma natural? Claro que se trata de uma questão altamente relevante, mas que não vem ao

caso no momento.

O importante é se ater no ritmo, e na forma que o mesmo se exterioriza pelo posicionamento, mediante definições conscientes por parte dos integrantes, dos valores de cada período, de forma que o presente não se explica por acaso, infelicidade ou erro. Ele é fruto de definições, validação e adequação.

E cedo ou tarde no tempo dos integrantes se alterará. Entendimento que desacredita as grandes alterações para o "bem" ou para o "mal", apenas por não serem condizentes com o ritmo.

Sobre o Verde e o Maduro: *Se observa um ritmo é perfeitamente possível lê-lo.*

É lindo compreender, tendo por base os integrantes, os sinais que os mesmos apresentam, quero dizer, sua condição refletida em acontecimentos, o momento e o que condiz ou não para/em tal momento. O que é ou não condizente com os integrantes envolvidos.

Tendo por base o que já passou se chega à conclusão de que a forma de organização de um sistema não se altera em um estalar de dedos, ou simplesmente seguindo a condição/validação de um ou alguns poucos integrantes.

Nada surge sem os já conhecidos alicerces, ora, segue-se a ordem da evolução, a qual como um integrante pensante é possível retroceder até certo ponto, e mesmo mediante análises sensatas adiantar, porém apenas até um ponto/momento próximo, reduzido em comparação a retrocessão.

Em outras palavras não se transforma água em vinho, para que um alguém tenha determinado pensamento, ou direcione sua atenção para certa questão, ele se vale do momento, dos pesos e medidas de tal tempo, da atmosfera, então não foge ao tempo, ou o leitor discorda que trabalhar com base nos anseios de um tempo, seja uma característica da temporalidade, ou

seja, do maduro?

Mas claro que de igual maneira em alguns casos se observa incompatibilidade entre o que se apresenta, ou se propõe e a condição, os anseios do momento, creio que exista uma frase que muito bem exemplifica tal situação, contudo não vem ao caso, bem, talvez se trate de otimismo ou casos extremados de atemporalidade. Isso é o verde.

A questão é que enquanto os integrantes vivenciam, têm capacidade de abranger e ao seu modo compreender o maduro, o mesmo não vale para o verde, uma vez que esse ainda não é compatível com a condição operante, de forma que o desrespeito ao tempo resulta em disparidades, nada mais que distanciamento entre o apresentado e o visto.

Enfim, isso não é nada além de uma observação vulgar, o relevante a respeito do presente tópico são os momentos, o ritmo natural indicado pelos homens, um ritmo que apesar de tudo é, a meu ver, imbuível, seja pela impossibilidade de transmutar-se instantaneamente e magicamente pedra em ouro, ou pela improbabilidade de atrapalhar realmente a marcha, também conhecida como evolução, que é natural e engloba os integrantes como um todo.

Sobre Consciência: *Aprendi algo que considero interessante que é simplesmente esvaziar a mente e me deixar levar, não sei se nesses momentos é o consciente ou o inconsciente que pesa, talvez quem diga que o vazio interno seja uma forma de se encontrar consigo mesmo esteja certo.*

No momento ainda ligo o interior à soma, portanto estou presa ao “nós”, o que não me agrada, outro ponto que já há algum tempo vem crescendo aos meus olhos de forma acentuada, e claro um pensamento que como os demais não me pertence, digo que não sou a primeira a observar e com toda certeza não serei a última, até porque já discutimos que algumas experiências, descobertas, conquistas e perdas fazem parte da formação de

qualquer pessoa, ora, no mundo se observa várias realidades, ambientes e por conseguinte experiências que uma vez vencidas transformam-se em domínios, nada mais que bagagem para o “eu” interno, o que claramente não é alcançado em uma única experiência, então sim, essa é uma parte da espiritualidade no qual acredito, o que não significa que desconsidere os conceitos contraditórios, um fato que me serve de guia é a crença em todas as formas de pensamento apresentadas, tanto materiais quanto imateriais, tanto as que concordo quanto as que discordo, trata-se da busca pela abrangência, e a não submissão a nenhuma delas, o que se traduz a juízo interno, a necessidade de se manter ao menos um pé em terra firme.

De qualquer maneira o interesse agora é discorrer a respeito da ausência de busca pela abrangência, e da conseqüente submissão ao meio(fragmentação), então vamos por parte sem esquecer o que já foi dito.

O que é preciso para formar e manter grandes grupos de integrantes dominados pelo falso, sujeitos ao erro e assim encarcerados em sua liberdade? Nada mais que as condições externas adequadas, a forma de organização na qual o mesmo se encontra inserido(ambiente).

Mas a questão mesmo é como se forma um ambiente? Tendo-se em conta pontos como a organização, a condição e vibração dos envolvidos, o norte e sul, que resulta no externo (nas auto impostas), sim, talvez se encaixe aqui outra frase ouvida por tantas vezes, "Para vencer o mundo basta vencer a si mesmo".

A verdade é que mencionei tais palavras por várias vezes, ambiente/meio/ambiente e meio, mas não disse os pontos que utilizo para compreender e até mesmo interpretar os ambientes, são eles:

- *A estética _ sim, as construções, a limpeza, a estrutura, aquilo que os olhos captam e a mente registra, se é digno ou não, se é esperançoso ou desesperançoso, deve ser puro efeito psicológico.*

- *A alimentação imaterial _ o que é oferecido, e de certa forma o que está à disposição do grupo, quesito de valores, de horizontes, de informação, de abrangência dessa informação, da forma com que a informação é passada, a maneira com que tal grupo é tratado por integrantes pertencentes a outros ambientes/meios, a maneira de relacionamento entre os integrantes pertencentes ao mesmo grupo.*
- *O dia a dia _ de que forma as energias são consumidas e no que são empregadas, pois sim, a trajetória que além de exigir sua quota de energia, foca/direciona/limita a visão e modela a forma de raciocínio, bem, quero dizer que no mínimo colabora.*

Claro que o dia a dia não se resume ocupação social, mas vamos combinar que a forma com que um sujeito passa o tempo em meio às opções e possibilidades se restringe ao ter em vista a ocupação do mesmo, ocupação essa que uma das causas de ser é a própria alimentação material. Limitando dessa forma ao meio e ao papel social encenado.

E o resto é adaptação e manutenção, entra a vibração, o peso do meio das estruturas e dos próprios envolvidos.

Camadas das células: *Primeiramente o âmago, que é equivalente ao denominador comum, nada mais que essência, aquela parte pulsante que se observa em cada homem e animal, e que interliga os integrantes, que existe no interior, e aparentemente sempre foi e continua preservada do exterior, e até mesmo das demais camadas. Seria o inconsciente?*

A segunda camada é onde se observa o que chamo de tonalidade, é onde se encontra as linhas/segmentos, nada mais que particularidades, seriam cores? Em verdade, parâmetros/características que definem a atuação/posicionamento social. Percebo camadas dentro da tonalidade ou, é mais provável que se trate de outra camada, algo um tanto mais sutil e que se divide. Agora como se dá a divisão em linhas? Seria apuração? Pode ser,

mas deriva da liberdade, algo integrado à tal modo ao ser pode derivar da livre escolha? Ou é predisposição? Como se mesmo antes da dita forma o ser já possuísse uma rota. Seria o homem guiado como os animais?

A terceira camada finalmente alcança a representação em si, aquilo que chamo de “eu” verdadeiro, embora devo ressaltar minha leviandade, vez que o ser merece ser visto em integridade, a fim de que se possa desvendá-lo. E é na representação que se aplica o discutido sobre “eus”.

O relevante no momento é descobrir como, como esse processo se dá, qual mecanismo? Seria individualmente? Ou separadamente? E se sim até que ponto? E se não por quê? A que se deve a ilusão?

Agora no que diga respeito às camadas de consciência na horizontal visualizo ondas finíssimas de multicores bailando, isso é o verdadeiro movimento? Observo o velho bolo de meias, nada mais que níveis e a real igualdade entre eles! Juntando esses ingredientes o que tenho?

O Giro e os Giros: *Descrevo um giro como nada mais que um caldeirão de experiências que se relacionam às vivências, ao aprendizado, sabe, bagagem necessária aos envolvidos. Como a ausência do novo. A descoberta e confirmação/confirmações, os laços que unem os envolvidos, quero dizer que se observa similaridades, chamo pesos iguais e medidas iguais quando se trata de iguais. Supondo que esteja referindo-me a degraus, seria o caso de dizer que os presentes ocupam o mesmo degrau, (condições equivalentes).*

Assim inexiste ambiente inválido, não é de forma alguma observado pontos sobre a Terra, por mais que sejam desagradáveis perante os olhos, que sejam impróprios à experiência, vez que vale dizer que eles compõem, fazem parte do Corpo, ou seja, aquilo que se está. Lembra que o externo nada mais é que a extensão do interno.

Vença um e o próximo se apresenta. Vença o próximo e o terceiro se

fará presente e assim sucessivamente, até que se zere, complete-se a experiência e suba de degrau.

Quanto aos giros poderia a princípio apontá-los, defini-los como as vidas, ou será que devo utilizar o termo momentos? Estou aqui agora vivendo na pele uma parte do que sou, uma parte de mim, até que absorva/integre/acrescente em mim essa parte, tratando-se apenas de verdadeira compreensão.

Sim, eu poderia definir os giros dessa maneira e se assim o fizesse não estaria equivocada, contudo é preciso ser um pouco mais precisa, pois dessa forma haveria de transmitir a impressão de que em uma experiência o ser se veria preso, verdadeiramente atrelado à determinada parte/fratura do propósito, que então em um ponto de vista limitado poderia até ser encarado como o todo, embora se trate somente de uma fração, tal pensamento seria um engano, e posso explicar a razão.

Sendo um pensamento complexo, porque já está evidente a força do meio, da forma e a variedade de meios observados no mundo, cada qual com suas experiências/vivências próprias, estilo/moral e ritmo, estética. Isso tudo presente na terceira camada, na forma do falso “eu”, que não tem ainda acesso consciente ao que verdadeiramente é, isso é ao ser, dessa maneira se observa sim, limitação, (as minhas prisões de papel), contudo o giro é incessante, rápido, ora, estou falando de movimento que não se relaciona como Corpo e sim com o verdadeiro “eu”, na forma de pequenas resoluções. Dessa forma por giros eu tenho nada mais que as resoluções, estados, percepções validadas ou não.

Posso restringir de forma vulgar o cenário e a vulgar liberdade, mas o movimento e as conexões permanecem, daí que se torna clara a ilusão a palavra papel. Como uma falsa limitação derivante da condição atual. Fragmentação essa que se explica pelo distanciamento do “eu” para com o

“eu”, formando assim institutos como bem e mal/certo e errado/nós e eles/eu e os outros, confusão entre o todo, o ser e o quadro real, o engano, os círculos e a aparente impossibilidade de se juntar as peças.

Sendo a fragmentação, uma condição mental. Encontro o “nós” e o “eu”. O “eu” no “nós”.

Sobre os raios finíssimos que se movem (nós): *Para começar pense no que define um integrante, porque é certo que um homem não é definido pelo corpo físico e o falso “eu”, refiro-me à visão limitada de si mesmo e do real. Enfim, pense em tudo que individualiza um alguém, seus pensamentos/sonhos/desejos/medos/particularidades/experiência/essência/coi enfim, em resumo presença. Nada mais que o ser em si, com suas camadas. Que como já foi dito se traduz em energia.*

E pergunto, é possível que energia desapareça em um estalar de dedos? Sendo repetitiva a resposta é não, então obviamente que a perda da restrição não é o ponto final.

Então o que ocorre com o desligamento do personagem atual, do giro momentâneo? Quais as consequências para o próprio ser e para o corpo social? Ora, talvez a resposta não seja tão complexa quanto parece ao primeiro momento. Primeira dúvida, mantém ou não a individualidade? Arrisco em um sim, primeiro porque é insensato supor um propósito para o giro e giros e ao mesmo tempo pensar que com o desprendimento tudo se esvai mesclando-se ao todo, seja em um menos ou um mais, além do que, acredito na individualidade, ora, redundante esse pensamento, vez que já mencionei por diversas vezes o “eu”.

Então a particularidade continua, provavelmente em condição equivalente, continua no “eu” interno, por outro lado não posso considerar que a experiência de um alguém, seu eterno mais, seja irrelevante perante a somatória, aliás esse pensamento já foi discutido.

Atadas e atreladas todas essas consciências restritas/fragmentadas, verdadeiramente pequeninas.

No fim o “eu” externo continua como uma tatuagem, como um pontinho acrescido ao “eu” interno.

Da Liberdade: *Pense primeiro na questão se existe ou não um caminho definido. Questão essa que é facilmente respondida fazendo menção à comunhão dos integrantes, a Lei e o caminho através dos giros. Assim se entende que existe uma rota, um propósito que se esconde por detrás dos pequenos acontecimentos, da fragmentação, dos conceitos de falso “eu”, “eu” e do verdadeiro “eu”, por detrás do “nós”. Bem, será que posso utilizar a expressão “algo maior”? Diga você.*

A Lei por si só restringe os movimentos, vez que os direcionam em uma única reta/caminho. Reta essa que, por sua vez, engloba em si o que vulgarmente entendemos por desvios. E é justamente nesse ponto que se encontra a nossa liberdade, que não deixa de ser absoluta em sua restrição.

Ora, cada integrante é o que é, e encontrar a si mesmo é visualizar o caminho, avançar na direção do próprio ser, invoco tal pensamento apenas para fazer ligação com o “nós” e os movimentos sociais.

Dos Movimentos Sociais: *Peculiar o modo como ao observar o quadro atual se percebe que o mesmo se encontra em conflito, dividido entre “forças”, movimentos sociais que se degradam em nome da forma.*

A eterna disputa entre o estabelecido e o que pode ser, a qual é possível observar mediante o sutil com suas variações e níveis, através das formas de atuação, a qual se utiliza obviamente das peças/integrantes.

O que é difícil de relatar, mas vamos lá, primeiramente não percebo o subjetivo atualmente, bem, como nos tempos passados como um tema formulado adequadamente, isso é, como um ramo, embora o perceba revelado à sociedade mediante partes, em sua grande maioria atolado por

distorções insensatas.

Bem, pelo menos, é assim para a grande massa, de forma aberta, embora esteja certa de que não se trata, nem na mais remota das hipóteses, de um pensamento novo, enfim o subjetivo não é difundido, não integra o pensamento geral de forma nítida, consciente.

Em segundo lugar, a fragmentação, a pequenez humana não é encarada pela população como uma virtude, isso é, não se compreende que um pensamento com início, meio e fim seja consideravelmente grandioso perante uma mera partícula do Corpo, daí que se fragmenta o pensamento, dividido entre pares, que é dessa forma concebido no mundo palpável. Isso claro, depois de passar pelo filtro, que é o próprio canalizador/aquele que concebe.

Dessa maneira estou perante parcelas, não raramente modificadas, as quais preciso organizar, colocar em ordem para visualizar o quadro por completo, então invoco mais uma vez o termo fragmentação, embora ressalte que o mesmo possui significado, bem mais amplo.

Acontece que por incompreensão ou desinteresse, as pessoas não veem dessa forma, razão pela qual acabam por atribuir a frações, ou a visão distorcida da mesma o peso do quadro completo.

O que não preciso dizer ser negativo, inibidor, verdadeiramente auto armadilha, daí que sem conhecimentos integrantes acabam por se tornarem instrumentos, daquilo que verdadeiramente são senhores, que são as forças/correntes.

As quais são responsáveis pelos movimentos. Eu penso de tal maneira. Meu posicionamento é esse, (seja esse pensamento consciente ou inconsciente), e por quê? Porque é no que verdadeiramente acredito. Porque é o que é. E faço disso um lema. Faço disso o certo. Esquecendo-me que de fato inexistem o certo e o errado, o bem e o mal, sendo esses tão meramente

conceitos arquitetados pela fragmentação.

De maneira que aparentemente tenho ideias opostas, adversários, o novo combatendo o velho. Só que é tudo ilusório. Não existe, de fato, tal divisão, apenas o aceitável para alguns e o não aceitável para outros, princípio da validação, sendo que para obter validação a nível social é necessário maioria (mais acrescido de mais).

O que estou tentando dizer é que tudo que é apenas é, e no que tange o ser não se observa divisões ou estereótipos, o ser apenas é e ponto. Aqui no caminho, dentro dos giros somos deuses, damos forma. Existe o ser, a forma e o constante movimento, sendo que a forma equivale ao reflexo da condição social do ser/nesse caso integrantes envolvidos.

Sobre as Filas: *Quando falo de filas, estou falando de ligações em que camada? Pois tenho a primeira como âmago, a segunda como tonalidade e a terceira como os “eus” à própria representação, dessa maneira a questão das linhas se concentra na segunda camada.*

Então estou perante uma espécie de semente, estímulo interno que obviamente se expressa pelo “eu” operante, e que mesmo que, de forma inconsciente guia/orienta o integrante em determinada direção/refinamento, acredito que conforme a consciência aumente, a luz se alastre, tal concepção, por certo que se clareia.

De qualquer maneira a questão é como se dá? Porque tenho na primeira camada o âmago/unicidade/singularidade e na terceira a representação, como ultrapasso da primeira para a segunda camada?

Acredito que a primeira pergunta que devo me fazer é como relacionar a liberdade com a segunda camada? Já cheguei à conclusão de que a liberdade se restringe ao caminho que é único, e depois ao me referir às camadas, não trato de momentos pelos quais os integrantes passam, são apenas níveis na vertical. Então nesse sentido é, e sendo me leva, por lógica

a concluir que sempre foi desde o princípio, como uma semente, (predestinação?) que conforme o integrante progrida se purifica.

Então nesse caso se aplica a liberdade da mesma forma que no geral, restrita ao caminho.

Então será que esse pensamento levaria a crer que as linhas integram o invisível? Esdruxulamente, seria algo como criação em série? Seria esse um pensamento tremendamente amalucado/insano? Sinceramente só posso seguir o instinto.

E sei que as filas retroagem, certamente até a primeira camada, onde se encontram em sua unicidade, dessa forma sem medo de errar as ligo ao invisível, logo ao pensamento operante.

Da Soma: *Bem, agora deveria invocar os tópicos anteriores, porém não o farei, para não ser excessivamente repetitiva, então basta que os releia, ou se lembre das linhas anteriores e acrescente a magnitude das formas envolvidas, dos mais variados tipos e estados, em suas modalidades de belo e as modalidades de feio. Consegue imaginar as correspondentes cores em colisão (ajustes e desajustes), chocando-se, manchando-se, emoldurando-se.*

Como se estivéssemos em um jogo, um jogo conjunto, então se desembaralha e liga os pontinhos. Vê-se liberdade/círculos e Giro/giros.

Quanto ao que tange o particular, é simples, resumidamente tudo que entra e tudo que é validado, pois bem, estou falando de alimentos imateriais, constantemente desde o nascimento o integrante se vê exposto a uma série de tentações, banquete variado, alguns facilmente identificáveis (meio/contatos/hábitos), e outros nem tanto, como (conexões e impulsos).

E que de uma forma ou de outra, uma vez validado agrega como poeira na pele, como pintura, sim, penso tratar-se de uma comparação pertinente, bem como um vaso que se molda.

Uma observação seria a reciprocidade, que independentemente do meio, da condição dos próximos, dos direcionamentos, tanto no objetivo quanto no subjetivo, via de regra um integrante só se conecta com o que for compatível, (Abertura).

E nesse ponto eis um detalhe considerável que creio já ter discutido, são as frequências, nada mais que entonações na horizontal, enfim creio que posso descrever como amontoados, verdadeiros conjuntos, nada mais que segmentos, que conexos pela compatibilidade dos envolvidos influi na forma de um respirar, formando as frequências, a título visual, imagine uma cor minimamente mais avantajada e forte em meio ao quadro geral.

Enfim essas frequências são diferenciadas entre si, diferença essa que se justifica pelos hábitos, contornos e condição interna dos envolvidos.

Daí que se o integrante possui conhecimento sobre o subjetivo e como tal com toda certeza deve se recordar do que disse no início do texto, refiro-me à parte do “Ser Real”, veja bem, invoco esse pensamento para expressar que, se reparo na condição coletiva como um amontoadado de cores que juntas dão forma ao sutil e por consequência ao real em si, devo ter sempre fresco em mente o entendimento claro de que cada uma das colorações que integram/compõem o “nós”, procede de determinada fonte, não está aqui ao acaso, não foi simplesmente jogada, ora, esqueça o acaso. A verdade é que se compõe a soma é porque é.

Seguindo com o raciocínio retomo a frase por completo:

“Não é particular. Não é próprio. Não é pessoal. Não é sério. É real.”

Quero discorrer a respeito de cada uma das colocações.

Dizer que não é próprio, é o mesmo que advertir contra a falsa impressão de que pensamentos, momentos, ideias, estados, expressões, enfim, aquilo que é inerente ao sujeito/subjetivo, bem como emoções, gostos, apreços e desapreços seja exclusivo, no sentido de próprio, algo apenas meu

e de mais ninguém. No trato do subjetivo deve-se ter em mente que o que foi discutido até agora se limita ao “Nós”, ou seja, não se alcançou ainda o “Eu”, então nada de condição particular ou desviante, nada de posicionamento contraditório, lembre-se da equivalência/igualdade entre os membros.

A parte de não ser pessoal é uma advertência contra a supremacia de uma célula. O “nós” pode ser comparado a um Corpo. O “nós” é sutil. O “nós” é movimento. Os integrantes, nada mais que partículas que o englobam, dão forma, mantêm a forma, sustentam e consomem. Pois ainda não chegamos ao conceito de “Eu”, isso é a particularidade, assim o posicionamento conta, a contribuição, a colocação, condição. Enfim se pensa primeiro no Corpo e na função das células enquanto células.

E chego em minha parte preferida, Não é Sério, então não leve a ferro e fogo, não se limite, não se contenha, pois o meio, estado, condição, universo particular, pequena realidade ou momento não é o todo, é só uma célula que com o não “eu” sequer se apercebe do quadro geral, isso é do Corpo. Vivemos nas trevas, em fragmentação, com conceitos e verdades realmente distorcidos, embora disponíveis, temos fragmentos, momentos e condições, carecemos do conceito difundido de Corpo. Do respirar conexo, carecemos da consciência sobre o “nós”, na forma de um mais acrescido de mais.”

Capítulo VII

Havia algo que precisava fazer, apesar de não ser sua vontade, pensava realmente que não deveria, acontece que desde que acordou vinha sentindo-se incomodada por duas razões. Primeiro, o descontentamento consigo mesma pelo descontrole, não podia se permitir andar por aí como um fantoche, seria indigno e excessivamente doloroso, ora, também ninguém disse que viver seria fácil, e o segundo ponto, consequência do primeiro se encontrava no gesto de Ludmila, aquela tola, ora, a menina se acuou, como se Ana fosse de alguma maneira perigosa, e não era, que insanidade tal suposição.

Ana jamais faria algo de mal, algo que agredisse quem quer que fosse, nem fisicamente, nem psicologicamente, emocionalmente ou literalmente, ao menos se estivesse ao seu alcance, isso é, devia se politizar e reparar em detalhes como a escolha de palavras e a forma com que eram pronunciadas, a atenção em observar comportamentos e atitudes e as atribuir o verdadeiro significado, isso posto que por vezes alguém olha torto, tece comentários ofensivos ou mesmo profere diretamente palavras desagradáveis, o que não necessariamente se resume a uma agressão, ora, cada um é cada um da forma que é.

Palavras ruins podem não ter gosto amargo a depender da intenção depositada, o contrário é verídico, embora nem sempre se atente as reais intenções pela vista vulgar, compreensão não é enxergar o próximo pelos olhos do próximo e sim como ele de fato é.

Isso tudo Ana pensou no intervalo de tempo entre o despertar e caminhar até o Virgínia Woolf. Cruzes, se mantivesse o hábito logo se transformaria em um alguém irreconhecível, em coisa de semana era a segunda vez que chegava adiantada no colégio, seu pequeno tormento diário.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

De qualquer maneira subiu as escadas decidida, passou por Luiz nos corredores e o ignorou, o garoto conversava com alguns meninos de outra turma, Ana nem os conhecia, ora, era difícil prestar atenção em todo mundo o tempo todo, passou por Diana a postos na primeira carteira com suas feições superficiais, cumprimentou a menina com um “oi” e um sorriso, era preciso ser simpática, além do mais possuía assuntos a serem discutidos com a amiga, por isso disse:

— Quero falar com você, espere-me na hora do intervalo.

— Sim — Diana respondeu, contudo Ana sequer ouviu, pois em sua mente tudo que proferiu foi um comunicado.

Estavam ainda não tinha chegado, ele que também voltava às aulas depois da suspensão. Sem problemas. Depois falaria com ele. Por hora apanhou uma cadeira e se sentou ao lado de Ludmila com a atenção fixa na garota, que só então desviou os olhos do telefone para a valentona.

Grande surpresa, Ludmila não esperaria algo diferente, desde quando eram criancinhas que a outra se portava desse jeito, a petulância, o desrespeito em uma palavra, arrogância que sustentava a agressividade, Ana era grosseira, por isso não tinha amigos, como poderia? Se fazia questão de debater opiniões e pensamentos como se tratasse de vida ou morte, como poderia se, julgava-se sempre um passo acima dos demais e óbvio, se argumentos não bastassem, que parta para a agressão, como fez no último encontro.

Óbvio que Ludmila não tinha intenção de acertar o Luiz ou mesmo Ana, aquela garotinha esquisita de olhos esbugalhados que agora a mirava e sorria, provavelmente com o intuito de continuar a discussão.

— Não se assuste, não vou te bater, pelo contrário vim me desculpar — a menina disse para sua surpresa. — Pelo meu comportamento de antes.

Será que se tratava de algum tipo de piada? Ludmila pensou, não sabia

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

precisar, assim se limitou a soltar as palavras que lhe rondavam a mente.

— Tudo bem, Ana, eu não quero discutir — disse, e Ana mordeu o interior da bochecha, Deus como podia ser tão sonsa, mas respirou e não se deixou levar pela falta de tato da outra em perceber sua boa vontade.

— Hum, eu fiz a minha parte, você não tem nada a me dizer?

— Já disse que não quero confusão — Ludmila continuou, e Ana manteve a respiração sob controle.

Se ela se desculpou, a outra deveria fazer o mesmo, talvez não fosse possível fazer amizade ou conviver harmoniosamente com a menina, Ana devia saber, por isso que não se relacionava, como poderia se pessoas se demonstram complicadas em meio a “mimimis” e paredes, como é difícil o olhar de perto, ver os próximos como realmente são por debaixo de camadas de vestes, cores e lama. Que se esforçasse então.

Ana apenas se levantou e para sua alegria lá estava Estevam, entrando na sala ao lado de Tiago, vinham conversando com descontração, porém bastou que se apercebessem da proximidade da menina para que interrompessem o diálogo, os risos e o semblante de contentamento.

— Olha que legal, a gente teve três dias de descanso, por mim seriam mais — Ana iniciou, mas não obteve resposta, qual é, não precisavam a tratar dessa forma, monólogos são constrangedores, se bem que o pensamento de se desculpar funcionou um pouco melhor que o ato em si, que agora parecia tão fora de lugar, e mesmo forçado, claro, também poderia ser vergonha, então era melhor soltar de uma vez. — Quero me desculpar pela agressão, estou arrependida por ter te batido.

— Hum sei, por acaso ficou de castigo, apanhou da mãe, ou o quê? — Tiago quem disse.

— Não estou falando com você — dirigiu-se a Tiago. — Vamos, é só dizer sim ou não, e parar de me ofender, não pode mais me chamar de doida, ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

eu não gosto, nem de esquisita e tão pouco me olha torto como está fazendo agora, ora, pare de complicar as coisas, relações sociais não deveriam ser assim tão afetadas, aliás eu acho que o certo seria nós todos sentarmos e discutirmos sobre os desencontros, mas isso, por várias razões é inviável, então diga sim ou não.

— Não, você não pode fazer o que bem entende, não pode me agredir e então achar que está tudo bem, não é assim, não sou seu amigo e não quero ser, imagina como é estranho ser expulso por brigar com uma garota.

— O que há de errado em brigar com uma garota? Eu não sou mais fraca fisicamente que você — Ana disse e Tiago sorriu ao cochilar algo no ouvido de Estevam, provavelmente alguma piada, Tiago se sentia o rei das brincadeiras sem graça. — Então não aceita as desculpas?

— Não, nem tudo é como você quer ou pensa que seja, olha o meu rosto, ainda nem cicatrizou — concluiu de forma imponente, antes que Ana pudesse responder o professor entrou.

Insuportável é o adjetivo que melhor descreve o que sentia, primeiramente e acima de tudo a sensação de claustrofobia, não por se encontrar em um lugar pequeno e fechado, ao menos não literalmente, ora, era incapacidade, frustração e um desejo quase incontrolável de abandonar a escola, de deixar Lençóis e ver coisas novas, conviver com pessoas interessantes e utilizar o tempo de forma satisfatória, tudo aquilo que não podia fazer em nome da realidade.

Justo naquele dia que acordou animada, inconstâncias de humor, sempre foi assim, quem sabe Estevam estivesse certo, se não fugia em pensamentos e concepções distantes o que sobrava era a menina no canto da

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

sala com fones e livros, imagem desanimadora como a realidade em si, talvez se fosse corajosa de verdade pudesse ir embora, de verdade, daquele lugar terrível.

Então finalmente o sinal tocou, hora do intervalo, no momento era suficiente deixar a escola, apanhou a mochila vermelha, que ainda não havia sido aberta e partiu, ao passar por Luiz o garoto se manifestou.

— Vai fugir? — foi o que perguntou, ela sacudiu a cabeça em resposta.
— Ah, então espera que vou junto.

— Não, eu não quero — respondeu, para a surpresa e desagrado dele.

O dia estava mesmo de bom humor. Ana pensou ao cruzar a porta e se deparar com Diana esperando-a.

— Você disse que ia me dizer o que achou do texto agora no intervalo — ela pronunciou tão baixinho que Ana teve dificuldades em compreender.

— Seria, mas ainda não percebeu que vou embora.

— Posso ir junto?

Em resposta Ana deu de ombros, Diana a acompanhou, foram para os fundos do colégio, onde além da hortinha cultivada por alguns professores e alunos e um jovem casal aos beijos, havia a parte preferida de alguns estudantes; a abertura no muro.

No ano anterior um adolescente perdeu o controle da direção e bateu no muro do colégio, assim para o acalanto de Ana nasceu a abertura no muro, antes era bem mais difícil fugir, agora bastava subir em uma simples cadeira, que uma boa alma fez a gentileza de retirar de alguma das salas e posicionar no lugar exato e então pular o muro sem esforços ou dificuldades, a primeira a saltar foi Ana, que sob o sol assistiu a falta de jeito de Diana, por um momento poderia jurar que a amiga desistiria, porém se enganou.

Estranho, cada pessoa por lógica segue seu próprio roteiro, igual a personagens em um tabuleiro, ou, pelo menos era o que Ana pensava e pelo

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

que parece Diana também, de forma que parecia estranho vê-la na prática de atitudes não condizentes com o seu personagem.

Claro que era aparentemente insignificante fugir da escola, mas será que não seria esse justamente um exemplo dos pequenos grandes pesos, que se equivale à medida das pequenas atitudes?

— Não precisa me olhar assim, não faz diferença assistir ou não as últimas aulas — Diana disparou perante os pensamentos de Ana.

— Li seu texto ontem, entendo o que quis dizer, mas só porque... bem, Diana, esses são os nossos pensamentos, estão agregados a nossas essências de forma consciente. Estou dizendo que me parece intrigante pela banalidade, dispersão e falta de clareza, talvez um pouco de contextualização caísse bem.

— Não concordo, contextualização pode ser comparada a exemplos e entre nós, exemplos na maior parte das vezes se confundem com a regra, sendo ela imutável e inalterável. Falta discernimento e senso crítico as pessoas.

— Não é história para criança — Ana matutou em tom tão baixo quanto o de Diana.

— Claro que é — apressou-se Diana em corrigir. — Meu mal é que não sei fazer o que alguns fazem com perfeição, que é poetizar, camuflar com contornos e contextos, acho que sou seca ou muito direta, ou talvez seja somente uma negação na escrita.

— Sabe que o sucesso nesse meio se interliga à compatibilidade, pelo menos até onde consigo ver.

“Sucesso, o que é sucesso?” Diana pensou.

Seguiram para a praça central de Lençóis, mais precisamente até a presença de seu José, o vendedor de churros.

— Quero três — Ana exclamou assim que se colocou em frente ao homem.

— De que sabor?

— Para mim dois de chocolate, e o seu?

— Obrigada, eu não quero.

— Claro que quer, não se preocupe que eu pago.

Alguns instantes depois José entregou dois churros para Ana e um para Diana, ambos sequinhos e devidamente cobertos por açúcar e canela, hum, sem dúvidas o melhor doce já inventado e preparado primorosamente por seu José e sua esposa Heloísa, Ana a conhecia pelas vezes em que ela acompanhava o marido na venda, se bem que com maior frequência no passado.

— Como anda a dona Heloísa? Faz tempo que ela não vem.

— Tá bem graças a Deus, é que esses dias a Daiane teve bebê, aí ela tá lá em casa dando uma força, a Daiane... Você tem que ver, não sabe fazer nada, nem trocar uma fralda.

— Hum, menino ou menina.

— Menino, o Wesley.

Ana sorriu ao dizer:

— Belo nome. — Assim deu de costas e Diana piamente a seguiu, hum, mais um condenado para esse mundo de Deus. Ela nem sabia quem era Daiane, às vezes conviver em sociedade chegava a ser tortuoso.

Por Deus, que pensamento insano, pessoas em geral são preciosas e que seja Wesley um alguém feliz e ajuizado.

— Percebe? O seu José deve ter uns quarenta, talvez cinquenta anos e não faz nada da vida a não ser essas coisas mundanas, além claro de manter a própria subsistência, é quase um escravo, isso me irrita tanto, a mediocridade, não uso essa palavra pela posição social e sim pela condição em si. Sei que não deveria ser assim rígida ou dura, acho que nem devia me importar, só que

não consigo. E não penso que seja inconscientemente, quer dizer você é quem é como é, quanto a isso não há o que se discutir, porém conforme cresce, adquire conhecimento, visão de mundo, de si mesmo, aí então tem como dever agir, entendo que não é tão simples assim, mas não tem como ser diferente, isso é uma comunidade. Eu os chamo de miseráveis, sei que se trata de uma escolha de palavras duras, mas que posso fazer? Não é culpa minha, miseráveis choram, clamam e sobrevivem, ao menos miseráveis como seu José, mas de outra forma temos diferentes níveis de miserabilidade, o que é uma lástima, porque seu José e os iguais a ele são promissores, porém fracos, de qualquer maneira o mal se encontra no sistema e não há nada que possa ser feito a respeito, ao menos não de forma mágica, quer dizer, desenhos, livros, palavras, isso além de não atingir a todos não deixa de ser abstrato, trabalhar com o meio, ou mesmo com o produto, de forma efetiva é enganoso e perigoso, porque se propicia-se um ambiente ideal e se guia as pessoas, elas não se desenvolvem, ao menos não de verdade, pensa-se que seu José pode, quem sabe, um dia rebelar-se em um momento de inspiração, ou em extremismos, mas seu José não vai se rebelar, pois como disse, o mal é o sistema e ele o integra, então seria como se voltar contra si mesmo. — Ana respirou, depois prosseguiu. — Antes disso ele precisaria passar por pequenas intimistas e sólidas revoluções, o que de forma alguma é impossível, uma vez que ele tem dentro de si o que é necessário, só não sabe ou não quer usar. Existe tanta coisa errada, tantas realidades e tantos pensamentos desconexos que me canso, então penso que livros, condições e visão não bastam sendo preciso algo mais íntimo, e tem também o ritmo, acredito que seja causa efeito, há de ser por baixo, é, é isso, mas como exatamente é por baixo? Solidificação? Talvez, eu não sei. De qualquer maneira isso de distinções, distanciamento é só uma parte da equação, aquela mesma que resulta no que me cerca, eu tenho que desvendá-la, eu vou

conseguir, e também ir um pouco além — Ana completou com brilho nos olhos, quer dizer, além de que a menina apreciava questões, desvende essa garota e alcance o prêmio somente para lançar fora em terra fértil, é assim que é.

“Nada de egoísmo”, como se fosse verdade. Ora, deveria existir algo de errado consigo, vez que tirando o teórico e a inegável sensação de desconforto, Ana nada sentia ao avistar a figura de seu José ou qualquer outro, o que deveria a machucar e impressionar, não apenas revoltar, era quase como se não se importasse com as dores alheias, talvez sequer as compreendesse de fato.

De outra forma o que podia fazer? Não podia mudar os fatos, já que de verdade ninguém se importava, sentia, amava ou acreditava para valer, isso é, como deve ser, como deveria ser, claro, quando pesquisava ou se deparava pelas ruas com cenas, pessoas ou momentos belos Ana chorava, por ser bom e belo, o certo deixava seu coração quente, embora tais momentos lhe parecessem ingênuos, a certa forma maléfica, pura alienação, como pode sorrir se o restante não sorri? Não pode, é preciso respeito, consideração.

Verdade também que ao se ver diante do não correto se zangava, por vezes até se sensibilizava e não conseguia conter as lágrimas, isso pelo erro e a dor provenientes e absolutamente justificáveis, no sentido de compreensivo, embora não deixasse de ser estranho.

Cessado a fala e os pensamentos esperou que Diana rebatesse, hum, monólogos são desagradáveis, mas que seja.

— Caso eu, tivesse nascido em determinados cenários, é certo que por mais que ainda fosse eu em essência, possivelmente não seria eu da forma que sou, eu tenho oportunidade que se equivale à possibilidade, há quem não tenha, mas nós que temos oportunidade temos por dever auxiliar aqueles que não a tem, com acesso, instrução, portas, ou, pelo menos a possibilidade

efetiva para que seres frágeis e promissores como seu José possam se desenvolver, é que omissão equivale à ação, embora a questão seja que nem somente quem interpreta papéis iguais deixa de ser miserável, há vários níveis, veja, de que vale ler um livro se não sabe ler? De que vale viver um papel bem-sucedido com dinheiro e reconhecimento quando não deixa de ser um papel? Não existe diferença alguma entre filhos de papai, mamãe e marginais, entre um bom cidadão pagador de impostos e um “desviado”, entre um profissional bem-sucedido e um mendigo, estão todos apenas cumprido o papel que lhes coube, que lhes foi atribuído pelo sistema, papéis diferentes, é verdade, mas nenhum deles pisa fora, nenhum pensa ou se move por conta própria, e em essência são todos próximos, quero dizer, parecidos, não Diana, pensando assim não consigo sentir complacência, da mesma forma que não posso deixar de refletir que a resposta definitivamente não se encontra no meio e sim dentro, os instintos podem ser controlados, o comodismo pode ser superado, pois inexiste entre nós o que seja consumado. Mas não, pessoas apreciam afagos, respostas fáceis, direcionamento, alguém que tome a iniciativa, pensando assim até a concepção das Harpias me soa em desagrado.

— É, sei como é — Diana comentou. — Faz parte da concepção humana a superação.

— Verdade, o humano é muito mais que isso, eu sei, por mais que diga ou pense o contrário quando utilizo o olhar à distância. E faço muito isso — Ana continuou, o que era uma mentira, a verdade é que era impossível ter fé em tal produto, como poderia ser diferente?

Se o humano fosse diferente o mundo seria diferente, mas o mundo é... Simplesmente como é: tenebroso com toda futilidade, desinteresse, pseudo fraqueza e maldade, é horrível, verdadeiramente indigno de palavras bonitas e verdades inspiradas, o que é incompatível com seres dignos de respeito, não

se pode respeitar o feio, ora, francamente. “Se ele sente dor é problema dele. Se está mal é problema dele não meu. Ele cometeu um erro, corte-lhe a cabeça, porque eu sou santo, sou reto, sou perfeito, eu o sigo, eu o amo, eu sou bom, não faço nada de mau só não faço nada de bom, eu entrego meu coração, minha alma, toda minha devoção, dou meu hímen, dou meu amor para quem é bom e útil. Cafunés constantes, de resto cortem-lhes as cabeças, pois é o que o instinto pede, é o que me deixa contente, ao menos por um momento, eu gosto de sangue e dor, aprecio o espetáculo”.

Ela já havia lido a respeito dos sacrifícios e das penas de morte de outrora sobre as execuções nos países onde ainda existe pena de morte, principalmente já leu sobre o comportamento da população a respeito, assistiu vídeos sobre a onda de linchamento em algumas cidades brasileiras e sobre a alegria injustificada da população “vítima” frente à condenação de um “algoz”, sabia sobre o desrespeito e o olhar de cima para baixo e de baixo para cima, sobre o prazer de explorar e ser explorado, do interesse pela desgraça alheia e da veracidade com que seus iguais tendem a fugir das responsabilidades, acerca do prazer que sentem em agredir, e quanto a sensação de nobreza e distinção que deriva da fragmentação. Isso é sinônimo de inocência?

Não, isso é o que é. Poxa, existem livros que foram escritos há dezenas, centenas ou milhares de anos e continuam atuais no que se refere à situação da essência humana, o que é bizarro, ou não tão estranho assim, trata-se de escolhas.

— Quer ir na igreja? — Diana indagou ante o silêncio.

— O quê? — estranhou Ana.

— É, faz bem, está aberta e nesse horário não tem ninguém, a gente entra, senta, fecha os olhos, fica em silêncio e esvazia a mente e o coração, quando fico agitada assim como você está agora costuma me acalmar.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Faça o favor, nunca percebi que era religiosa.

— Uma coisa não tem nada a ver com a outra, não aprecio dogmas, rituais, tão pouco verdades concedidas, a gente não deve se auto limitar a caricaturas quando temos tudo que precisamos bem aqui — disse com uma das mãos no coração. — Mas acredito sim em todas as verdades, digamos desvendadas, e reconheço minha própria pequenez, acontece que a igreja é calma, nada mais que um ambiente, neste horário, silencioso.

Diana não era preconceituosa, não é porque a religiosidade ao lado da família, propriedade, moral mundana constituam os principais males da sociedade, verdadeiro câncer, que ela deveria desconsiderar.

Não é por algo ter gosto de fel que devesse recusar experimentar, deve-se experimentar o máximo possível de todas as maneiras disponíveis e aceitáveis, pois agrega e antes superar a ser superado.

A igreja era sem dúvidas um dos pontos turísticos da cidade, da época do Brasil colônia, próximo à porta de entrada havia uma mesinha com caderno e caneta onde os visitantes costumavam assinar seus nomes, às vezes Ana entrava só para escrever um nome qualquer no caderno, parecia engraçado e o seria ainda mais se conseguisse mudar a letra.

E para que verdade seja dita o ambiente por dentro nem era realmente belo com seus banquinhos de madeira, seu altar simplório e suas esculturas pequeninas, de outra forma era iluminado, fresco e incrivelmente quieto, naquele momento tirando duas senhorinhas ajoelhadas lado a lado na primeira fileira, as garotas estavam sós.

Diana entrou, e Ana assinou no caderninho, a primeira se sentou e a outra não, a quietude do ambiente a deixava ainda mais inquieta, então
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

perambulou entre os bancos e pelo contorno do templo, foi até o altar, se tivesse um padre ali provavelmente conversaria, confessaria, é o melhor termo, mas não havia ninguém, Ana sentia vontade de se embrenhar no real interior da igreja, mas lhe faltava coragem, era preciso o mínimo de respeito, será que o padre e as freiras viviam ali? Não sabia, deveria pesquisar.

Caminhou até a saída e cravou os olhos na cidade, tão sem graça, por que a vida é monótona? Rotina, repete, repita, definição e vestimentas, ela não, ela apreciava emoção, emoções no plural e a intensidade, bem diferente de pensar nas coisas é experimentá-las, hum, existência triste.

— Ei menininha, pode tirar uma foto nossa? — uma senhorinha interrompeu Ana, atualmente é assim não se pode nem mais pensar em público sem ser cortado, massacrado e esmigalhado.

Eram três mulheres já experientes, e uma garotinha que devia ter mais ou menos a idade de Ana, elas pareciam contentes e descontraídas, gente boa, ela não demorou a concluir, embora cheirassem à futilidade, de qualquer maneira tinha ciência de que qualquer outra pessoa poderia olhar a pirralha Ana e considerá-la nada mais nada menos que o próprio sinônimo da futilidade e tantos outros adjetivos ofensivos. Principalmente porque classificava a futilidade como uma quase variante da inocência, a maldita ignorância, ou não verdadeiramente maldita. Ah é, é sim. Ana pensou antes de sorrir e bater a foto, na verdade apertou três vezes um certo botãozinho na máquina.

É isso, é sim, fotografar é melhor que ser fotografado.

— Oh, ficou bom, obrigada querida — disse uma das senhorinhas com cheiro de camomila.

— Não foi nada.

Uai, parece que virou mania turistas a pedirem para tirar foto.

Na sequência entrou novamente na igreja, que será que Diana estava

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

fazendo ali sentada com os olhos fechados, as mãos juntas e cabeça baixa? Claro que ela compreendia o gesto, o mistério era como a outra conseguia se manter quieta e aparentemente tranquila. Enquanto ela desde que se entendia por gente era tomada por certo estado interno inquietante, possuía demasiada energia, só podia ser.

Ana gostaria de se aquietar. Abandonar os pensamentos por um mísero minuto seria pedir muito?

Hum, ela adoraria ler mentes, mesmo se consumisse muita energia, simplesmente porque existe pessoas que são claras, mas outras não são, complicado, bem complicado, como poderia estudar pessoas sem compreendê-las, sem decifrar a compreensão e sem entender a si mesma? Ela leu uma vez uma frase bem interessante, dizia algo como “conheça a si mesmo”, ainda assim não chegou a compreender o sentido.

Agora desejava ir embora, queria estar na biblioteca ou talvez em algum museu, existiam alguns na sua cidade, mas eram todos sem graça, o bom mesmo seria estar em algum museu onde se pudesse tocar na história, um grande que guardasse obras interessantes de artistas interessantes remetendo a momentos chamativos. Existem lugares assim, os viu em documentários, não necessariamente os museus, mas a história que se espalha no mundo pelo ar, de forma concentrada e excitante, então talvez não devesse desejar visitar museus e sim lugares, pensamento este repetido e egoísta.

Tal concepção deixava Ana triste e ainda mais agitada e também com o coração acelerado, é que ela era limitada, muito limitada. É tudo grande e ao mesmo tempo pequenino.

A limitação se traduzia no excesso de pensamentos e na própria inquietude, Ana sabia que comportamento, entendimento, mente, personalidade, tudo limita, ou seja, reveste formando cascas, resta superar.

Chato, chato, bem chato e complicado, complicado, bastante complexo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Quando Diana voltou de seus momentos de aparente silêncio avistou a imagem da amiga com um sorrisinho descrente e os olhos abertos fixos no nada exibindo expressão abusada, estava sentada em uma das cadeiras postas no altar, Diana desconhecia o significado ou o uso desses assentos, mas estava certa de que não se destinavam a jovens garotas traquinas.

Dois sentimentos tomavam Pedro em igual medida; primeiro o cansaço e segundo o desagrado, estado de espírito que vinha revelando-se uma constante, ele conhecia as razões, motivos, que aliás, repetiam-se em sua mente, contudo não era capaz de controlar, tão pouco compreendia a estranha sensação inexplicável que murmurava no fundo de seu coração.

Algo um pouco mais profundo que frustração, revolta ou mero desconforto, sentia simbolicamente como se pisasse em ovos e a qualquer momento fosse se esvair.

Saiu de casa bem cedinho e dirigiu até estacionar em frente à loja chamada “Mundial Ferragista” seu negócio, analisou por um momento, pensava em entrar, contudo mudou de ideia, naquele dia não, isso nem importava, naquele dia não pisaria no comércio.

Para bem-dizer, se sua vontade prevalecesse não mais pisaria em Lençóis, ou era o que pensava enquanto se dirigia para Florinda, uma das cidades próximas, contudo não estava a seu alcance, as coisas da vida são assim, apenas fatos aleatórios e amontoados, nada poético, pensado ou promissor. Grande merda!

Merda sobrepostas à merda, ao menos teria um momento de trégua, no sentido de alívio ou mesmo contentamento, bem diferente da realidade em sua casa com aquelas pessoas erradas e tortas, custavam o tratar bem,
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

custavam se comportar de forma adequada, não, não, seria pedir muito, o mínimo de dignidade e decência.

É óbvio que não podia simplesmente se livrar, respirar ar puro constantemente e... Quem sabe se sentir bem, essas coisas, melhor dizendo, sua família não permitiria, não o libertaria... E bem, sendo sincero não era exatamente o que desejava, Pedro só queria que fosse diferente, só necessitava de aceitação, carinho, amor e comportamentos adequados ao que se esperava de qualquer família, tudo aquilo que não recebia.

Comida no horário certo, casa arrumada, nada de olhares tortos ou risinhos debochados por parte da esposa, um pouco mais de entrega e calor por parte da mesma nos momentos íntimos.

E claro, respeito por parte do filho, ora, já até se deram bem, nem se importava com o fato de que talvez o garoto não fosse seu filho legítimo, porque pai é quem cria, mas havia coisas que o incomodava demais, como a falta de jeito na vida, já o convidou várias vezes para trabalhar na loja, mas pensa se aceitava?

O fato de Luiz, apesar de ser um adolescente, nunca ter se envolvido com nenhuma garota não era normal, não podia ser, ora, Sabrina dizia que ele ainda era muito jovem, mas já tinha quatorze anos e meninos são meninos, ele nessa idade não tinha precisamente experiência, porém possuía expectativas, além do mais o garoto era respondão, um tanto quanto esquisito e totalmente desrespeitoso, talvez fosse gay.

Engraçado como besteirinhas do dia a dia são capazes de assumir tamanha proporção na vida de um homem, às vezes sorria com tal embrião de raciocínio mesclado a um turbilhão de sentimentos inomináveis acrescidos ao peso diário.

Em Florinda foi à clínica odontologia “Simas e Santos” lugarzinho pequeno, pouco movimentado, contudo limpo e visualmente harmonioso,

falou com a secretaria a quem bem conhecia, a Suzana, uma jovem mulher educada, pediu para estar com Mário o conhecido doutor Simas, ao que Suzana respondeu gentilmente que deveria esperar, posto que o doutor estava atendendo.

Dito e feito momentos depois se dirigiam Pedro e Mário para a residência do segundo, um belo apartamento em uma das ruas mais bem localizadas de Florinda, lugarzinho impecavelmente organizado, embora Mário vivesse só, isso, devo dizer, que apenas por sua vontade vez que pretendentes não lhe faltavam, posto o pomposo partido que era, porém por razões internas, verdadeiramente intimistas o que outros tinham a oferecer não era o que Mário buscava.

Ele era livre e na mesma proporção leve, desde os tempos que viveu em Lençóis e estudou com Pedro no velho colégio Virgínia Woolf, desde então que eram amigos, no sentido de que possuíam um pelo outro sentimentos estranhos que Pedro não conseguia explicar, sequer compreendia, mas que de qualquer forma se diferenciava do que direcionava para Sabrina ou para a primeira esposa, mesmo os sentimentos para com os filhos ou seus pais não se igualava à relação com Mário, sendo uma espécie de encontro íntimo e não material.

Em uma palavra amizade, sustentada pelo espírito ameno do doutor, a compreensão e sensatez em transformar seus sentimentos e questões particulares em palavras, simples conceitos para Pedro inalcançáveis. E de pensar que Sabrina por vezes e mais vezes já havia suspeitado e mesmo taxou seu relacionamento com o outro de formas indecorosas, acusando-o de anomalias que apenas mentes doentias eram capazes de conceber.

— Então, parece-me que está cansado da situação que se encontra — Mário comentou passado o desabafo inicial de Pedro.

— Como não estaria se fica sempre tudo nas minhas costas, eu tenho

que fazer tudo, sou responsável por tudo, a Sabrina faz lá as coisas dela, mas quem sustenta a casa sou eu, pago mais de trezentos reais de energia e mais de duzentos de água, ninguém economiza não, é tudo nas minhas costas, e aquela gente, tirando a Diana, me odeia, você acha que é pouco? Eu tento me aproximar da Sabrina, mas ela não permite, ela debocha de mim, é fria na cama, às vezes acho que sente vergonha de mim.

— Não, é evidente que o que você passa não é justo, mas Pedro, por que não escuta o que eu digo e se separa? Você não merece conviver com uma pessoa que não te respeita e, mais que isso, um alguém que te faz mal.

— As coisas não são assim, eu não posso ficar longe dela e não posso perder novamente o que me pertence para uma pessoa que nunca fez nada, não contribuiu com um mero centavo — Pedro disse em tom áspero. — Isso não seria certo.

— Então não reclame, se é o que quer, aceite, tente fazer a sua parte que talvez eles mudem.

— Mudar, aquilo lá, duvido, a gente vem tendo as mesmas discussões desde sempre, não sei mais o que fazer...

— Continua com a bebida — Mário pontuou, cortando a fala de Pedro.

— O que você acha? Eu tento, mas não consigo, é difícil, sinto uma coisa estranha dentro de mim, então não me controlo, quando volto ao normal estou deitado no sofá de casa sentindo-me mal, eu...

— Precisa relaxar, pare de se preocupar, pense em você mesmo e no que é melhor para você, pare de se preocupar tanto com essa sua família sanguessuga.

Nesse momento Pedro abaixou a vista, tentou se conter, contudo não obteve êxito, seus olhos se encheram de água e contra sua vontade elas desceram, ele estava exausto, sentia-se esgotado como quem segura sobre si por demasiado tempo peso excessivo e então finalmente encontra um

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

ambiente favorável onde pode se exorcizar.

Queria que fosse diferente, que conseguisse se expressar adequadamente, melhor dizendo esperava ser compreendido, tudo isso impulsionava as lágrimas de forma incontrollável, as situações do dia a dia, sua família e os próximos que ele não podia controlar, eles não se portavam seguindo sua vontade, não podia decidir como os outros pensavam, agiam ou enxergavam, por quê? Diga a razão de tanta rebeldia, ingratidão e loucura? É como se o mundo estivesse de ponta cabeça.

— Acho que eles me odeiam, mas...

Mário então se sentou ao seu lado e o confortou com um abraço, ao que não retribuiu, o gesto nunca era fisicamente recíproco, apenas continuou com o choro por minutos até que se acalmou, fitou Mário por milésimos de segundos antes desse se levantar e voltar ao seu assento.

— Obrigado por me ouvir.

— Não é nada.

— Você que tem sorte, com essa sua vida, pode fazer o que bem quiser quando tiver vontade, sem nenhum tipo de carga, eu não tenho... Enfim eu tenho laços.

Mário então sorriu com gosto, não precisamente de Pedro e sim dos dramas rasos do homem, ele sempre foi assim raso, um tanto quanto redundante, da espécie de pessoa que não consegue enxergar um palmo em frente ao próprio nariz e muito menos suas próprias qualidades como o senso de responsabilidade, lealdade e uma espécie de frágil pureza interna como a que se encontra em crianças acuadas depois de uma arte.

Pedro tinha seus encantos.

Claro que também possuía seus pontos negativos como a pressa, a impaciência, o desejo de supremacia e a incontestável cegueira, nada que não superasse com o tempo, nada que o maculasse verdadeiramente e

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

irreversivelmente.

— Nem sempre, tem vezes que a solidão é dolorosa — foi o que comentou passado o riso, perante a clara expressão de incompreensão de Pedro. — Almoça comigo?

Depois disso voltou para Lençóis, diretamente para o comércio e a exemplo do que fez na manhã parou o carro em frente à loja e a observou por momentos, apenas para constatar que realmente não desejava trabalhar, tudo que encontraria no lado de dentro seriam os funcionários, Dino e Selino, as mesmas conversas de sempre, o mesmo ambiente que o frustrava, pelo menos Selino era um homem confiável e responsável, diferente do outro, mas nada é perfeito.

Dessa forma acabou por decidir que tiraria o dia de folga, dirigiu para sua casa, contudo ao parar em frente à mesma reparou que o carro de Sabrina estava estacionado, foi quando se zangou, por qual razão específica? Não sabia responder, tão pouco se importava, só queria sair de perto ou então entrar e... Bem, verdadeiramente sua intenção não era discutir.

Pensou em estar na casa da mãe, todavia logo desconsiderou a possibilidade, tinha sede e ânsia, ah que raiva, dirigiu até o conhecido “Bar do Augusto”, estacionou na rua em frente ao mesmo, desceu entrou no estabelecimento, cumprimentou seu Augusto, um homenzinho magrelo de pele avermelhada e olhos pequeninos, sentou-se em uma mesa sozinho, no momento era o único no bar, nada de anormal, aliás, razão pela qual optara pelo estabelecimento.

Pediu uma cerveja, agora não de caso pensado ou movido por grande desconforto ou forte emoção, foi só desejo, impulso, um copo, dois copos...,
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

outra cerveja um, dois, três copos... e pronto começava a se sentir melhor, alívio e contentamento.

Depois que voltou da escola e almoçou, a primeira coisa que Luiz fez foi retirar os materiais escolares da mochila e a preencher com seu caderno de desenho e os lápis apropriados, queria encontrar novamente Leonardo e com sorte conhecer um pouco mais sobre o homem, os motivos que o levaram a Lençóis, se tinha família e coisas do tipo, ou na pior das hipóteses apenas o observar e quem sabe retratá-lo de forma mais fidedigna que o primeiro desenho.

Queria captar Leonardo, mas para isso necessitava conhecê-lo verdadeiramente sua pessoa, sua alma, seus traços e minúcias, enfim tudo que é preciso para uma representação adequada.

Desconhecia a localização de seu interesse, porém falando com um colega na escola, descobriu que ele foi visto na noite anterior em um dos bairros da cidade, na verdade era uma vila, se não se enganava a Vila Olinda.

Que em localização se encontrava um pouco afastada de sua casa, mas isso não importava quando se tinha tempo livre, energia e disposição.

Pouco mais de uma hora depois estava em uma parte peculiar de Lençóis, pensando no velho capitalismo e a selvageria do século vinte e um, sua cidade era tão pequenina, mas ainda assim trazia em si vestígios da selva.

Pode não parecer nada, pode soar como pouco, desimportante ou ainda pior revestido por tons de normalidade, mas a verdade, a real verdade era a monstruosidade das cenas como a que estava inserido.

Luiz se zangava, chateando-se profundamente, ora, erros são erros, não pode se permitir permanecer alheio, amortecido, pelo contrário é necessário,
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

fundamental que se choque, que se zangue, que sinta na pele toda a desesperança de Vila Olinda, mesclada à sua incompetência particular e maldade em..., bem em se permitir refugiar em sonhos, pensamentos ou planos como a arte, os estudos e o sensível, quando o básico clamava à sua volta a plenos pulmões.

Vilinha sórdida com suas casinhas inacabadas em carne viva, sangue correndo a céu aberto, vermelho, vermelho, ruas nuas com rastros de vida pulsante na forma de animaizinhos aqui e ali, cães, gatos e até mesmo galinhas.

E Lençóis sempre lhe pareceu tão pequenina e compacta, por quê? Porque Deus nunca antes esteve em Vila Olinda? Por que se permitia manter em uma realidade tão limitada a ponto de se surpreender com seu próprio lar? Ora, vivia na cidade a quatorze, quase quinze anos, sim pois dali a um mês somaria mais um ano, e...

De agora a alguns anos pretendia construir os Centros que chamaria de Harpia e trataria de artes, política, filosofia, economia, espiritualidade e sociologia, sim, tudo destinado a ambientes como o que o cercava. Isso é óbvio, se oferece-se o mínimo de informações e cultura, a tendência é de que as pessoas se movimentem, organizando-se adequadamente e não mais se sujeitem ao bárbaro.

Via um comércio aqui e ali, casinhas em sua grande maioria com portas abertas permitindo aos andantes contemplar o interior simplório, televisões, aparelhos de som ou meramente conversinhas soltas, moradas intermediadas a lotes vagos, alguns com plantações de milho ou cana-de-açúcar e outros ainda simplesmente cobertos por grama alta.

Seu colega do colégio vivia ali, mas em qual casa? Ele não sabia, e sinceramente não era uma informação relevante, pessoas são pessoas, nada de particularidades, apenas pesos iguais e medidas iguais ao se referir a um

pouco do mesmo.

O mais engraçado é a superficialidade, melhor dizendo, o quanto era simples, mesmo banal resolver o quadro ao qual nenhum juiz condenou a perpétuo.

Ah que coisa, cansou-se, o sol estava muito quente, talvez se tivesse lembrado de passar um pouco de protetor solar ou ter trazido uma garrafinha de água, ou mesmo dinheiro para comprar refresco ou um refrigerante, é, vacilou.

E o Leonardo? Onde estaria? Começava a suspeitar que não o encontraria, pois, o homem não haveria de perambular pelas ruas abaixo de semelhante sol.

Agora estava cansado e com sede, por isso andou um pouco mais até alcançar quatro árvores que lado a lado faziam frente a um armazém, em frente ao qual se encontrava banquinhos de madeira, sentou-se protegido da rigidez do tempo.

Que droga, queria muito um pouco de água, hum, então entrou e pediu, recebeu um copo de água morna da torneira ao que agradeceu pela disposição da operadora de caixa.

Onde estava com a cabeça ao não perguntar ao seu colega em que parte específica da vila, Leonardo esteve?!

Tudo bem... Não fazia mal perante a enxurrada de vida que o cercava. Apanhou o caderno e um lápis.

No mesmo banco que estava também se encontravam dois homens de idade média, um calvo e o outro com barba por fazer, as vestimentas típicas da cidade, bermuda, chinelos e camiseta solta, comentavam sobre assuntos quaisquer, coisas mundanas às quais se caracterizavam em absoluta irrelevância.

O homem calvo possuía maneira vívida e incrivelmente intensa de
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

pronunciar as palavras, como se tivesse dentro de si uma chama densa e em igual proporção forte, nada de tom acalorado apenas a forma de se expressar, os olhos, canto da boca, gestos manuais, Luiz podia sentir seu próprio coração pulsando em compasso condizente. Fascinante.

O segundo homem, aquele com barba, era um tanto mais rudimentar e inocente, razão pela qual despejava seus argumentos com tanta convicção que chegava a arrepiar, igualmente fascinante como o plástico ou gelatina. Lindo homem, simplesmente lindo, poderia ser representado, merecia o ser.

No interior do armazém, não observou clientes, apenas a atendente mulher também de meia-idade, porte pequeno e cabelinhos negros, traços arredondados como bonecas antigas com suas bochechas rosadas, que então se distraía com um elástico nas mãos, aos olhos de Luiz parecia um alguém pacato, tanto quanto as águas, tão pacata quanto as águas.



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Veza aqui, veza ali passava pelas ruas carros, motos e passantes, como a mulher e as duas meninas que vinham da direção contrária a passos ligeiros, certamente mãe e filhas, a mais velha em muito se assemelhava a menor tanto fisicamente quanto no caminhar, na vestimenta, quando passou na calçada, valendo-se da mesma sombra bem em frente ao banquinho ocupado por Luiz, ele pôde reparar que a proximidade persistia no olhar e mesmo na presença. Intrigante! Pode responder porque um alguém nasce onde nasce e quais os laços que verdadeiramente unem os iguais? Não, não pode.

Voltou-se novamente na direção dos dois homens que dividiam consigo o banquinho, que pelo que parecia, não em breve se afastariam. Desenhava o que via, os dois em primeiro plano, parte da lateral do armazém, o carro estacionado a cerca de um metro dos mesmos, parte dos caules e folhagens das árvores e a bem-fadada sombra, estava para ampliar a percepção, queria captar também parte da rua e as casinhas, quando foi interrompido pelo sujeito calvo.

— Ei garoto, está fazendo o quê? É desenho? — com as palavras, Luiz perdeu o foco na representação.

De forma que tudo que fez foi se levantar e sentar próximo aos dois.

— É sim, desenhava vocês — disse estendendo o caderno. — O que acham? Sabe, ainda nem terminei...

— É, bem, olha Antônio é a gente mesmo, olha a minha pinta na cara, é garoto, mas por que anda por aí fazendo isso?

Por quê? Ora, pela preciosidade dos detalhes, a singeleza dos pequenos momentos, e acima de tudo a grandiosidade de seres como vocês dois. Luiz pensou e respondeu:

— É, bom, mas ainda nem terminei, olha, falta um pouco da rua... E, além disso deveria ter me posicionado em um ângulo diferente... hum, mais

apropriado, para focar em vocês, mas pegar também a mercearia, as árvores e parte do contorno com maior clareza — então se calou, estava estendo-se e a verdade era que entendia tão pouco sobre o apropriado, as técnicas ou a forma correta de se representar.

Teve o cursinho, é verdade, só que não aprendeu muito, para bem dizer não aprendeu quase nada, então que só podia seguir o instinto, o que podia ser interessante por um ponto, mas catastrófico por tantos outros. Carecia de técnica, o que se adquire com estudo, então por lógica necessitava de estudo decente.

— Hum, quem dera fizesse algo assim — o sujeito com barba disse ao fechar o caderno e o devolver a Luiz. — Você não mora por aqui, ou mora? Não lembro de te ver.

— Moro no jardim Outonal, vim visitar o Michel, conhecem? Ele estuda no colégio.

— Michel, o filho da Cleide, conheço sim, é um bom menino.

— Você é filho de quem?

— Da Sabrina e do Pedro. Conhecem?

— Hum, Pedro... Pedro? É o Pedro da ferragista?

— Ele mesmo.

— Nossa, então ele é filho do Pedro, conheço demais o seu pai, desde que ele era praticamente um rapazinho.

Seu pai jovem, está aí um alguém que Luiz desejaria conhecer.

— Como ele era?

— Falastrão, o Pedro, nossa! Ninguém segurava o Pedro, era um pouco esquentadinho. Parece que você não puxou a ele, estou achando que não, concorda compadre?

— Não sei, você nem o conhece, é parecido com o seu pai, menino?

— Não sei, sei lá, acho que a gente por mais que seja ou não, não nos consideramos parecidos com os pais ou com quem quer que seja, exceto se for um alguém, por alguma razão, considerado admirável.

— É verdade.

Ainda considerou questionar os homens a respeito da possível presença do Leonardo, só que por bem ou mal acabou por classificar a dúvida como inoportuna.

Sabrina sabia exatamente o que precisava fazer ao sair de casa, seus destinos, o tom das conversas que teria, e mesmo a exata noção da pequenez do tempo ante seus afazeres, a verdade era que deveria ter saído na parte da manhã, mas devido ao carisma do sono não conseguiu.

Culpa do seu descuido da noite anterior, ficou tempo demais no *whatsApp*, também o pessoal não parava de falar, não dava para abandonar uma conversa no meio, uai, seria estranho, grosseiro, de fato inimaginável.

Primeiro iria à casa da Fabrícia, para ver se recebia, já que aquele era o dia de pagamento e a Fabrícia era um amor de pessoa, mas se não ficasse em cima nunca pagava, depois passaria na Fernanda para mostrar as sapatilhas, nossa, teria de falar com a Fernanda, que vergonha, ainda tinha que passar na Larissa e por fim na dona Maria das Dores que queria comprar um presente para a neta.

Depois de tudo isso teria de andar de loja em loja e comprar o novo celular, então finalmente devolver o do filho, o que, com certeza, lhe renderia salgadas prestações, Pedro estúpido, quanta raiva a fazia passar.

Fabrícia vivia do outro lado da cidade, mas saía para o trabalho exatamente às quatorze horas e só voltava depois de meia-noite, trabalhava

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

em um restaurante, sinceramente Sabrina não imagina receber, pelo menos não no tempo correto.

Dito e feito, nada de anormal, chegou quinze minutos antes da mulher sair, somente para ouvir clamores a respeito da escassez de dinheiro e a fidedigna promessa de que honraria a dívida no máximo até o próximo dia dez, por vezes se zangava com sua fraqueza social, ora, custava ser um pouco mais firme, não bastasse não receber ainda se ofereceu para levar a mulher até o trabalho, como se o preço da gasolina fosse camarada. Ora, que mulher aproveitadora, se não pode pagar que não compre, agora dinheiro para unha, cabelo e festas sempre tinha, quisera ela Sabrina andar com o cabelo tão bem arrumado, e tudo para quê? Cozinhar e cortar cebola. Que tolice.

— Obrigada pela carona, quando venho andando já chego cansada — Fabrícia comentou antes de descer.

— Imagina menina, sei bem como é, até esses dias não tinha carro, era um tormento trabalhar a pé e ainda com o peso dos produtos — comentou, propositalmente usando a palavra trabalhar como uma indireta.

— Então passa lá em casa dia dez que vou reservar o dinheiro — reforçou já fora do carro.

— Dia dez então. Vai chegar coisa nova no começo do mês, quer que leve?

— Hum, não sei... quer saber, pode levar que eu dou uma olhadinha.

Sabrina sorriu ao pensar na disposição de Fabrícia, mas também, na venda é preciso simpatia em especial nesse caso, ora, a mulher possuía a língua solta e o comportamento igualmente descontrolado, certa vez se desentendeu levemente com a Amara, uma vizinha de Laila, o que foi suficiente para dizer tudo que tinha vontade a plenos pulmões. Hum, talvez não devesse mesmo ter pulso firme com Fabrícia, já que tinha seus pontos fracos.

Diferente de Fernanda que organizou toda a casa só para recebê-la, assim que chegou passou café quentinho e ainda ofereceu bolo, Sabrina gostava de Fernanda, lembrava-a de si mesma quando se casou e teve os gêmeos. Talvez porque Fernanda fosse jovem e tivesse o bebê, em consequência teve de abandonar a escola e se “juntar” com o Carlos, o garoto que ela ajudou a conseguir trabalho e que foi responsável pelo último ataque de fúria de Pedro.

Sabrina podia apostar que os dois não teriam futuro, mas esse tipo de assunto não se divide.

— Então, gostou de alguma?

— Não sei, qual ficou melhor, essa pretinha ou a azul?

— Eu ficaria com as duas.

— Não posso — tão menina que era Fernanda respondeu em claro tom de frustração, como Diana ou Luiz quando tinham um desejo negado.

— Te dou um desconto legal e posso dividir, se quiser.

— Acho que vou ficar com a pretinha mesmo. Você divide em duas vezes?

— Uai, até em três, do jeito que for melhor para você.

— Te passo trinta agora, o resto no próximo mês, Sabrina, você vem pegar o dinheiro ou tenho que levar?

— Eu passo, não se preocupe com isso. Agora posso ver o bebê?

Era uma bela menininha chamada Nina, que dormia no berço, como uma bonequinha. Sabrina a observava enquanto Fernanda apanhava o dinheiro para a primeira prestação da sapatilha.

— O que pretende fazer agora?

— Não sei, acho que tenho que esperar ela crescer um pouco mais, então ver se consigo um emprego, não dá, não posso deixá-la, ela ainda

mama.

— Escola?

— Sei lá, não penso nessas coisas.

Por fim recolheu as sapatilhas e as recolocou na mala, pensava em falar sobre o comportamento de Pedro na noite anterior, mais precisamente sobre o telefonema para Carlos, contudo, Fernanda não tocou no assunto e, a verdade era que se sentia envergonhada e não conseguia encontrar as palavras certas, de forma que perante a oportunidade de desconsiderar tão constrangedor assunto, não se fez de rogada.

Passou na casa de Larissa, que mais uma vez não comprou nada, apenas experimentou, enrolou e falou, e como Larissa falava, chegava a deixar Sabrina sem assunto, o que não era para qualquer um.

Por fim se dirigiu para a casa de dona Maria das Dores, que vivia em um dos melhores lares de Lençóis no quesito conforto, a família era dona do antigo cartório, na verdade, o único da cidade, isso desde que Sabrina era criança.

Abriu a mala, esparramou as sapatilhas pela sala de dona Maria das Dores e Ludmila, sua neta, escolheu três modelos, organizou as restantes novamente na mochila e agora conversavam sobre nada em específico, enquanto refletia sobre o curto tempo que teria entre chegar em casa e seguir para a academia.

— Sabe que já faz tempo que não falo com a Marcela, ela parou também de frequentar a igreja, né?

— É, Tamara está dizendo para todo mundo que ela está irreconhecível, isso depois que terminou com o Alberto, ele por outro lado parece que vai muito bem, Alfredo esteve com ele esses dias, ele ficou com as crianças — dona Maria completou.

— Quem poderia imaginar, Marcela sempre pareceu uma pessoa

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

sensata, responsável, para dizer a verdade admirava o relacionamento dos dois, mas foi ela que terminou com ele, não foi?

— Diz ela que foi, diz ele que não, vá saber, né.

— Se fosse escolha dela agora não estaria nessa condição — Ludmila opinou.

— Pode ser, mas mudando de assunto, semana passada não vi a senhora na igreja, quebrou a campanha, acaso não estava se sentindo bem?

— Nada menina, precisei fazer um exame lá em Florinda, no caminho de volta teve um acidente e o trânsito parou, sabe, não consegui chegar a tempo, fiquei muito chateada, cheguei a falar com o pastor, mas não teve jeito.

— A situação em Florinda está complicada, aliás as estradas daqui até lá e na direção de Ouro Branco estão em estado de calamidade, o Pedro estava comentando outro dia que a solução seria concessão, você paga uma pequena taxa, mas tem qualidade, eu não sei...

— Não convém pensar nessas coisas Sabrina, o que deve ou não deve ser feito, resta esperar o mandato desse governador acabar, o segundo consecutivo, igual o prefeito de Florinda.

— E o de Lençóis — Sabrina não resistiu em dizer e se sentiu bem consigo mesma, ao pensar na “simpatia” de Maria e sua família para com o atual prefeito, mas então pensou melhor, mediu as palavras e perante as feições de insatisfação da senhora, apressou em se corrigir, mudando mais uma vez de assunto. — Incrível como crianças crescem, né? Sempre que vejo Ludmila ela está maior.

— Todo mundo diz isso, mas nem percebo...

— É claro que não, essa meninada.

— Sabe que estudo com seus filhos.

— Hum.

— O Luiz é legal, esses dias ele me defendeu de uma menina lá, mas a Diana, por que ela é sempre tão quietinha? Ela tem algum problema, dona Sabrina?

— Ah, ela é tímida — foi o que disse sem esconder a falta de jeito, de fato, era o que sempre dizia quando questionada a respeito da falta de carisma social da filha, também que pergunta inconveniente, era apenas personalidade, cada um tem a sua.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo VIII

Como diz o ditado: “O dia é mesmo uma caixinha de surpresas”. No seu caso uma já aberta e milimetricamente vistoriada, mesmos passos, sensações, visão, percepções e pensamentos, hum, nada de temas novos e interessantes a estudar, mesmo os livros vinham demonstrando-se por deveras repetitivos, gastos, disseminados, e por que não dizer esgotados?

Tudo isso em uma cidade igualmente gasta, pobre e quente. Laila por alguma razão incompreensível para Ana classificava seus sentimentos como ansiedade, mas em relação ao quê? Ela se perguntava, talvez a vida.

Mesmo a presença de sua avó não a estimulava, por vezes tinha dias assim, nenhuma novidade, só vídeos chatos na internet, sites sem sentido e informações desencontradas. Claro que se pode pensar que sensações não possuam tanta importância e que não faz sentido gastar tempo e energia mergulhando no banal.

Mas a questão é, como se mede, como atribuir peso? Ana não sabia. Desde que chegou da escola que vinha perguntando-se a respeito da própria inutilidade, o que era uma questão no mínimo redundante que com boa vontade poderia ser classificada como um vício.

Como o íntimo, o particular de cada um, ao que se tem por hábito imaginar como algo distante, inalcançável ou mesmo inexistente. Então, por que o pessoal é irrelevante? Desagradável e monótono? Ora, por que acredita que deve ser sedutor, moldado e tendencioso? Por que deseja algo que não se é? Por que despreza o que é? O que é se relaciona com o quê de fato é? Porque se sim, não há razão sensata para o contrário. Correto?

Divertir. Tocar. Convencer. Batalhar e Sangrar. Hipóteses absolutamente fora de contexto. Pensamentos voam como o vento. Como

Ana se encantava pelos ventos em sua irreverência e abrangência.

Como a alegoria já repetida por mil e tantas vezes a respeito do corpo. Ó Deus, como um pensamento pode ser simultaneamente sublime e demoníaco. Em uma palavra fascinante: corpo.

Bem diante de seus olhos a imagem de um corpo grandioso e dividido em milhares de pedacinhos, partes inconscientes de si mesmas e das demais, razão pela qual se cria estereótipos, cria-se interno e externo, o “eu” e o “nós”, o agora e o depois, fato que faz com que ao se olhar no espelho não apenas não se reconheça a pequena parte que se é, como não se enxergue no eu do outro.

Então se condena à múltiplas encenações, vidas e vidas, momentos e mais momentos, marcados não pela evolução e sim pelo aprimoramento.

Aprimoramento que equivale à manutenção, defesa do que se é, altera-se o formato e a essência permanece, a condição continua. Maldito, maldito aprimoramento.

Tão grandioso, tantas partes que faziam o coração disparar e queimar.

Por isso se sentia estúpida, idiota e incompetente por ser simplesmente incapaz de juntar as peças e colaborar para o não aprimoramento e a necessária evolução.

Colheita, tempo de colheita. Lembrava-se da quantidade imensurável de peças e da condição das mesmas, uma pessoa é o que é, apenas isso, até que decida ser diferente, até que zere ou até que queime, o que possui nomes e estruturas diversas, mas o resultando é o mesmo.

Por isso que ao sentar para treinar sua arte, tudo que conseguiu retratar foram círculos em seus giros e um muro alto, largo e espesso.

Possivelmente o ponto mais egoísta e ao mesmo tempo solidário desse pensamento é a noção de pertencimento. Está dentro e como tal integra, o que significa que faz parte, não limitado à mera parte que se está e sim ao corpo
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

como um todo. Vida em comunidade.

Isso equivale à responsabilidade por ações e não ações, estados e principalmente pela direção geral.

São chatos esses pensamentos repetidos e moralistas. Quer saber? Foda-se o politicamente correto, foda-se a preocupação e palmas ao que se é, melhor dizendo, ao que se está.

O que é então é, e o que não é apenas não é. O segredo, dizia uma voz na sua cabeça, uma voz sempre presente, também conhecida como pensamento, era entender o que de fato se é. A visão abrangente, o objetivo principal na vida de qualquer um, aquilo que buscava e possivelmente não alcançaria.

Ó Vida!

Simbolicamente se encontrava de olhos vendados, exausta e com sentidos como audição e mesmo a fala abalados. Deus, que sensação horrível. Será que era natural? Será que era próprio? Claro que não. Será, então, que era realmente simbólico o seu estado?

Tinha vontade de chorar, mas seria exagero, só garotinhas andam por aí aos prantos. O bom era que apesar de tudo estava viva, podia se mover. Liberdade, parcial é verdade, mas melhor que a inatividade.

Por isso arrancou a folha com seu último desenho, amassou e lançou ao chão, gesto esse que por consequência a fez se arrepiar em susto.

— Ana, o que é isso?! Eu sou a visita, mesmo assim organizei a casa e você agradece assim, pega esse papel agora — avó Beatriz pronunciou vários tons acima do convencional.

Sempre assim, começava a pensar e quando imaginava que as ideias se organizavam, alguém a interrompia. Das duas uma, ou não devia pensar tanto ou deveria escolher com maior seletividade o cenário.

— Não quero — disse depositando petulância na voz e fixando os
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

olhos na avó.

Estava na sala sentada na mesa com o computador ligado em sua frente à esquerda e o caderno à direita. Claro, ora essa, imagine se sua avó permitiria que o castigo durasse uma semana inteira.

— Ana! — Beatriz alterou o tom acrescentando rigidez à voz, acrescido a um jeitinho peculiar de olhar, mistura de desafio com imposição.

A avó conseguia ser desafiadora. Droga! De mal-humor Ana se levantou e apanhou a folha, a qual abandonou sobre a mesa.

Claro que pensar gasta energia, quase como se trabalhasse de sol a sol, o que é fato conhecido, mas será que se perguntam a respeito da diferença entre produzir, consumir e alcançar conteúdo? Que pode ser traduzido por conhecimento e esse enxergado com o formato de abrangência mental.

“Produzir” é interessante e livre, a espécie de liberdade que cabe a um construtor preso a seu projeto, “consumir” que pode ser comparado a um bem cheiroso e seco saco de lixo, e “alcançar” é igual a verdadeira luz da descoberta. Brilhante, a ponto de levantar a questão se no campo abstrato dos pensamentos existem verdadeiramente descobertas. Existe? Quanta redundância, devia parar de andar em círculos enquanto havia tempo.

Ó Deus.

— Ana, acaso é assim que passa os dias? — Beatriz continuou, ela que agora se encontrava sentada no sofá com as pernas erguidas observando o nada.

— Ah vovó, o que a faz pensar que me portaria diferente só pela sua presença?

— Tem coisas mais interessantes a se fazer.

— Não aqui.

— Não tem amigos?

Amigos, amigos, porque todo mundo acredita que se deve viver em bando? Será que não sabem que a comunidade por si só é um grande rebanho?

— O Luiz e a Diana.

— Além deles?

— Não aprecio vida em bando.

— Ana, você pode fazer seus desenhos, ler, ouvir suas músicas góticas e ainda assim sair e brincar.

— Não tem razão.

— Você é antissocial, depressiva ou o quê?

— Nenhuma coisa e nem outra, que feio, vovó, foi a senhora que me disse para não me limitar, não lembra que quando eu era criança dizia: “Não se limite ao supérfluo, não quero saber da pintura e sim dos fatos” esqueceu? Eu não, no começo não ligava muito para aparência, padrões comportamentais ou rituais sociais, porém pensei e cheguei à conclusão de que o certo é atribuir a cada pequena “partícula”, como Diana classificou, sua devida proporção.

— É sério, Ana, você é uma criança, saia e vá brincar um pouco, conviver com gente da sua idade, não precisa fazer isso o tempo todo.

Não queria se repetir, que chata, sua avó estava parecendo seus pais dizendo coisas sem sentido.

— Não é porque todo mundo se comporta de determinada forma ou valida certo pensamento que eu tenho que fazer o mesmo, sou livre, e não é por ser criança que sou obrigada apreciar comportamento condizente.

— Pense como quiser, mas de qualquer maneira está perdendo uma parte da vida, da experiência, permanecendo o tempo todo dentro de casa sem conviver com os outros.

— Será? Cada pessoa é o que é, se sei o que tem lá fora não preciso sair para brincar e depois, não sei porque... bem, na verdade até conheço o motivo de se atribuir tanta relevância, não digo a vida em si, pois não é o que se observa ao analisar o corpo, mas a condição atual, quando ela não passa de um momento, eu não sou a Ana, você não é a Beatriz, nós estamos, só isso. Se vem e pega o que conseguir, experimenta o que for possível, quantas vezes for preciso, até que se conquiste e o giro continua, há muito nesse mundo a ser desvendado individualmente, coletivamente, mentalmente, emocionalmente e espiritualmente. Por isso enxergo esses parâmetros sociais como ilusórios, sabe por quê? Porque tudo que está dentro faz parte e integra.

— Realmente você lê muitos livros, acho que vou te levar em um centro espírita ou a um templo budista, só não pode contar para sua mãe — Beatriz brincou e sorriu, Ana também sorriu, vez que a avó falou sério e ao mesmo tempo depositou um arzinho cômico na voz.

— Nem pensar, princípio básico é a não filiação, se estou lidando com partes devo tratá-las como tal. — Esse era o pensamento da maçã, um bom pensamento. — Nada de se limitar.

— Sei — murmurou Beatriz, antes de se sentar no sofá e calçar as havaianas que Laila gentilmente lhe emprestou. — Tem certeza que não quer sair nem se eu pagar um sorvete?

— Hum, não sei, talvez se for um açaí.

A Casa de Sucos “Três Sabores” se localizava bem próxima à casa de Ana, razão pela qual não precisaram de carro, apesar da temperatura indecente da cidade, o lugar vendia sucos, acesso à internet e aluguel de filmes, de forma que na percepção da garota parecia estranho tanto o nome do

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

estabelecimento quanto o fato de alguém ainda se prestar a alugar filmes ou se valer de *lan house*, mas tudo bem, dentro do império da diversidade.

De igual maneira tudo certo em perder tempo com a avó, logo ela iria embora e então provavelmente só a veria novamente no natal, isso caso Beatriz não inventasse alguma viagem ou coisa parecida.

É que a vovó é muito moderna, quem dera quando crescesse se tornasse um pouco parecida com ela, tanto na personalidade quanto na liberdade e força, os outros respeitavam a avó e isso era muito, só não superava o respeito de Beatriz para com a própria.

Ana se lembrava de uma vez, quando era bem pequenina em que foi junto com os pais visitar Beatriz e testemunhou o dia a dia da mulher, o trabalho e agilidade da avó, a forma como levantava bem cedinho e se arrumava, não com os vestidos espalhafatosos que usava agora, mas sim de forma formal, testemunhou a quantidade de telefonemas que ela recebia e mesmo as visitas tanto de clientes quanto dos alunos.

— Não entendo o que a levou a parar de lecionar.

— Por vontade, você pensa que é legal, mas não é, menina, esse tipo de trabalho...

— Claro que é, eu gosto de falar, gosto de contaminar, acho que nasci para isso, para dizer coisas, o magistério parece um bom caminho.

— Nem tudo são flores, lecionar não é tão interessante como parece, você não pode ficar em sala de aula dizendo o que bem entende, depois precisa repetir e repetir infinitamente, além disso, aluno, salvo exceções é uma coisa... hum, um tanto irritante, não consegue reconhecer o que é e o que pode ser um centro de ensino. Você se lembra Ana?

— Claro que sei, na nossa realidade ele se traduz em adequação social, nada mais, e no sentido verdadeiro seria compartilhamento e refinamento. E por que seu telefone quase não toca mais?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Beatriz desviou os olhos de Ana ao levar a mente até sua condição atual, resultado de suas mais novas escolhas, não é que sentisse remorso, nem que a vida antiga lhe sorrisse, só que vinha revelando-se complicado mudar tanto de uma hora para outra, mas tudo bem decisões são assim.

Só não podia e não precisava mais continuar desperdiçando sua vida, queria algo novo, algo verdadeiro, alguma coisa que a desafiasse e fizesse se sentir de alguma forma preenchida, como o que desejava quando jovem e nunca conquistou, isso é, faltava-lhe algo.

— Estou de férias, não quero ser interrompida.

— Falando sério, o que você acha da nossa condição social atual? Não me refiro a mim ou a essa cidade, tão pouco exclusivamente a esse país e sim ao corpo.

— Que corpo, Ana?

— Tipo vida em comunidade, são uns pensamentos nossos, meu, do Luiz e da Diana, ela chegou a escrever um texto, o que achei bem superficial, sei lá, se quer fazer uma coisa faça bem feito, apesar de que classifico à arte da escrita como algo complicado, eu acho, quer dizer exige uma boa leitura da sociedade, da organização, do humano e suas camadas, tudo isso para retratar adequadamente, não bastasse, ainda é preciso bom senso direcional para não transmitir ideias contaminadas ou absoluto vômito, e sem esquecer da sensibilidade indispensável ao retratar, tipo comunicar de alma para alma, ou de coração para coração, por essa razão em geral não aprecio a literatura, na maior parte das vezes ela contamina de forma prejudicial, o que na verdade, vale para as formas de expressão em si, inclusive a pintura.

— Não sabia que ela gostava de escrever.

— É, ela gosta, mas me fala o que acha do corpo, tirando coisas superficiais como o dia a dia e as vulgaridades, quero saber sobre nossa condição em essência, sabe eu não consigo... visualizar adequadamente.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Visualizar o quê?

— Nossa vovó, deixa de ser lenta. É a nossa condição verdadeira, tipo se fosse um caminho reto, em qual parte estamos? E qual o nosso formato e o que há por trás da linha de chegada? Se é que ela existe. Como faço para colocar as coisas no lugar e enxergar. Porque sim, quando paro para pensar, a conclusão que me vem é que tenho tudo que preciso em mim mesma e ao meu redor, só que sou incapaz de organizar. Sei lá, talvez devesse me acalmar e aprender um pouco sobre respiração.

— Não sei, Ana.

— E como se sente a respeito?

— Não penso nisso, ninguém pensa. Talvez não devesse ter lhe dado os livros.

— É tipo uns pensamentos insanos que, às vezes, entendo, e noutras gasto tempos para imaginar que compreendi quando na verdade sequer me aproximei.

— Por exemplo...

— Não sei... não sei como dizer, é difícil falar uma vez que não entendo, sei lá devo ser doente ou alguma coisa parecida, é como se algo muito óbvio dançasse em frente aos meus olhos e eu me mantivesse com os olhos fechados, ou desviasse a visão. Pense, tudo possui sua ordem, a forma de organização e funcionamento, sua lógica, e não é diferente com o tempo, a organização social, nosso próprio nexos enquanto seres vivos. Vejo tudo bem delimitado, correto, posso até visualizar de alguma forma, só que não abranjo. A gente tem que pensar nessas coisas e compreender e... desenhar, porque vivemos no século vinte e um, e já passa do tempo desses detalhes ganharem a luz, só minúcias técnicas e banais referentes a organização social.

— Está falando do quê, Ana?

— Organização, não gosto da sensação de pertencer a um lugar que não
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

sei como funciona e desconheço a verdadeira forma. Como você consegue?

— Ah, já disse que a gente não tem que pensar nessas coisas...

— Então devo pensar em quê?

— Não sei, coisas lógicas e válidas.

— Como o quê?

Beatriz possuía uma resposta, palavras que pulsavam em sua mente, contudo ao mesmo tempo não julgava sensato proferir, isso por duas razões; primeiro porque nem mesmo acreditava em seu argumento, e segundo por entender que caso dissesse ouviria da menina a confirmação de sua própria consciência, por isso se calou.

— Não é... Que seja importante ou desimportante, acho que ninguém se importa com essas coisas verdadeiramente, mas não se pode renegar para sempre, também não me interessa se os outros não ligam.

Como se fosse assim tão relevante esses pequenos gestos, como se a pele importasse.

Capítulo IX

De forma aparentemente morosa e verdadeiramente ligeira o tempo passou, desde o término da visita da vovó Beatriz aos eventos dignos de uma epopeia, os quais construíram o ano de dois mil e dezesseis no glorioso Brasil e no mundo.

E a não menos surpreendente aprovação de Ana Luiza no primeiro ano do ensino médio, isso depois de vencer a recuperação, nada que não esperasse, de forma que agora podia desfrutar da tão merecidas férias, que infelizmente estava encerrando-se com a mesma velocidade com que o ano de dois mil e dezessete batia à sua porta.

De qualquer forma as férias vinham revelando-se frutíferas, isso por várias razões, primeiro ganhou como presente de natal uma tela e tintas para pintar um novo quadro, isso depois de sucessivos pedidos.

Usando a imaginação gostava de visualizar uma noite escura e fria, a qual era condecorada por tempestade avassaladora e em meio a chuva flutuando uma chama vívida e inatingível, e que apesar não chegava a iluminar totalmente a noite, esse era o novo quadro.

O pensamento que resultou na representação era para ela, motivo de contentamento com tons não de esperança e sim de confiança, ora, por vezes somos presenteados com breves momentos de inspiração nos quais é possível se sobressair a toda sujeira e imediatismo e enxergar a realidade como ela de fato é, não apenas com a razão, bem como com os sentidos, Ana só queria que esses presentes durassem mais.

Então que lhe restava o velho e gasto olhar à distância que por vezes se mesclava ao olhar de perto, sendo que ambos se comprovavam incapazes de a revelar a imensidão do que a cercava.

Lembrava-se do dia anterior que passou com os pais, estiveram em Florinda, assistiram filme, passearam no zoológico, ambiente realmente encantador, embora... vá saber se é uma boa ideia prender animais para saciar a mera curiosidade humana, como se fossem entretenimento barato. É, é sim, animais deveriam viver na selva, e os homens deveriam cuidar para que os mesmos se desenvolvessem com decência, respeitando as matas, mas nem tudo é perfeito, ora, é tudo uma grande selva no fim das contas.

Ana até jantou em um restaurante vegetariano, o mesmo que sempre ia quando saía com os pais, ela tinha sorte por tê-los, pois eram boas pessoas que a amavam e não cometiam muitos erros.

Agora estava ao lado de Luiz no quartinho, tinham elaborado uma rotina de estudos que deveria ser cumprida à risca, incluía horário para leitura, para assistir os vídeos da internet e para a prática de desenho. Que por alguma razão não vinha revelando-se útil, vez que o tempo era pouco, um dia é muito pequeno, e sempre surgem questões novas que merecem ser processadas adequadamente e conseqüentemente discutidas.

Como o processo de consciência, julgo aprendizado perante a condição de cada um em sua liberdade incontestável, isso tudo pois conforme liam os textos ou assistiam aos vídeos acabavam por concluir que o que conseguiam absorver dos estudos ou era conhecimento já adquirido, seja por intuição, observação ou simetria e, o mais relevante começavam a notar a comunhão entre as ideias, o que era fabuloso, talvez, Ana pensava, que não fosse tão difícil assim colocar as peças em seus devidos lugares.



PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI